ALAN LUIZ JARA

PARAGUAIOS, PARAGUAIAS E DESCENDENTES:
memórias e trajetórias de vida entre Paraguai e Mato Grosso do Sul

DOURADOS
2018

ALAN LUIZ JARA

PARAGUAIOS, PARAGUAIAS E DESCENDENTES:
memórias e trajetórias de vida entre Paraguai e Mato Grosso do Sul

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História da Universidade Federal da Grande Dourados para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: História, Região e Identidades
Linha de pesquisa: Fronteiras, Identidades e Representações

Orientador: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite

DOURADOS
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

J37p Jara, Alan Luiz

Paraguaios, paraguaias e descendentes: memórias e trajetórias de vida entre Paraguai e Mato Grosso do Sul / Alan Luiz Jara -- Dourados: UFGD, 2018.

203f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Eudes Fernando Leite

Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados

Inclui bibliografia

1. História e memória. 2. Migração paraguaia. 3. Trabalho. 4. Lugares de memória. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

ALAN LUIZ JARA

PARAGUAIOS, PARAGUAIAS E DESCENDENTES:
memórias e trajetórias de vida entre Paraguai e Mato Grosso do Sul

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador:
Prof. Dr. Eudes Fernando Leite (PPGH/UFGD)_____

2° Examinador:
Prof. Dr. Leandro Baller (PPGH/UFGD)_____

3° Examinador:
Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo (PPGG/UFGD)_____

DADOS CURRICULARES

ALAN LUIZ JARA

NASCIMENTO: 30/04/1992 – Dourados-MS

FILIAÇÃO: Ilda Luiz Sobrinho
Silvio Ribeiro Jara

FORMAÇÃO:

2010/2014: Curso de Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) – Dourados-MS.

2016/2018: Curso de Pós-graduação em História, nível de Mestrado, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) – Dourados-MS.

À dona Delcia Ribeiro Jara

AGRADECIMENTOS

Chegado o término ou pausa dessa “empreitada” iniciada 2010, reconheço que, no inicio, imaginei que o percurso até aqui seria muito mais fácil. Fiz algumas paradas no caminho, respirei, trabalhei, li dos romances de Garcia Marques e retornei. Creio que foi no momento certo.Poderia ter sido antes, mas havia um amadurecimento ainda necessário – ele nunca se completa, claro; mas não necessariamente deve ser assim.

Esse caminho cheio de tropeços “mas também bonito e iluminado” – como nos disse Cazuza -, veio ensinar e macerar certos orgulhos.Ao longo dele, algumas pessoas estiveram presentes e contribuíram para a feitura deste trabalho final. Devo alguns agradecimentos a elas; e desculpas a quem, por descuido, não foi aqui incluído.

Faço questão de iniciar agradecendo a todos os entrevistados e todas as entrevistadas – como diz o título, “paraguaios, paraguaias e descendentes” - que de boa vontade contribuíram com seu tempo, suas palavras e suas lembranças para este processo. Sem cada uma delas e sem a coletividade dessas pessoas este trabalho realmente não seria possível.

Agradeço também:

À turma de Graduação em História de 2010. Ao Adriano e ao querido Rogério (*in memorian*) grandioso ser humano.

À turma do Curso de Mestrado em História da UFGD de 2016. Ao Rafael, ao Márcio, ao Laércio e, em especial, à Kelly Cristina, parceira de aflições e alegrias.

Agradeço também ao meu amigo Gilmar Lima Caetano. Agradeço por muitas coisas, entre elas, por ter me ensinado bends, vibratos, pentatônicas, tríades, tétrades e sobre os campos harmônicos maior e menor; porém, mais ainda por ter acreditado e me incentivado a entrar na graduação em História e a seguir nos trilhos dos estudose da pesquisa acadêmica; estendo meus agradecimentos à Natacya Caetano, à Júlia e ao Pedro.

Ao “velhinho”, Thiago Coelho.

Ao João Gustavo Jara Russo e ao Bruno Ferreira Campos.

Aos amigos que conto nos dedos: Lucas, Fabrício e Ana Rita.

À escola E. E. Álvaro Martins dos Santos, de Laguna Carapã (que me empregou enquanto não havia a bolsa) e também àquelas nas quais trabalho atualmente: E. M. Aurora Pedroso de Camargo, E. M. Januário Pereira de Araújo e E. M. Loide Bonfim Andrade, escola onde cresci e na qual tenho muito orgulho de trabalhar. Agradeço também aos colegas, muitos dos quais foram meus professores e professoras, pelas conversas sempre agradáveis, pela

descontração necessária, pela paciência e por compartilhar dos desafios cada dia maiores e muito têm nos ensinado.

Àqueles que contribuíram para os contatos, agendamentos e gravações das entrevistas: em Dourados, ao Márcio (novamente), ao Elizeu Rodrigues Cristaldo (que colaborou para muitas das entrevistas feitas durante a Iniciação Científica), à Eliza Cristaldo Romero (colega de trabalho), ao Sérgio (Chaveiro Brasil); em Itaporã, ao João Gustavo e ao senhor Valdomiro Freitas; em Amambai, ao Cleber Arantes e, em Caarapó, ao senhor Egídio Cariaga.

Ao Centro de Documentação Regional da UFGD, nas figuras da Ivanir e do professor Carlos Barros que sempre foram atenciosos e prestativos quando necessário.

Ao espaço do Laboratório de Pesquisa em História, Identidades e Regiões (LEPHIR), de onde digitei essas linhas, e onde passei muitas horas ao lado do tereré, no trabalho de redação.

Ao Jederson Henrique Martins pela gentileza na elaboração dos mapas.

Aos professores Paulo Roberto Cimó Queiroz, Linderval Augusto Monteiro, Aníbal Herib Caballero Campos, Jiani Fernando Langaro e Graciela Chamorro.

Ao caro orientador Eudes Fernando Leite, que desde a graduação acompanha o desenvolvimento dessa pesquisa, contribuindo com importantes orientações e reflexões. Obrigado pelas conversas sempre instigantes e pela empatia e compreensão nos momentos necessários - nesse caso, exercitando a tão famosa "paciência de Jó". És, certamente, um grande exemplo de professor. Muito Obrigado!

Aos professores Marcos Leandro Mondardo (PPGG/UFGD) e Leandro Baller (PPGH/UFGD), pelas críticas e contribuições no processo de qualificação e por fazerem parte, também, da banca de defesa da presente dissertação.

À minha família. Do outro lado da fronteira, atravessando o rio Paraná, obrigado Tio Silvano e Tia Shilei; Carmem, Gerson, Alisson e Bianca, por todo o apoio que sempre nos dão. Do lado de cá da fronteira, à Ilda e ao Sílvio (mãe e pai), e aos meus avós seu Ramão e à dona Délcia. Obrigado pelos gestos e palavras, e por estarem sempre ao meu lado.

À Amanda Pessoa, comigo em todos esses anos, companheira de vida, de altos e baixos, de devaneios, planos e propósitos. Obrigado.

À Universidade Pública! À Universidade Federal da Grande Dourados.

À CAPES pela Bolsa de Mestrado parcialmente cedida.

Poderoso para mim não é aquele que descobre o ouro
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios.

(Manoel de Barros)

RESUMO

A dissertação compreende um estudo a respeito da memória individual e da memória coletiva entre imigrantes paraguaios (homens e mulheres) e seus descendentes que vivem no Estado de Mato Grosso do Sul, em especial, na cidade de Dourados. Desdobra-se em três diferentes perspectivas: a primeira investiga as lembranças do lugar de origem, o Paraguai rural de meados do século XX, que envolvem o contexto social, as condições de vida, o trabalho, o estudo, a importância das mulheres e, entre outros aspectos, as memórias relacionadas aos conflitos bélicos como a Guerra da Tríplice Aliança, a Guerra do Chaco e a Guerra Civil de 1947; em seguida, o estudo se dedica às lembranças do trabalho rural – nos processos de derrubadas de matas e formação de fazendas – e do trabalho urbano no Sul do Antigo Mato Grosso; por fim, utiliza o conceito de "*lugares de memória*", desenvolvido pelo historiador francês Pierre Nora, para compreender a organização social da memória e da identidade do referido grupo em contextos urbanos, a partir de *lugares* específicos como associações, praças e monumentos, bem como tradições, costumes e comemorações. O estudo demonstra, por fim, que aspectos importantes da memória, da história e da cultura paraguaia são fomentados a partir desses espaços e desses *lugares* diversos dão sustentação às práticas e aos discursos de organização sociocultural e de promoção das identidades. A metodologia da pesquisa é baseada na História Oral, através da qual desde 2011 um amplo acervo de fontes orais foi sendo constituído. Visa somar, assim, à literatura acadêmica produzida nas últimas décadas relacionada à temática e contribuir para uma compreensão maior sobre a presença e a participação social paraguaia no Estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: História e memória. Migração paraguaia. Trabalho. Lugares de memória.

ABSTRACT

This paper presents a study about the individual and collective memory of immigrants from Paraguay (men and women) and their descents who live in the Mato Grosso do Sul state, especially in Dourados city. It unfolds in three different outlooks: the first one investigates the memories of their original place, a rural Paraguai of the middle of the 20th century and it includes the social context, life conditions, their labor and study, the importance of the women and, in other aspects, the memories of the war, like the Triple Alliance, Chaco war and the Civil War of 1947; next, the sudy focus on the memories of the rural labor - in the process of taking down the farms formation - and in the urban labor in the south of the former state Mato Grosso; lastly, it uses the concept of "realms of memory", developed by the French historian Pierre Nora, in order to understand the social organization of the memory and identity of the stated group in urban contexts, starting from specific places as associations, squares and landmarks, as well as traditions, customs and celebrations. The study shows, finally, that important aspects of Paraguayan history, memory and culture are fomented from these diverses *realms* give support to the practices and discourses of socio-cultural organization and the promotion of identities. The methodology is based on Oral History, which since 2011 has been constituting a wide collection of oral sources. The research aims to add to the academic literature, which has been produced in the last decades, and contribute to a wider understanding about the presence and social participation of Paraguay in the state of Mato Grosso do Sul.

Key-words: History and memory. Paraguayan migration. Labor. Realms of memory.

RESUMEN

La disertación comprende un estudio a respeto de la memoria individual y de la memoria colectiva entre inmigrantes paraguayos (hombres y mujeres) y sus descendientes que viven en la provincia de "Mato Grosso do Sul", con eventual destaque para la ciudad de "Dourados". Distribuyese en tres distintas perspectivas: la primera investiga las memorias del lugar de origen, el Paraguay rural del siglo XX, que involucran el contexto social, las condiciones de vida, el trabajo, el estudio, la importancia de las mujeres y, entre otros aspectos, las memorias involucradas a los conflictos bélicos como la Guerra de la "Tríplice Aliança", la "Guerra do Chaco" y la "Guerra Civil" de 1947; en seguida, el estudio se dedica a los recuerdos del trabajo rural – en los procesos de derribadas de las matas y formación de haciendas – y del trabajo urbano en el sur del "Antigo Mato Grosso"; por fin, se utiliza del concepto de "lugares de memoria", desarrollado por el historiador francés Pierre Nora, para comprender la organización social de la memoria y de la identidad del referido grupo en contextos urbanos, a comenzar de lugares específicos como asociaciones, plazas y monumentos, así como tradiciones, costumbres y conmemoraciones. El estudio demuestra, por fin, que los aspectos importantes de la memoria, de la historia y de la cultura paraguaya son fomentados a partir de esos espacios y de esos lugares diversos que confieren sustentación a las practicas y a los discursos de organización sociocultural y de promoción de las identidades. La metodología de la pesquisa es basada en la "Historia Oral", a través de la cual desde 2011 una amplia colección de fuentes orales ha sido constituida. Objetiva añadir, así, a la literatura académica producida en las últimas décadas relacionada a la temática y contribuye para una comprensión mayor de la presencia y la participación social paraguaya en la provincia de "Mato Grosso do Sul".

Palabras-llave: Historia y memoria. Migración paraguaya. Trabajo. Lugares de memoria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Departamentos paraguaios e cidades fronteiriças de origem dos imigrantes e descendentes entrevistados 35

Figura 2: Percurso de Pedro Otero entre o Paraguai e o SMT (1945 - 1952)..... 97

Figura 3:Traçador: instrumento de trabalho utilizado no corte de madeira. Propriedade do senhor Sebastião Benitez 104

Figura 4:Traçador: instrumento de trabalho de propriedade do senhor Fidel..... 105

Figura 5: Motosserra modelo "Husqvarna 61" de propriedade do senhor Sebastião Benitez. 105

Figura 6: Instrumentos de trabalho de propriedade do senhor Sebastião Benitez..... 106

Figura 7: Exemplo de trabalhadores paraguaios na lida com a madeira utilizando o *traçador* 107

Figura 8: Anúncios publicitários em informativos da *Casa Paraguaia de Dourados* 133

Figura 9: Convite do *Movimento Douradense Pró Criação da "Casa da Cultura Paraguaia"* para reunião de 29/10/1989 139

Figura 10: Emblema da atual Associação Colônia Paraguaia de Dourados 144

Figura 11: Integrantes da comunidade paraguaia de Dourados na Praça Paraguaia, em frente à Capela de N. S. de Caacupé na época de sua construção 157

Figura 12: Capela de Nossa Senhora de Caacupé - Praça Paraguaia 158

Figura 13: Praça Paraguaia, localizada no Bairro Jardim Itália, em Dourados 158

Figura 14: Monumentos ao chimarrão e ao tereré – Praça Paraguaia 160

Figura 15: Monumento "Ervateiro" no centro de Dourados, no cruzamento das avenidas Marcelino Pires e Presidente Vargas (2004-2009)..... 164

Figura 16: Monumento "Ervateiro" em frente à sede da Associação Colônia Paraguaia de Dourados..... 164

LISTA QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Imigrantes e descendentes entrevistados entre 2011 e 2018 (por região de nascimento)..... 31

Quadro 2: Imigrantes paraguaios e descendentes fronteiriços entrevistados entre 2011 e 2018: informações básicas..... 32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACID – Associação Comercial e Industrial de Dourados

ARCA – Arquivo Histórico de Campo Grande

ARPA – Associação Recreativa Paraguaia de Aquidauana

CAND – Colônia Agrícola Nacional de Dourados

CDR – Centro de Documentação Regional

COPALC – Colônia Paraguaia de Laguna Carapã

CPES – Centro Paraguayo de Estudios Sociologicos

CTN – Centro de Tradições Nordestinas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIVIC – Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica

PPGH – Programa de Pós Graduação em História

REME – Rede Municipal de Ensino

SECC – Secretaria de Estado de Cultura e Cidadania

SIMTED – Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação

SMT – Sul do Antigo Mato Grosso

SOMECO – Sociedade de Melhoramentos e Colonização

SPI – Sistema de Proteção aos Índios

STICA - Servicio Técnico Interamericano de Cooperación Agrícola

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS 11
LISTA DE QUADROS E TABELAS 12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS 12

INTRODUÇÃO 15
Sobre a transcrição das entrevistas e a estrutura da dissertação 23

CAPÍTULO I – Sociedade e conflitos no Paraguai do século XX: memórias de imigrantes e descendentes 26
1.1. Paraguaios, paraguaias e descendentes: caracterização dos perfis entrevistados 27
1.2. As memórias do país de origem: o contexto social paraguaio de meados do século XX 36
1.2.1. "Ela enchia a carrocinha dela e ia pra conceição, lá que tinha a vida do pessoal" 36
1.2.2. "Porque nói plantava algodón nesse calcanhar aqui, ó" 40
1.2.3. "Antigüamente num tem escola. Longe, longe, longe!" 46
1.2.4. "Uma família onde a presença da mãe é muito forte" 50
1.3. A memória dos conflitos: a Tríplice Aliança, o Chaco e a Guerra Civil de 1947 54
1.3.1. "Isso tudo é uma história... não deixa de ser fantástica, mas é também uma história real": Tríplice Aliança e Guerra do Chaco 55
1.3.2. "Eu tava de em pé, assim, no esteio, e veio a bala de fuzil...": 1947, tempo de "Revolución" 65

CAPÍTULO II – Lembranças, trajetórias, andanças: experiências do trabalho rural entre paraguaios imigrantes no Sul do antigo Mato Grosso 79
2.1. O trabalhador paraguaio no Sul de Mato Grosso: do pós-Guerra da Tríplice Aliança às décadas iniciais do século XX 82
2.2. "Nós viemo para fazer serviço braçal": trajetórias e memórias do trabalho rural entre imigrantes paraguaios 90

CAPÍTULO III – Paraguaios, paraguaias e descendentes: trabalho, lugares de memória e identidades em contextos urbanos de Mato Grosso do Sul 123
3.1. O trabalho paraguaio em contextos urbanos de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul 125
3.2. Cidade, história e os *lugares de memória* da comunidade paraguaia em Dourados 134
3.2.1. "Fundar para manter a tradição...": as Casas e Colônias Paraguaias como lugares de memória 137
3.2.2. "Lá tem esse pequeno monumento, uma pequena lembrança...": outros lugares entre a memória e a identidade 153
3.3. "A gente vive muito próximo da orígem": considerações finais do capítulo 165

CONSIDERAÇÕES FINAIS 168

BIBLIOGRAFIA CITADA E FONTES UTILIZADAS 172

ANEXOS 187
ANEXO 1: Narrativa de De Los Santos sobre a Guerra da Tríplice Aliança 188
ANEXO 2: Narrativa de Zildo Araújo sobre a Guerra da Tríplice Aliança 191
ANEXO 3: Narrativa de Victor Areco sobre a Batalha de Nanawa (Guerra do Chaco) ... 193
ANEXO 4: Narrativa de Olímpia Agüero sobre a Guerra Civil de 1947 em Belén 195
ANEXO 5: Narrativa de Conceição Vallejo sobre a Guerra Civil de 1947 na fronteira Ypehú/Paranhos 199
ANEXO 6: Narrativa de Odil Puques sobre Nossa Senhora de Caacupé..... 201

INTRODUÇÃO

O estudo apresentado nesta dissertação pretende avançar e dar sua contribuição à literatura acadêmica desenvolvida nas últimas duas décadas no campo das humanidades, sobre a história, a memória, a territorialidade, a cultura e a identidade de mulheres e homens paraguaios que, impulsionados por fatores econômicos, sociais e políticos específicos, migraram e se estabeleceram no Brasil ao longo do século XX. Como consequência, o estudo se desdobra em questões que envolvem alguns dos descendentes desse grupo, uma vez que os fenômenos da memória e da identidade também os toca diretamente.

Durante os anos de Graduação em História na UFGD tivemos a oportunidade desenvolver três planos de trabalho no âmbito dos programas de Iniciação Científica – PIVIC e PIBIC –, sendo que dois deles, em específico, forneceram as bases para aquilo que viria a ser a presente dissertação; a saber "*As tradições culturais paraguaias em Mato Grosso do Sul: uma abordagem a partir das memórias de imigrantes e descendentes*[1]" e "*Fronteiras da memória: um estudo da memória social de imigrantes paraguaios em Mato Grosso do Sul*". Tais pesquisas ocorreram entre os anos de 2011 e 2013.

No primeiro plano de trabalho, buscou-se estudar as tradições culturais costumeiramente associadas à cultura paraguaia presente em Dourados, em específico, aquelas ligadas à culinária, à religiosidade e à música, visando entender as relações entre tradição e memória. O segundo trabalho, visou investigar as memórias dos imigrantes sobre os momentos da história paraguaia entre o início do período republicano, em 1811, até a ascensão da ditadura de Alfredo Stroessner (que durou de 1954 a 1989); envolveu, assim, os temas das guerras entre o Paraguai e seus vizinhos (Tríplice Aliança e Chaco) e de seus conflitos internos (Guerra Civil de 1947). Os planos de trabalho iniciaram uma série de entrevistas sobre a memória e a cultura paraguaia que nos colocaram em contato direto e pela primeira vez com a História Oral, com os procedimentos da produção de fontes orais e com o debate sobre História e Memória. Dessa forma, esta pesquisa partiu da percepção das possibilidades de aprofundamentos quanto aos resultados obtidos anteriormente e da oportunidade de desenvolver o estudo de temas, como memória e trabalho, que não haviam encontrado espaço durante a graduação.

[1] Os resultados apresentados no Relatório Final de "*As tradições culturais paraguaias em Mato Grosso do Sul...*" foram publicados na Revista Eletrônica História em Reflexão (JARA, 2012) – publicação do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD.

Sendo a memória e as lembranças formas de representação do passado, "modalidades da compreensão histórica" (CHARTIER, 2011, p. 24), a pesquisa teve, portanto, como pretensão uma investigação desses elementos com base nas narrativas de trajetórias de vida obtidas por meio da História Oral. Fabíola Holanda e José Carlos Sebe Bom Meihy (2010) identificam três tipologias principais de entrevistas: as temáticas, as de histórias de vida e as de tradição oral. O formato de histórias de vida, nos diz Célia Toledo Lucena[2], corresponde ao "relato de um narrador sobre sua existência através do tempo" (LUCENA, 1999, p. 29). Assim, guiando-nos por um roteiro semiestruturado, procuramos utilizar os dois primeiros tipos, envolvendo temas específicos – como, citando dois exemplos, a Guerra Civil de 1947 ou as condições de trabalho no meio rural do SMT –, e uma abertura ao diálogo quanto às trajetórias e vivências dos entrevistados em ambos os lados da fronteira Paraguai-Brasil.

Definimos como recorte espacial da pesquisa, o Sul do atual Estado de Mato Grosso do Sul (antigo SMT[3]). Nessas condições, todas as entrevistas foram gravadas no Brasil, especificamente, em Dourados e outras cidades vizinhas (Caarapó, Itaporã, Laguna Carapã e Amambai), onde desenvolvemos parte do trabalho empírico. As entrevistas gravadas ao longo do Mestrado foram somadas a outras produzidas entre os anos de 2011 e 2013, durante nosso período de graduação, em parceria com o professor-orientador, para os dois planos de trabalho de Iniciação Científica mencionados[4]. A audição destes materiais, nos revelou conteúdos ricos e importantes sobre os indivíduos entrevistados, mas também muitas fragilidades decorrentes de um processo constante e necessário de amadurecimento: falhas em detalhes técnicos, perguntas que poderiam ter sido feitas, perguntas desnecessárias, caminhos não aproveitados, embora estivesse sempre presente o princípio de ouvir e permitir a narração das lembranças.

Parafraseando Marieta de Moraes Ferreira, a fonte oral, como construção conjunta, é um "diálogo entre entrevistador e entrevistado", diz sobre o entrevistado e diz também sobre o pesquisador; é própria da dinâmica entre ambos e do momento específico em que é produzida. Segundo a mesma autora, o estatuto da História Oral pode ser compreendido a partir de três posturas: a) uma técnica, b) uma disciplina, c) uma metodologia. Foi adotada aqui a compreensão da história oral como um *método de investigação* e que, como tal, apenas

[2] Célia Lucena (1999) estudou sobre a migração mineira para a periferia da cidade de São Paulo, o bairro Jardim Barbacena.

[3] Utilizaremos SMT para nos referir à região que, antes da divisão ocorrida em 1977, correspondia ao Sul do Estado de Mato Grosso, atual Estado de Mato Grosso do Sul.

[4] Além disso, foram recolhidas e incorporadas como fontes entrevistas e questionários produzidos por outros pesquisadores de graduação e pós-graduação, pois foram consideradas igualmente importantes diante dos interesses desse trabalho.

"estabelece e ordena procedimentos de trabalho [...] funcionando como uma ponte entre teoria e prática" (FERREIRA, 2011, p.170-171). Nessas condições, a História Oral não dispõe de instrumentos capazes de compreender as perguntas que ela própria enuncia e os questionamentos que possam surgir, afinal, somente a teoria pode dar suporte ao trabalho e às possíveis interpretações do historiador. Disso, tem-se que as fontes orais e suas relações com a memória e a identidade foram estudadas à luz de um referencial teórico que compreende autores como: Michel Pollak (1989 e 1992), Pierre Nora (1993), Jacques Le Goff (2013), Ecléa Bosi (1994), Maurice Halbwachs (2006), Joel Candau (2011) e outros.

Ao abordar o amplo leque de pesquisas possibilitadas pela História Oral nas últimas décadas do século XX, o historiador Alistair Thomson (2002) faz um breve levantamento acerca das contribuições desta metodologia para os estudos sobre migração, apontando alguns resultados e reflexões levantadas por ele próprio e por outros autores que se dedicaram ao tema. Na perspectiva de Thomson os registros das narrativas de indivíduos migrantes tornaram-se fontes fundamentais para o estudo da migração moderna, além daquelas já consideradas tradicionais: dados demográficos e estatísticos, fontes escritas epistolares e periódicas, etc. As narrativas possibilitam, desta feita, o conhecimento de realidades que não poderiam ser apreendidas por outras fontes, e envolve outras maneiras de se apreender o passado, tendo por base uma gama de múltiplas experiências e subjetividades. Nas palavras de Célia Lucena:

> A documentação oral fornece ao pesquisador oportunidade de reconstruir aspectos do processo migratório através da relação dialética entre memória e identidade. O ato de recordar possibilita ao sujeito que lembra identificar-se com suas próprias histórias. [...] Ao narrar, o migrante utiliza suas lembranças, recorre ao passado, constrói representações e transforma ideias e imagens em realidade, mesclando as várias grandezas do tempo. [...] As fontes orais são fontes narrativas, seja do investigado ou do investigador, possibilitando mudanças na produção do conhecimento histórico. Assim, [...] possibilitam também a compreensão de situações pouco estudadas no discurso histórico (LUCENA, 1999, p. 25-7).

Tal visão contrapõe a desconfiança com a qual durante muito tempo a memória foi tratada pelos historiadores, especialmente os mais tradicionalistas, afinal, "era distorcida pela deterioração física e pela nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado" (THOMSON, 2006, p. 66-7). A memória e suas vicissitudes, ainda não eram encaradas como fenômenos que em si pudessem ser estudados[5]. Porém, ao passo que os historiadores perderam a inocência em

[5]"A memória, assim como o patrimônio, [quando da publicação de *'Faire de l'istoire'*, por Le Goff e Nora, em 1974] ainda não era considerada entre os novos objetos ou as novas abordagens. De fato, mesmo que os

relação à objetividade dos documentos escritos e que novas abordagens foram propostas, as fontes orais conseguiram, aos poucos, estabelecer sua legitimidade no campo historiográfico. A construção social, a carga subjetiva e a necessidade de uma abordagem crítica pelo historiador, equiparou, assim, as fontes orais com aquelas de outras tipologias (POLLAK, 1992). Nesse sentido, a construção e seletividade das memórias, a identificação de um possível caráter coletivo e o diálogo destas com mecanismos estruturação de identidades passaram a ser elementos igualmente privilegiados.

Ainda sobre a migração, Thomson percebe a mobilidade física de um lugar a outro "como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes" (THOMSON, 2002, p. 342). A "*experiência migratória*", conforme colocada por Thomson, deixa subentendida a ideia de que existem dimensões – mnemônicas, neste caso – que acompanham as populações em seus trânsitos territoriais, resultando em algo que vai além do deslocamento. Abre-se assim, a possibilidade para que passado e presente se entrelacem e a experiência se perpetue, seja através da memória narrada, seja através das mais diversas manifestações possíveis no local de destino, que envolvem a recriação e a reinvenção de costumes, tradições e modos de vida.

Há uma distinção importante feita por este autor segundo a qual existiria uma diferença entre o "estudo da migração" e o "estudo das comunidades migrantes ou étnicas", embora tais campos possam estar relacionados e sobrepostos em muitas pesquisas (2002, p. 342). Ao longo desta dissertação, é preciso explicitar, interessa em menor grau o tema da *migração paraguaia* e a descrição dos processos e dos contextos migratórios do país vizinho em direção ao Brasil, e em maior grau *os/as migrantes*, suas memórias e os movimentos organizados em torno delas.

Certamente, ao abordar questões sobre os sujeitos imigrantes numa sociedade receptora, o processo de migração em si mesmo torna-se incontornável. Consideramos que este é um caminho, em partes, trilhado e que continua, em paralelo, sendo feito por outros autores[6]. Muitas das pesquisas que analisam por vieses distintos a atuação sociocultural entre os imigrantes (e, por extensão, entre seus descendentes) nos espaços em que se estabeleceram e se organizaram, tendem a retomar o êxodo e as etapas da migração Paraguai-Brasil nos séculos XIX e XX. Esta contextualização, compreensível e necessária, é retomada, porém, à medida em que toca os interesses específicos do trabalho.

historiadores tenham sempre lidado com a memória, eles quase sempre desconfiavam dela" (HARTOG, 2014, p.157-8).

[6] Cf. o trabalho de Leonardo Cavallini Ribeiro (2018), defendido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

A existência e as influências dos migrantes paraguaios em território brasileiro é tema de uma bibliografia acadêmica relativamente extensa, que perpassa a historiografia, no interior dos estudos sobre fronteira, e se estende a outros campos como a linguística, a antropologia, a sociologia e a geografia. Com frequência, as monografias, as dissertações e as teses que visam esse grupo em Mato Grosso do Sul propõem uma abordagem delimitada em sua presença em determinados municípios do Estado, como Campo Grande, Dourados, Aquidauana, Corumbá, Bela Vista e Coxim[7]. Dessa forma, associações diversas são possíveis entre esses trabalhos, que dialogam através dos conceitos empregados (migração, identidade, cultura, territorialidade, etc.) e/ou pela delimitação geográfica dos objetos e da pesquisa de campo.

A dissertação em História de José Carlos de Souza (2001) – uma das primeiras defesas do PPGH da UFMS, campus de Dourados – debate a migração paraguaia percorrendo aspectos que vão do período colonial ao século XX[8]. Este autor parte, logo de início, da migração entre os indígenas guaranis e mostra que, para alguns autores, como Bartomeu Meliá, a tendência à itinerância e à migração aparece como algo intrínseco à população paraguaia e à sua história. Assim, citando Meliá, "a dinâmica psico-mental do homem paraguaio manifestará sempre o '*Oguatá-migrar'*" (*apud* SOUZA, 2001, p. 67). Uma questão que por diversas vezes se apresentou como preocupante diante da imprensa nacional e das autoridades paraguaias.

Na grande maioria dos casos, a literatura acadêmica apresenta como ponto referencial, de partida, no estudo da migração paraguaia moderna para o Brasil, o final da Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, quando ocorre a consolidação territorial do Estado brasileiro nessa região de fronteira com o Paraguai. Vinculada a isso está a participação dos paraguaios no Estado como mão de obra braçal (de início, nas atividades agropastoris e de exploração da erva-mate), algo que irá se estender por todo o século XX e início do século XXI, e passará a abranger, igualmente, o âmbito das cidades e as atividades de trabalho urbanas, como a construção civil.

A migração paraguaia constituiu-se em um fenômeno relativamente constante, com certa diminuição em alguns períodos, como durante as décadas de 1930 e 1940, em função da

[7] Como exemplos, em se tratando das produções mais recentes no campo acadêmico, menciono os trabalhos de Navarro (1999), Souza (2001), Bois (2005), Baller (2008), Jara (2012), Mondardo (2013), Oliveira (2015) e Pereira (2016), entre outros. Porém, existem também estudos sobre outros Estados como São Paulo e Paraná.

[8] As monografias de Navarro (1999) – sobre Aquidauana – e Bois (2005) – sobre o Bairro Vila Popular, em Campo Grande – também fazem, logo de início, uma retomada breve da história paraguaia, sem centralizar, porém, na questão migratória.

Guerra do Chaco (1932-1935), das Leis de Migração de 1938[9] e da relativa melhora econômica no Paraguai – fator que também atraiu muitos brasileiros para o país vizinho.

Revisitando os anos entre as décadas de 1870 e 1930, Robert Wilcox pontua que mulheres e homens paraguaios, trabalhadores/as da erva-mate, das fazendas e das cidades – Corumbá era um núcleo urbano importante na época – "influenciaram os costumes, a linguagem, os hábitos e as atitudes, e ainda hoje os vestígios dessa influência são claramente visíveis" (WILCOX, 2008, p. 38). Ao final, o autor aponta para a diminuição da influência paraguaia após o período por ele analisado, que está relacionada com as políticas nacionalistas do Estado Novo, com a quebra do isolamento da região de Mato Grosso em relação ao restante do país e com o crescimento da migração interna rumo ao extremo oeste, chegando a mencionar que essa influência paraguaia não foi duradoura, estando hoje "completamente revertida", demonstrando assim "o caráter frequentemente volátil das regiões fronteiriças" (2008, p. 46).

Para além disso, ao longo de todo o século passado a ocorrência dessas migrações relacionou-se a razões como: a) crises econômicas; b) fugas das condições precárias que predominavam principalmente nas áreas rurais paraguaias, em vista da escassez de terras e, consequentemente, da busca de trabalho remunerado (nem sempre em melhores condições); c) exílios forçados em decorrência de rivalidades ideológicas, de perseguições políticas e de ameaças de violações de direitos ligadas às guerras civis e à ditadura de Alfredo Stroessner.

Um dos entrevistados, o alfaiate De Los Santos Mereles Lópes, que será citado com frequência ao longo da dissertação, migrou e fixou-se no Brasil, a princípio, em Curitiba e, depois, em Dourados, por motivos ligados ao contexto ditatorial do período Stroessner. Conta-nos o seguinte episódio:

> [...] uma vez me pegaro depois das nove, e foi pedir documento, eu passei a minha carteira de identidade:
> – Ah, esse aí não é documento!
> Peguei minha reservista.
> – To pedindo documento, não esse aqui!.
> – Mas o que você quer?
> – Filiação partidária.
> – Esse eu não tenho.
> – Então cê tá preso!

[9] Em 1938 foi criado pelo Estado Novo o "Conselho de Imigração e Colonização". No mesmo ano foi instituído o Decreto-Lei nº 406, de 4 de Maio de 1938 que "Dispõe sôbre (sic.) a entrada de estrangeiros no território nacional", além de uma série de outros do mesmo ano que visavam à constituição de comissões, à limitação das atividades políticas de estrangeiros e ao controle da entrada dos mesmos (GERALDO, 2009, p. 173). Quanto à Guerra do Chaco, segundo Wilcox, ela "atraiu de volta para a terra natal um grande contingente de paraguaios que trabalhavam em Mato Grosso, para lutarem por seu país" (WILCOX, 2008, p. 43-44).

> Então são as coisa que você se revolta. Então você vê injustiça, muita gente, sem dever nada. [...] os meus amigos que tiveram comigo em Asunción foram tudo embora, e eu fiquei sozinho, me senti sozinho. Aí eu decidi vim pra cá, pro Brasil, fui pra Curitiba. [...] você não é da *situação* você não consegue trabalhar pra instituição pública, tem que ter filiação partidária. (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012).

Tais migrações tinham/têm como características não terem sido capitaneadas por nenhum dos Estados Nacionais envolvidos, serem dispersas, desorganizadas e tenderem, na maioria dos casos, à persistência dos migrantes em se fixarem no país de chegada (SOUZA, 2001, p. 74). Em casos à parte, era bastante comum a migração sazonal em decorrência do trabalho – para empreitadas na lida com a erva-mate ou em fazendas – ou a fixação por um curto período de tempo, por motivos familiares ou de fuga, seguida do retorno ao Paraguai.

Podemos salientar também que, ainda hoje, embora em menor quantidade, a tendência dos paraguaios à migração se mantém, sendo os Estados de Paraná e Mato Grosso do Sul[10], respectivamente, os maiores receptores dos imigrantes nas últimas duas décadas (SALA, 2005, p. 40). O Estado de São Paulo, igualmente, vem se tornando um destino importante nos anos recentes, a partir da década de 2000, estando os paraguaios, somados aos bolivianos, envolvidos em trabalhos – muitas vezes precários – nas oficinas de costura da Região Metropolitana (CORTÊS, 2014, p. 15). Mantém-se considerável, desta feita, a inserção deste grupo populacional na constituição social e cultural dos Estados brasileiros, com maior destaque, certamente, para aqueles que compõem a região de fronteira com o Paraguai.

Assim, abrindo um parêntese, de fato, a maioria dos entrevistados, quando questionados sobre a perspectiva de retorno ao Paraguai, negavam tal interesse e possibilidade[11]. Uma vez fixados nas cidades de Mato Grosso do Sul, alguns há muitos anos (os idosos costumeiramente ressaltam que já viveram mais tempo no Brasil do que no Paraguai), recusam o retorno por não se identificarem mais com o *modo de vida* – ou com o "sistema", nas palavras de alguns – do país de origem. Ailson Oliveira, que estudou a comunidade paraguaia de Dourados pelo viés da constituição de sua identidade territorial urbana, desenvolve essa problemática e anota que:

> [os paraguaios e paraguaias] ao se territorializarem na cidade de Dourados, em bairros como Jardim Itália, Jardim Água Boa, Vila Cachoerinha [...] cria[ra]m relações e acaba[ra]m fixando raízes simbólico-culturais na cidade [...]. Nesse sentido, o retorno, não raro, fica difícil, não

[10] De acordo com o Censo Demográfico (IBGE) de 2000, residiam em Mato Grosso do Sul 7630 imigrantes paraguaios (SALA, 2005, p. 67).

[11] Corresponderam a isso 85% (15 de 20) nos questionários aplicados por José Carlos de Souza (2001) e 70% (12 de 17) nos questionários aplicados por Ailson Barbosa de Oliveira (2015) em suas respectivas pesquisas de mestrado. Nossas entrevistas, embora não tenham explorado a fundo esse tema, por vezes apresentaram respostas semelhantes.

> apenas por razões econômicas e políticas, porém, por já não se sentirem como pertencentes à localidade de origem, acabando por se considerarem estranhos em sua própria "terra natal" (OLIVEIRA, 2015, p. 57).

Embora muitos migrantes tenham rompido totalmente o contato – no sentido propriamente físico – com sua terra natal, outros que construíram aqui parte de sua trajetória, por décadas mantiveram ou continuam a manter vínculos com o país de origem de forma bastante regular. Por meio dessas redes de relações se estabeleceram elos múltiplos entre o que podemos, por uma ótica geográfica, denominar de territórios de origem e de destino. Para Rogério Haesbaert, essas redes "podem fazer circular a memória, as representações, os vínculos, os contatos familiares, as amizades, etc.", e no lugar de chegada constituem "um forte 'cimento comunitário'" (*apud* MONDARDO e SAQUET, 2008, p. 119). Ao passo, porém, que surgem as novas gerações, as dissoluções e perdas familiares também vão se tornando comuns, em ambos os lados, e podem ocasionar no enfraquecimento destes encontros e de elos que se tornam cada vez mais raros e resguardados à memória.

O geógrafo Marcos Leandro Mondardo, em artigo decorrente de sua tese de doutorado, aponta que, no Brasil, "muitos paraguaios se reterritorializaram[12] e incorporaram ao território elementos de sua cultura, das suas experiências e vivências, numa trama construída por inúmeras redes econômicas, políticas e culturais". As influências dos paraguaios no Estado de Mato Grosso do Sul favoreceram a elaboração de uma "identidade e territorialidade 'transfronteiriça'", assim como, produziram uma espécie de "alargamento da fronteira", de "deslocamento volátil dos limites culturais, políticos e econômicos", na medida em que o estrangeiro, o *Outro*, no caso o paraguaio, parece "carregar consigo partes do país vizinho para o lado brasileiro". Assim, conhecer a trajetória de vida destes sujeitos, segundo o autor, é importante para "entender o desenho desta territorialidade" (MONDARDO, 2013, p. 70-90).

Desse modo, devido a essas particularidades próprias da condição fronteiriça entre Paraguai e Brasil, difícil seria ignorar o histórico da presença desse grupo em Mato Grosso do Sul e a sua contribuição, na composição dos traços culturais sul-mato-grossenses. Os

[12] Em um entendimento mais recente da geografia, a territorialidade entre grupos migrantes é construída em um processo de desterritorialização e reterritorialização, em que "podemos compreender a des-territorialização como o movimento pelo qual se abandona o território, 'a operação da linha de fuga', e a re-territorialização como o movimento de construção do território" (MONDARDO, 2009, p. 2). Essa concepção é contrária à de desterritorialização como um movimento isolado, unicamente como destruição ou perda de território, afinal, "a desterritorialização que ocorre em uma escala geográfica geralmente implica uma reterritorialização em outra escala" (HAESBAERT *apud* CHELOTTI, 2013, p. 9).

paraguaios e suas famílias trouxeram consigo uma "bagagem cultural" que se tornou importante para a formação de uma região que, ao longo do século anterior, passou por um processo conflituoso de acentuação da colonização e do povoamento não-indígena.

Muitos elementos atrelados à "cultura e à identidade paraguaia" – os mais populares e constantemente mencionados são o tereré, a chipa, a sopa paraguaia, as polcas e as danças, entre outros – se "mesclam", se "incorporam", buscam espaços e "coexistem" junto de muitos dos usos e costumes das etnias locais, dos grupos vindos de outras regiões e das gerações mais jovens. Esse entendimento não deve, porém, ser confundido com a tendência em atribuir a esses elementos uma centralidade ou exclusividade na construção identitária de Mato Grosso do Sul. *Grosso modo*, conforme demonstrou Gilmar Lima Caetano (2017), muitos deles - em especial, a música paraguaia - foram mobilizados no forjamento de discursos regionalistas pautados no "fronteirismo", por parte de instâncias intelectuais, midiáticas e estatais[13].

Ao longo deste estudo pretendemos, conhecer histórias de vidas, trajetórias individuais e coletivas em suas relações com a memória e a história do Paraguai, dos processos migratórios, das formas de trabalho rurais e urbanas, assim como da fundação e fomento de *lugares de memória*. Dessa forma, por conseguinte, que buscamos compreender as formas de inserção desse grupo na sociedade de destino, que ocorrem por meio do trabalho, da cultura, dos símbolos, da defesa das identidades e da ocupação dos espaços.

Sobre a transcrição das entrevistas e a estrutura da dissertação.

No tocante às transcrições/transcriações das entrevistas, à tradução do oral para o escrito, conforme será percebido, optamos, em alguns momentos, por manter o diálogo entre os pesquisadores e os entrevistados, deixando as perguntas feitas pelo entrevistador sempre em **negrito**. As perguntas feitas por nós estão **apenas em negrito**, quando for o caso de outro interlocutor o nome do mesmo é mencionado no corpo da citação. Supressões das falas buscam, na maioria das vezes, evitar prolongamentos no texto ou conectar momentos diferentes da entrevista, porém, sobre os mesmos assuntos, e são marcadas pelas reticências entre colchetes: [...]. Observações quanto ao contexto das falas, correções e complementos dessas, quando necessárias para a melhor compreensão do que está sendo dito, estarão sempre entre colchetes.

[13] Segundo Caetano, "[o] regionalismo tende a ser, portanto, a imposição de uma visão particular, individual ou coletiva, que, lançando mão de certas 'instituições' socialmente reconhecidas, sejam objetivas ou puramente intelectivas, se estabelece como visão universal e legítima a respeito das particularidades culturais de uma dada região" (2017, p. 212). Ainda sobre essa crítica, confira o capítulo segundo de CAETANO (2012).

Optamos também por manter as transcrições o mais próximo o possível da fala original dos entrevistados, alterando exclusivamente nos casos em que a transcrição literal prejudicaria o entendimento do sentido daquilo que foi dito. Alguns pesquisadores em História Oral sugerem o contrário, a correção integral das falas, como é o caso de Verena Alberti (2005), no *Manual de História Oral*. Entretanto, suprimir a coloquialidade, os sotaques, as "faltas de concordâncias", as maneiras de falar próprias aos paraguaios e às paraguaias (que são comuns a todos nós na vida cotidiana), decorrentes de dificuldades com o idioma e de um aprendizado tardio da língua portuguesa, seria, em primeiro lugar, desrespeitoso para com eles/as e, em segundo, corresponderia a uma falsa maquiagem, a uma supressão da própria particularidade desses sujeitos: "Quando cheguei aqui e veio trabalhá aqui na fazenda... Cê sabe que até hoje eu... num sei falá em português ainda? Mas naquele tempo... num sabia nem pedí água, quase..." (ENTREVISTA, Conceição Vallejo, 27/01/2018).

A estrutura da dissertação foi definida ao longo do processo de pesquisa, a partir dos contatos com as leituras e com as fontes orais nas fases de gravação, audição e transcrição. O Capítulo Primeiro – *Sociedade e conflitos no Paraguai do século XX: memórias de imigrantes e descendentes* – foi pensado a partir de temas que se tornaram evidentes nas entrevistas quando estas se voltaram ao período de vida dos imigrantes anterior à vinda para o Brasil.

Dividido em três partes: o primeiro item faz uma breve apresentação do perfil dos entrevistados imigrantes e descendentes no tocante à idade e ao lugar de origem; o segundo item diz respeito às memórias de infância e de juventude no contexto social do Paraguai de meados do século XX, e aborda as condições de vida, o trabalho rural, o acesso à educação e a importância das mulheres na manutenção daquela sociedade; o item final trata das memórias das guerras internacionais (a Tríplice Aliança e a Guerra do Chaco) e da Guerra Civil de 1947, assim como das ideologias políticas e das relações conturbadas que envolviam – em maior medida – partidários Liberais e Colorados. Procuramos, ao longo de todo o capítulo, estabelecer diálogos entre as narrativas e a produção de historiadores e outros cientistas sociais acerca dos momentos históricos em questão.

O Capítulo Segundo – *Lembranças, trajetórias, andanças: experiências do trabalho rural entre paraguaios imigrantes no Sul do antigo Mato Grosso* – baseou-se, a princípio, em um conjunto de narrativas obtidas ainda na graduação e que, na época, não foram trabalhadas em nenhuma das pesquisas. A primeira parte debate a presença de tais trabalhadores em fazendas, no trabalho ervateiro e em núcleos urbanos – como Corumbá – entre o final da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e a primeira metade do século XX; se baseia, sobretudo, na

literatura acadêmica sobre o tema. Em seguida, na segunda parte, procuramos demonstrar a continuidade da presença paraguaia no Estado ligada ao processo de transição entre a economia do ciclo ervateiro e o momento de derrubada de matas e formação das fazendas no contexto de estruturação da agropecuária no antigo Sul de Mato Grosso, entre as décadas de 1940 e 1970.

A proposta do capítulo partiu, primeiramente, da percepção de que frequentemente os ex-trabalhadores, ao rememorar o tempo das derrubadas, davam ao trabalho desenvolvido um sentido de orgulho, vendo nele uma possibilidade de afirmar e projetar a si mesmo no processo histórico; também percebemos que embora muito mencionado em dissertações e teses, não havia, ainda, um debate mais aprofundado sobre o trabalho dos imigrantes nesses contextos e que as memórias e narrativas orais poderiam contribuir para tal objetivo.

O Capítulo Terceiro – *Paraguaios, paraguaias e descendentes: trabalho, lugares de memória e identidades nos contextos urbanos de Mato Grosso do Sul* – tem como eixo a atuação de imigrantes e descendentes de paraguaios no contexto das cidades. Nesse sentido, embora dialoguemos no decorrer do texto com as experiências de outras cidades, notadamente, Campo Grande, o foco é a cidade de Dourados.

Dividido em duas partes, damos continuidade, a princípio, à temática do trabalho entre os imigrantes paraguaios, explorando, entretanto, sua presença em contextos urbanos. Na segunda parte, nos dedicamos a interpretar a fundação de espaços como *Casa Paraguaia de Dourados*, a *Praça Paraguaia*, monumentos, assim como a prática de algumas tradições de caráter religioso, por trabalhadores urbanos e ex-trabalhadores rurais, como a fundação de *lugares de memória*. Procuramos apreender, assim, como a mobilização memorial pauta e está presente nos discursos de ordem cultural – por exemplo, de "resgate", "preservação" e "divulgação" das tradições -, de ocupação de espaços e de busca por visibilidade.

CAPÍTULO I

SOCIEDADE E CONFLITOS NO PARAGUAI DO SÉCULO XX: MEMÓRIAS DE IMIGRANTES E DESCENDENTES

> *Taní:* Tá lembrado? Cêis não se lembra, ceis são é novo. Mais pode ser, algum falou pra vocês. Num tinha uma guerra? No Paraguai? Tinha?
> **Que guerra que a senhora tá falando?**
> *Balbuino:* Guerra, de brigá!
> *Taní:* Guerra! Brigá! Matá! Corrê! Aquele tempo minha vó e meu vô correu de lá e veio pra cá. Entrô ali na Vila Rica e ficô ali. E trouxe minha mãe, de 15 ano...
> **A senhora não lembra mais ou menos o ano que eles vieram?**
> *Balbuino:* Nãão, quê!... quem vai lembrá daquele tempo [risos]...
> **E eles vieram correndo dessa guerra?**
> *Balbuino:* Correndo. Da guerra!
> *Taní:* Veio correndo, veio correndo da guerra.
> *Balbuino:* Naquele tempo... (Balbuino Agüero e Taní Martins, 16/12/2011).

Comecemos pelo entendimento de que as pessoas que colaboraram para a pesquisa, por meio da narração de parte de suas trajetórias, têm suas vidas marcadas por um momento – ou por muitos momentos – de travessia: pela própria decisão de pôr-se em marcha ou pela decisão de outrem que as colocou na marcha entre Paraguai e Brasil, entre Brasil e Paraguai. Um embarque em Puerto Antequera no navio que subirá o Rio Paraguai rumo a Porto Murtinho; um cavalgar de Horqueta a Bella Vista Norte e a Bela Vista. Carretas de bois, ônibus em estradas precárias que se dirigem a Pedro Juan Caballero, a Ponta Porã (municípios que se encontram em limites internacionais, fim e início de dois Estados nacionais). Atravessando essas vidas está a *fronteira*[14] – limiar, ponto de chegada, de passagem e de partida. Da fronteira em diante os

[14] No âmbito das Ciências Humanas, *fronteira* tornou-se um termo dotado de múltiplas noções, interpretações e conceituações, muitas destas metafóricas. De forma mais tradicional, pode ser compreendida em sua dimensão político-administrativa de demarcação e limite do território nacional, sobre o qual o Estado exerceria o monopólio de seu poder político. Seria um equívoco, no entanto, reduzir a fronteira ao mero limite geográfico entre dois países. Sociologicamente, segundo Lia Osorio Machado, a fronteira se faz "pela territorialização de grupos humanos e de redes de circulação e intercâmbio, unidos pela permeabilidade dos limites estatais por meio da comunicação entre populações pertencentes a diferentes sistemas de poder territorial" (MACHADO, 2010, p. 62-3). Para os fins deste trabalho, a noção adotada de fronteira aproxima-se à de Baller e Leite, ou seja, uma "ambiência" dotada de sentido histórico, "uma localidade na qual os limites balizam procedimentos [...] tanto quanto possibilitam atitudes e impulsionam ações no sentido de dotar as restrições em possibilidades de 'avançar' sobre a fronteira" (BALLER e LEITE, 2015, p. 295).

destinos dividem-se ao longo do território sul do antigo Mato Grosso ou, em casos menos comuns, entre cidades[15] mais distantes do território nacional.

Para as intenções deste capítulo propomos imaginar a fronteira não apenas como um fenômeno da ordem do espaço, o qual mobiliza diversos aspectos da dinâmica social, mas como um fenômeno também da ordem do tempo. Vivida não apenas em seu sentido geográfico e político, mas vivida pela memória – viva na memória. Nesse sentido, as entrevistas demonstram que a fronteira é sempre um ponto de referência e de importância determinante na linha do tempo daqueles que a cruzaram de forma – alguns quase – definitiva; daqueles que fazem/fizeram dela um espaço de mobilidade e daqueles que ali nasceram, elaboraram suas identidades como sujeitos (trans)fronteiriços que foram vivificados no local de fronteira, mediados por essa condição (BALLER & LEITE, 2015, p. 289) e dali partiram. Este capítulo trata, então, das memórias e das imagens[16] do país de origem, do *antes* da fronteira e, podemos também acrescentar, de seu *durante*.

1.1. PARAGUAIOS, PARAGUAIAS E DESCENDENTES: CARACTERIZAÇÃO DOS PERFIS ENTREVISTADOS

Difícil é definir quando se encerra ou quando se deve encerrar o trabalho de campo em um projeto que envolve História Oral, afinal, se algumas questões parecem se repetir, saturar dando-nos maior sensação de solidez em relação à pesquisa, esse mesmo conjunto de fontes

[15] Como o leitor poderá acompanhar adiante, aparece como característica preponderante, se considerarmos o conjunto das entrevistas, o fato de ter sido o SMT a primeira região de destino da maioria dos imigrantes paraguaios com quem pudemos conversar. Algumas exceções encontram-se na entrevista com o alfaiate De Los Santos Mereles Lópes (2012) e com a professora do Curso de História da UFGD, Graciela Chamorro (2018). Estes tiveram como primeira cidade de destino, respectivamente, Curitiba e Recife – esta última passando brevemente pelo Rio de Janeiro. Portanto, cabe destacar que, embora pouco estudada, existe também a migração de paraguaios/as mais associada ao contexto urbano e para grandes cidades ou metrópoles brasileiras. Exemplos de estudos nesse viés podem ser encontrados na edição n. 74, de 2014, da *Revista Travessia*, que traz um dossiê exclusivamente sobre a migração paraguaia para a cidade de São Paulo, e na dissertação de Côrtes (2013), organizador do dossiê mencionado. O filme *Noites Paraguayas* (1982), de Aloysio Raulino, apresenta situação interessante em que mostra a saída de migrantes do contexto rural no interior do Paraguai rumo a São Paulo em busca de trabalho, onde acabam se alocando no setor de serviços.

[16] Refletindo a partir de Paul Ricoeur, José Carlos Reis expõe a relação de aproximação e conflito entre memória e imaginação. Embora seja possível distingui-las quase de forma binária entre a "realidade anterior" representada pela primeira e o fantástico, a ficção, o irreal, representados pela segunda, para Ricoeur, "afastá-las é impossível, pois a imagem da memória se mistura ao 'fantasma' da imaginação" (REIS, 2010, p. 33). Ricoeur ameniza este conflito epistemológico ao propor que imaginação e memória podem se aliar para "realizar um resgate mais pleno da experiência passada" e, nesse sentido, a memória "pode se utilizar e se aliar à imaginação para pôr o passado sob os olhos, para torná-lo visível" (ibidem., p. 35). Quando, por exemplo, uma migrante lembra-se da ponte sobre o Rio Apa, do fluxo de pessoas que se movimentam indo e voltando em função do trabalho ou das trincheiras que visitou junto da avó para ver onde seus parentes morreram, estas lembranças vêm à tona sob a forma de imagem e a nós, expectadores e ouvintes, surge alguma imagem que é estimulada por um exercício de imaginação.

nos apresenta perguntas novas e complexas, trazendo, para nosso desespero, uma contraditória sensação de incompletude. Aquela entrevista a mais – que infelizmente não deu certo – o que poderia acrescentar ou corroborar? A que tipo de história de vida deixamos de ter acesso? Certamente algo se perdeu. No entanto, essa entrevista a mais demandaria um processo a mais de pós-entrevista – fichamento, transcrição, pesquisa – diante de um tempo cada vez menor. Desse modo, o encerramento dessa fase, aos poucos, foi se impondo.

Como se sabe, uma pesquisa em História Oral pode abordar um conjunto de indivíduos numericamente bem delimitado (os membros ou dirigentes de um partido, de uma associação, os funcionários de uma empresa, as professoras de uma escola) ou, ao contrário, um conjunto muito amplo e geograficamente esparso, como é o caso de paraguaios e paraguaias, imigrantes residentes em Mato Grosso do Sul, e de seus descendentes. Assim, em relação aos contatos e encontros com os entrevistados, podemos dizer que foram feitos de forma quase aleatória: em alguns casos, com grupos de pessoas intermediadas por alguém com maior intimidade (em Itaporã, por seu Valdomiro Freitas – cujo sogro é paraguaio; em Caarapó, quem nos auxiliou foi seu Egídio Cariaga); e, em outras vezes, ocorreu de a possibilidade de potenciais entrevistas surgir ao acaso, em encontros informais, à maneira do "eu conheço alguém que pode te ajudar".

No tocante à idade dos entrevistados, fizemos a opção por uma faixa etária acima dos 60 anos, contando com poucas exceções. O grupo de imigrantes, por exemplo, é composto por pessoas que nasceram entre as décadas de 1930 e 1960, com exceção de seu Pedro Otero, nascido em 1924, na cidade de Horqueta.

De maneira geral, essas pessoas migraram para o Brasil entre as décadas de 1940 e 1960 e, portanto, já viveram a maior parte do tempo de suas vidas no Brasil – alguns, infelizmente, já faleceram. Outros contatos não foram possíveis devido a problemas de saúde relacionados à idade e ligados à memória ou mesmo à demência. Isso nos chama a atenção para o fato de, naturalmente e aos poucos, tornar-se mais difícil o acesso àquela geração nascida antes de meados do século XX, e que está "deixando de fazer parte da memória viva[17]" (BURKE, 2008, p. 88). Do mesmo modo, tal situação serve para ressaltar o valor e a importância dessas pessoas, de suas memórias e de suas narrativas.

[17] Empregamos a expressão do autor, Peter Burke, embora caiba esclarecer que este esteja se referindo ao crescente interesse pela memória dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em especial, o Holocausto. A Primeira Guerra, de 1914, já havia desencadeado uma "onda testemunhal", para a qual atentou Walter Benjamim em suas ponderações sobre narração e experiência. Contudo, conforme Beatriz Sarlo, após 1945, "o testemunho do Holocausto se transformou em modelo testemunhal" (2007, p. 37), e, nesse sentido, a *Shoah* é o evento primordial que direcionou o interesse pelos testemunhos e por categorias como trauma e memória.

Geralmente são os idosos os elos mais antigos, a extremidade geracional da família, em torno de quem se cercam filhos, netos e bisnetos; a partir de quem a história familiar é socializada e que, diz Maurice Halbwachs, "reatam o passado ao futuro" (HALBWACHS, 2006, p. 85). Bosi, inspirada nesse autor, escreve sobre as especificidades das memórias das pessoas idosas em comparação com a memória dos adultos, constantemente tomados pelas exigências do cotidiano, demasiadamente presos entre a realidade do presente e a expectativa do futuro. Para o autor "o velho", ou o idoso, "se interessa pelo passado bem mais que o adulto" (HALBWACHS, 1925 *apud* BOSI, 1994, p. 60).

O passado, para o idoso, não vem à tona simplesmente ao acaso, em decorrência de estímulos externos que podem ou não ser aleatórios, pois ele se torna fundamental na vida do indivíduo que agora o busca e vai ao seu encontro. Assim, retomar o passado – não necessariamente em uma situação de entrevista, mas no próprio cotidiano – é um *trabalho da memória*. "Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida" (BOSI, 1994, p. 60). Segundo Bosi, nas lembranças de pessoas idosas,

> é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sob um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente que a uma pessoa de idade (1994, p. 60).

Dito isso, devemos considerar que os entrevistados apresentam importantes diferenças não só no tocante à idade, mas quanto à localidade de origem, à ocupação laboral, ao nível de escolaridade, de relações e estruturas familiares. Não devemos imaginar que tenham compartilhado um processo uníssono de migração[18] e, nesse sentido, vindo na mesma época, partindo das mesmas regiões, sob as mesmas condições e com os mesmos interesses e motivações. Muito menos homogêneos são seus percursos no território mato-grossense. Daí,

[18] Assimilando os novos entendimentos sobre a mobilidade espacial dos grupos humanos muito debatidos em áreas de estudo como a Geografia, devemos considerar no campo de análise sobre as migrações as subjetividades, estruturas e conjunturas (MONDARDO, 2012, p. 35). As perspectivas mais recentes sobre a migração incorporam novos elementos "como os processos identitários (de conflitos e alteridade), da relação eu/outro, da subjetividade, do cotidiano, do duo ausência e presença, *das representações, da memória individual e coletiva*, das redes de relações sociais e das estratégias espaciais mobilizadas no processo da migração. Por isso, as relações individuais, as estratégias, as vontades (sonhos e desejos) dos migrantes passam a ser considerados, também, enquanto condicionantes do processo migratório" (ibidem., *Grifo nosso*).

talvez, a frustração ao tentarmos encontrar histórias e experiências sempre muito próximas, perfis muito bem delimitados de quem seja *o paraguaio* ou *a paraguaia* "ideal" (ou "legítimo[19]", como pudemos ouvir de alguns com quem conversamos), portador de uma história de vida ou de uma identidade totalizante. Pior, talvez, seria tentar enxergar em um indivíduo ou em um conjunto muito restrito o reflexo puro e simples de seus demais.

Na realidade, o que estamos tentando acentuar é a pluralidade e a diversidade desses movimentos. Vieram com família, de modo que os membros que chegavam primeiro auxiliavam os próximos no processo de mudança e acomodação na nova terra. Vieram como casais, com filhos ainda novos nos braços. Vieram sós, deixando, ainda jovens, a família, arriscando-se em jornadas itinerantes em busca de trabalho. Alguns, saídos de situação de grave pobreza, distinguem-se de outros cuja família possuía algumas áreas de terra e guardava certa estabilidade econômica. Alguns ainda exercem atividades de trabalho; outros estão aposentados e apresentam-nos histórias, trajetórias, andanças de uma vida de trânsitos: de um país a outro e, no novo país, em diversos lugares do campo e da cidade, onde alguns contribuíram para a formação de associações entre paraguaios/as, construíram laços de amizades, casaram-se e conquistaram espaços próprios, a casa, o território familiar.

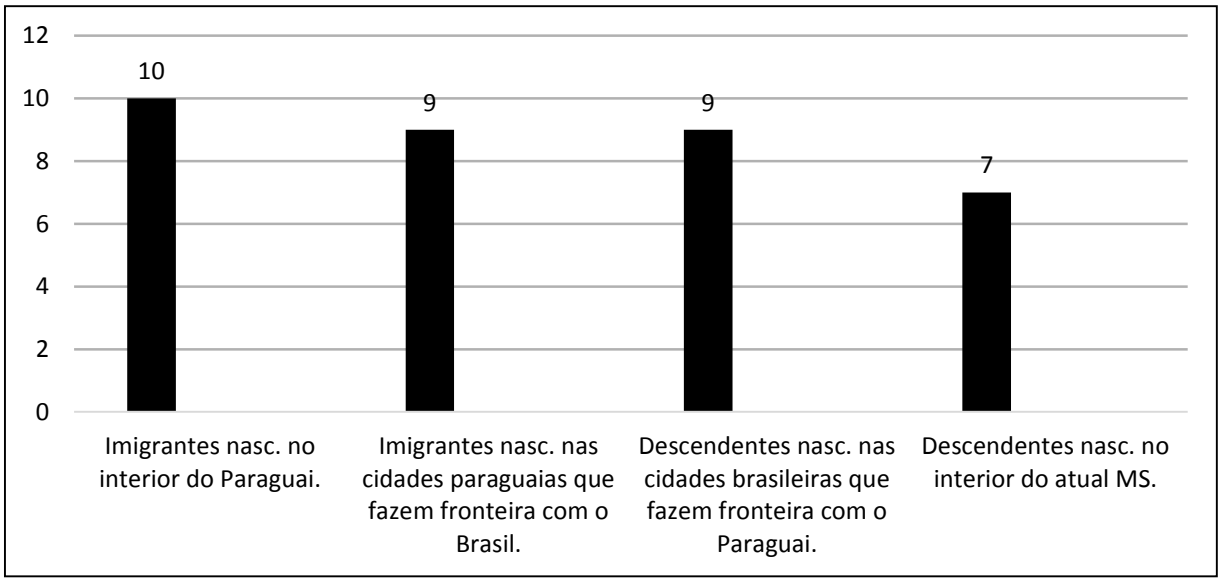
Registramos isso, pois, ao "final" da fase de tratamento das fontes orais, tendo o conjunto delas minimamente organizado e diante das várias trajetórias que elas impõem, algumas perguntas surgem de imediato: o que selecionar? Quais perfis caracterizam os entrevistados quanto à faixa etária e à região de origem? Qual a melhor maneira de se estabelecer um recorte temporal? Seria este recorte estanque ou ele poderia ser pensado de forma mais fluida, com vistas a dialogar com a curta e com a longa duração? Ou seja, quais as relações existentes entre as trajetórias de vida, uma vez que se impõem, certamente, elementos que estabelecem aproximações, encontros, cruzamentos e/ou coincidências. Esses são problemas que atravessam a dissertação e cujas "respostas" podem ter início neste capítulo.

Em termos de origem geográfica, de local de nascimento (sem entrarmos aqui no debate sobre identidade e pertencimento), é possível estabelecer quatro grupos de entrevistados: a) os imigrantes nascidos no interior do Paraguai (10); b) os imigrantes nascidos nas cidades paraguaias que fazem fronteira com o atual Mato Grosso do Sul (9); c) os descendentes de paraguaios nascidos nas cidades do atual Mato Grosso do Sul que fazem fronteira com o

[19] A ideia de "paraguaio legítimo" aparece em algumas falas de Pedrojuaninos no trabalho de Valdir Aragão do Nascimento (2012, p. 106-7) e é interpretada pelo autor como parte de uma estratégia de construção identitária baseada na noção de pureza, do não-miscigenado, ou seja, do filho de mãe e pai paraguaios, ressaltando assim o contraste nós/outros.

Paraguai (9); d) os descendentes nascidos no interior do atual Mato Grosso do Sul (7). Os números relativos aos grupos estão representados no quadro a seguir:

Quadro 1: Imigrantes e descendentes entrevistados entre 2011 e 2018. Por região de nascimento.



Certamente é arriscado precisar quais são os lugares de origem, principalmente quando se diz respeito às cidades de fronteira, que envolvem trânsitos territoriais, subjetividades, pertença, ocultamentos. A maioria dos entrevistados estabeleceu, por anos, relações com suas municipalidades de origem e muitos mantiveram ou mantêm vínculos com elas até hoje. Nesse sentido, tais espaços tornam-se também "lugares" por construírem identidades, por serem dotados de significações culturais e simbólicas (SOUZA, 2016, p. 111-7), por estarem pintados – de maneira mais ou menos fixa – nos quadros das lembranças que nos são narradas.

Os três primeiros grupos foram os selecionados para análise neste capítulo. A princípio não pensamos em utilizar as entrevistas com os descendentes das cidades de fronteira por imaginarmos a possibilidade de trabalhar apenas com os/as imigrantes. Porém, em alguns momentos, torna-se impossível deixar de recorrer a estes, considerando o fato de alguns terem vivido por certo tempo no Paraguai. Foram ainda novos com a família e retornaram ao Brasil após alguns anos. Assim, por terem convivido em uma região de fronteira historicamente marcada pela ambivalência, por terem sido educados em meio a um processo de mudanças, idas e vindas entre os dois países, formulando ali suas identidades, tais descendentes apresentam também lembranças do país vizinho significativas para o trabalho.

A tabela a seguir apresenta informações sobre aqueles que compõem os três grupos mencionados:

Quadro 2: Imigrantes paraguaios e descendentes fronteiriços[20] entrevistados entre 2011 e 2018: informações básicas.

NOME	ANO/DATA DE NASCIMENTO	IDADE[21]	LUGAR DE NASCIMENTO	ANO DE MIGRAÇÃO	1° CIDADE NO BRASIL	MUN. DE RESIDÊNCIA	PROFISSÃO/ÕES
Adair Rojas	1970	43 anos	Bela Vista	1986	Sinop	Dourados	Peão em fazendas; funileiro mecânico.
Anatália Nunes Sanábria	1945	67 anos	Bella Vista Norte (Amambay - AM)	1968	Dourados	Dourados	Dona de casa; serviços gerais (prefeitura); venda de trabalhos artesanais, crochês, doces, chipas, etc.
Aniano Areco	17/11/1949	68 anos	Porto Murtinho	---	---	Dourados	Contador; ex-Secretário de Finanças (Deodápolis); auditor fiscal;
Clotilde Nunes	22/06/1944	72 anos	Bernardino Caballero[22] (Paraguarí - PG)	1963	Caarapó	Laguna Carapã	Dona de casa; empregada doméstica.
Conceição Vallejo	08/12/1939	78 anos	Ypehú (Canindeyú – CY)	1956 (aprox.)	Ponta Porã	Caarapó	Peão em fazendas.

[20] Fronteiriço é um termo utilizado exclusivamente por nós neste trabalho para identificar aqueles que tenham nascido e vivido nos municípios brasileiros ou paraguaios que encontram-se na linha de fronteira entre os dois países, especificamente no sul de Mato Grosso do Sul. É possível, como demonstra o trabalho de Nascimento em relação aos moradores da fronteira Ponta Porã/Pedro Juan Caballero, que estes indivíduos não se identifiquem necessariamente como fronteiriços. Nesse sentido, "considerar fronteiriço uma categoria da qual emanaria uma forma de identidade híbrida, entre brasileiro e paraguaio, que seria traduzida pela simples evocação da palavra, implica em grave erro conceitual" (2012, p. 95-6).

[21] Idade à época da realização da entrevista.

[22] Antiga colônia Caballero Pueblo.

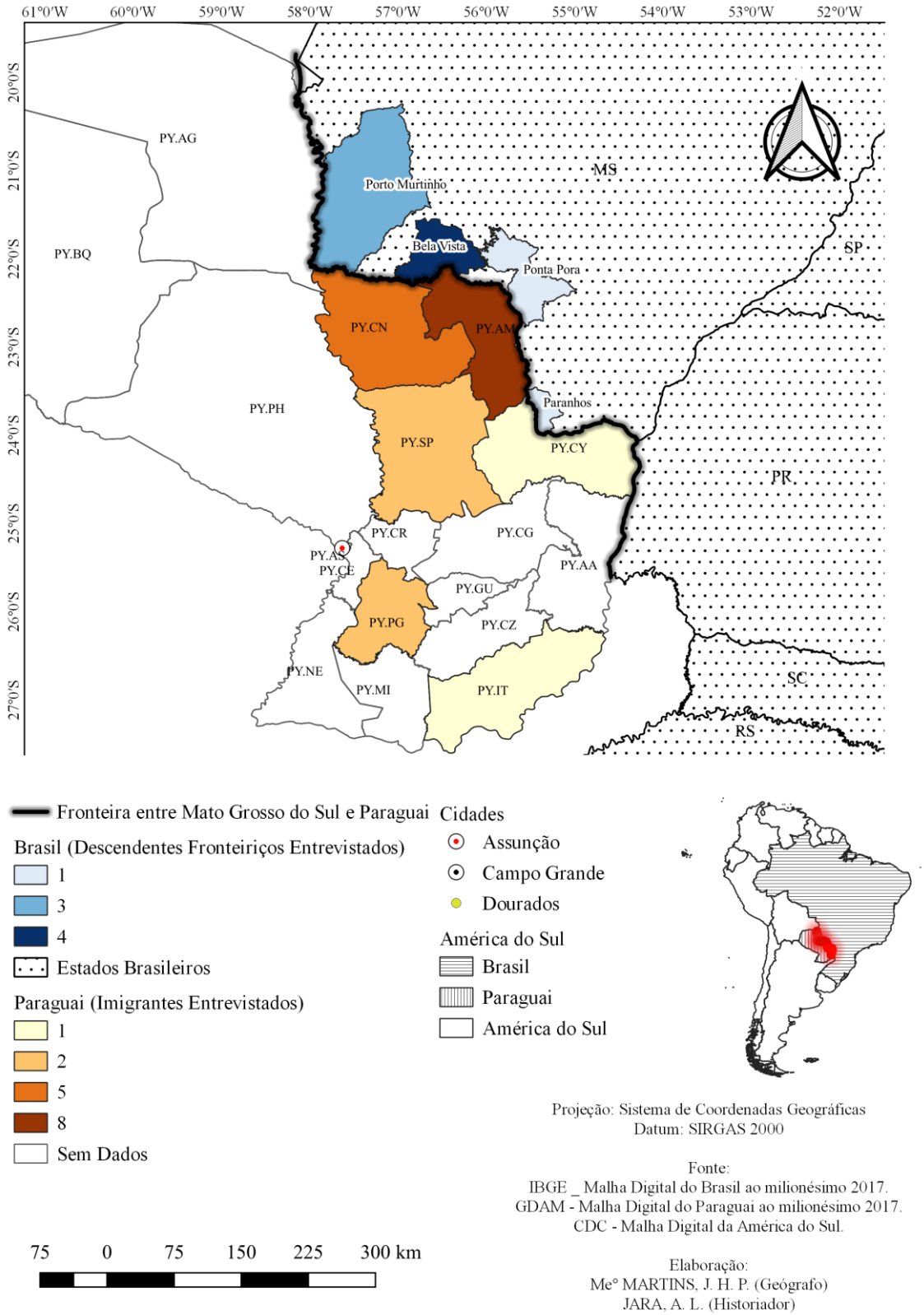
De Los Santos Mereles Lópes*	1938	74 anos	Yaguarón (Paraguarí - PG)	1961	Curitiba	Dourados	Alfaiate
Elizeu N. Sanábria	14/06/1943	73 anos	Bella Vista Norte (Amambay - AM)	dec. de 1980	Dourados	Dourados	Sapateiro; funcionário da Eucatur; frentista.
Elizeu R. Cristaldo	1960	51 anos	Bela Vista	---	---	Dourados	Assessor na câmara municipal; radialista.
Euzébio Lópes	1934	77 anos	Porto Murtinho	---	---	Dourados	Jogador de futebol
Emílio Martinez (Martin)	05/08/1943	73 anos	Horqueta (Concepción - CN)	1963	Caarapó	Laguna Carapã	Peão em fazendas; serrador (funcionário de serraria).
Fidel	1937	82 anos	San Pedro del Ycuamandyyú (San Pedro - SP)	1959	Ponta Porã Fátima do Sul	Caarapó	Ervateiro; peão em fazendas.
Graciela Chamorro	06/06/1958	59 anos	Concepción (Concepción - CN)	1977	Rio de Janeiro/Recife	Dourados	Prof. de música e teologia; prof. universitária.
Hermenegilda E. Arevalo*	13/04/1939	72 anos	San Pedro del Ycuamandyyú (San Pedro - SP)	1962 (aprox.)	Dourados	Dourados	Dona de casa
João Ledesma	1947	70 anos	Pedro J. Caballero (Amambay - AM)	inicios da dec. de 1960	C. Grande	Dourados	Músico
Luiz Cardozo	25/08/1946	64 anos	Bela Vista	1964	Dourados	Dourados	Pedreiro
Lourenço Estigarríbia	1966	51 anos	Paranhos	---	---	Dourados	Peão em fazendas; servente; eletricista.
Marcos Afonso	07/10/1955	62 anos	Pedro J. Caballero (Amambay - AM)	1973	Angélica	Caarapó	Peão em fazendas

* Falecidos.

Maria Lúcia Rivarola	1947	66 anos	Ponta Porã	---	---	Dourados	Funcionária Pública do Poder Judiciário
Olímpia Agüero	1936	81 anos	Yby Yaú (Concepción - CN)	1953	Itaúm	Dourados	Dona de casa
Pedro Otero	1924	88 anos 93 anos	Horqueta (Concepción - CN)	1945	Bela Vista	Dourados	Peão em fazendas; carpinteiro;
Pedrosa C. Sanábria	13/05/1947	70 anos	Bella Vista Norte (Amambay - AM)	1999 (aprox..)	Dourados	Dourados	Costureira; dona de casa.
Rosalino Gonzalez	10/03/1962	54 anos	Bela Vista	1987	Bela Vista[23]	Dourados	Oficial de justiça, vidraceiro
Silvéria Cristaldo Romero	1953	64 anos	Pedro J. Caballero (Amambay - AM)	1975	Dourados	Dourados	Auxiliar administrativo em RH, professora de Geografia
Simona Ramirez	09/08/1943	73 anos	Pedro J. Caballero (Amambay - AM)	1960	Itaporã	Itaporã	---
Ursina Penha de Delgado	09/11/1929	83 anos	Belén (Concepción - CN)	1960 (aprox.)	Ponta Porã Amambai	Amambai	Professora de escola primária (no PY); Dona de casa
Victor Areco	1947	71 anos	Porto Murtinho	1960	---	Dourados	Empreiteiro funcionário da SOMECO, sapateiro
Victor Ledesma	08/05/1969	48 anos	Pedro J. Caballero (Amambay - AM)	2000	Dourados	Dourados	Músico, instalador de antenas parabólicas.
Zildo Araújo	05/08/1938	73 anos	Encarnación (Itapúa - IT)	1959	---	Dourados	Peão em fazendas; empreiteiro, segurança do Banco do Brasil.

[23] O entrevistado migrou para a cidade de Dourados no ano de 2004.

Figura 1: Departamentos paraguaios e municipalidades fronteiriças de origem dos imigrantes e descendentes entrevistados.



Percebemos, pelo mapa e pelos quadros apresentados, que a maioria dos paraguaios e paraguaias imigrantes, participantes da pesquisa, tem sua origem em dois dos Departamentos pertencentes à região Norte do Paraguai, que fazem divisa com a parte sul do estado de Mato Grosso do Sul (Concepción e Amambay). Concepción não possui cidades localizadas na linha de fronteira com o Brasil, embora faça importante ligação com a fronteira por via fluvial, pelo rio Paraguai até Carmelo Peralta e Porto Murtinho – trajeto feito por alguns imigrantes, a maioria nascida em municípios interioranos, como Yby Yaú, Horqueta e a capital homônima.

Amambay se destaca pelas origens nas cidades de Bella Vista Norte e Pedro Juan Caballero. Em menor quantidade estão os imigrantes oriundos dos Departamentos interioranos mais distantes (como San Pedro e Paraguari) da fronteira com o extremo-sul de Mato Grosso do Sul (Canindeyú). Um imigrante é nascido no Departamento de Itapúa.

Os descendentes fronteiriços são, em sua maioria, do município de Bela Vista; há também os oriundos de Porto Murtinho, Ponta Porã e Paranhos. Rosalino Gonzalez, Victor Areco, Maria Lúcia Rivarola, Adair Rojas, Luiz Cardozo, Elizeu Cristaldo, por exemplo, são descendentes de paraguaios que, em algum período de suas vidas, quando ainda crianças, mudaram-se e viveram no Paraguai com os pais ou com outros parentes. Luiz Cardozo e Adair Rojas só retornaram ao Brasil após o cumprimento do serviço militar.

1.2. AS MEMÓRIAS DO PAÍS DE ORIGEM: O CONTEXTO SOCIAL PARAGUAIO DE MEADOS DO SÉCULO XX

1.2.1. “Ela enchia a carrocinha dela e ia pra Conceição, lá que tinha a vida do pessoal”

O Paraguai ao longo de quase toda sua história se caracterizou pelo predomínio de uma população de maioria rural. Segundo dados apresentados por Dávalos (1999) e Céspedes (2004), essa característica tende a se alterar a partir da década de 1980, contudo, a inversão populacional campo-cidade só veio a ocorrer no início do século XXI, quando a população urbana passou de 50,3% para 56,7% entre 1992 e 2002.

Uma publicação de 1974, organizada pelo Centro Paraguayo de Estudios Sociologicos (CPES), traz números dos censos de 1950, 1962 e 1972 que mostram – em termos absolutos – um país com 65% de população rural que, no curso de duas décadas, teria sido reduzida em apenas 2,8% (CORVALÁN, et. al., 1974, p. 90). O estudo também considera o fato de o país apresentar uma distribuição populacional bastante irregular – muito pouco povoado na Região Ocidental, que compreende boa parte do Chaco Boreal, e com a quase totalidade da população

(aproximadamente 96%) vivendo na Região Oriental. Esses censos demonstram ainda que a maior densidade demográfica concentrava-se no Departamento Central e na capital Assunção[24].

Quanto à porcentagem da população rural, notamos que, com exceção de Assunção, entre os departamentos da Região Oriental, os índices variavam de 73,6% a 81%, ou seja, muito superiores à média nacional (dados do censo de 1962). Isso sem contar que muitas vezes as populações de áreas rurais próximas aos Distritos eram incluídas nos censos como parte da população urbana (CORVALÁN, et. al., 1974, p. 72-3; 91-2).

Embora os censos considerem datas a partir de 1950, constatamos que os anos anteriores apresentavam uma sociedade ainda mais ruralizada[25]; tal característica é sinalizada e reforçada por autores que estudaram a organização social do Paraguai, referente ao período após 1870, como, por exemplo, Harken Krauer (1984) e Kleinpenning (2014). Tais dados são relevantes para situarmos o contexto de onde partiram os imigrantes paraguaios mencionados nesta dissertação, as zonas rurais. É necessário considerar ainda a estreita relação entre o mundo rural e o urbano, inclusive para aqueles que viveram em áreas urbanas de Pedro Juan Caballero, Bella Vista Norte ou Concepción.

Apesar de esquivar-se de criticar a tendência dos censos paraguaios no sentido de considerarem a população de algumas localidades rurais como parte da população urbana – o que tornariam mais questionáveis alguns dados –, o estudo feito pelo CPES sobre "la población paraguaya" também entende essa questão, observando que "justamente el caso paraguayo sería un ejemplo de la escasa diferenciación socio-económica y cultural – y, en consecuencia, política – entre el campo y la ciudad" (CORVALÁN et. al., 1974, p. 102).

Nessa perspectiva, podemos aproximar esses dados com as experiências de vida de imigrantes como as de Simona Ramirez, Olímpia Agüero e as do casal Clotilde Núnez e Emílio Martinez. Também de Pedro Juan Caballero, os pais de dona Simona trabalhavam em chácara. Ela nos conta: "[...] onde nóis morava ali naquela época era sítio [...] hoje aquela chácara nossa ali é uma cidade, que é ali perto do aeroporto; é uma cidade ali..." (ENTREVISTA, C. Núnes e E. Martinez, 30/07/2016).

---

[24] Entre 1950 e 1972, no entanto, a tendência para as regiões de Cental e Assunção foi de diminuição da concentração populacional, caindo de 63% para 56,7% (CORVALÁN, et. al., 1974, p. 72). Segundo os autores do estudo, "los Departamentos de otras Regiones [como Caaguazú, Amambay e Alto Paraná] han poseído avances más pronunciados. Esto es: la concentración ultimamente tiende a aumentar en aquellos Distritos de preferente asentamiento de la inmigración externa e interna, Distritos que, además, son los de mayor extensión territorial en la Región Oriental" (ibidem., p. 76-8).

[25] Segundo os dados de Eliseu Reclus e Carlos Pastore para o ano de 1886, os agricultores eram responsáveis por 83% da população paraguaia ativa e, no país, existiam somente 300 trabalhadores assalariados nas indústrias ainda muito incipientes (RECLUS [1896], PASTORE [1972] *apud* FOGEL, 2011, s/p).

Na avenida que divide Pedro Juan e Ponta Porã, a família de Simona comercializava os produtos da roça: "[...] meu pai ficava na chácara e de sexta-feira minha mãe ia pra vim com ele na carroça. Nóis tinha duas carroça, que a filharada era muita, né? [risos], pra ir todo mundo e trazer as coisa pra vendê na feira. Na época a gente tinha uma feirinha ali na linha, ali hoje é a avenida internacional" (ENTREVISTA, S. Ramirez, 17/12/2016).

Nascida na atual cidade de Yby Yaú e vivido sua infância durante a década de 1940, dona Olímpia, por sua vez, apresenta uma narrativa próxima à de dona Simona. Sobre Yby Yaú lembra que "hoje em dia é cidade, mas [quando] eu nasci naquela época era fazenda ainda, era fazenda...". Ao ser questionada sobre o modo de vida no Paraguai daqueles tempos, afirma que a mãe tinha um sítio, que a família trabalhava na roça para a própria subsistência e que levavam parte do que produziam para revender na capital, Concepción. Em suas palavras vemos destacado o papel significativo de sua mãe para a família:

> [...] minha mãe também trabalhava como... vendedora, assim, da feira, era feirante... em Conceição. *Ela enchia a carrocinha dela e ia pra Conceição, lá que tinha a vida do pessoal*. Na cidade de Conceição, na cidade, cidade grande, segunda capital. [...] Às vez quando não tinha... eles comprava e revendia lá pra cidade.
> **E era longe pra levar?**
> Era, era, nóis saía de madrugada, [eu] também já era grandona, já tinha quatorze anos, nós enchia a carreta – é carreta de boi, antigamente não existia carroça, só carreta de boi – minha mãe enchia as mercadoria lá, laranja, mandioca, batata, essas coisinhas da roça e levava pra fazer feira, pra vender. [...] Nóis saía meia noite, dez hora da noite, e chegava lá pelas três horas, quatro... carreta de boi. Não era tão longe, não; é... não era tão longe não.
> **E vocês ficavam em Conceição até quando?**
> Ficava até vender tudo as coisa. Aí nói voltava pra casa. Ficava só um dia lá, ficava só um dia lá (ENTREVISTA, O. Agüero, 08/04/2017).

O casal Clotilde Nunes e Emílio Martinez se conheceu quando ainda eram crianças. No início da década de 1950, os pais de Clotilde migraram do antigo povoado de Caballero Pueblo – atual General Bernardino Caballero – para Horqueta, onde, a poucos quilômetros, mantinham uma chácara vizinha à da família de seu Martin. Ela lembra: "Nói se conhecia desde... desde pequeno"; e Martinez/Martin acrescenta em seguida: "era pertinho [...] 3 mil metro. Nossa chácara... era 200 por 1000 [metros], 200 a frente e 1000 de comprido e o dela também... o do pai dela". Segundo eles, os produtos da chácara também eram comercializados na cidade, onde, de acordo com Martin, o dinheiro ganho era usado para a compra de outros produtos como arroz, macarrão ou carne – assim, as compras não eram feitas em grandes quantidades, mas aos poucos.

> *Martin:* Só que naquele tempo rapaz... num é miséria, a gente pra comê... vende mandioca, lá vende de tudo. Moranga se cê quer vender três talo só, você vende, picado, né... vai na cidade.
> *Clotilde:* No Paraguai. E lá até agora, lá é assim. Até eu vou lá.
> *Martin:* E... debuiá [debulhar] mamona, vendê, no outro dia vai na cidade, leva aquele 5 ou 6 quilo de mamona, vende lá, aí você compra uma 50 grama de arroz, macarrão, compra puchero (ENTREVISTA, C. Núnes e E. Martinez, 30/07/2016).

Outro exemplo é o de Silvéria Romero, nascida em Pedro Juan Caballero, no início da década de 1950, hoje artesã em Dourados. Aos nove anos aprendeu a costurar: os pais eram alfaiates e mantinham, ao mesmo tempo, "a alfaiataria e um pequeno comércio" de secos e molhados. O pai, segundo ela, "costurou pra sociedade ali da elite de Ponta Porã, pro exército, ele fez... muitos ternos e, enfim, as roupas que a sociedade na época não tinha". Viviam na área urbana – "a gente morava na cidade, nós não tínhamos, é... terra, assim, na zona rural". Levavam roupas feitas na cidade para as chácaras e de lá traziam dinheiro ou produtos que poderiam ser revendidos para outros armazéns: "[...] como tinham poucas fábricas naquele tempo, minha mãe confeccionava as roupas e levava pra vender na chácara também. E aí vinha com muita coisa de lá, vinha de tudo, vinha galinha, ovos, queijo, é... porco, enfim, vinha de tudo, frutas, não faltava nada" (ENTREVISTA, S. Romero, 10/07/2017).

A professora Graciela Chamorro, nascida na cidade de Concepción – onde alguns anos antes dona Olímpia e sua mãe comercializavam as coisas da roça –, afirma que dos nove aos dezessete anos trabalhou no ambiente familiar, transitando entre a casa onde moravam na área urbana e o sítio que tinham fora da cidade, a aproximadamente uns dois ou três quilômetros de distância, "nesse sítio a gente tinha que ir tirar o leite e trazer pra cidade, né? E eu estudava à tarde. Geralmente as crianças que trabalhavam estudavam à tarde. E aí eu ia pra escola à tarde e quando voltava fazia as tarefas da escola e dormia pra no dia seguinte, três da manhã, sair".

Observamos que a diferenciação entre rural e urbano pode se apresentar de forma muito dicotômica. Graciela chama nossa atenção no sentido de considerarmos as proximidades e relações entre esses dois universos, visualizadas em sua fala no que se refere à presença dos campesinos que vendiam os produtos na cidade, à ausência de indústrias e às relações com os familiares que periodicamente vinham do campo:

> **Em Conceição a região [que vocês moravam] era na área urbana?**
> *Na área urbana, sim. Se deslocava uns dois quilômetros fora da cidade* [para ir ao sítio]. [...] E a casa, que é a nossa casa até hoje, né?, era a casa do meu avô, e ela [a mãe] como era modista, costureira, então ela viveu mesmo na cidade. A gente cresceu na cidade... Mas é claro, uma cidade tem sempre que se pensar, tem que conhecer, porque... *o rural está bastante presente, num tem indústria, num tem coisa assim, então você vê aquelas carroças de boi que vêm da roça pra vender os produtos todos os dias; e nossa parentada toda era da roça, a gente sempre*

conviveu com eles em casa, [por causa] das visitas a hospital e tal... (ENTREVISTA, G. Chamorro, 13/01/2018).

1.2.2. “Porque nói plantava algodón nesse calcanhar aqui, ó...”

Conforme dito, a maioria dos paraguaios e paraguaias com quem dialogamos vieram de regiões rurais, onde trabalhavam na roça, com a agricultura e a criação de animais, ajudando os pais, quando crianças e jovens, na subsistência da família. Portanto, são muito fortes as lembranças das condições de vida por eles e por elas enfrentadas e, especialmente entre os mais velhos, é comum que estes remetam à vida no Paraguai como uma vida de pobreza.

As palavras “sacrifício” e “sacrificado” aparecem com frequência. Entre os homens, uma reclamação constante é quanto à escassez de serviços fora do âmbito familiar. Tal situação foi determinante para a expulsão de parte da população, principalmente da masculina, ou para as regiões urbanas ou para países vizinhos como Argentina e Brasil. Somam-se a isso políticas relacionadas à propriedade da terra que, em detrimento das populações campesinas, periodicamente tendiam a beneficiar apenas os latifundiários e os grandes investidores nacionais e estrangeiros (KLEINPENNING, 2014, p. 411).

Nesse sentido, são citadas aqui duas narrativas que retratam o Paraguai como um país pobre do qual as pessoas saíam em decorrência da falta de condições econômicas e atraídos pela oferta de trabalho em países como o Brasil e a Argentina. Os dois casos são de imigrantes que exerceram, no Paraguai, atividades itinerantes e se ocuparam, quando no Brasil, de serviços braçais, principalmente na lida com a madeira durante o processo de derrubada de matas na formação de fazendas do antigo sul de Mato Grosso (**cf. Capítulo 2**). Ao contrário das entrevistadas citadas, a queixa desses trabalhadores é a de não conseguirem comercializar os produtos que cultivavam na roça e a de não conseguirem outra forma de renda que não fosse por meio do trabalho para terceiros.

Seguem a seguir os recortes das falas do senhor Pedro Otero e do senhor Conceição Vallejo – nascido, este último, em Ypehú, fronteira com Paranhos:

> Terminou a Guerra [do Chaco] e o Paraguai ficou um ano mais ou meno lá, *num deu pra toca lavoura, venda é difícil, não tem estrada, não tem esses de hoje, caminhão, nada pra você levá.* Quem que vai plantá milho aqui? Vinte, trinta quilômetro e, você vai leva de carreta? Por que o Paraguai é maltratado assim, num quer trabalhar? Eu assisti isso.
> Ele [irmão] trabalhava um ano, derrubava uma mata assim de mais ou menos 5 ou 6 hectare e plantou milho. Mas *sai aquele milho, coisa mais bonita, espigão desse assim, quatro espiga*

> *cada pé de milho, bonito! Colhero bem, ensacaro, pegaram bolsa lá da cidade pra ensaca e levá; pôs na carreta levaram lá no... Ninguém quer.*
> E o único jeito pra levar pra algum lado era o Brasil, num tem outro (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

> Há 70, 80 ano atrás o Paraguai não tinha nada! Terminô a Guerra [do Chaco] atropelado! O que que você vai fazê lá? *Se meu tio, meu mano plantá qualquer milho, algodón, alguma coisa, nom tem aonde comerciá, nom tem comércio*. Se fica longe do porto que jeito vai levá? Levá numa carretinha não adianta nada... e a nossa condução era carreta. Esse... caminhão, essas coisa há pouco tempo apareceu aí, quando eu cheguei aqui [SMT] não tinha nem carro! (ENTREVISTA, P. Otero, 21/01/2018).

> Eu nasci lá no Ypehú, me criei lá até... 18 ano... Eu trabalhava ali, né?, a nossa vida lá era trabalhá junto com a família. Eu trabalhava com a minha família, assim, na roça [...] aqui no Brasil eu acho bom pra a gente. A gente sabendo viver a gente vive em qualquer lugar. O motivo que eu falo que aqui é bom pra viver é que aqui tem serviço, porque *no Paraguai naquele tempo num tinha... o que nóis plantava e colhia era só pra despesa, né?, num tinha comprador, num tinha aonde vender lá.* [...] E num tinha... você tem que trabalhá só pra você, num tem outro pra você falá: "Não, eu vou ajudá o outro e ganhá um dinherinho", num tinha essa coisa, era crise muito grande naquele tempo...
> **Então naquele tempo o trabalho era mais na roça?**
> É... era braçal, era braçal... era braçal mesmo. Porque lá... lá até hoje, meu amigo, no Ypehú, eu vou lá e tá aquele parente e eu não sei como é que ele vive, coitado (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

As questões apresentadas por Otero e Vallejo dizem respeito à condição de pobreza e desigualdade social que atingia o contexto em que viviam, marcado por uma agricultura pouco desenvolvida e por paupérrimas condições de vida dos campesinos; aspectos que, de certa forma, estão também presentes em maior ou menor medida nas trajetórias dos demais migrantes que cresceram no meio rural paraguaio. Situação que tem raízes no processo de reconstrução do Paraguai após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Ressaltamos que, embora a Guerra tenha afetado diretamente a estrutura populacional, o processo de disponibilidade das terras cultiváveis e as vias de comunicação, outras foram as circunstâncias que também contribuíram para a perpetuação da pobreza nas décadas posteriores.

Utilizando-se de relatórios e informes produzidos entre os anos de 1874 e 1912, Juan Carlos Harken Krauer anota que, em geral, os comentaristas, ao tratarem da situação paraguaia à época, mencionavam, por um lado, as excelentes condições naturais do país; por outro, não deixavam de observar no Paraguai "uno de los sectores agrícolas más atrasados del continente latinoamericano" (1984, p. 91). O país, dessa forma, possuía uma sociedade rural, porém, não-agrária, no sentido da ausência de um setor agrícola produtivo que desse conta de abastecer internamente a sociedade com os alimentos básicos necessários.

Do período imediatamente anterior à Guerra da Tríplice Aliança,1864, à década de 1920, a extensão da área agrícola cultivada permaneceu praticamente a mesma. Ao mesmo tempo, grande parte dos alimentos consumidos vinham de importações dos países vizinhos – "trigo y harina y en ocasiones maíz de la Argentina" – ou até mesmo de países europeus, Ásia e Estados Unidos (1984, p. 92; 113). Sobre o assunto, Kleinpenning, em capítulo dedicado às "condiciones de vida de los campesinos", também observa que

> [...] las condiciones de la población rural estuvieron en marcado contraste com las ventajas naturales de su medio ambiente. Pese a vivir en una tierra que produciria en abundancia cualquier cosa que creciera en un clima subtropical, el campesino subsistia en un estado crónico de atraso (KLEINPENNING, 2014, p. 429).

O início da década de 1880 é marcado, no Paraguai, por forte crise econômica que, nas regiões rurais, se manifesta pelo abandono de perspectivas de desenvolvimento agrícola e pela aplicação de um conjunto de legislações que daí por diante – mais especificamente a partir das leis de 1883, 1885 e 1886 – passa a alienar as terras públicas em favor daqueles que detinham maior capital, restringindo, assim, o acesso à terra à população mais humilde. Os agricultores pobres não tinham condições financeiras para comprar as terras disponíveis por serem elas demasiado caras e vendidas apenas sob a forma de grandes áreas (HAREN-KRAUER, 1984; BREZZO, 2010a, p. 209; KLEINPENNING, 2014, p. 394;). Em muitas regiões os moradores do campo foram expulsos para dar lugar à criação extensiva de gado, processo que incorreu na especulação e na concentração de terras sob a forma de grandes latifúndios que estavam, sobretudo, nas mãos de investidores externos absenteístas.

Na década de 1890, nova crise atinge a economia paraguaia, marcada agora pelo fechamento do mercado argentino ao tabaco, pelas pragas, secas e inundações, com consequências gravíssimas sobre as regiões rurais. Um observador – não nomeado – ao qual se refere Harken Krauer enumera da seguinte maneira as causas do malogro da agricultura no Paraguai:

> 1. Uma población esparcida, escasa y pobre; 2. Falta de médios de comunicación eficientes; 3. Los terratenientes encuentran más rentable dedicar su atención a la cría de ganado vacuno; 4. Terrenos poco preparados para el cultivo; 5. Alternativas de colocación de los productos. (1984, p. 102).

Os dois autores mencionam, frequentemente, as técnicas de cultivo nas pequenas chácaras como tradicionais, rudimentares e, por vezes, primitivas; responsáveis, assim, pela má

exploração da terra. A mecanização era incipiente e em muitas propriedades estavam ausentes até mesmo o arado de ferro (72% das chácaras na década de 1940), as carretas de bois, os fertilizantes e pesticidas (HARKEN-KRAUER, 1984, p. 117; KLEINPENNING, 2014, p. 412). Os distritos rurais eram isolados e neles inexistia um sistema educacional, o que fazia com que a população se agarrasse a tradições e superstições sobre as formas de cultivo agrícola[26] e ignorasse a dinâmica de organização da economia de mercado.

Segundo Harken Krauer, a forma de exploração agrícola típica era baseada, de maneira geral, numa classe conhecida como "el chacrero paraguayo", que tinha entre suas características "la precariedad de la parcela de tierra explotada, el uso de la mano de obra familiar y una movilidad certamente alta en cuanto a la combinación de cultivos de subsistencia y obtención de ingresos monetários vía contratación transitória de su fuerza de trabajo" (1984, p. 116). Nesse quesito, considerando o século XX, até a década de 1960 (período que mais interessa a este capítulo), observamos que os dados apresentados pelos autores referenciados demonstram o constante desequilíbrio no tocante à distribuição das terras agrícolas.

Para os anos de 1942 e 1943[27], por exemplo, os prédios agrícolas com até 10 hectares correspondiam a 74,3% do total de propriedades, porém, cobriam apenas 18,5% das terras; por outro lado, "los de más de 100 hectáreas (solo el 1,5% del número total) cubrían nada menos que 53,1% de toda la tierra" (KLEINPENNING, 2014, p. 412). Não é de nosso interesse, aqui, meramente despejar esses dados; portanto, cabe assinalar que a comparação feita posteriormente por Kleinpenning em relação aos censos de 1956 e 1961 apontam para a continuidade dessa estrutura fundiária, marcada por poucos e imensos latifúndios em contraste às muitas e pequenas chácaras pulverizadas.

Ressaltamos que, de forma geral, os imigrantes paraguaios participantes da pesquisa viviam em pequenas propriedades e que a maioria da população desses estabelecimentos encontrava-se na condição de arrendatários ou de ocupantes e não na de proprietários. As entrevistas, contudo, não mostram, de forma explícita, a situação legal em que as famílias dos

[26] Sobre o assunto, cabe mencionar o artigo de Leon Cadogan, "*Algunos datos para la antropología social paraguaya*", sobre o Departamento de Caaguazú no início dos anos 1950. Entre os temas levantados, Cadogan apresenta algumas formas de crenças e superstições frequentes entre os campesinos para resolver problemas que atingiam o campo, como pragas, doenças, secas ou então para determinar os momentos propícios ao cultivo: "la mayoria de os agricultores siembran únicamente durante el cuarto menguante, con preferencia unos días después de la luna llena" ou "se recurre mucho a la oración para combatir la oruga del algodonero", entre outros exemplos (CADOGAN, 1967, p. 453). Apesar disso, o autor traz casos em que, aos poucos, alguns proprietários começam a assimilar certas tecnologias para o controle de pragas como o uso de pesticidas e de inseticidas.

[27] Dados baseados em censo agrícola realizado pelo Servicio Técnico Interamericano de Cooperación Agrícola (STICA) e concluído em 1944. Esse censo leva em consideração as propriedades com ao menos 1 hectare de área cultivada.

imigrantes se encontravam. Mais de 94% das casas das vivendas rurais, segundo descrito pelo Censo Agrícola de 1942-1943, eram ranchos com paredes de madeira e cana, coberturas de barro, palha e pisos de terra, o que dá noção acerca das condições em que vivia a população à época (KLEINPENNING, 2014, p. 413-15 e 435).

Dona Olímpia Agüero, ao narrar um enfrentamento presenciado no ano de 1947, quando estava em Belén, no qual quase foi atingida por um tiro, descreve brevemente as moradias. Traz à memória o seguinte: "[o tiro] acertô o esteio, [por]que lá não usa casa de... só de terra, né?, aquele tempo, agora já tem casas de tijolo, aqueles tempo era só de terra, parede que... [você] olha assim era a mesma coisa" (ENTREVISTA, O. Agüero, 08/04/2017). As entrevistas com Olímpia e com Pedro Otero, que narra "a história que recebeu do avô" e menciona o uso do sapé na construção do rancho, quando a família se fixou em Horqueta, estão entre as poucas em que são descritas as vivendas.

Assim, aqueles que reconhecem que tiveram uma situação econômica mais estável, embora não abastada, não deixam de trazer indicações de uma vida, como se diz, "sacrificada". Para Clotilde e seu Martin, as lembranças da "fartura" dos alimentos dos quais se serviam e vendiam na cidade está sempre associada à faina, ao trabalho duro:

> *Martin:* Carregô muita mandioca na cabeça pra vende na cidade.
> *Clotilde:* [...] noi trabalhava muito. Muito, muito, muito, muito, porque nois plantava... a plantação lá era algodón; noi plantava. Eu sempre falo aqui:
> – Ó, serviço não mata ninguém porque se serviço matasse noi era morto.
> *Porque nói plantava algodón nesse calcanhar aqui, ó...* [bate no calcanhar; sons de pequenos tapas] [tosse]. É assim...
> **De pé no chão?**
> *Clotilde:* Pé no chão!
> *Martin:* Algodón e fumo (ENTREVISTA, C. Núnes e E. Martinez, 30/07/2016).

Dona Clotilde Nunes afirma que o pai mantinha a família com boas condições econômicas; Martin afirma que, pouco antes de migrar, ele e a esposa viviam bem no Paraguai, enquanto trabalhava como capataz em terreiros de café. Entretanto, as falas ao longo da entrevista, principalmente as de Martin – como quando diz, "naquele tempo rapaz... num é miséria...", deixando subentendido um "porém" – demonstram que viviam de maneira muito simples, em propriedades pequenas e dependiam de uma economia familiar de subsistência. Em outros trechos, enquanto fala de sua passagem pelo quartel, Martin lembra que só usou sapatos aos 17 anos; até então usava um calçado conhecido como plantilha, muito utilizado no contexto agrícola: "[você] conheceu plantilha? É feito de pneu. Igual um chinelo assim, só que encapado [...] e embrulha na perna um saco branco". Entre outras privações, Martin acrescenta:

"calça, assim, só tinha uns dois pares só, agora a gente tem dez, [tem] tanto sapato, botina. Não, e... isso aí não tem lá". Segundo Clotilde: "antigamente era barra pesada. Agora não..." (ENTREVISTA, C. Núnes e E. Martinez, 30/07/2016).

Podemos acompanhar a narrativa de Ursina Penha de Delgado, que chegou a Amambai no início da década de 1960, junto com seu marido, Antônio Delgado Martinez. No trecho a seguir, ela reproduz as palavras de um conhecido – carregadas de ironia – para falar sobre a pobreza no Paraguai:

> O Paraguai é... complicado. A pobreza... E até que é bom, como disse um homem assim:
> – É bom dona Ursina, não fique preocupada que aqui em Capitán Bado estamos sofrendo... por causa da pobreza. Nãão... não temos luz elétrica: não pagamo; não tem esse fim do mês, essa preocupação de pagar energia [risos]; não temos água encanada, tiramo água do poço; não temos SANESUL aí que incomoda. De noite a gente... se não tem vela, dorme mais cedo, e dorme mais [risos]; então pobreza é uma grande vantagem (ENTREVISTA, U. Delgado, 03/12/2012).

A situação social das populações campesinas foi impactada pelo literal abandono por parte do Estado paraguaio e por parte dos partidos Liberal e Colorado que se ocuparam do poder e por ele se debateram durante a história contemporânea do país. Daí ser compreensível que estudos sobre os censos demográficos e agrícolas, trabalhos antropológicos como o de León Cadogan sobre Caaguazú (1967), assim como nossas fontes orais, sinalizem para situações de meados do século XX comparáveis às condições de vida do século XIX.

Uma série de publicações pós-Guerra do Chaco, citadas por Kleinpenning, relativas ao período entre os anos 1940 e 1960, ressaltam o estado de precariedade em que se encontrava o campo paraguaio e fazem menção a uma "dolorosa realidade", a "un país que muere" e a agricultores que "vivian como parias" (2014, p. 432). Na realidade a pobreza rural e as duras condições de vida da população do campo, principalmente a daquelas localidades mais distantes do centro do país, podem ser consideradas problemas de longa duração que se estendem até os dias atuais[28].

1.2.3. "Antigüamente num tem escola. Longe, longe, longe!"

[28] Uma publicação da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) em parceria com a UNESCO apresenta dados de uma escalada da pobreza extrema no Paraguai ao longo da década de 1990, chegando a atingir mais de 15% do total da população paraguaia em 2002 – nas áreas rurais esta taxa chega a 25,6%. De maneira geral, 41% da população rural viviam abaixo da linha da pobreza, ou seja, "sus ingresos son inferiores al costo de una canasta básica de consumo de alimentos, lo cual indica que no pueden satisfacer ni siquiera sus necesidades alimentícias" (CORVALÁN, 2004, p. 30-31; DEMELENNE, 2004, p. 401).

Dentre os paraguaios e paraguaias com quem conversamos (que se enquadram nos grupos *a* e *b* apontados no *item 1.1*), seis tiveram acesso à educação básica de maneira integral; e poucos destes, ao ensino superior. Os demais ou não tiveram acesso à educação formal ou o tiveram de maneira muito precária e parcial, o que corresponde aos anos iniciais. Entre os que estudaram, há em comum o fato de que o fizeram em escolas urbanas; entre estes estão também os mais novos, nascidos nas décadas de 1950 e 1960.

Simona Ramirez, Victor Ledesma e Silvéria Romero são de Pedro Juan Caballero. Na conversa com Silvéria Romero, por exemplo, destaca-se, em diversos momentos, a preocupação dos pais em relação aos estudos dos filhos no sentido de garantir o acesso à escolarização e suprir as condições materiais necessárias. A entrevistada estudou em colégio confessional católico – Perpétuo Socorro –, opção feita em função do tipo de formação propiciada pelo colégio. Os pais arcavam com o custo das mensalidades: "éramos pobres, só que, assim... a prioridade era estudar". Adiante, em outro momento, ela explica que "a preocupação lá era assim: as crianças precisam estudar, então nós tínhamos que ter comida, nós tínhamos que ter casa, nós tínhamos que ter roupa e nós tínhamos que ter estudo; [...] então em idade escolar tinha que ir pro colégio" (ENTREVISTA, S. Romero, 08/04/2017).

Outro imigrante da mesma cidade é Victor Ledesma. Vivendo a infância em sítio, foi registrado como brasileiro em Ponta Porã e teve sua formação escolar no Brasil. Só estudou depois dos 10 anos de idade: "naquela época da ditadura, era muita... muita carência econômica, os pais paraguaios, por conveniência, optavam registrar seus filhos no lado [brasileiro]... pela educação, naquela época de qualidade e... se abrasileiravam... boa parte da população fronteiriça" (ENTREVISTA, V. Ledesma, J. Ledesma e L. Estigarríbia, 10/07/2017).

Tal situação continua muito comum em cidades como Ponta Porã e Bela Vista, cujas escolas costumam receber uma quantidade significativa de alunos paraguaios que atravessam a fronteira diariamente para estudar; uma preferência que pode ser justificada pela – suposta – melhor qualidade do ensino brasileiro, mas também por outros fatores, como a busca por uma escola menos tradicional e rígida, como é o caso das escolas paraguaias (MONDARDO, 2009, p. 16; CARVALHO e BUENO, 2013). Nas palavras de Ledesma, "o fronteiriço é esse, tem hora que cê tá lá, tem hora que cê tá aqui" (ENTREVISTA, V. Ledesma, J. Ledesma e L. Estigarríbia, 10/07/2017). Nessa condição, muito própria às formas de sociabilidade das áreas de fronteira, estudantes, trabalhadores, familiares não fixam residência no país vizinho e não se encontram necessariamente numa situação de migração fronteiriça e sim, de acordo com Cardin e Lima,

numa situação de "mobilidade fronteiriça" – "uma espécie de migração pendular ocorrida em regiões de fronteira internacional" (CARDIN e LIMA, 2016, p. 54, 56).

Ao contrário do verificado nos exemplos mencionados, os imigrantes nascidos entre as décadas de 1920 e 1940 e que viveram infância e juventude na zona rural tiveram pouco acesso à formação escolar. Diversos são os motivos apresentados pelas fontes; na sequência, alguns desses motivos são destacados e seguidos de trechos de narrativas:

a) *A dificuldade de acesso às unidades escolares devido à distância:*

> Estudei muito pouco, porque meu pai trabalhava na fazenda 60 ano e nós tem onze irmão. E nós se formou tudo lá. *É uma fazenda só e mora longe da cidade então nói tem que ir a cavalo no colégio* [...] (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

> **Eudes: Quando a senhora tava no Paraguai, a senhora estudou?**
> Eu não tenho etudo.
> **Eudes: A senhora nunca foi à escola?**
> Nunca. [...] mai eu num estudei, a minha mãe uma coitada que queria, queria que estudasse, *mai antigüamente num tem escola. Longe, longe, longe!* E, mulher já sabe, mulher é uma coisa que... igual um... um virgem, né?, perigoso. Então a minha mãe não deixa e minha mãe tinha assim onze filho e eu a primera; *Ajudei muito, trabalhei muito no serviço de homem e de mulher* [...] [eu e] o Esmael, meu irmão – 70 ano ele fez – nói num lê... por causa disso: é longe da escola, longe, num tem por onde... *a pé, certo, é sacrifício demais, esse ai tem que ir de cavalo.* E também o meu pai nunca fez força, assim; a mãe que... (ENTREVISTA, H. E. Arevalo, 06/12/2011).

b) *A necessidade de trabalhar e contribuir para a subsistência familiar:*

> **Eudes: E o senhor estudou no Paraguai?**
> É... muito pouco, eu num passei do primeiro ano ao segundo. Porque a condição... a pobreza, é demais. Você quer estudá, mais que jeito? Falta tudo, aí num... quatro, cinco, seis mês a professora tá ensinando bem, de repente tem que saí, tem que... (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

> *Aí eu falei... pra... pra mãe:*
> *– "Eu quero estudá, mãe"* [...].
> Até lembro hoje, minha professora chamava Teodora. Mai gosta de mim, gosta! E antigamente tinha prime[iro]... guarani, né? Grado A, grado B e terceiro. Assim que é o nome, né? E me pôs... de tanto inteligente já pôs no terceiro memo. Mai ai estudei gostoso. *Foi, foi, foi... ai com dois/três mês o pai já foi me trazer, precisa demai de mim e trouxe. E fico por isso memo...*
> **Eudes: E a senhora tinha quantos anos nessa época?**
> Acho que tinha uns dez, onze [ou] doze ano... (ENTREVISTA, H. E. Arevalo, 06/12/2011).

c) *A falta de recursos para pagar os gastos necessários com material escolar:*

> Hoje não, hoje já tá melhor, mas na época que eu fui criado num era assim não. E a condição, *num tem, pra compra um livro, pra compra um caderno,* com o que? O governo também num tem. Com certeza era difícil (ENTREVISTA, P. Otero, 21/01/2018).

> [...] no meu tempo, rapaz, num arruma um caderno, um lápis preto de graça, até vaga de particular é difícil (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

d) *E, também, a falta de valorização familiar e de interesse pessoal em estudar:*

> [...] tem um primo-irmão que foi antes no quartel, e dá roupa pra mim, dá caderno, dá lápis e vai estudá. Num fui estudá, parece que num quer estudá. Falá certo. Porque se fosse "eu quero estudá", estudava! E num fui estuda! Dava chance boa pra mim (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2012).

> **Lá no Paraguai, como que era a infância da senhora? A senhora trabalhava quando era criança?**
> *Clotilde:* Ixe. Eu trabalhei. Era uma vida...
> **A senhora nem chegou a estudar lá, então?**
> *Clotilde:* Não. Noi num tinha tempo de estudá; e eu era muito medonha no colégio [...]. Eu não podia estudá, era muito medonha, surrava os outro. [...] Aíií foi indo que não conseguiu estudá, a mãe não me pôs mai no colégio (ENTREVISTA, C. Nunes e E.Martinez, 30/07/2016).

As narrativas ressaltam o esforço de deslocamento para se chegar às escolas, que ficavam nas cidades e quase sempre muito distantes[29]; o uso do cavalo como meio de locomoção; a falta de recursos para a aquisição de materiais. Outras condições que também foram apontadas são, por exemplo, a preferência do pai pelo estudo dos filhos homens, em detrimento da educação das mulheres[30]; a falta de oferta de outros graus para a formação escolar; e a dificuldade com o idioma castelhano, ministrado nas escolas, tendo em vista que a língua materna dos imigrantes das áreas rurais é a língua guarani – as áreas urbanas tendem ao bilinguismo castelhano-guarani (ALCAINE, 2004).

Também parece ser comum que os irmãos mais novos, tendo crescido sob outras condições, sejam aqueles que tiveram maiores oportunidades de estudo e formação, quando comparados aos mais velhos. No primeiro dos itens assinalados, por exemplo, dona Hermenegilda se coloca como a única entre os irmãos – acrescenta depois o irmão Esmael – que, de fato, não chegou a estudar por muito tempo; queixa ou constatação que aparece também em falas de Zildo Araújo e Anatália Sanábria.

[29] Sobre os problemas de repetição e evasão escolar, segundo Rivarola, "por lo general, la situación de tener que desplazarse una distancia considerable para liegar a la escuela conlleva una alta frecuencia de inasistencia, incidiendo en el rendimiento y por ende acrecentando las posibilidades de repetición" (1977, p. 32).

[30] ENTREVISTA, Anatália Nunes Sanábria, 01/12/2012.

Considerando novamente os anos pós-1870, podemos dizer que as condições educacionais do meio rural paraguaio (índices de alfabetização, quantidade de escolas e de professores capacitados, estrutura física escolar, matrícula e frequência das crianças em idade escolar entre sete e quatorze anos, entre outras) sempre estiveram em desvantagem quando comparadas às das regiões urbanas, especialmente às de Assunção. Em 1945 cerca de 69% das crianças em idade escolar não frequentavam a escola primária – em 1962 eram 24% (KLEINPENNING, 2014, p. 438-40). Havia também grande descompasso se comparados homens e mulheres: entre os anos de 1942 e 1972, o índice de analfabetismo feminino nas áreas rurais sempre esteve acima do masculino (RIVAROLA, 1977, p. 95-8). Referindo-se à situação de 1950, Pendle, autor citado por Kleinpenning, resume da seguinte maneira as causas da baixa frequência escolar e do analfabetismo nas áreas rurais:

> La escuela más cercana podia estar demasiado lejos de casa, o simplesmente estaba llena. Los niños debían trabajar para ayudar en la subsistencia de la familia o los padres desconocían el valor de la educación. Agunos niños de familias pobres que deseaban asistir a la escuela no podían adquirir el uniforme, el libro, la tablilla para escribir, el papel, la tinta e el lapicero que eran material obligatorio (PENDLE [1967] *apud* KLEINPENNING, 2014, p. 440).

Em um dos trechos de narrativas citados – "no meu tempo, rapaz, num arruma um caderno..." –, Zildo Araújo fala sobre as decisões que tomou em prol da educação dos filhos e sobre os "privilégios" destes, se comparados à época em que ele, Zildo, viveu no Paraguai. Ressalta a importância da valorização dos estudos, opinião majoritária entre os imigrantes.

Percebemos que, embora não tenham levado adiante os estudos no Paraguai, por opção ou por necessidade, os entrevistados encontram alguma forma de redenção na oportunidade de oferecer aos filhos a educação que não lhes foi proporcionada. Alguns possibilitaram aos filhos uma formação educacional básica que lhes pudesse garantir possibilidades de trabalho e ascensão social; outros, para além disso, contribuíram para que as gerações seguintes tivessem acesso à formação em ensino superior e viessem a ocupar posições consideradas de maior prestígio social. Podemos acompanhar o exemplo de Emílio e Clotilde:

> [...] moremo ali na fazenda 16 ano e dali... faz 40 ano que noi tá aqui. Eles viero montá uma serraria ali, tocá uma serraria e aí noi veio. Mai eu já morava em Caarapó com as criança [pra] estudá. Noi já saimo da fazenda, vendemo tudo que noi tinha pras criança e levá estudá... Caarapó […] *e o nosso nenhum analfabeto num tem* (ENTREVISTA, C. Núnes e E. Martinez, 30/07/2016).

A procura por oportunidades de estudo para os filhos também impulsionou a mobilidade entre os imigrantes no interior do antigo Mato Grosso, assim como os motivou a sair de seu país. Para as autoras Andrade e Pereira, "a população paraguaia em Mato Grosso do Sul, que foi educada pelo trabalho, conseguiu através dele romper as fronteiras do estigma e escolarizar as novas gerações" (2009, p. 17). O senhor Zildo Araújo afirma que voltou do Pantanal para Dourados em função disso, dizendo ao patrão: "'agora eu vou em casa, dá o caminhão que eu já vou embora porque o gurizada tem que estudá' Ai eu veio aí educa e até que algum pegô ainda no estudo; o resto, meu neto, quase todo mundo pegô estudo bom" (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

1.2.4. "Uma família onde a presença da mãe é muito forte"

Neste tópico, abordamos uma temática despertada após gravação com a professora Graciela Chamorro. No início da narrativa de sua história de vida, aponta para o papel primordial de sua mãe como "esteio da família", mulher cuja vida foi dedicada à sustentação e à educação dos filhos em uma família de sete irmãos e irmãs – três homens e quatro mulheres[31]. Ao longo da primeira parte da entrevista, constatamos que a presença da figura da mãe contrasta com a ausência da figura paterna durante boa parte da vida dos filhos:

> Eu nasci em Conceição, que fica a uns 320 quilômetros daqui; uma cidade antiga, fundada no XVIII, 1773, e... nasci numa família matriarcal – vamos dizer – porque *a minha mãe que era o esteio da família. A minha mãe nunca saiu de casa, nunca abandonou a família.* O meu pai, ao contrário, a gente tem uma vaga lembrança dele na infância e depois, já, ele sempre estava em algum lugar e volta e meia ele aparecia em casa. *Então uma família onde a presença da mãe é muito forte. [...] É uma família também muito típica no Paraguai, que... na época as mulheres tinham seu primeiro filho talvez antes dos 20 anos e seu último depois dos 40. Então a minha mãe também. O primeiro filho com 17 e o último com 49.* Então a sua vida foi praticamente esses sete filhos. Foram... eles fizeram parte [o tempo] total da vida dela, ocuparam ela toda a vida. E ela também cuidou da sua mãe e do seu pai, então é nesse sentido também uma família bastante característica no Paraguai, porque a gente cresceu com vô e vó em casa (ENTREVISTA, G. Chamorro, 13/01/2018).

[31] O fato de ter muitos irmãos é algo comum à família de vários dos/as imigrantes entrevistados. Silvéria Romero, nove irmãos: "eu tenho três irmãos e seis mulheres, [são] nove filhos, eu sou a mais velha, eu sou a primeira, por isso eu tive uma participação maior em ajudar meus pais" (ENTREVISTA, S. Romero, 10/07/2017); Zildo, Hermenegilda e Anatália, onze irmãos, respectivamente: "meu pai trabalhava na fazenda, sessenta ano, e nós tem onze irmão" (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011), "e nós se formou tudo lá [no Paraguai]. Somo onze irmão, sete homem e quatro mulher" (ENTREVISTA, H. Arevalo, 06/12/2011), "[somos] onze. Uma falecida, uma menina, e o resto tudo vivo. Tamo tudo esparramado por aqui" (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012); Segundo dona Olímpia, sua mãe teve quinze filhos: "não sei, acho que minha mãe teve também doze filho, quinze, mai faleceu [três], ficô doze" (ENTREVISTA, O. Agüero, 08/04/2017).

Algumas entrevistas, tanto de imigrantes quanto de descendentes, levam-nos a perceber formas de organização familiar que se aproximam da descrita por Graciela[32]. Em muitas das famílias as mulheres – mães e avós – são referidas como figuras de destaque: eram elas que se preocupavam com a educação escolar e familiar dos filhos e que transmitiam muitos dos conhecimentos ditos tradicionais – os costumes religiosos, a lida com as ervas medicinais, as danças, o gosto musical, o preparo dos alimentos.

Muitos dos imigrantes (Marcos Afonso, Conceição Vallejo, Ramão Cabanha, Emilio Martinez, Pedrosa Campozano Sanábria) e dos descendentes (Maria Lúcia Rivarola, Euzébio Lópes, Rosalino Gonzalez) tiveram pouco ou nenhum contato com o pai e tinham na mãe e/ou nas avós mulheres que desempenharam a função de "jefatura" dentro do lar. Vide, a exemplo, a fala de seu Vallejo: "Fiquei com ela, [a avó], trabalhando com ela, ela que me criô, me educô, me deu um pouco de... escola pra vida" (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

Em certos casos, como o mencionado por Graciela em relação à própria mãe, tais mulheres foram as únicas ou as principais responsáveis pela manutenção da casa e pelo sustento dos filhos, que também, depois de certa idade, buscavam ajudar na subsistência da família. Quanto aos trabalhos desenvolvidos pela mãe, Graciela nos informa:

> Então a questão do dinheiro, isso é muito... é muito do manejo masculino, onde o homem tá presente. No caso da minha família, que o homem não estava presente, então, é claro, a minha mãe ela costurava, ela era uma boa modista, né? – como se diz – e ela trabalhava muito e a gente praticamente ficava com a vó. E depois de grande a gente fugia também do quintal e ia pra outras casas pra brincar. Mas a mãe que manejava o dinheiro, porque ela que vendia as coisas que ela fazia ou ela cobrava pelo serviço dela (ENTREVISTA, G. Chamorro, 13/01/2018).

Esse é um fenômeno muito comum na América Latina e debatido pela literatura historiográfica e sociológica a partir do termo "mujeres cabeza de hogar". Segundo Bárbara Potthast, algumas sociedades latino-americanas – inclua-se a sociedade paraguaia – com forte participação feminina no mercado de trabalho, com altas taxas de nascimento fora do casamento – elementos considerados indicadores para "una posición fuerte e independente de las mujeres" – foram qualificadas por alguns sociólogos do século XX como matriarcais. Sobre o encabeçamento das famílias por mulheres, a autora afirma que "la mayoría de las mujeres que

[32] Isso não significa dizer que esse seja o perfil majoritário das famílias aqui referidas. Pouco mais da metade vieram de uma família nuclear tradicional formada por pai, mãe e filhos. Na família de Anatália Sanábria o pai, "um sujeito matuto", era quem exercia o poder sobre as finanças, o trabalho, a propriedade, os relacionamentos (*item 1.3.2*), a educação. Na leitura de Anatália, "ele foi muito bem de vida, só que ele nunca dava direito pra ninguém, só ele que sabia, fazia e desfazia. Nem a minha mãe num tinha direito" (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

encabezan un hogar se encuentran en condiciones económicas poco favorables. Tal vez la jefatura hogar no es una decisión voluntaria, y em vez de ser un indicador de independência es más bien uno de pobreza y marginalidade (POTTHAST, 2015, p. 159-60; 162–186). Assim, Potthast discorda que a sociedade paraguaia seja necessariamente matriarcal, indicando que tais características não impedem, isto é, são compatíveis com uma estrutura estatal, com instituições políticas e com um modelo desejável de família próprios de uma sociedade patriarcal.

Podemos deduzir que, para a mãe de Graciela, criar sozinha os filhos durante a maior parte do tempo não era uma decisão voluntária e sim decorrente de um tipo de postura ou de um modo de proceder – "entre aspas, um '*ethos*'" – que nossa entrevistada identifica como comum entre muitos homens paraguaios à época de sua infância (meados do século XX): "as coisas mudam, né?, mas no Paraguai da minha infância um homem, ele tem... ele é um homem que não fica preso, então existe um pouco de uma reivindicação de liberdade, então o meu pai era um pouco dessa mentalidade" (ENTREVISTA, G. Chamorro, 13/01/2018)[33].

Rosalino Gonzalez, nascido nas proximidades de Bela Vista e filho de pai e mãe paraguaios, de maneira parecida afirma ter sido criado e educado, sobretudo, pela mãe: "[...] a minha mãe sempre tinha esse cuidado, porque sabia que a gente tinha que tá em casa, que estudar, então ela se preocupava nesse sentido com os meninos; e nós tínhamos bastante irmãos. Somos, na verdade, somos nove irmãos. Faleceu três, eram doze irmãos".

O pai, durante a maior parte do tempo, estava envolvido na formação de fazendas no Norte do Brasil e no Sul do antigo Mato Grosso, nas regiões de Jardim e Bonito. Conforme observado pelo entrevistado: "naquela época começava a formação de pastos, essas coisas, e ele fazia a derrubada de árvore, né?, pra fazer a formação de fazenda[34]". Nesse contexto, segundo as lembranças de Rosalino, a responsável pelos filhos sempre foi a mãe.

As lembranças do pai, falecido em decorrência da Febre Amarela, quando o filho ainda era criança, são muito vagas:

> [...] na verdade, no meu caso especificamente quem trabalhava mesmo era minha mãe, ela que sustentava, ela que criou todos nós, porque... meu pai saía, viajava, depois de um ano voltava, ficava dez-quinze dias, um mês, e depois partiu de novo. Que eu me lembre, apenas uma vez...

[33] A partir de pesquisa na internet, verificamos que podem ser encontrados alguns textos de jornais paraguaios contemporâneos que apontam para o tema das mães solteiras e das mulheres jovens que criam seus filhos sozinhas. Os textos associam o fato a uma questão que perpassa a trajetória do país (Un rostro dramático del Paraguay, el país de las madres solteras. In: **Clarin**, 25 de maio de 2009. Disponíve em: www.clarin.com. Acesso em 23/02/2018; La crianza en soledad, una realidad paraguaya. In: **ABC Color**, 16 de março de 2010. Disponível em: www.abc.com.py. Acesso em 23/02/2018).

[34] A questão trazida pelo entrevistado adianta e complementa o tema desenvolvido no próximo capítulo.

> quando eu já tinha 7 ano ou 8 ano, por aí, que ele ficou mais um período de uns seis meses lá. Aí nós fizemos uma plantação de mandioca, milho, essas coisas... e nós derrubamos tudo. Até hoje me lembro que a gente ia capinar junto a plantação, lembro dele vagamente nesse período. Foi... Só vivia meio que fora. [...] A gente teve muito pouco contato com ele; pouquíssimo (ENTREVISTA, R. Gonzalez, 04/12/2016).

Outra narrativa que também relata fatos semelhantes é a de seu Euzébio Lópes, conhecido popularmente em Dourados como Palomita, segundo quem o pai estava periodicamente fora de casa, lidando com boiadas: "Meu pai toda vida foi com boiada, ele saía com boiada lá e ficava 30, 40 dias fora, voltava, as vez ficava 2, 3 mês pra fora, lidando só com boiada". A mãe de Euzébio, nascida em Concepción, criou os filhos mantendo uma pensão em Porto Quebracho, lugar para onde se mudou, após separar-se do marido. Euzébio diz: "[...] minha mãe já fez uma pensão lá e encheu de gente, de paraguaiada lá, e assim ela foi... ela que criou nós. Meu pai andava só pra fora, de lidar com boiada [...] ia pra lá vinha pra cá, de uma fazenda pra outra e assim, mas a minha mãe era de fibra, fibra mesmo! Ela criou nós assim [...]" (ENTREVISTA, E. Lópes, 15/12/2011).

Dona Pedrosa Campozano, por sua vez, também afirma que o pai esteve durante muito tempo no Brasil, tal como o ocorrido nos três casos citados (considerando que o pai de Graciela também migrou e trabalhou no antigo Mato Grosso). Em nosso diálogo, perguntamos a dona Pedrosa se a mãe dela ficava sozinha com os filhos em casa e como os sustentava. A entrevistada respondeu: "[...] é, com os filhos e a minha vó que ajudava ela trabalhá também na máquina [de costura] pra sustentá a família [...] tem que se virá lá, sustentá a família. Porque ela tem nove filho tamém, criô tudo, assim como minha vó" (ENTREVISTA, P. C. Sanábria, 17/09/2017).

Existe longo debate sobre o papel da mulher paraguaia na reconstrução do país após a Guerra da Tríplice Aliança[35]. Em "*Paraíso de Mahoma" o "País de las Mujeres"?*, Barbara Potthast aborda essa questão: no geral, as mulheres compunham a maior parte da sociedade do pós-Guerra – embora, sobre isso, os dados sejam variados e não homogêneos quanto à proporção de mulheres em relação a homens – e estavam presentes em todo o âmbito do trabalho e da vida econômica. Das tarefas essenciais da vida no campo, do roçado, da criação do gado até a extração da erva-mate, praticamente em tudo havia o emprego do braço feminino. Em contrapartida, fontes citadas pela autora demonstram que muitos homens viviam na ociosidade, sendo sustentados por suas mulheres.

[35] Segundo Potthast, na década de 1840, mulheres solteiras estavam à frente de aproximadamente um terço das famílias e, em Assunção, compunham mais de 60% (2015, p. 164). Portanto, a tendência das mulheres paraguaias em encabeçar a direção de muitas famílias não está relacionada unicamente a este momento histórico pós-guerra.

O Paraguai, no olhar de vários viajantes, tornara-se “el país de las mujeres”, e estas, “el sexo fuerte", em contraposição à imagem masculina, do vadio. São citadas ainda outras descrições acerca do trabalho feminino, muito próximas, inclusive, de estereótipos formados sobre a mulher paraguaia. As mulheres pobres vendiam chipas e doces caseiros nas estações ferroviárias; outras levavam, sobre suas cabeças, canastras com produtos para serem vendidos ou cântaros de água retirada de poços periféricos da cidade Asunción (POTTHAST, 1996).

Conforme pontuado, isso não significa que se possa atribuir à sociedade paraguaia o adjetivo de “matriarcal”. Nos textos de Potthast são expostas, sobretudo, as dificuldades de aceitação e de reconhecimento das mulheres como participantes do processo histórico. Por mais ativa que tenha sido a atuação das mulheres, esta atuação era vista pelos homens apenas como complementar às atividades masculinas.

A política e o processo democrático, após 1870, foram impregnados pela corrupção e pela instabilidade, marcaram-se pela agressividade, por meio de sucessivos golpes de Estado e disputas violentas pelo poder. Desse modo, não se apresentavam como um ambiente propício à atividade feminina. As possibilidades educacionais também não alcançaram as mulheres mais humildes; mesmo assim, elas seguiram sendo, ao longo dos séculos XIX e XX, como igualmente o demonstram algumas das lembranças entrevistadas, as responsáveis pela formação familiar e pela manutenção das gerações futuras, numa estrutura familiar em que o pai era cada vez mais distante (POTTHAST, 1996).

1.3. A MEMÓRIA DOS CONFLITOS: A TRÍPLICE ALIANÇA, O CHACO E A GUERRA CIVIL DE 1947

As lembranças apresentadas no decorrer do tópico anterior mostram alguns aspectos do contexto social de onde partiram os imigrantes, tal como as formas de como o lugar de origem é reconstruído pela memória. É importante registrarmos que, nas entrevistas, as falas são, na maioria das vezes, instigadas pelo interlocutor: é preciso questionar, voltar ao assunto, provocar a conversa para que se fale mais sobre os modos de vida, do trabalho, da casa, dos pais. Ao contrário disso, é possível perceber que os temas relacionados aos conflitos internacionais e civis em que o Paraguai se envolveu – entre 1864 e 1954 – aparecem nos diálogos de forma mais espontânea, não isolados uns dos outros, mas relacionados entre si.

Impossível seria tratar aqui dos muitos e conturbados processos políticos pelos quais o Paraguai passou, especialmente, na primeira metade do século XX. Em primeiro lugar, por motivo de espaço e por conta dos interesses deste estudo; em segundo lugar, porque a percepção

que se tem, a partir do conjunto de fontes orais à disposição, é a de que alguns eventos e temas se sobressaem nas lembranças dos entrevistados – a Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870), a Guerra do Chaco (1932 – 1935) e a Guerra Civil de 1947 (muitas vezes referida como Revolução). Outros períodos históricos poderiam ser mencionados,[36] porém, o interessante é o deter-se a um recorte que possibilite estudar como esses momentos trágicos da história paraguaia e das sociedades envolvidas são representados ou trabalhados pela memória dos imigrantes. Sendo assim, gostaríamos de citar primeiramente a definição de Joël Candau sobre a "memória das tragédias", que, pensamos nós, se enquadra muito bem na questão aqui debatida. Esse tipo de memória, conforme Candau,

> [...] pertence aos acontecimentos que [...] contribuem para definir o campo do memorável. Ela é uma interpretação, uma leitura da história das tragédias. É também uma memória forte. Memória dos sofrimentos e memória dolorosa, memória dos infortúnios que é sempre 'a ocasião para se colocarem as verdadeiras perguntas', essa memória deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes e amigos tenham sofrido, modificando profundamente suas personalidades (CANDAU, 2011, p. 151).

A peleja contra a Bolívia, por ter mobilizado milhares de paraguaios e ter ocorrido numa década próxima à infância ou ao nascimento dos referidos imigrantes, não evitou que seus pais e tios fossem convocados ou para o *front* ou para os serviços necessários ao suporte da guerra. O tema da Guerra Civil de 1947, por sua vez, traz consigo lembranças de embates entre Liberais e Colorados. Embates que são, frequentemente, reconhecidos como algo que permeava o cotidiano da época e que estava presente nas famílias em que pai, mãe, avós e avôs se posicionavam politicamente, mas cujas motivações ideológicas, de cada um dos lados, soam bastante nebulosas. Em certas entrevistas esses eventos (sobretudo os relacionados às duas guerras internacionais) não são identificados ou identificáveis: referem-se às "guerras" ou à "guerra" num sentido ora genérico, ora confuso – embaraçados em um tempo histórico aparentemente remoto, em um passado distante.

1.3.1. "Isso tudo é uma história... não deixa de ser fantástica, mas é também uma história real": Tríplice Aliança e Guerra do Chaco

A Guerra da Tríplice Aliança foi o conflito de maior impacto ocorrido na América Latina, no século XIX. Colocou em choque Brasil, Argentina e Uruguai contra a República

[36] A ditadura de Stroessner poderia ser outro exemplo. Esse tópico, no entanto, trata especificamente do período anterior a 1954. Para um trabalho próximo a este que aborda as memórias sobre as ditaduras de Francisco Solano López e Alfredo Stroesser, ver OLIVEIRA (2013).

paraguaia governada pelo *mariscal* Francisco Solano López. A Guerra, como é de conhecimento, culminou com a derrota do Paraguai e teve seu desfecho definitivo em março de 1870, na Batalha de Aquidaban, onde morreu o referido *mariscal*. Durante o embate, parte da população – principalmente a masculina – padece vítima dos confrontos, da fome e de diversas doenças, como o cólera.

Segundo Francisco Doratioto, no início de *Maldita Guerra*, esse foi "o conflito externo de maior repercussão para os países envolvidos, quer quanto à mobilização e perda de homens, quer quanto aos aspectos políticos e financeiros. O enfrentamento [...] tornou-se verdadeiro divisor na história das sociedades destes países" (2002, p.17). Caráter este muito mais acentuado para a sociedade paraguaia, que sofreu as mais fortes consequências sociais, econômicas, estruturais e demográficas, ao ponto de o acontecimento tornar-se um dos pilares – certamente o maior – de sustentação da memória e dos símbolos nacionais, muitos deles alimentados por regimes ditatoriais que se ocuparam por anos e décadas do poder estatal – como os de Higínio Morínigo (1940-1948) e Alfredo Stroessner (1954-1989). Inclusive a historiografia decorrente se viu tomada pela magnitude da guerra e envolta em "una verdadera polarización bibliográfica en detrimento de la investigación de otros procesos, convirtiéndose en el centro nervioso de toda la historia nacional" (BREZZO, 2003).

Embora os imigrantes demonstrem conhecimento quanto à ocorrência da Guerra da Tríplice Aliança, à duração do conflito, e façam por vezes – poucas – ligações entre a Guerra e a trajetória da família, reivindicando, assim, a participação de parentes (bisavós, bisavôs, avós, avôs e até dos pais), estes nem sempre dão respostas ou efetuam narrativas longas em que exponham detalhes do conflito.

Numa miríade de falas sobre a Guerra, alguns temas são mais corriqueiros e acabam se repetindo numa estrutura muito semelhante. É o caso, por exemplo, da "expropriação" do atual território sul de Mato Grosso do Sul que, segundo alguns, antes da Guerra era pertencente ao Paraguai. Assim, por mais que estejam vivendo em país estrangeiro, entendem que, afinal, reconstruíram suas vidas em uma região que historicamente já lhes pertenceu.

Ao falar desse assunto, Olímpia Agüero usa repetidas vezes a primeira pessoa do plural. Para ela: "o Brasil que ganhô *nossa terra.* Eu falo que esse aqui [essa terra aqui] *era nossa.* No Setenta [1870] ele perdeu, né? [...] *Nós perdemo* a terra, que *a nossa terra* – que o meu vô que era daquele tempo, né? – que era de aqui do Rio Brilhante pra cá, até... Ponta Porã. E ele perdeu, *nóis perdemo a terra*" (ENTREVISTA, O. Agüero, 08/04/2017). Segundo Pedro Otero: "o

Paraguai já era proprietário dessa terra antes da guerra de López com Brasil. Aqui, toda essa divisa aqui, o Mato Grosso do Sul é do Paraguai" (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

As memórias estão permeadas por demandas do presente, entretanto, como nos diz Michael Pollak, também é comum que nas memórias de histórias de vida individuais ou nas de construção coletiva permaneçam "marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis", algo como uma memória solidificada[37] (POLLAK, 1992, p. 201). O entendimento de que a parte Sul do atual Estado de Mato Grosso do Sul já pertenceu ao Paraguai é algo muito difundido, por exemplo, na literatura, na historiografia, nos documentários como *Caá: A Forçada Erva*, de Lu Bigatão, na clássica canção *Sonhos Guaranis*, de Almir Sater e Paulo Simões. Essa é também uma interpretação mencionada com frequência e bastante solidificada na memória coletiva dos imigrantes paraguaios.

Vale mencionarmos, como lembra Paulo Queiroz em texto publicado na edição de número 4 da Revista ARCA, que os conflitos entre os países sul-americanos nos séculos XIX e XX "tinham uma dimensão territorial, na medida em que os novos Estados herdavam as antigas pendências fronteiriças de suas ex-metrópoles[38]". Liliana Brezzo aponta na mesma direção quando, na sua interpretação, afirma que essa guerra representou o último grande ato "[de] la disputa fronteriza entre los imperios hispano y lusitano y sus respectivos herederos" (BREZZO, 2004). Assim, sobre as disputas por território entre Brasil e Paraguai, nunca houve consenso ou verdadeiro reconhecimento quanto à demarcação dos limites fronteiriços entre estes dois países até a assinatura do Tratado de Limites de 1872.

Mereles (**cf. Anexo 1**) e Zildo Araújo (**cf. Anexo 2**) são, cada um à sua maneira, aqueles que nos trazem as narrações mais longas e completas sobre a Guerra da Tríplice Aliança. Com início, meio e fim, esses imigrantes destacam episódios representativos e simbólicos da Guerra: o litígio territorial; as recomendações de diplomacia feitas por Carlos López, em seu leito de morte, ao filho; a decisão de Solano López pela guerra e por sua continuidade; o Tratado da

[37] Algumas das pessoas entrevistadas por nós já haviam cedido entrevistas para as pesquisas de outros autores. Ao comparar algumas narrativas citadas nos trabalhos de Danile Chedid e Ceres Moraes (2006) e de Ailson Oliveira (2013) com nossas entrevistas, notamos falas que se repetem, já bastante solidificadas e quase literalmente iguais. Existem duas entrevistas gravadas com Pedro Otero – 2011 e 2018 – que, entre si, apresentam trechos muito próximos que surgem tanto pela livre reminiscência do entrevistado, quanto pelo questionamento ou sugestão de tema pelo entrevistador.

[38] QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Bastidores da Guerra do Paraguai. *In:* **Revista ARCA (Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande – MS)**, n.4, Campo Grande, 1993. p.14. Esta corresponde a um dossiê exclusivo sobre a presença paraguaia em Campo Grande.

Tríplice Aliança, de 1865; a famosa e traumática *Batalha de Acosta Ñú*[39]; e, de forma geral, as consequências de uma guerra que levou o país ao desastre.

O senhor Zildo Araújo conta de maneira interessante os momentos finais de López na *Batalha de Aquidaban*, em Cerro Corá, atribuindo ao cabo do exército brasileiro Francisco Lacerda – ou Chico Diabo – os atos que deram fim à "caçada" ao presidente paraguaio: "ele chego lá, desceu do cavalo, mandô bala pra López e matô ele. O cabo Francisco de Lacerda, ele matô o López [...]. O cabo andô 20 passo assim, atirô, matô ele" (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011). Este momento final, o do presidente que protege – até mesmo engole – a bandeira, profere palavras de memorável patriotismo e morre por seu país, foi reconstruído diversas vezes pela literatura memorialista do pós-Guerra (MAESTRI, 2014) e transmitido pelas gerações na forma de lendas e contos, bem como utilizado com interesses políticos.

Desde o início do século XX, começam a ser fortalecidos os ideais do patriotismo paraguaio que tinham como base: a "era de ouro" da vida nacional após a Independência, ocorrida em 1811; os feitos heroicos do exército paraguaio durante a Grande Guerra; e o movimento de exaltação de Francisco Solano López como mártir e defensor da nação paraguaia (BREZZO, 2003; FERNANDES, 2006). Nesse sentido, junto com intelectuais como Juan Natalicio González – um dos líderes dos *guionistas* do Partido Colorado – o historiador paraguaio Juan Emiliano O'Leary torna-se um dos mais importantes para a formação do *revisionismo paraguaio*, seguido por outros autores paraguaios e latino-americanos (QUINTEROS, 2017).

Tal revisionismo está relacionado não só com a reconstrução da imagem púbica de Solano López[40], mas também com uma nova interpretação dos acontecimentos bélicos referentes à Grande Guerra, convertidos agora em uma *epopeia nacional*. Exaltam o povo vencido e seus comandantes como heróis de uma guerra desigual e consideram as derrotas nas batalhas como "inobjetables glorias nacionales" (BREZZO, 2014). Na interpretação de Liliana

[39] Também chamada de *Batalha de Campo Grande,* ocorreu em 1869, e tornou-se emblemática por ter posto em armas contra os Aliados cerca de 6 mil paraguaios, boa parte deles idosos e crianças entre 14 e 15 anos e (DORATIOTO, 2002, p.415-418). Mereles: "Então morreram... na batalha de Acosta Ñu, lá morreu criança de dez ano com a arma" (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012). Não por acaso, o dia da batalha, 16 de agosto, foi instituído no Paraguai como "Dia del Niño".

[40] Os intelectuais ligados a essa visão ficaram conhecidos como *lopiztas*. O governo Febrerista que chegou ao poder em fevereiro de 1936 com o Coronel Rafael Franco oficializou o culto patriótico aos López e ao ditador José Gaspar R. de Francia. Um dos seus primeiros decretos do novo governo, em 1 de março de 1936, estabelece, "Art. 2 – Declárase Héroe Nacional sin ejemplar al Mariscal Presidente de la República, don Francisco Solano López, inmolado en representación del idealismo paraguayo con sus últimos soldados en la batalla de Cerro Corá, el 1 de Marzo de 1870" (BREZZO, 2003, p. 170). Nas décadas seguintes o *lopizmo* e fundamentaria a ideologia do Partido Colorado e o exercício autoritário do poder no Paraguai (YEGROS, 2010, p. 246).

Brezzo, os textos e a linguagem de O'Leary "creó realidades en la memoria colectiva paraguaya que perduraron hasta tiempos recientes" (BREZZO, 2014). Tornou-se forte, assim, o "sentimento", como nos diz Graciela Chamorro, de que a derrota pode também ser percebida como uma vitória, afinal a honra e o território nacionais não foram entregues e sim defendidos até às últimas consequências: "o brasilêro matô ele lá no Rio Aquidaban. Mas ele... brigô lá, com essa espada que eu tô falando e aí ele engoliu a bandêra paraguaia... pra num entregá o país" (ENTREVISTA, Pedro Otero, 21/01/2018), "não entregô a badêra, e morreu. Se entregasse num existia mais Paraguai, e tava igual... cigano, né?" (ENTREVISTA, Luiz Cardozo, 08/07/2012). Sobre o assunto, Graciela entende o seguinte:

> [...] veja só, é engraçado, mesmo que a gente... A gente acha que ganhou a Guerra da Tríplice Aliança também [...] pode até no caderno e nas pesquisas ser uma coisa, mas eu acho que o sentimento, o sentimento... [...] no senso comum, é... o paraguaio ganhou a guerra, "porque ele não foi vencido!, porque ele defendeu o seu país!, se não hoje seria Brasil e nós não somos Brasil, nós somos Paraguai!, e se tivéssemos perdido o Paraguai num existiria!", é mais ou menos esse o discurso (ENTREVISTA, G. Chamorro, 13/01/2018).

Verificamos que, se por um lado, a figura de Solano López é reelaborada por intelectuais e pelos regimes paraguaios, na medida em que a imagem do ditador, responsável pela guerra, é substituída pela do herói, defensor da pátria e vítima da agressão de seus vizinhos; por outro, tal figura é vista por meio de uma postura crítica, como, por exemplo, na fala de De Los Santos Mereles Lópes:

> Lá [no Paraguai], ele... tem como herói máximo o Francisco López, né?, é o marechal Francisco López. Mai pra mim não. Eu penso diferente... ele morreu pela pátria, o soldado que tinha lá morreu tudo, ele matou tudo o povo paraguaio e vai se entregá, e vai ficá vivo? Porque ele destruiu o país, ele foi autoritário, foi querendo brigar com todo mundo. [...] Deixou o país na mi-séria, essa é a verdade (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012).

Nas narrativas dos entrevistados, Mereles Lópes e Ramão Cabanha, despontam também imagens muito próximas às do revisionismo histórico que representou o Paraguai pré-1864 como um país autônomo, "onde o Estado teria proporcionado a modernização do país e o bem estar de sua população" (DORATIOTO, 2002, p. 19). Segundo essa visão, tal autonomia se contrapunha, à época, aos interesses imperialistas dos ingleses, os mesmos que teriam incitado à guerra e se beneficiado de seu desenrolar. Leslie Bethell, em texto crítico a isso, assevera que, no final da década de 1960, essa visão se torna muito difundida, em especial, na literatura acadêmica. Cita autores importantes como o argentino León Pomer e o nicaraguense Fornos Peñalba (1995, p. 270). Outras referências para a popularização dessa interpretação foram as

obras *Genocídio Americano*, do jornalista Júlio José Chiavenato, e *As veias abertas da América Latina*, do também jornalista Eduardo Galeano.

O entrevistado, Ramão Cabanha, expõe: "Porque aquela guerra... É esse! Deixa eu te contar: Paraguai era rico, grande! E todo mundo tinha inveja dele. Ai teve a Triple Aliança, cinco ano. Esse cinco ano durô e cada um levô uma terra, porque isso aqui era nosso, essa terra" (ENTREVISTA, R. B. Cabanha, 01/02/2013). Mereles constrói sua interpretação baseando-se em leituras que fez sobre a Guerra – provavelmente, em leituras da obra de Júlio José Chiavenato – assim como em histórias que ouvia da bisavó que, de acordo com ele, esteve após a guerra entre as mulheres residentas[41]. Outros trechos de sua narrativa mencionam a irlandesa Elisa Lynch, esposa de Solano López, e os lendários "enterramientos de oro", episódios que, consoante com Liliana Brezzo, "fomentaron una literatura instalada en difícil equilibrio entre la realidad y la fantasia" (BREZZO, 2015).

Para Mereles, a Guerra da Tríplice Aliança ocorreu devido ao desenvolvimento econômico e social que vinha sendo apresentado pelo Paraguai durante os governos republicanos de José Gaspar Rodrigues de Francia e Carlos Antônio López, entre os anos de 1811 e 1862. O Paraguai, diz Mereles,

> [...] foi o primeiro país a ter telefonia, ferrocarril, o trem e tal. E... a moeda dele era ouro, puro, maciço. Tinha fundição de ferro. Tudo isso ai. [...] E a Inglaterra, armou essa guerra, com medo de perde o mercado. O mercado para o Paraguai, que ele cresceu, tava crescendo na América do Sul, com... por isso que armou a guerra (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012).

Mesmo correndo certos riscos, podemos dizer que muitas das narrativas dos imigrantes estão relacionadas ao mencionado *revisionismo histórico* que ganhou força ao longo do século XX, tornando-se algo que paira tanto sobre a historiografia quanto sobre o senso comum, não só no Paraguai como também em outros países da América Latina.

Se um assunto leva a outro, a guerra contra o Paraguai, em consequência, traz à tona memórias da Guerra do Chaco, ocorrida entre Paraguai e Bolívia: uma disputa pela região do Chaco Boreal, no período de 1932 a1935, decorrente de contendas quanto à definição dos limites desses países que se arrastava desde o século XIX. Disputa em que o Paraguai saiu-se vitorioso. As mobilizações militares, segundo Ricardo Scavone Yegros, "limpiaran el honor

[41] Com o abandono de Assunção, durante a Guerra, formaram-se duas categorias de mulheres "condenadas ao êxodo": as *destinadas* – consideradas traidoras – que "foram enviadas à localidade de Yhú e depois a Espadín [...] onde se instalou um campo de concentração para elas"; e as *residentas* que foram "condenadas a seguir o exército paraguaio em sua também *via crucis*, cruzando o país de sul a norte" (SILVA, 1998, p.52).

nacional ultrajado, poniendo fin a lo que se calificaba como intransigencia del adversario para reconocer las pretenciones íntegras de cada país" (YEGROS, 2010, p. 238).

Os motivos do conflito perpassavam interesses econômicos e territoriais de paraguaios e bolivianos. O interesse dos paraguaios ligava-se principalmente à criação de gado bovino e às indústrias de quebracho; aos bolivianos interessava o controle do Chaco, que significava uma forma de acesso ao rio Paraguai e à Bacia do Prata. A explicação pela via imperialista também foi bastante difundida, a qual atribuiu o desencadeamento da guerra ao incentivo de empresas internacionais – Standard Oil of New Jersey e Royal Dutch-Shell – com interesse nas reservas de petróleo descobertas no Chaco (MONIZ BANDEIRA, 1998, p. 180; REYES, 2009, p. 178). Essas interpretações aparecem em diversas falas tanto de imigrantes quanto de descendentes. Eles atribuem as causas da guerra ao interesse boliviano em tomar o território paraguaio. No recorte a seguir, o senhor Ramão Cabanha, após discorrer sobre a Guerra da Tríplice Aliança, aponta sua visão acerca das causas que levaram à Guerra do Chaco:

> [...] depois daquilo todo mundo já tem, já pegou um pedaço de terra do Paraguai, todo mundo queria um pedaço de terra e a Bolívia falou assim:
> *– Bom, agora é minha vez, vô querê um pedaço também, né?, todo mundo tomou um pedaço do Paraguai, da terra, o Paraguai já ficou pequeno, agora é minha vez.*
> *Ai eles vieram em cima de nós*, em cima do Paraguai. Só que a Bolívia queria saída pro mar, porque ele não tem rio, saída pro mar, sai reto pelo Chaco, na fronteira. E a nossa fronteira no Paraguai... lá no fundo é Bolívia [...] então tem que invadi, tem que atropela a nossa fronteira pra poder entrar no rio Paraguai. *E daí então teve a guerra... torou o pau! O Paraguai brigou com a Bolívia no facão, no machado...* (ENTREVISTA, R. B. Cabanha, 01/02/2013).

Conforme apresentado pela *Tabela 1*, no início do capítulo, os/as imigrantes nasceram após a Guerra do Chaco, com exceção de Pedro Otero que nasceu em 1924. De acordo com sua fala, viveu parte da infância durante o período da guerra, em Concepción, de onde retornou com a família para Horqueta ao final, em 1935: "essa [guerra] eu participei mai era guri. Num aprendi nada, só que nói ajudava um pouco, eu tinha que catar laranja, essas coisas pra mandá [...] acabô o gado, acabô tudo. Levava cavalo, égua, tudo, pra usá [e ia] gastando as coisa". Nas duas entrevistas sua fala articula a Guerra da Tríplice Aliança e a do Chaco associadas à trajetória da família que, após 1870, dirigiu-se até a região de Horqueta – vale-se de uma memória transmitida oralmente a ele pelo avô que teria vivido esse processo.

Os desgastes decorrentes da Guerra do Chaco, como a falta de trabalho e a pobreza vivida foram fundamentais para a decisão tomada por um dos tios de Pedro e, em seguida, por Pedro, no sentido de migrar para o Brasil. Acompanhemos:

> Porque [é] assim a história minha que eu recebi do meu vô. Quando terminô a Guerra aqui no Cerro-Corá, 1870, o que sobrou... o que sobrou da guerra, ai sobrou um padre e um general, parece, esse o tal general Caballero [...] ele vai empurrando o povo, criança, é a pé, num tem condução, até chega lá onde nóis mora[va]. Porque lá tem o olho d'agua, bonito, e um pouquinho limpo assim o terreno e pra cima é mata até chegá em Conceição. Fica uns, 50 km de Conceição, do porto. E assim por diante, se criaro de novo o Paraguai lá. Inclusive ele falo pra nóis que num tinha gado, num tinha vaca nenhuma. [...] E quando eu tava com nove, dez ano já tinha vaca de novo. *Ai a guerra da Bolívia com Paraguai levou tudo de novo; comeu tudo, o que vai fazer?* [...] Ai acabou a Guerra eu vim com minha mãe, com meu tio, ai na nossa casa [em Horqueta]. Ai ele começa lavrar a terra com inchada, carpi, planta [...]. Meu tio soldado já num fico mais lá, veio aqui no Brasil (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

Ainda que não façam parte dos acontecimentos que, no geral, tais sujeitos tenham vivido, eles conviveram diretamente com aqueles que lá de fato estiveram, ouvindo-lhes as histórias e experiências que seriam transmitidas às gerações seguintes – embora, é possível, tais memórias tendam a se esfacelar aos poucos à medida que as gerações descendentes vão perdendo seus vínculos e se distanciando no tempo, no espaço e em seus interesses. Conforme diz Candau, "certas camadas geracionais, como aquelas dos imigrantes de segunda geração, são, frequentemente, gerações sem memória, e por isso não tem mais nada a transmitir" (2011, p. 142). Assim, herdadas por meio da família, as memórias da Guerra do Chaco são muito mais próximas – ou íntimas – posto que, nessa guerra, raros são os entrevistados que não tiveram familiares envolvidos: alguns atuaram no suporte logístico, outros no *front* de batalha; alguns voltaram ilesos, outros com sequelas ou, ainda, quedaram mortos.

Entre páginas de entrevistas transcritas e exemplos que mencionam a participação de familiares na Guerra do Chaco, selecionamos recortes das falas de Anatália Nunes Sanábria e de Graciela Chamorro, as quais ilustram muito bem a questão exposta.

Graciela faz considerações sobre sua mãe que ia junto de sua avó ao porto de Concepción esperar notícias dos parentes próximos que estavam no campo de batalha do Chaco; Anatália conta a experiência do pai – que foi escondido para a guerra com apenas 15 anos – e dos tios, dentre os quais, um foi ferido e outro a família nunca mais teve notícias:

> Da família da minha mãe foram cinco... cinco irmãos para a Guerra. Dois morreram na guerra e três voltaram, e tinham... eram "lisiados de guerra", era uma categoria mais heroica do que só combatente, eles foram feridos. O meu pai também trabalhou, ficou três anos na guerra.A minha mãe e a mãe dela elas iam até o porto onde chegavam os feridos pra ver se os irmãos, os tios, alguém estava ferido e para ter notícias, né? Então, isso tudo, imagina: eu vejo minha mãe caminhando 25 quilômetros pra chegar a Conceição e ir até o porto e aquela angústia de esperar pra ver se vem alguém. *Então isso tudo é uma história... não deixa de ser fantástica, mas é também uma história real*, porque... tem os tios mortos e... tem os tios feridos e com esses tios a gente cresceu e esses tios também contavam essas histórias (ENTREVISTA, G. Chamorro, 13/01/2018).

A senhora já ouviu falar na Guerra do Chaco ou teve algum parente que participou?
Meu pai. Meu pai, meu tio. Dois tios meus.
Eles lutaram na Guerra do Chaco?
Dois voltou, o meu pai e o meu tio, e o mais velho que sumiu depois que termino. Meu pai quando foi nessa guerra ele tava, é... ele só tinha 15 anos. Que ele era de 1918, né? Aí meu tio como era sargento e o outro mais velho, eles que levaram ele no meio de carga, de troço, de... Porque era carro de boi que eles tinha, né, pra carregá as coisas pra o acampamento, e no meio dessas mercadoria ele levo o meu pai escondido, porque num podia, né?, era criança ainda, mas ele quis ir e foi. [...].
E ele contava muito pra vocês sobre quando ele foi pra essa guerra?
Era muito difícil porque ele não era de conversá com a gente. O meu tio, irmão dele que conversava, mas ele não.
E o seu tio chegou a contar?
Ele contava assim, porque meu tio ficou até... Porque ele lutou na linha, né?, e ele contava, assim, a história de um... um casal foi pra essa guerra, dois irmãos (uma menina e um homem) e como eles eram já órfão ele levou a irmã como se fosse homem e foi. E meu tio contava que diz que ficava na linha de guarda, né, ele com a mulher, e ele fala assim:
– Puxa vida, se soubesse que era mulher namorava [risos].
Brincadeira. Ele levou tiro e ai ele ficou assim, os três dedo ficou duro.
Levou tiro onde? Em que parte do corpo?
Na paleta, atrás. E pra você vê, porque só os boliviano que tinham arma. Foi um tiro que, puxa vida, a sorte dele é que não morreu. Ele faleceu não faz muito tempo, depois que meu pai faleceu. [...]
Seu pai ficou até o fim da guerra?
Ficou, até o fim da guerra! (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

Observamos que Anatália, no momento final de sua fala, afirma: "só os boliviano que tinham arma", reproduzindo uma memória muito marcante e frequentemente repetida de acordo com a qual ao longo da Guerra do Chaco o exército paraguaio estivera em constante desvantagem em relação às forças bolivianas, principalmente quanto à falta ou à defasagem de armamentos. Noutras palavras, "o Paraguai não tinha armamento. Tinha um fuzil daquele velho, quatro, cinco tiro esquentava tudo. E a Bolívia tinha armamento, daquele tempo, moderno; metralhadora e tal" (ENTREVISTA, De Los Santos Mereles Lópes, 06/06/2012).

A Guerra, segundo dizem, foi vencida graças à astúcia e à bravura dos soldados paraguaios que desenvolveram habilidosas estratégias, chegando mesmo à luta corporal com seus inimigos. Mereles diz ainda que "chegava na trinchera e matava com machete, com facão, o boliviano" (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012). Na versão de Emílio Martinez, "a Bolívia queria tomá o Chaco, aí brigaro, e o Paraguai num tinha armamento nenhum, foi só no facão e na sabedoria" (ENTREVISTA, C. Núnes e E. Martinez, 30/07/2016).

O avô materno de Adair Rojas, descendente de mãe paraguaia, também foi combatente durante a Guerra do Chaco. Conforme Adair, o avô contava as histórias da Guerra, especialmente as vitórias em que os soldados haviam combatido com facões, foices e machetes:

> **Tem algum parente seu com histórico de ter participado de alguma revolução ou lutado em alguma guerra, como a do Chaco?**
> Meu vô, [...] o pai da mãe que me criou era, combatente, que fala. Lutou na Guerra do Chaco lá contra a Bolívia. Ele era combatente. [...]
> **O senhor chegou a conhecer ele?**
> Cheguei.
> **E tinha muita coisa que ele falava sobre isso?**
> Vixe! Direto falava pra nós, cara, como que era a história da Guerra do Chaco. [...] Acho que a Bolívia queria tirar uma parte do Paraguai, lá no Chaco, né, queria tirar a terra. [...] O Paraguai já é pequeno, ai a turma brigou pra defende a terra dele. [...] e o Paraguai antigamente num tinha arma. É só marchete e foice memo, o cara brigava, se enfrentava no acampamento. Vai lá... de noite, de madrugada, no acampamento dos boliviano, entra e vai cortando com marchete. Assim que eles falavam, num sei se é verdade ou mentira, num sei. Mas deve ser verdade, antigamente era assim que os cara brigava. [...] O boliviano tinha arma de fogo, mas o Paraguai acho que num tinha (ENTREVISTA, A. Rojas, 14/06/2013).

Alguns autores salientam que, mesmo saindo derrotada, a Bolívia efetivamente iniciou a Guerra com vantagens materiais muito superiores às do exército paraguaio, opondo cerca de 200 a 250 mil de seus homens contra 140 mil paraguaios, contando ainda com um corpo oficial preparado por alemães e fortificações espalhadas pelo território chaquenho (LEWIS, 2002, p. 188). Entretanto, na prática, as dificuldades bolivianas no Chaco foram também enormes devido à dificuldade de adaptação de seus soldados, que foram vitimados por conta da inospitalidade da região e das distâncias que dificultavam o abastecimento dos víveres necessários; de tal modo, a "resistência física mostrou ter um valor muito maior à capacidade militar, ao tamanho do exército ou ao seu treinamento" (REYES, 2009, p. 77).

A princípio, os paraguaios encontravam-se mais aptos para essa Guerra, tendo em vista que conheciam melhor a região, possuíam maior quantidade de vias férreas e fluviais de acesso e uma parte da população estava mobilizada nos esforços de guerra (DIAZ, 1982, p. 95; YEGROS, 2010, p. 241-2) – entre essa população, não à toa, teríamos Pedro Otero, que diz ter vivenciado alghuns momentos, assim como os pais de Anatália Sanábria e Olímpia Agüero, atuaram no apoio logístico da Guerra. De acordo com Paul Lewis, "los soldados paraguayos tenían más espíritu combativo y se adaptaban al tórrido clima del Chaco mejor que los infortunados indios bolivianos que habían sido reclutados obligatoriamente en sus poblados del frío altiplano" (LEWIS, 2002, p. 188). Calcula-se que, ao final, a Guerra tenha vitimado 36 mil paraguaios e mais de 50 mil bolivianos (YEGROS, 2010, p. 242).

Não deixa de ser intrigante a constante menção dos paraguaios e paraguaias às vitórias conquistadas "no facão [e] no machado", apesar de não demonstrarem de forma concreta a qual momento específico da Guerra essa memória se refere. É muito provável que os imigrantes

estejam fazendo menção ao primeiro ataque boliviano ao forte de Nanawa, ocorrida em fevereiro de 1933, resultando na morte de aproximadamente 3 mil bolivianos.

Ao ponderar sobre a memória das tragédias, Joël Candau lembra e cita vários exemplos em que a identidade de um grupo se constrói em boa medida apoiando-se também na memória das guerras e batalhas (CANDAU, 2011, p. 152). Apesar de nunca nominada – com exceção da narrativa de Victor Areco, baseada nos relatos do pai ex-combatente (cf. recorte sobre Nanawa no **Anexo 3**) –, Nanawa, ao lado de Acosta Ñu e Cerro Corá, são batalhas que se tornaram símbolos nacionais de bravura e heroísmo.

1.3.2. "Eu tava de em pé, assim, no esteio, e veio a bala de fuzil...": 1947, tempo de "Revolución"

Após a Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, e a formação dos dois principais partidos paraguaios, o Partido Liberal (Centro Democrático – CD) e o Partido Colorado (Asociación Nacional Republicana – ANR), em 1887, tornaram-se frequentes conflitos como guerras civis, revoluções e golpes de estado (por vezes decorrentes de conspirações no interior dos partidos situacionistas). A transferência do poder entre esses grupos e a convivência política com opositores eram pouco pacíficas e estavam frequentemente ameaçadas. Ainda no século XIX, conforme destaca Liliana Brezzo, "el sector republicano-militar [Colorado] dejaba entrever claramente que no iba a consentir un sistema de partidos competitivo que permitiera poner en juego, de una manera más o menos limpia, el poder político central" (BREZZO, 2010a, p. 210). Apesar disso, o Partido Liberal desbancou os colorados e alcançou o poder no ano de 1904.

O contexto político do século XX, pré-Stroessner, chegou a envolver ao menos quatro partidos políticos[42] e muitas dissidências nos dois partidos principais, associadas especialmente àqueles setores ligados ao exército. Entre os anos de 1904 e 1940, o poder esteve nas mãos dos liberais, exceto durante curto intervalo de tempo, período de 1936 e 1937, em que os revolucionários do Partido Febrerista colocaram a presidência nas mãos do coronel Rafael Franco. Destarte, estas primeiras décadas se mostraram extremamente conturbadas, de modo que os constantes desentendimentos entre Liberais e Colorados, "convirtieron al Paraguay en escenario de la más terrible anarquia" (BREZZO, 2010b, p. 201) – uma conjuntura ao mesmo

[42] Acrescentando-se os partidos Febrerista e Comunista, o último mantido durante a maior parte do tempo na ilegalidade.

tempo decorrente da fragilidade e da dificuldade do partido Liberal em conseguir manter seus presidentes no governo sem interrupções.

Tal situação não só ameaçava a população, como deixava à margem dos interesses políticos questões sociais urgentes, a saber: a distribuição das terras agrícolas, a pobreza rural, a baixa escolarização, a exploração abusiva do trabalho nas regiões extrativas e ervateiras, a mortalidade infantil, entre tantas outras (YEGROS, 2010, p. 232).

Em seguida, na década de 1940, após a instituição de uma nova Constituição e a inesperada morte do presidente José Félix Estigarríbia, assumiu o governo o então ministro de Guerra e Marinha, general Higinio Morínigo, que governou o país até 1948. A princípio Morínigo se aliou majoritariamente ao exército e a alguns intelectuais católicos conservadores vinculados ao periódico *El Tiempo* e, após ensaiar uma abertura à democracia que nunca se concretizou durante seu mandato, aproximou-se da ala mais à extrema direita e violenta do partido Colorado, conhecida como *guión rojo*, oposta aos colorados da ala conhecida como "democrática" (LEWIS, 2002, p. 197-8). Apesar de muito se associar Morínigo ao coloradismo, o período febrerista e os anos entre 1940 e 1946, na realidade, são os únicos, durante mais de um século de história paraguaia, em que a direção política do país não esteve sob o controle ou influência dos partidos Colorado ou Liberal; é também durante essa década que os militares aumentam sua influência sobre a política do país (ABENTE, 1996, p. 246-7).

Durante esse período, conforme Yegros, impôs-se à população um regime autoritário que esteve de costas à cidadania, cerceou as liberdades políticas e controlou a imprensa do país (YEGROS, 2010, p. 252). Nesse contexto, os partidos políticos de oposição foram colocados na ilegalidade e muitos de seus membros foram perseguidos, presos ou exilados, principalmente na Argentina. Esse estado de instabilidade, iniciado no final do século XIX, culminou, em março de 1947, em uma violenta guerra civil[43].

[43] A maioria dos entrevistados/as se refere ao conflito ocorrido na região de Concepción, em 1947, por meio do termo "*revolução*" ou, no espanhol, "*revolución*". Além disso, encontrou-se facilmente o termo em muitas das referências consultadas, bem como em diversas páginas da web, entre portais, fóruns, periódicos digitais e redes sociais. Neste trabalho, porém, será feita a opção pelo termo "*guerra civil*", conforme é utilizado por autores como Lewis (2002) e Yegros (2010). Também se deve levar em conta, segundo escreve Reinhart Koselleck, que o conceito de "*revolução*" não tem um significado preciso, afinal "sofre variações dramáticas de um país a outro, de uma situação política a outra". De acordo o mesmo autor, tal expressão guarda, desde a Revolução Francesa de 1789, "possibilidades semânticas flexíveis, ambivalentes e ubíquas" (KOSELLECK, 2006, p. 62). Vale lembrarmos, nesse sentido, que no século XVII essa palavra (de inspiração renascentista) possuía um significado político muito menos "progressista" e mais relacionado à ideia de retorno a um estado de coisas anterior, a um ponto de partida (PASQUINO, 1998, p. 1123; KOSELLECK, 2006, p. 64). No caso do conflito paraguaio de 1947 – até certo ponto comparável à Guerra Civil de 1932, ocorrida em São Paulo contra o governo de Getúlio Vargas, igualmente conhecida como "*revolução*" e cujos revoltosos também saíram derrotados – não se verifica um movimento que tenha levado à alteração do *status quo* e à introdução de "profundas mudanças nos sistemas político, social e econômico" (PASQUINO, 1998, p. 1122).

Em seguida o Paraguai ingressou em um período de 35 anos de ditadura do Partido Colorado, sob o comando do general Alfredo Stroessner que, assim como Morínigo, levou adiante a perseguição aos seus opositores liberais, comunistas e febreristas.

Recentemente, em 2012, a quebra do processo democrático paraguaio pôde ser novamente observada no *impeachment* contra o presidente Fernando Lugo, que havia assumido o Executivo no ano de 2008. A tendência às tensas relações políticas entre os partidos de situação e oposição, demonstrada pelo último século da história do país, explica o porquê das muitas referências entre imigrantes a tais conflitos partidários, expostos por eles não raro a partir das dicotomias entre o Liberal e o Colorado, o Azul e o Vermelho, o 18 de Outubro e o 11 de Setembro (dias comemorativos, respectivamente, dos dois partidos).

Na realidade, entre os temas abordados neste *item 1.3.*, a política partidária paraguaia e a Guerra Civil de 1947 são os que levam às mais longas e frequentes digressões.

Nesse sentido, ao que as fontes indicam, paraguaios e paraguaias trazem na memória um país carregado de momentos fratricidas – com destaque para o ano de 1947 –, haja vista trechos do tipo "*é paraguai com paraguai*, é Colorado e Liberal. Demorô sete mês isso. [...] Lá era briga mesmo, era guerra!" (ENTREVISTA, Ramão Cabanha, 01/02/2013); ou então, "é *sangue com sangue*, né?, Liberal com Colorado" (ENTREVISTA, Olímpia Agüero, 08/04/2017). Por conta desse histórico turbulento de "brigas" internas e de golpes, a destituição do presidente Fernando Lugo, ocorrida semanas antes da entrevista com Luiz Cardozo – descendente de paraguaios criado durante a infância e a juventude no Paraguai – é mencionada por este com desconfiança e preocupação, vista quase como uma ameaça:

> **Eudes: [...] e agora, por exemplo, o que ocorreu lá no Paraguai recentemente...**
> ...então, isso aí é um perigo lá. Isso aí é um perigo pra sair uma revolução, alguma coisa; *lá é ele mesmo com ele*, lá. *Lá cê não fica sossegado igual aqui*.
> **Alan: Depois dessa ditadura do Stroessner o pessoal ficou com muito medo lá, de outro golpe?**
> É, num saiu mais, graças a Deus, desde 47 num saiu mais nada, revolução essas coisa, né, mai... é perigoso, *o Paraguai lá são... são briguento, quer briga [risos] juntam memo, o Liberal com Colorado.* [...] esse presidente que tava aí [Lugo] era liberal, já tiraro agora, né? E *aí que tá o perigo, aí o militar entra no meio* (ENTREVISTA, L. Cardozo, 08/07/2012).

Fazendo um parêntese antes de entrarmos no tema da Guerra Civil de 1947, propriamente dito, ressaltamos que as fontes orais indicam que essas questões não se restringiam aos altos escalões da política nacional e que o sentimento ideológico não se impunha apenas de cima para baixo, mas atravessava o cotidiano em diversas situações; estavam, a exemplo, presentes nas relações entre os vizinhos, fazendo com que cada uma das

famílias, cada um de seus membros tivessem dada orientação política. Segundo alguns imigrantes, era possível identificar a "filiação" partidária das famílias da vizinhança, inclusive, pelo sobrenome que carregavam: "como o Paraguai é um país pequeno e lá as pessoas se conheciam mais... pelo sobrenome já sabia... é família colorada, é família liberal, é família febrerista" (ENTREVISTA, Silvéria Romero, 2017). Graciela Chamorro, proveniente de uma família de posição liberal – os avós maternos foram afetados pela Guerra Civil; e o pai, pelo mesmo motivo, migrou e permaneceu durante alguns anos no Brasil – aponta, a partir de suas memórias de criança, a presença dessas tensões entre as famílias de seu bairro e entre as das proximidades de onde passou a infância na cidade de Concepción. Em seu entendimento:

> No Paraguai sim, claro, isso era muito presente. A gente sabia tudo quando criança pequena já, na rua quem era de qual partido; a gente sabia já, isso, né? Então... a gente... quando criança ainda brincava, assim, mas de repente podia... dava um crespe [tensão, conflito, rusga] e ficava uns dias sem ir naquela casa ou sem brincar, porque os pais podiam se... se enfrentar (ENTREVISTA, G. Chamorro, 13/01/2018).

O posicionamento político também figurava como importante no momento de se definirem os relacionamentos e namoros, especialmente entre as famílias mais tradicionais e aferradas aos valores de seus respectivos partidos. A mistura de ideologias diferentes em uma mesma família poderia ser vista como um problema, podendo levar mesmo à proibição dos namoros. Entretanto, isso não necessariamente impedia que pretendentes liberais namorassem com moças de famílias coloradas ou vice-versa, mas poderia ser motivo para a fuga de casais para outra cidade, ou para outro país. Segundo Anatália Nunes Sanábria, sua família de origem paterna era de orientação liberal – "a minha vó, a mãe do meu pai, era uma senhora extremamente... e todos os filhos era liberal, né? A minha vó num usava outra cor de roupa a num ser azul, tinha que ser azul" – ao contrário da família de origem materna: "o pai da minha mãe era colorado" (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

Em razão desse desencontro, segundo a entrevistada, o casamento entre seu pai e sua mãe só pôde ocorrer com a condição do cumprimento de um acordo entre as duas famílias:

> [...] quando a minha mãe foi casar com meu pai, o casamento aconteceu por quê? Porque o pai da minha mãe falou pra meu pai que nunca – ele tinha que fazer o compromisso lá com ele – que nunca tinha que vestir a mulher dele de roupa azul. E ele assinou e ele cumpriu isso. E a minha mãe por si nem estampa azul vestia. Pode ganhar, mas ela descartava. Isso é bonito também porque ai num tinha essa rixa de querer impor depois. Ele respeitou muito (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

A fala de Anatália sobre os liberais e colorados é muito significativa, posto que o acordo descrito ia além do mero vestuário, significava ou simbolizava a não imposição de uma ideologia sobre a outra. Isso demonstra, ainda, a eficácia e a penetração dos elementos simbólicos que tiveram que ser construídos pelos partidos políticos, ainda durante suas formações, para poder angariar o apoio das massas em todo o país, num contexto, como já vimos, predominantemente rural e iletrado. De acordo com Abente, "los partidos tuvieron que desarrollar una extensa maquinaria de influencia política y una identidade distinitiva" (1996, p. 248). Talvez as cores atribuídas às bandeiras, às roupas, às fitas ou aos lenços[44] sejam os principais símbolos dessa cisão, no entanto, ocorrem também alusões às datas comemorativas, às polcas dos partidos que, ao longo das gerações e ainda hoje, podem produzir nos indivíduos um forte sentimento de identificação.

Partindo do entendimento de que tais questões atravessam os recortes temporais estabelecidos pelos eventos políticos de ruptura, como os dos anos de 1904, 1947 ou 1954, entre outros, não é difícil que, mesmo na migração, em outro contexto social, os indivíduos continuem carregando "as cores do partido", reconhecendo-se como liberais ou como colorados.

Como diz Anatália, "contava muito as cores da pessoa"; o pai dela, que era Liberal, também chegou a determinar por muito tempo os relacionamentos das filhas, "lá no Paraguai era o Liberal e Colorado, e você não podia namorá o filho de colorado, porque o meu pai era liberal. Então é assim, sabe, tudo isso era problema... pra ele". Conforme indica a narrativa, essa questão ficava estabelecida e subentendida no interior da família, pois passava antes pelo crivo da mãe e dificilmente chegava ao pai. Assim, a entrevistada prossegue: "tinha que saber, você tinha que saber. Minha mãe que intermediava tudo [...] não chegava nele não [no pai], tinha que saber muito bem, nossa" (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

O casal Clotilde Nunes e Emílio Martinez também nos apresenta exemplos cotidianos sobre o assunto. Ela é de família colorada, e ele, de família liberal. Apesar de Martin relativizar as tensões, dona Clotilde deixa claro, por várias vezes, o desconforto que um namorado do partido Liberal significava para seu pai:

> *Clotilde:* Ele é liberal e eu sou colorada [risos] [...] quando nois era juventude ele [Martin] era liberal e o [meu] pai... isso não aceitava nem que a vaca tussa, mai nunca!
> **A família do senhor é liberal?**

[44] "Balbuino: Que o colorado, ele... como se diz, ele tem um lenço... / Taní: Tem que ser o lenço vermelho! Aqui e aqui [aponta para o pescoço] [...] E o liberal também tem que ter um lenço azul, aqui ó [mostra um pano azul], esse é azul! E por isso que eles brigaram lá! Já pensou?" (ENTREVISTA, T. Martins e B. Agüero, 16/12/2011).

Emílio: É.
Clotilde: É liberal.
Emílio: A maioria.
Mas chegou a ter algum problema lá por que era liberal?
Emílio: Não. Nois nunca briguemo, nada. [...] Não, nois, sempre amigo, irmão dela e... primo, tio, tudo meio amigo.
Clotilde: [vozes sobrepostas] Tudo, tudo amigo. Mas esse... o meu pai era muito fanático, negócio de namoro, essas coisa...
E como é que ele aceitou depois?
Clotilde: Ah, mas não aceita, namorava escondido [risos de Martin].
Nunca aceitou então?
Clotilde: Nãão, ah, que!... num aceita!
Emílio: Ele me chamava de liberal amarelo.
Clotilde: Éhhh...
Por quê?
Clotilde: Num gosta, num gosta. *Liberal num esquentava cadeira na minha casa, não* (ENTREVISTA, C. Núnes e E. Martinez, 30/07/2016).

Um dos pontos altos do processo que opôs, historicamente, liberais e colorados foi a mencionada Guerra Civil de 1947, mobilizada por febreristas, militares jovens e ex-combatentes da Guerra do Chaco, descontentes com o governo de Higinio Morínigo. O estopim foram o fracasso do Governo de Coalizão e da abertura democrática, ensaiada esde 1946, porém descumprida por Morínigo. Em 13 janeiro de 1947, após a saída dos febreristas do Governo de Coalização por conta de desentendimentos em torno da criação do *Ministerio de Trabajo e Previsión Social*, o presidente formou um gabinete com militares e os colorados do *guión rojo* (YEGROS, 2010, p. 255). No mesmo dia, declarou estado de sítio, de acordo com Lewis, "acorralando a todos los líderes febreristas, liberales y comunistas a los que pudo encontrar y obligándoles a cruzar la frontera" (LEWIS, 2002, p. 198).

A Guerra Civil teve como centro a cidade de Concepción, causando impactos também nos distritos vizinhos e nas regiões de fronteira com o Brasil, especialmente no Departamento de Amambay. Episódios importantes, ocorreram entre maio e junho de 1947, quando, segundo Yegros (2010, p. 257), as forças governistas cruzaram o rio Ypané[45], ocupando as cidades de Horqueta e Belén, obrigando os revoltosos a recuarem até Concepción. Esses acontecimentos foram narrados de forma bastante lúcida pela senhora Olímpia Agüero.

Quando ocorreu "la revolución", Olímpia tinha cerca de 11 anos de idade e estava em Belén, distrito localizado ao norte do rio Ypané, um dos palcos da contenda. O episódio envolveu pessoas da família de Olímpia nos enfrentamentos, como o avô, colorado, e um irmão de sua avó que foi morto na trincheira. De acordo com o que lembra, pôde presenciar a chegada

[45] A bacia do rio Ypané possui mais de 10.000 quilômetros quadrados e unificava toda a zona de combate da Guerra Civil (FLORENTIN, 2013).

dos colorados em uma invasão ao território ocupado pelos liberais: "era uma madrugada, quando entrô o Colorado invadindo a cidade de Belém, aí os outros se entregaram ou... correu, né? E assim, olha... isso aí eu lembro bem" (ENTREVISTA, O. Agüero, 08/04/2017).

Dona Olímpia conta também sobre o medo que sentiam durante os enfrentamentos e sobre as consequências da guerrilha para a população pobre – muitas vezes os estabelecimentos rurais eram saqueados. Conta sobre os bombardeios e sobre a necessidade de se proteger contra os ataques entre as forças inimigas (cf. integralmente no **Anexo 4**):

> [...] eu não tive aula por causa disso aí, que a escola fechou tudo, né? Que começou a Revolução, que fala, *de país com país*. [...] Aí trancô tudo, fechô tudo, porque era briga direto. Que o guerreiro, que era o liberal, ficô lá em Belén, entre Conceição, amontoado lá. [...] aí parô tudo, parô tudo, parô tudo, comércio, tudo parô; lá fiquemo bem... bem atrasado, quase... nói num passemo fome porque meu vô ele... plantava bastante coisa, mandioca, cana, rama, abacaxi, essas coisa, era bem trabalhador, tinha o sítio dele; aí virô e mexeu que avançaro o sítio dele também lá – lá em Belén: matava a galinha da minha vó, as vaca de leite e nóis tava... cedo... [...] minha vó levantava e tirava leite pra fazê mingau pra nói passá o dia. Porque nóis num podia saí porque naquele dia... aqueles fuzil... aquele caía... o chumbo de lá do outro lado. O dia inteiro, é... (ENTREVISTA, O. Agüero, 08/04/2017).

Outro imigrante que traz na memória fatos bastante trágicos sobre a passagem dos soldados colorados, que efetuavam saques e furtos, é o senhor Conceição Vallejo. No período da "Revolução" de 1947, ele vivia na cidadezinha de Ypehú, fronteira com Paranhos (cf. sua narrativa no **Anexo 5**). Embora não tenhamos encontrado menção a Ypehú na literatura consultada sobre 1947, é provável que soldados colorados tenham passado por ali, na linha de fronteira, rumo ao Norte onde estavam os liberais e a família de dona Olímpia. Vallejo[46] lembra: "de casa levô um cavalo da minha mãe, da minha vó, coitada [risos]. Chegô aí, o cavalo tava amarrado, né?, o soldado pego ele, jogô um bachêro em cima, montou no cavalo e foi embora". A Guerra Civil para ele, uma criança em 1947, significou a miséria e a violência: "na Revolução, aquela época... aquela época, rapaz, deixou miséria... rapaz... tanta coisa que fizero aí. Levava tudo o que ele achava... É um roubo! É um roubo o que fizero, num é... num é Revolução, é um roubo!" (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

Com efeito, durante a Guerra Civil o custo de vida da população realmente aumentou e, *pari passu*, a crise fiscal se agravou obrigando o governo a recorrer a empréstimos. Porém, colaborava com o governo para minorar os já altos gastos com a Guerra, o fato de suas tropas serem compostas principalmente por voluntários e o de não receberem nenhuma forma de

[46] É provável também que Vallejo esteja fazendo confusão com outro evento similar, presenciado durante a infância e, em seguida, associado ao tema da Guerra Civil de 1947.

compensação. Conforme Carlos Gómez Florentin (2013), isso "explica su tendencia [dos soldados] al saqueo para resarcir el 'sacrificio' realizado"; formas de violência que também foram cometidas pelos combatentes liberais.

Dona Olímpia parece lembrar a experiência de dias bastante tensos e específicos e nos conta algo que certamente contribuiu para fixar em sua memória os dias de combate:

> Até aí [nessa ocasião] eu quase fui ferida [...] já tava começando o tiroteio – aquele dia tava marcado pra se avançarem – se avançam quando toca de aqui e toca de lá, né? Aí tá, aí *eu tava de em pé, assim, no esteio, e veio a bala de fuzil*. Mai quase menino me acetô na minha cabeça! Acertô o esteio [...]. E se fosse me acertá ia me matá, né, porque ia... ia me acertá aqui [na cabeça], né? Acertô um dedo, assim, pra cima da minha cabeça[47]. Passou pertinho. Eu me segurando assim, no esteio, né, aí veio a bala. Isso era o dia inteiro. Então por isso, quando vai ter combate, já sai avisando pra num saí criança pra fora, num saí pessoa pra fora, fica tudo naquele buraco. Tem vez que nói passava o dia intero sem comê, porque eles vão se avançando pra brigá, né, é... Desse aí eu lembro bem, é 47, né?, da guerra (ENTREVISTA, O. Agüero, 08/04/2017).

O conflito em questão terminou com as vitórias de Morínigo e do Partido Colorado. Com a consequente derrota dos revoltosos, a sociedade paraguaia encontrou-se ainda mais fraturada: as milícias coloradas, em decorrência da impossibilidade de o governo conter suas ações, levaram adiante ofensas, desmandos, furtos e saques (YEGROS, 2010, p. 258). Florentin (2013) vai além, ao mencionar diversas violações, assassinatos, torturas e execuções sumárias, atos que foram repudiados pela Igreja Católica e considerados uma "degeneración cristiana" e que, segundo o autor, colocaram em evidência a violência como fator primordial na formação política do Paraguai moderno, após os anos 1940.

Portanto, o novo contexto reforçou um problema há décadas bastante grave: o da debandada de paraguaios para os países vizinhos. Se a debandada, antes, se ligava muito mais às questões socioeconômicas que atingiam em especial as populações interioranas e rurais, no novo contexto as emigrações foram motivadas também por questões políticas e pela necessidade de fuga das perseguições e das violações de direitos humanos cometidas pelos colorados que tomaram o poder – algo que tendeu a aumentar após 1954, considerando a

[47] Ouvimos palavras parecidas de dona Simona Ramirez no dia em que a conhecemos em Itaporã, porém, sobre os momentos conturbados que viveu em 1954, em Pedro Juan Caballero. Simona também fala sobre o furto de gado do sítio de sua família cometido por soldados e sobre um tiro que passou próximo à sua cabeça durante um dos confrontos – algo que, segundo nos disse, marcou-a muito e que sempre contou para os filhos. Depois, na curta entrevista que gravamos, obtivemos poucas palavras sobre o assunto: "Então, agora o de 54 eu me lembro. Vixe, eu tinha o que? Onze ano, né? [...] É nessa época que a gente vinha, dormia na casa da minha tia [no Brasil] e quando tava quieto a gente ia pra casa. [...] [**Foi nessa época que a senhora disse que a bala passou raspando?]** Foi! Esse eu lembro, esse eu lembro. Eu fiquei assim... toda vida eu conto isso aí pros meus filhos. Sempre conto pros meus filhos essas coisas, quando lembro assim da história" (ENTREVISTA, S. Ramirez, 17/12/2016).

continuidade das violações durante o governo de Stroessner. O principal destino tornou-se a Argentina, onde a quantidade de paraguaios praticamente dobrou em relação aos cerca de duzentos mil que ali já viviam antes de 1947. Entre os migrantes estão trabalhadores jovens não qualificados atuando em serviços braçais como colonos e em trabalhos de peonagem agrícola e pecuária (perfil muito próximo ao dos migrantes que vieram para o Sul do antigo Mato Grosso). Estão também profissionais liberais, comerciantes e intelectuais (KLEINPENNING, 2014, p. 447-8). Devido à proximidade muitos acabaram migrando para as cidades na fronteira com o Brasil, tais como Porto Murtinho, Bela Vista e Ponta Porã.

Para o paraguaio Victor Ledesma, a compreensão sobre a contribuição de seus conterrâneos para a formação do atual Mato Grosso do Sul e sobre o porquê da forte presença destes no Estado passa pelo entendimento de que muitas famílias migraram em decorrência das graves ameaças que sofriam por serem liberais, febreristas ou pertencentes a outro partido de oposição aos colorados:

> [...] essas pessoas, se você analisar, são famílias que deixaram tudo lá pra fugir daquela... digamos assim... pra não morrerem, praticamente, né. Os que ficaram lá sofreram nas mãos dos colorados que começaram a tomar o poder. Então o Partido Colorado quando assumiu ele descontou nos Liberais. O Partido Liberal também fez muita barbaridade, cometeu muitas injustiças, muita barbaridade, e, enfim, é... é uma revidação, vamos dizer assim... [...] E essas pessoas, boa parte, que você vê aqui, são famílias Liberais que vieram pra cá, fugindo, né, muitas pessoas deixaram casas, fazendas, tinha pessoas que deixaram... vieram com a roupa do corpo, porque se ficassem fatalmente eles seriam assassinados.
> [...] teve caso, por exemplo, de um professor de Capitan Bado, ele era... de uma família liberal, do Partido Liberal, pra você ter uma ideia; esse professor ele foi praticamente, é... descascado vivo. Eles mataram e tiraram a pele do rapaz vivo, só porque era de família liberal. E quem fez isso? Foram os do Partido Colorado; naquela ignorância, naquela raiva, enfim...
> [...] E era categórico, quem ficasse ou era estuprado ou era morto, torturado, tanta coisa podia acontecer; e aqueles que podia, que tinha mais tempo, pegava cavalo... charrete e adentravam pra cá, vinham pra cá, e... chegando aqui na fronteira e da fronteira pulavam pra Ponta Porã, pra cá, e aí os paraguaios assim... foram se estabelecendo (ENTREVISTA, V. Ledesma, J. Ledesma e L. Estigarríbia, 10/07/2017).

Considerando as fontes orais, podemos dar razão a Victor Ledesma e dizer que grande parte dos imigrantes ou dos descendentes veio de famílias com viés liberal[48]. Muitas delas acabaram enfrentando dificuldades durante, ou após a Guerra Civil de 1947, ou então, durante os anos da ditadura Stroessner, precisando atravessar a fronteira, temporária ou definitivamente, para garantir a própria segurança (conquanto, é preciso dizer que as migrações e suas causas

[48] Entretanto, existem exceções, como Silvéria Romêro, de família febrerista, e os próprios irmãos Victor e João Ledesma, filhos de pai paraguaio ligado ao Partido Colorado e de mãe brasileira com parentes paraguaios ligados ao Partido Liberal.

não estão ligadas somente aos fatores políticos). Em decorrência dessa situação de insegurança, em 1947 os pais de Victor Areco migraram de Horqueta para a cidade de Porto Murtinho.

No diálogo a seguir, Areco fala, assim como Victor Ledesma, sobre a violência característica das tentativas de revolução política no Paraguai:

> **Essa ida do pai do senhor pra Murtinho [em 1947] tem alguma relação com o que estava acontecendo naquela época em Concepción? Porque estava tendo uma guerra civil lá...**
> A última... Teve, teve, sempre tem, sempre tem, eles sempre saíram, porque era... adversário... político, por causa do problema do Paraguai, né?, colorado e liberal. [...] E eles eram em bastante irmãos, meus tios eram muito e gostavam de se envolver com política, então ali os caras vão saindo, porque ali não tem espaço...
> **Ele era mais liberal?**
> Era liberal. A maioria que saiu do Paraguai naquele tempo era liberal, colorado... num sai, num sai dali porque eles tinham... privilégios lá [...] o colorado quando entrou no poder ele acabou com... com tudo. Indústria que tinha e que era liberal eles acabaram, quem tinha emprego eles tiram, ali é... foi um massacre... Porque a Revolução no Paraguai é diferente daqui: lá a Revolução é sangrenta, é sangue, sangue mesmo, num é brincadeira, ele mata mesmo... e fica inimigo [...] Paraguai tem muita guerra, muito... Por isso que o Paraguai num tá... E até hoje... É... o Paraguai num tem jeito... (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

Nesse mesmo ano e pelos mesmos motivos, os pais de Rosalino Gonzalez se mudaram de Concepción para Bela Vista, onde ficaram até o início dos anos 1960[49] (ENTREVISTA, R. Gonzalez, 04/12/2016). De forma semelhante, os irmãos Anatália e Elizeu Nunes Sanábria mencionam o acontecimento que fez com que a família se mudasse de Bella Vista Norte para Bela Vista, no lado brasileiro, e permanecesse ali durante um tempo. Na fala de Elizeu: "na época [1947] mudemo mai por causa do partido. Com medo de retaliação lá... Então mudemo por esse motivo. Depoi cabô, cabô... ninguém mexeu mais. **[O pai do senhor ele era liberal?]** Era liberal" (ENTREVISTA, E. N. Sanábria, 14/12/2016). Na versão de Anatália,

> [...] logo que teve a revolução ele migrou pro Brasil [...]. Eles tiveram que migrar porque queriam prendê ele [...] aí eles migraram pro lado de cá. Ai depois amansou, acabou, ai mudo de novo, é... pro lado do Paraguai [...] Os que são mais matuto mesmo migraram e sumiram pra cá, nossa, tem muito" (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

Tendo como base a divisão de Michael Pollak, ao longo dos últimos tópicos citamos algumas lembranças de acontecimentos que foram *vividos pessoalmente*; contudo, a maior parte delas compõem o que o autor denomina de *acontecimentos vividos por tabela*, ou seja, que estão fora do "espaço-tempo" das vidas individuais e mais relacionados ao grupo ao qual a

[49] Rosalino nasceu no Brasil em 1962, porém, logo em seguida mudou-se para Bella Vista Norte, no Paraguai, onde ficou até aproximadamente os 16 anos de idade.

pessoa se sente pertencer. Pollak observa que "podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação" (POLLAK, 1992, p. 201). Percebemos que, entre os imigrantes, são bastante marcantes as memórias relacionadas aos momentos de guerra. Sobre a transmissão ou a socialização dessas memórias durante a infância, a professora Graciela Chamorro nos traz uma narrativa bastante significativa e ilustrativa:

> [...] como não tinha televisão, essas coisas, então as crianças tinham muito menos entretenimento, assim... forâneo, externo. Então a gente escutava muito as histórias, a gente conversava muito e a gente cantava muito. Os cantos eram o que? Cantos patrióticos. [...] Mesmo essas coisas ao redor do fogo também tinha histórias de guerra. Por quê? Porque o meu pai, ele nasceu em 1910, fazia só 40 anos que a Guerra da Tríplice Aliança com o Brasil, Argentina e Uruguai tinha terminado. Ele foi filho então... vamos dizer, a sua mãe nasceu logo depois da guerra, as suas avós passaram a guerra. Então meu pai contava as histórias de carência deles e... A gente adorava ouvir essas histórias...
> [...] Então, aí a gente tem as histórias do Mariscal que mandou matar: o Mariscal via rebeldes por todo lado, e manda matar, quase manda matar a mãe. Aquela história a gente pedia pra contar de novo. E, claro, com isso você cresce um pouco com a ideia de que "o país é valente", "olha, as pessoas resistiram!". E essa crueldade do herói – vamos dizer – isso é passado de uma maneira pra fortalecer o heroísmo e não pra perguntar: "mas que mal ele era, por que é que ele fez isso?" Não era isso que se perguntava (ENTREVISTA, G. Chamorro, 13/01/2018).

Sendo assim, o caso paraguaio é particularmente importante, tendo em vista que, ao longo dos anos, a memória das guerras foi e vem sendo alimentada de diversas formas em escolas, em datas comemorativas, decretos, tradições, músicas, festividades oficiais, monumentos, localidades turísticas. Não apenas isto, muito daquilo que os imigrantes conhecem sobre as guerras, segundo dizem, e até onde podemos perceber, é resultado, sobretudo, daquilo que aprenderam na infância e que lhes foi socializado em âmbitos diversos, especialmente dentro da família, por meio dos avós, dos pais e de outros parentes próximos, isto é, o que foi perpetuado oralmente.

Nesse sentido, entendemos que as lembranças apresentadas até aqui, por meio dos recortes de narrativas, compõem as identidades de indivíduos nascidos no contexto social do Paraguai do século XX e, dessa forma, fazem parte da memória coletiva desse grupo social.

Considerando que a sociedade é formada por grupos distintos e, desse modo, o conjunto de entrevistados da pesquisa não pode e não é formado por sujeitos com características homogêneas, a memória coletiva – "la selección, interpretación y transmisión de ciertas representaciones del pasado a partir del punto de vista de un grupo social determinado" – deve ser entendida como plural (JEDLOWSKI *apud* MONTESPERELLI, 2004, p. 15). Cabe ainda destacarmos que, embora se apoiem umas sobre as outras e tragam pontos em comum, tais

lembranças trazem contradições, lapsos, silêncios e, como nos diz Halbwachs, exercem sobre cada pessoa uma intensidade diferente, assim, "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva" (HALBWACHS, 2006).

De maneira menos ou mais direta e levando em conta a quantidade de entrevistados que viveram e vieram principalmente dos departamentos de Concepción e Amambay, notamos que as conturbações decorrentes da Guerra Civil de 1947 – e, antes dela, as das guerras internacionais nas quais o Paraguai lutou – atravessam as memórias dos imigrantes e alcançam as de muitos de seus descendentes. É curioso, quanto a isso, como o senhor Pedro Otero nos resume questões apresentadas ao longo do capítulo e que perpassam, no mínimo, os 150 anos da história recente do país de onde ele partiu.

Ao ser questionado quanto ao porquê de ter migrado para o Brasil, seu Pedro nos responde de uma forma que deixa sob suspensão as lembranças das condições de vida do local onde morava, Horqueta (o que abordamos no *item 1.2.*). Ao mesmo tempo nos traz em sua *não compreensão* um reflexo das tensões apresentadas neste *item 1.3.*:

> **Eudes: O senhor veio pra cá em 1945?**
> 45 [confirma], depois que eu fiz o serviço militar obrigatório lá no Paraguai.
> **Eudes: Por que o senhor veio pra cá?**
> Porque eu prefiro trabalhar, ganhar algum dinheiro, e lá num tem, porque nós... quer dizer, o Paraguai é muito procurado, assim, pra encrenca: guerra, é revolução, é guerra! Num sei por que isso. Eu não vou falar pra você que eu entendo porque é... mas é direto! (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

Os sentimentos de saudade e nostalgia parecem ser despertados e estimulados pelos contatos que tais imigrantes ainda mantêm com os familiares que vivem no Paraguai; pelas lembranças e pelos símbolos, reproduzidos no lugar de acolhida, que passam a sustentar uma determinada identidade. É notório que, ao relembrarem e reelaborarem o passado, algumas contraposições, avaliações venham à tona, sendo notável, mesmo nas entrelinhas, nos ditos e não-ditos, a contraposição entre civilização e barbárie.

Nesse sentido, algumas imagens que ficaram nas lembranças e que nos foram narradas remetem à trajetória de um país rural, pobre e conflituoso. Imagens que podem ser compreendidas nas comparações que fazem entre o Paraguai de sua época e o Paraguai do presente – considerado um país mais calmo, menos violento, onde, talvez, as paixões partidárias não levem mais aos extremos de antigamente. O mesmo senhor que nos contou que "há 70, 80 anos atrás o Paraguai não tinha nada! Terminô a guerra atropelado!", reconhecia, pouco antes desta frase, que o país passou por mudanças, que "hoje o Paraguai tá... cheio de novo" e que

“tá produzindo muito. Você sai de aqui de Pedro Juan Caballero e só vê fazenda rica, cheio de gado, até chegá em Conceição. É casa, é terra, *é mais alegre o Paraguai*” (ENTREVISTA, P. Otero, 2018). Seria o Paraguai de antes menos alegre?

Acrescentamos que aqueles que retornam sempre ao Paraguai para visitar seus parentes dizem perceber os contrastes e a chegada de alguns elementos da “modernidade” como a energia elétrica, a água encanada, as estradas. Notam o crescimento das cidades e a transformação do lugar em que viviam, vila ou povoado, que se tornou uma cidade, mesmo que de pequeno porte; nela se alteraram as tradições, os costumes e os modos de vida.

> **Quando a senhora voltou lá pro Paraguai foi em 1987, parece, né?**
> É, parece que foi.
> **A senhora achou muito diferente?**
> É, mais um pouco, né? Tá mais civilizado o Paraguai. Tem a estrada que vai daqui e chega lá, e primeiro era terra de chão. Agora não, tá bem civilizado, casa boa... O menino que estuda... aqui, ele tá no Paraguai fazendo medicina, ele é horquetenho também o rapaz, e falou:
> – Dona Olímpia, tá bonito agora. Horqueta...
> Porque Horqueta era uma cidadezinha bem deixada, diz que tá linda agora, Horqueta. [...] Ele me falou que tá muito lindo:
> – Não tem mais medo da senhora ir não.
> – Eu nunca tive medo, é minha raça. Eu sei tudo o sistema lá como é.
> E meu irmão sempre tá, quando eu fui lá... eita, ele mora na terra dele, tem sua casa, tem seu gado, tem... (ENTREVISTA, Olímpia Agüero, 2017).

> **Eudes: O senhor tava dizendo que era muito tranquilo, mas em geral o paraguaio tem fama de ser mais violento, mais bravo...**
> Aaala puxa! Não, agora, agora... naquele tempo menino cada sábado... era morte memo, cada sábado! Agora não, agora é igual a... ih! troco muito, agora é geração novo. Chego lá e o meu irmão, minha irmã conta pra mim:
> – Não é igual aquele tempo que você tava aqui, não. Acabo aquele briga lá, acabou... é gostoso, acabou aquele... num tem briga.
> Então é assim... agora não, agora é... civilizado muito o Paraguai (ENTREVISTA, Zildo Araújo, 2018).

Os paraguaios, as paraguaias e os descendentes com quem tivemos a oportunidade de dialogar – pois aprendemos, aos poucos, a pensar as entrevistas mais como diálogos do que como interrogatórios – apresentaram percepções diversas a respeito dos modos de vida no contexto do Paraguai de meados do século XX, onde a presença do mundo campesino era muito forte e o imaginário, geralmente, permeado por “fantasmas” de um passado não tão distante, assim como pelas ideologias em voga e pelas relações conturbadas em decorrência dos conflitos internos daquele momento.

Registramos que o objetivo geral deste capítulo de abertura foi apresentar alguns destes/as imigrantes, assim como dar a conhecer o como representam em suas lembranças o

lugar de onde partiram. Para tal, foi necessário também mobilizar as falas de alguns descendentes. Cabe destacarmos que essas lembranças sempre se originam em uma situação presente[50] para trazer-nos percepções, comparações e avaliações sobre as condições em que viviam antes de – mediados pela fronteira – se deslocarem para o Brasil.

[50] Uma consideração há muito estabelecida nos estudos sobre memória, mas, por precaução, necessária: a memória não pode ser considerada uma reconstrução fiel do passado (portanto, não é dessa forma que a encaramos nesta pesquisa) senão uma "reconstrução continuamente atualizada" do mesmo, assim, "a ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integralidade parece 'insustentável'" (CANDAU, 2011, p. 9).

CAPÍTULO II

LEMBRANÇAS, TRAJETÓRIAS, ANDANÇAS: EXPERIÊNCIAS DO TRABALHO RURAL ENTRE PARAGUAIOS IMIGRANTES NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO

> Você pergunta pro Fidel:
> – Você conheçe o Vallejo?
> – Conheço! Nói trabalhemo junto! Dormia na tarimba nóis dois junto, comia arroz carretêro, era só arroz e feijão. Trabalhava na boia-fria.
> Ele vai falá pra você [risos].
> Então não adianta querê escondê, né? [risos] e só falá de bisteca, não, vamo falá do *puchêro*[51] [risos] (Conceição Vallejo, 27/01/2018).

Após a primeira entrevista do dia, na manhã de 17 de dezembro de 2016, na pequena cidade de Itaporã, arriscamos uma pergunta costumeira: indagamos ao entrevistado se ele teria algum parente, amigo ou conhecido que fosse imigrante paraguaio ou paraguaia e que pudesse, da mesma forma, colaborar com uma futura entrevista para a pesquisa. De imediato, mencionou seu João[52], imigrante paraguaio, morador antigo da cidade. Pelo indicado, seria simples chegar à casa: bastava ir reto algumas quadras a frente e numa casinha quase de esquina, ali estaria ele. Advertiu-nos, no entanto, em tom de brincadeira: "cuidado, aquele ali gosta de conversar, depois que começar não vai deixar você ir embora!".

Empolgados, encontramos a casa, batemos palmas e pouco depois um senhor, estatura mediana, magro, com idade em torno de 90 anos, saiu à porta. Do portão mesmo nos apresentamos e perguntamos se ele era o senhor João – ele nos confirmou dizendo seu nome, apelido e sobrenome, numa voz animada, mas um tanto apagada pela idade e difícil de compreender. Falamos primeiro de nossa família, demos explicações sobre nossos avós paternos que também eram de Itaporã, mencionamos o sobrenome Jara, o nome de tios e avós, os quais ele, de imediato, reconheceu – abriu o portão e nos convidou para entrar.

[51] Comida popular na culinária argentina, paraguaia e sul-mato-grossense. Dicionário Eletrônico Houaiss: "Culinária: Espécie de cozido espanhol em que entram carnes variadas, legumes e temperos".

[52] Foi feita mais de uma visita à casa de seu João, no entanto, nenhuma entrevista foi gravada. O receio, pois, de estar diante de um gravador ou de uma câmera é perfeitamente compreensível: as negativas fazem parte do trabalho de campo. Seu João, infelizmente, faleceu em 2017. Estes parágrafos foram escritos a partir de anotações feitas no caderno de campo.

Curioso, seu João não nos recebeu na varanda de sua casa. Perguntando sobre nossa religião, segurou nosso braço e levou-nos para dentro da casa. No quarto, uma pintura rústica, uma cama de casal simples e uma penteadeira antiga com algumas imagens de santos. Colocou-nos diante de uma imagem de Nossa Senhora e, em tom imperativo, pediu-nos para que fizéssemos, diante da imagem, "o Nome do Pai", o sinal da cruz católico – sinal que fizemos de modo um pouco embaraçado, um tanto confuso. Perguntou-nos se sabíamos quem era "Aquela ali", e logo emendou na resposta: "esta é La Virgen de Caacupé del Paraguay". Nossa Senhora de Caacupé, a "santa da erva-mate", a santa para quem seu João, segundo o próprio, trabalhou por mais de 70 anos.

Seu João nos questionava sobre os detalhes daquela imagem e descrevia aquilo que nos apontava: a Virgem de Caacupé à frente, os santos e anjos da guarda ao seu redor. Ao lado, uma imagem de Santo Antônio que ele havia ganhado de um companheiro "no tempo em que corria carreira", no tempo em que trabalhava no mato e fazia serviços em fazendas. As imagens e a lembrança do "tempo da carreira" levaram seu João a começar a nos dizer "quem era", ou melhor, "quem é", pois, a expressão empregada foi "sou": "sou lavrador, sou derrubador de mato, sou formador de fazenda". Durante nossa conversa, por quase duas horas, seu João falou de si, do cavalo que lhe deu muito dinheiro e sobre o como conheceu e conquistou sua falecida esposa. Falou ainda sobre a criação dos filhos e do orgulho de tê-los educado; fez comentários também especialmente acerca de suas qualidades como trabalhador e de suas atividades na construção de mangueiros[53] e piquetes[54]. Mostrou-nos, no fundo da casa, guardadas numa pequena casinha de material, suas ferramentas de carpintaria. Fez questão de ressaltar as fazendas onde esteve, nos arredores de Itaporã, e que tiveram as marcas de seu trabalho.

A curiosidade nos levou até à casa de seu João, esperávamos que ali haveria a possibilidade de conhecer a história de vida de outro imigrante, haveria novas informações sobre as atividades de trabalho entre os paraguaios, nos ervais, sítios, fazendas e cidades que foram se formando no antigo Mato Grosso. No entanto, o que mais nos chamou a atenção foi a maneira espontânea como seu João nos falou de sua vida, da importância atribuída à sua história, ao seu trabalho e àquilo que construiu. Impressionou-nos a forma como se posicionou diante de suas memórias, diante de seu passado. A conversa com seu João, em muitos momentos, nos remetia às conversas que tivemos com outros entrevistados, e esclarecia,

[53] "S. m. O mesmo que *curral*" (FERNANDES, 2002, p. 358).

[54] "S. m. Lugar onde se prende a boiada que está sendo conduzida. [...] lugar em volta da fazenda onde se prendem os animais de serviço diário" (FERNANDES, 2002, p. 359).

mostrava proximidades tangentes entre as informações e à própria ação de reelaborar o passado pela memória, de rememorar e de narrar.

Como nos diz Célia Lucena, "a arte de lembrar é um ato de recuperação do 'eu'". A autora ressalta esta afirmativa parafraseando Maria de Lourdes Janotti, que escreve: "ao contar sua trajetória de vida e expor suas opiniões, ao conferir sentido aos gestos, o ator se torna sujeito dos seus próprios atos e percebe seu papel singular na totalidade existencial em que está inserido" (*apud* LUCENA, 1999, p. 79). Esses atos de "recuperação", de "construção" do "eu", de posicionamento diante do próprio passado, transparecem nas falas de sujeitos como os senhores Zildo Araújo, Pedro Otero, De Los Santos e seu João e nas das senhoras Olímpia Agüero e Hermenegilda Espíndola, uma vez que se percebem como agentes importantes, trabalhadores e trabalhadoras de um dado contexto histórico.

No capítulo anterior buscamos apresentar algumas memórias de imigrantes relativas a momentos anteriores ao da migração para o Brasil, principalmente aquelas relacionadas ao contexto social no qual foram socializados e à memória dos conflitos. Neste capítulo também pretendemos tratar sobre memórias, no entanto, de forma mais específica, sobre as memórias do trabalho e das vivências dos trabalhadores paraguaios no SMT, tal qual podemos, ainda que de forma superficial, "acessar" por meio de narrações das experiências. Nesse sentido, visamos a composição de um "quadro" relativo ao mundo do trabalho, especificamente ao do rural. Feito com a contribuição das memórias individual e coletiva, ele nos permitirá, de forma concomitante, um olhar a mais sobre o processo histórico pelo acesso a essas subjetividades e uma compreensão maior do próprio ato de rememorar e sua apropriação pelos indivíduos.

Narrar, segundo Walter Benjamim, corresponde à "faculdade de intercambiar experiências"; para o autor, uma habilidade em declínio no século XX. As experiências são as fontes às quais se recorre para a produção da narrativa, afinal, quem narra algo "retira da experiência o que conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros" (BENJAMIM, 1994, p. 198, 201). As fontes das quais se serve esta pesquisa são narrativas que, re-elaboradas pela memória, nos trazem versões das experiências de vida, migração e trabalho. Em decorrência do tema aqui tratado, selecionamos entre os entrevistados aqueles que tenham atuado, durante a juventude e a vida adulta, como empreiteiros ou como peões no meio rural, em fazendas de médio e grande porte, no Sul de Mato Grosso.

2.1. O TRABALHADOR PARAGUAIO NO SUL DE MATO GROSSO: DO PÓS-GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA ÀS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX

Conforme destacam autores diversos que se ocuparam da migração paraguaia, a proximidade fronteiriça e as condições sociais do Paraguai no pós-Guerra fizeram de mulheres e homens paraguaios indivíduos migrantes. Tais indivíduos tiveram presença significativa, a partir da transição do século XIX para o século XX, na região onde está situado hoje o Estado de Mato Grosso do Sul. Nesse período, o extremo sul da província de Mato Grosso, após ser confirmado como parte do território brasileiro, tornou-se um dos destinos dessa população em busca de oportunidades econômicas, trabalho e melhores condições de sobrevivência e segurança. Os contatos entre as populações dos dois países se intensificam – "paraguaios e brasileiros encontraram-se uns com os outros" – e a um Estado em reconstrução somou-se um conjunto de pessoas que passou a atender à crescente necessidade de mão de obra numa área ainda pouco povoada por não-indígenas[55] (WILCOX, 2008, p. 14-15). A partir de então, em terras brasileiras, esses imigrantes envolvem-se em atividades laborais as mais variadas.

Características peculiares podem ser atribuídas à porção mais meridional do antigo Estado de Mato Grosso entre o século XIX e primeira metade do XX. Nas palavras de Paulo Roberto Cimó Queiróz:

> Vastidão territorial; situação fronteiriça; grande distância dos centros dirigentes brasileiros (situados no litoral atlântico); precariedade das vias de comunicação existentes no interior da própria região e entre ela e os ditos centros; população não-indígena diminuta e dispersa; estrutura fundiária marcada pela grande propriedade (QUEIROZ, 2003, p. 20).

Vale acrescentarmos à observação do autor, o monopólio de exploração da erva-mate exercido pela Companhia Matte Laranjeira e a presença dos grupos indígenas Kaiowá e Guarani que, neste contexto, foram severamente afetados pelos processos de ocupação – assunto abordado adiante – e igualmente mobilizados como força de trabalho.

Observando alguns estudos sobre a mão de obra de paraguaios no sul do antigo Mato Grosso, podemos perceber um movimento paralelo e complexo em relação à participação econômica desses indivíduos nas regiões de fronteira com o Paraguai, no extremo sul de Mato Grosso (de predomínio ervateiro) e nas regiões mais ao norte do Estado (seguindo pelas

[55] O povoamento não-indígena no SMT se intensifica a partir da década de 1940 com a *Marcha Para Oeste*, com os projetos de colonização do governo de Getúlio Vargas e a decorrente implantação das Colônias Agrícolas Nacionais. No SMT foi instalada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (cf. FERNANDES, 2012; OLIVEIRA, 1999).

margens do rio Paraguai até Corumbá e pela região do Pantanal), porém desigual no que se refere à abordagem historiográfica dessas duas situações.

A historiografia, em sua maior parte, acabou associando-os, por excelência, à atividade extratora de erva-mate, sobretudo como agentes vinculados aos domínios da Companhia Mate Laranjeira, construindo uma ligação direta entre a figura do paraguaio e a do ervateiro. É, pois, neste tema que encontramos detalhes maiores sobre quem eram os trabalhadores, como viviam e como eram as relações de trabalho. Enquanto isso, sobre outras atividades que envolviam os paraguaios, embora encontremos algumas referências, podemos dizer que poucas são as fontes que trazem informações diretas, e em consequência, poucos são os estudos mais detalhados.

Grosso modo, mão de obra barata e não letrada, os paraguaios, quando aparecem nas fontes[56], aparecem sempre de maneira indireta, respaldados pelas palavras de outros indivíduos, presidentes de província, viajantes, jornalistas ou coronéis. Quanto a isso, Vitor Wagner de Oliveira aponta que foi pouca "a atenção dispensada aos sobrenomes paraguaios na literatura oficial mato-grossense", que priorizou "os pecuaristas e comerciantes, influentes na macro-política do poder local, ao passo que aos trabalhadores paraguaios em Mato Grosso restou o esquecimento da escrita e a tentativa de controle pelo Estado" (OLIVEIRA, 2005, p. 87).

Carla Villamaina Centeno faz análise inicial acerca dos principais estudos (compêndios, monografias, dissertações e teses) de historiadores autodidatas e de acadêmicos sobre a atuação dos paraguaios nos ervais mato-grossenses e observa:

> Há, nos últimos anos, uma profusão de estudos históricos que acabam fazendo comentários ao trabalho ervateiro. No entanto, por não ser este tema a preocupação central na maioria destes estudos, acabam fazendo referência a aspectos mais gerais do trabalho nos ervais sem entrar em maiores detalhes de seu desenvolvimento (CENTENO, 2000, p. 33).

A autora bem aponta este caminho que se tornou *quase* obrigatório em tais publicações. É curioso que em um dos textos pesquisados durante a feitura de nossa revisão bibliográfica – a monografia em História, *Paraguaios em Aquidauana: história, cultura e resistência*, de autoria de Maria Aparecida Navarro, cujo foco é a participação da população paraguaia na formação da cidade de Aquidauana – seis páginas sejam dedicadas à formação da Cia. Mate Laranjeira e ao trabalhador paraguaio na extração de erva-mate. Isso apesar de a área de ocorrência dos ervais nativos, sob o domínio da respectiva Companhia (Cf. FERNANDES, 2012,

[56] Como nas fontes utilizadas por Divino Marcos de Sena (2012) para estudar a presença estrangeira na Corumbá de fins do século XIX ou naquelas utilizadas por Vitor Wagner de Oliveira (2005) no estudo sobre os operários do Rio Paraguai na primeira metade do século XX.

p. 27; 51), não englobar a região pantaneira onde a cidade se localiza. Essa monografia fornece, porém, pontos interessantes para algumas questões ao dedicar-se, mesmo que brevemente, à participação desses imigrantes nas fazendas e na cidade de Aquidauana.

O primeiro historiador acadêmico a aprofundar-se na história dos trabalhadores nos ervais mato-grossenses foi Gilmar Arruda, e sua dissertação, *Frutos da Terra: os trabalhadores da companhia Matte-Laranjeira*, tornou-se a maior referência entre os estudos nessa seara. O estudo difundiu a noção do "saber-fazer paraguaio", derivado de uma "herança guarani" (CENTENO, 2000, p. 34-6), no tocante à lida com a erva-mate – o que corresponderia a conhecimentos e experiências advindos de uma tradição longamente desenvolvida ainda no Paraguai. Com base em Arruda, Laércio Cardoso de Jesus pondera que este "saber-fazer dos paraguaios se mostrou indispensável e insubstituível, prova cabal de que a tradição cultural dos paraguaios revelava o seu conhecimento e sua prática como ervateiros" (JESUS, 2004, p. 45).

Sabe-se que, embora compusessem a maior porcentagem da mão de obra[57] empregada pela Companhia ou por produtores de erva-mate independentes (JESUS, 2004), outros elementos, como os indígenas Kaiowá e Guarani também eram incorporados nessa atividade – fato que permaneceu até pouco tempo à margem dos estudos. Sobre isso, é notória a constatação de Antônio Brand: "chama a atenção do leitor o fato da maior parte das publicações sobre a Cia. Matte Laranjeiras simplesmente ignorarem a participação indígena na composição da mão-de-obra [sic.]". Brand, adiante, parece justificar essa afirmativa pelo "provável ocultamento [dos indígenas] no meio dos paraguaios, falando a mesma língua e com costumes aparentemente próximos" ou pelo motivo de que estes indígenas não entravam, de fato, na contagem dos trabalhadores (BRAND, 1997, p.62, 71-2).

A dissertação de Eva Maria Luiz Ferreira, dedicada ao estudo da participação dos povos indígenas Kaiowá e Guarani nos ervais mato-grossenses, tece críticas a diversos autores que, segundo a estudiosa, "não identificaram os indígenas como trabalhadores". Entre esses autores estão Virgílio Corrêa Filho, Walmir Batista Corrêa e Gilmar Arruda. Este último, segundo Ferreira, "não conseguiu perceber os indígenas" que foram, em seu estudo, "dados como 'desaparecidos'" (FERREIRA, 2007, p. 45). No viés da pesquisadora, isso se explica, por um lado, em razão de autores como Arruda "não terem mantido contato direto com a população

[57] Segundo Robert Wilcox, "as cifras oficiais da população da Companhia indicavam, na virada do século, aproximadamente 3.000 trabalhadores, sem incluir as famílias e os que trabalhavam sem contrato, tais como carreteiros, agricultores, criadores de gado e vendedores ambulantes. Esse número subiu para 4.200 por volta de 1923, sendo que em 1926 foi relatado que havia 3.000 paraguaios trabalhando somente em Campanário, a cidade da Companhia, localizada no meio dos ervais nativos remanescentes" (2008, p. 30).

indígena e nem terem buscado acessar os trabalhos de história indígena e etnográfica, cuja produção é, efetivamente, recente" (2007, p. 47). A crítica é interessante, porém, está muito próxima à feita por Gilmar Arruda àqueles que, dedicando-se, sobretudo, às questões políticas e administrativas que envolviam a Companhia Mate Laranjeira, não teriam conseguido chegar ao universo daqueles diretamente envolvidos com o labor ervateiro.

Ora, a única pesquisa admitida por Ferreira como tendo realmente destacado a presença indígena no trabalho com a erva-mate, ou seja, entre as que "identificaram os índios enquanto trabalhadores", é a tese citada, de Antônio Brand, defendida em 1997. Devemos considerar que o viés da dissertação de Gilmar Arruda já correspondia, à época, fins da década de 1980, a algo que trazia uma questão nova, por mais que, de fato, tenha ignorado os indígenas.

Em certa medida, portanto, parece equivocada a análise de que Arruda não teria conseguido "ultrapassar os olhares aceitos e sedimentados pela historiografia regional tradicional" (FERREIRA, 2007, p. 47). Além disso, devemos considerar a proposta e o contexto do autor. Como poderia ele ter acesso a uma historiografia indigenista ou a uma produção etnográfica que ainda estava por ser feita? Pensamos que as apreciações de Ferreira se mantêm válidas se as direcionarmos não a autores específicos, mas à tendência quase geral da historiografia regional em ter se mantido distante da temática indígena e, no caso aqui referenciado, considerado apenas os paraguaios como trabalhadores do mundo ervateiro.

A partir de relatórios do Serviço de Proteção aos Índios(SPI), Brand e Ferreira apontam que, em alguns locais, a porcentagem da mão de obra indígena poderia ser superior à de paraguaios, chegando a cerca de 50% (BRAND e FERREIRA, 2009, p. 116). Vale ressaltarmos que o fato de existirem paraguaios e indígenas em um mesmo território, compartilhando a língua guarani, costumes próximos e atuando como força de trabalho na atividade ervateira, não equivale a dizer que as relações entre ambos se davam de forma sempre amistosa ou que o jogo de forças e de poder entre eles fosse necessariamente equilibrado. Entrevistas trazidas por esses autores com indígenas empregados na Cia. Mate Laranjeira sugerem certa "superioridade" do paraguaio – "mais sabido" – sobre o trabalhador indígena, além de conflitos e disputas que iam "desde o roubo de mulheres à perseguição por conta de dívidas contraídas nos armazéns da companhia" (2009, p. 120). O indígena João Aquino apresenta da seguinte maneira a questão:

> É ruim mesmo, o Paraguaio, né. Por causa da mulher. Por causa da mulher que o Paraguaio matava índio, brigava mais do que índio. Porque não gostam do índio esses civilizados, paraguaio, outro, assim"; em outro trecho, menciona: "às vezes, por causa a mulher, pra tomar dele, matava o índio. Às vezes ele [o índio] não paga a conta, ele foi, fugia, ia embora, aí o

> patrão mandava procurar, se achava, matava lá. Assim que [o] Paraguai faz, porque tudo é Paraguai, é cabeçante, tudo é Paraguai (Entrevista arquivada no CEDOC TEKO ARANDU UCDB k7 2092, p.8-9 *apud* BRAND e FERREIRA, 2009, p. 120)

Desse modo, podemos notar que o paraguaio é quase sempre associado ao *ervateiro por excelência*, o que fica claro nas disputas entre memórias que tendem a ser destacadas ou a ser esquecidas, hegemônicas ou hegemonizadas. Nesse jogo, os indígenas aparecem como o elo mais fraco, visto que foram postos à margem, tanto nos espaços públicos de referência ao passado, quanto, durante muito tempo, pela própria historiografia.

A partir das análises de Centeno e da leitura de outros autores, percebemos que perpassa em uma grande quantidade dos estudos o tema da ascensão e da queda da Cia. Mate Laranjeira. Além disso, podemos rapidamente apontar alguns aspectos apresentados por autores como Isabel Guillen (1991), Gilmar Arruda (1997) e Carla Centeno (2000), que marcam a vinda e a vida do trabalhador ervateiro paraguaio no início do século XX. Consideramos importantes tais aspectos, pois alguns deles apresentam continuidades que poderemos identificar em momentos posteriores e na fase de declínio do chamado ciclo da erva-mate.

Os autores destacam, em primeiro lugar, a forma de recrutamento dessa força de trabalho no Paraguai, caracterizada majoritariamente pelo *conchavo*: por este, o adiantamento do pagamento corresponderia a uma dívida a ser paga nos ervais. Segundo Guillen, o *conchavo*, como consequência, acarretava na "escravidão por dívidas", pois a necessidade de aquisição de gêneros de primeira necessidade, já no Mato Grosso, colocava o trabalhador numa espécie de "círculo vicioso", mantido sob toda sorte de vigilância e coerção. Guillen desconfia, porém, da total inocência dos *conchavados* por considerar que estes conheciam previamente as condições e, afinal, "tinham experiência de trabalho nos ervais acumulada durante muitas gerações" (GUILLEN, 1991, p. 192-194). De fato, como ressalta Kleinpenning, a escravidão por dívidas (por questões similares às descritas por Guillen, através de adiantamentos e do consumo) era algo já presente nos ervais paraguaios (KLEINPENNING, 2014, p. 307-308), e podemos inferir que foi largamente reproduzida no Brasil.

Esse "saber-fazer", essa "experiência de trabalho" que marca a especialidade da mão de obra, somada a seu "baixo custo" e à não adaptação do trabalhador nacional, são identificados como os motivos centrais para a preferência dada ao paraguaio (CENTENO, 2000, p. 36; JESUS, 2004, p. 45-6). Bianchini discorda do argumento quanto ao "baixo-custo", mas acrescenta, sobre isso e com base em fontes orais, a proximidade da fronteira, a distância dos centros nacionais que dificultava a contratação de brasileiros e a utilização de presidiários paraguaios "soltos sob a condição de prestarem serviço nos ervais" (*apud* CENTENO, 2000, p. 47).

Seguindo em sua maioria uma abordagem teórica marxista e, portanto, respaldados numa perspectiva de luta de classes, esse trabalhador é interpretado pelos autores como sujeitos que apresentavam diversas formas de resistência às condições postas e ao controle exercido sobre eles nos ervais. Ao tempo e à disciplina do capital se opõe o tempo próprio do trabalhador. Não apenas a fuga, entendida por Guillen "como uma silenciosa forma de luta contra as condições de vida impostas aos trabalhadores pelos patrões e habilitados dos ervais", mas igualmente a manutenção da língua, dos costumes, dos hábitos – como as rodas de tereré –a organização do tempo de trabalho, o contrabando e o próprio banditismo foram considerados como formas de resistência (GUILLEN, 1991, p. 227-39).

Carla Centeno entende que o domínio sobre os saberes necessários à lida com a erva-mate e a luta contra possíveis formas de expropriação desses saberes eram também formas de resistência (CENTENO, 2000, p. 85). A autora questiona, no entanto, os limites dessa resistência e a "demasiada autonomia" ou centralidade que Arruda e Guillen dão à cultura nesse processo, tendo em vista que, de uma maneira geral, a empresa à qual esses trabalhadores prestavam serviços não se via seriamente prejudicada ou com seus lucros abalados (2000, p. 39-41). Outros elementos sempre destacados, especialmente nas regiões de fronteira entre Brasil e Paraguai e, de forma mais evidente, no período que antecede ao movimento de nacionalização da fronteira, impulsionado pela campanha *Marcha Para Oeste*[58], são as influências culturais decorrentes da presença de tais trabalhadores: a língua guarani, os costumes, as músicas, as crenças e os hábitos alimentares.

Diante dos aspectos apresentados, contudo, é necessário apontarmos a observação de Paulo R. Cimó Queiroz de que "a realidade socioeconômica dessa região [o SMT, na transição do século XIX para o XX] foi extremamente complexa, e não pode, de modo algum, ser reduzida à presença, ainda que predominante, da referida empresa [Cia. Mate Laranjeira]" (QUEIROZ, 2008, p. 43). O autor sublinha que, mesmo neste contexto, de forte imigração paraguaia, nem todos os imigrantes se tornaram empregados da Mate Laranjeira (2008, p. 44). Apesar de ser algo pouco debatido, seria improvável que os paraguaios não estivessem igualmente inseridos em outros espaços desse complexo universo socioeconômico, nas atividades agrícolas e

[58] Projeto político/ideológico de colonização do interior brasileiro empreendido pelo governo de Getúlio Vargas após a instituição do Estado Novo (1938-1945). A *Marcha Para Oeste*, pautada na concepção de "construção da nação" de forma conjunta e através do trabalhador rural e da pequena propriedade (MENEZES, 2012), procurava, como nos diz Mondardo, "estimular fundamentalmente a *mobilidade espacial da população* para desbravar/transformar/'desenvolver' os espaços nomeados e classificados como 'vazios', incentivando e direcionando correntes migratórias para a 'territorialização' de uma 'agricultura racional' em áreas, principalmente, de fronteira brasileira com outros países" (MONDARDO, 2012, p. 114).

pecuárias em propriedades de migrantes nacionais que despontavam à época vindos de regiões como a do Sul e a do Sudeste do país. Além disso, restaram-lhes ou tiveram por opção ocupações "menos honradas tais como o contrabando, o banditismo[59]" (WILCOX, 2008, p. 30), bem como serviços mercenários na composição de milícias armadas envolvidas nas disputas políticas do coronelismo local.

Recuando um pouco, no último quartel do século XIX, Santa Cruz de Corumbá, às margens do rio Paraguai, foi o principal destino dos paraguaios que se viram exilados em função da Guerra da Tríplice Aliança. No ano de 1876, chegavam a constituir mais da metade da população dessa localidade. A navegação fluvial também facilitava a presença em Corumbá de estrangeiros de diversas outras nacionalidades, entre os quais, italianos, franceses, espanhóis, ingleses, argentinos, chilenos, asiáticos e africanos (WILCOX, 2008, p. 17).

Conforme Divino Marcos de Sena,

> [...] muitos [incluindo paraguaios e outros estrangeiros] começaram sua viagem acompanhando os soldados brasileiros após a Guerra. A opção de escolher Corumbá deveu-se, sobretudo, à política implantada pelo Governo Imperial que concedia passagens gratuitas em viagens nos vapores que navegavam o rio Paraguai acima (SENA, 2012, p. 80).

Acrescentamos que a ocupação de Corumbá e de toda parte sul do Pantanal de Mato Grosso foi efetuada também por famílias vindas de São Paulo e Minas Gerais, desde longa data, o que fez com que se estabelecessem ali fazendas de criação de gado bovino que utilizavam mão de obra livre e escravizada, e onde se destacava a produção de couro e de charque (BRAZIL, 2008; SENA, 2012, p. 90). Assim, nessas regiões, após a referida Guerra, em substituição ao braço escravizado viriam a se apresentar formas outras de participação socioeconômica dos paraguaios (e também de bolivianos), provavelmente as mais longevas, no território mato-grossense. Segundo Maria do Carmo Brazil, os imigrantes paraguaios foram incorporados primeiramente "às atividades extrativas e criatórias" (BRAZIL, 2008, p. 89). Quanto às outras atividades em que estavam envolvidos, a autora afirma, apoiando-se num ofício encaminhado em 1872 pelo Barão de Vila Maria[60], o seguinte:

[59] Wilcox não especifica, mas neste caso se refere ao sul de Mato Grosso como um todo: tanto ao Extremo Sul, quanto ao centro e ao norte do Estado.

[60] Lúcia Salsa Corrêa menciona denúncias sobre a ocorrência de tráfico de paraguaios, maus tratos e a utilização destes em trabalhos forçados. Em relação ao mencionado Barão de Vila Maria, segundo a autora, este "conseguiu uma autorização do Governo Imperial, em 1872, para contratar paraguaios em suas fazendas que trabalharam, segundo consta, sob a escolta de soldados do 2° Batalhão de Artilharia a Pé" (CORRÊA, 1980, p. 65-66).

> [...] grande parte dos imigrantes paraguaios encarregavam-se de fazer bretes, currais, plantio de pasto, roçados, aramados e derrubadas. Organizavam-se em grupos numerosos e, pelo temor da exploração por dívida, aspecto frequente nas localidades de fronteira, optavam pela prestação de serviços ajustados na forma de empreitada [...] Hábeis em tarefas manuais, como madeiramento de casas e trabalho com couro, os paraguaios faziam, principalmente, o campeio e o trabalho de gado na região (2008, p. 89).

Além dos serviços em fazendas, mulheres e homens paraguaios, a maior parte sem qualificação profissional, exerciam, na cidade de Corumbá, atividades diversas sob a forma de trabalhadores assalariados: "eram estivadores, empregados subalternos no comércio e operários da construção civil" (OLIVEIRA, 2005, p. 87; WILCOX, 2008, p. 25). Também "realizavam os mais diferentes serviços ligados a afazeres eventuais, à venda ambulante, ao transporte de carga [como carroceiros], nos ofícios mecânicos, [e as mulheres] como costureiras, lavadeiras, prostitutas" (SENA, 2012, p. 81). Contrastando com um reduzido número de pessoas que monopolizava o comércio local e o controle dos preços, encontrava-se a grande massa da população, segundo Lúcia Salsa Corrêa, "sobrevivendo em condições bastante precárias de vida" (CORRÊA, 1980, p. 64). Fazendo parte dessa população estavam os imigrantes vindos do Paraguai.

Na região dos ervais, podemos dizer, o trabalhador nacional foi durante muito tempo preterido em lugar do indígena e, em maior grau, em lugar do paraguaio. É, afinal, na década de 1930 que começam a surgir críticas mais ferrenhas com relação ao predomínio da presença paraguaia como mão de obra e como fator que moldava a cultura local – confiram-se, por exemplo, as famosas críticas de José Melo e Silva (1989), à época, forte defensor da nacionalização da fronteira entre Brasil e Paraguai.

Em Corumbá, por exemplo, em contraposição às demais etnias consideradas preguiçosas e responsáveis pelo atraso e pela letargia, desde o pós-Guerra dava-se preferência e buscava-se atrair preferencialmente o imigrante europeu. Especialmente em relação aos paraguaios "canalizaram-se os sentimentos xenófobos de instituições do Estado, dentre as quais, a Força Pública e algumas associações nacionalistas em Corumbá, como, por exemplo, a até então [década de 1920] embrionária Liga Nacionalista de Corumbá" (OLIVEIRA, 2005, p. 87). Vitor Wagner de Oliveira ainda menciona que, como forma de proteção contra os desmandos e abusos frequentemente sofridos, esses imigrantes também passaram – cita os casos de Porto Murtinho e Corumbá – a se organizar sob a forma de associações (2005, p. 88).

A princípio, Robert Wilcox nos diz em seu texto que "entre 1870 e a década de 1930, os paraguaios deram significativas contribuições econômicas e sociais ao desenvolvimento do Mato Grosso" (WILCOX, 2008, p. 13). Podemos dizer que essa citação sintetiza o tema do

presente tópico. Ao final, o autor reforça e conclui: "eles efetivamente representaram uma significativa força a contribuir para o desenvolvimento do estado, atuando quase como uma *população provisória* até o início de uma ocupação mais intensiva por parte dos brasileiros, na década de 1940" (2008, p. 45 – *grifo nosso*). Esta afirmação de Wilcox parece questionável se atentarmos à rigidez do recorte temporal definido pelo autor, pautado em marcos macropolíticos da conjuntura nacional, que talvez não refletissem de imediato a realidade empírica do território ao qual o autor se refere. A ideia de *população provisória* dá a entender que os paraguaios deram, de fato, lugar a um conjunto de indivíduos que veio *substituí-los* e não, ao contrário, a *somar-se* a eles numa realidade social que passava a se mostrar mais complexa e dinâmica.

O tópico seguinte dialoga com essa questão guiando-se, porém, pela perspectiva da continuidade e da permanência dos paraguaios no sul de Mato Grosso, pela perspectiva das trocas e embates desses imigrantes com as populações locais e com os novos grupos de migrantes nacionais.

2.2. "NÓS VIEMO PARA FAZER SERVIÇO BRAÇAL": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DO TRABALHO RURAL ENTRE IMIGRANTES PARAGUAIOS

Ao longo do século XX, podemos dizer, homens e mulheres imigrantes foram partícipes e integrantes de vários momentos de transformação social e econômica no estado de Mato Grosso. Nesse sentido, tais "significativas contribuições econômicas" ultrapassaram os marcos das décadas de 1930 e 1940, colocados por Wilcox. Embora esteja correto considerar que o nacionalismo do período varguista veio estimular o fenômeno das *frentes pioneiras*[61] e a decorrente vinda de migrantes de outras regiões do Brasil, cuja consequência objetiva pode ser observada na consolidação das Colônias Agrícolas Nacionais – entre elas a CAND – e nas

[61] Para uma rápida definição, *grosso modo*, *frentes de expansão* e *frentes pioneiras*, segundo Mondardo e Goettert, são consequências da expansão do capital sobre o território brasileiro, especialmente sobre as regiões de fronteira (2007, p. 46). No contexto das *frentes de expansão*, marcadas pelo deslocamento de posseiros sobre territórios tradicionais, "as relações sociais fundamentais não são determinadas pela produção de mercadorias, pois a apropriação das condições de trabalho, ou seja, da terra, não se realizava como empreendimento econômico" (idem. p. 47). Assim, nas *frentes de expansão* do sul de Mato Grosso enquadram-se "tanto os gaúchos que penetraram na região na última década do século XIX, quanto os trabalhadores de outras partes do país, costumeiramente chamados posseiros, que, *tensionados* por dificuldades econômicas, desbravavam terras novas em busca de garantir o próprio sustento" (ALBANEZ, 2013, p. 64). As *frentes pioneiras* são movimentos que sucedem às frentes de expansão e, assim, se caracterizam: "pelo empreendimento econômico; propriedade privada da terra (concebida como mercadoria e adquirida através de compra); e produção voltada para o mercado" (FABRINI *apud* ALBANEZ, 2013, p. 63). Nesse sentido, avançando sobre territórios considerados "vazios" e incorporando técnicas modernas de exploração da terra, as *frentes pioneiras* trazem junto a si "um forte componente ideológico que prega levar a modernização às áreas antigas, atrasadas, 'mortas', para produzir uma nação do 'progresso', das grandes produções agrícolas, da riqueza e do enriquecimento rápido. Essa ideologia desconsiderou as populações que viviam nesses locais" (MONDARDO e GOETTERT, 2007, p. 49).

companhias privadas de colonização, é evidente, apoiando-nos em estudos de Albanez (2004), Fernandes (2012), Menezes (2012), que o elemento paraguaio continuou cultural e economicamente inserido na realidade social desse espaço.

Uma das formas de inserção foi o aproveitamento – em se tratando do Extremo Sul do Estado – da antiga força de trabalho ervateira noutros contextos em que se faziam agora necessários. Segundo Jocimar Albanez, "trabalhar 'de empreita' no desbravamento de grandes e médias propriedades parece ter sido o destino de vários paraguaios que circularam pela região após o ciclo da erva-mate" (ALBANEZ, 2013, p. 144). Ao lado disso, acorriam novas levas migratórias oriundas do Paraguai em direção ao Brasil, em consequência, conforme vimos no capítulo primeiro, da crise econômica e dos conflitos políticos que se acentuavam naquele país.

Muitos desses novos sujeitos inseriram-se à margem da antiga economia de extração de erva-mate, que, entre as décadas de 1940 a 1960, já apontava para seu declínio, dando lugar a uma economia voltada, a princípio e em maior grau, para a pecuária e, em seguida, para a agricultura em grande escala.

Os contextos mencionados no tópico anterior nos levam a pensar as rupturas e as continuidades do mundo laboral em que estavam incluídos tais trabalhadores. Consideramos que muitas pesquisas buscaram ressaltar a participação da mão de obra paraguaia em Mato Grosso – Navarro (1999), Souza (2001), Bois (2005), Siqueira (2009), Mondardo (2013), Pereira (2016). Partindo disso, nosso objetivo torna-se, neste caso, buscar nas entrevistas não apenas as informações sobre os trabalhadores que dificilmente se apreenderia de outras fontes – tomando a memória em si como fonte histórica –, mas as lembranças e a subjetividade presente nas formas próprias de percepção da experiência pretérita. Mais que uma simples listagem de ocupações, considerar a memória implica descobrir também "o que elas realmente significaram" (SAMUEL, 1990, p. 234). Dessa forma, são salutares as interpretações próprias dos sujeitos que vivenciaram o processo histórico ao qual nos referimos: caso em que a memória torna-se, também, objeto.

Conforme reflexões de Alessandro Portelli: "recordar e contar já é interpretar" (PORTELLI, 1999, p. 60). Nesse sentido, a História Oral lida e valoriza particularmente as subjetividades. Portanto,

> [...] a subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (PORTELLI, 1999, p. 60).

No decorrer deste estudo, foram apresentadas algumas feições do trabalho paraguaio, dentre as quais difícil seria contornar a problemática do ciclo da erva-mate, posto que é inquestionável a relevância dessa atividade no processo histórico de construção SMT. No entanto, é necessário adiantar, optamos por não tomar como foco a "memória do trabalho ervateiro" entre imigrantes paraguaios ou, o inverso, a compreensão por meio de narrativas de aspectos e detalhes do mundo da erva-mate. Esse é um tema que tem sido bastante explorado na historiografia sobre a fronteira, produzida nas últimas décadas, e faz algum tempo que vem também assimilando a utilização de fontes orais gravadas com antigos ervateiros[62].

Entre as entrevistas que foram gravadas por nós ou entre aquelas às quais tivemos acesso, poucas são as que tocam diretamente no assunto da erva-mate. Além disso, o tema está mais presente nas gravações com descendentes de paraguaios do que nas efetuadas com os imigrantes. Muitos descendentes, especialmente os mais idosos, nascidos em Mato Grosso, ainda em meados do século XX – ou um pouco antes –, tiveram nos avós, pais e parentes próximos pessoas que, de fato, estiveram envolvidos com tal atividade, especialmente na região da antiga fazenda Campanário.

Descendentes como Gumercindo Rojas, Balbuino Agueiro, Taní Martins também falam de suas lembranças e experiências nesse contexto. Entre estes, ao que nos parece, as memórias do trabalho e as memórias familiares encontram-se fortemente ligadas ao período da erva-mate. Quanto aos imigrantes, de acordo com as fontes orais, muitos não chegaram a trabalhar nesse ramo ou o fizeram de maneira muito breve. Quando encontramos menção a isso, ela diz respeito, sobretudo, a parentes, amigos ou conhecidos dos imigrantes, a pessoas que trabalharam como ervateiros.

Abrimos um parêntese aqui para mencionar a entrevista gravada em Laguna Carapã com o senhor Emílio Martinez (seu Martin) e a senhora Clotilde Núnez, imigrados da cidade de Horqueta, Paraguai, em inícios dos anos 1960. Chegaram, portanto, à época da derrocada definitiva da erva-mate no antigo Mato Grosso – segundo Laércio Cardoso de Jesus, esta ocorre

[62] Merece menção o livro "*A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*", produzido em 2000 pelo Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul, que traz um conjunto de entrevistas curtas gravadas em várias cidades de Mato Grosso do Sul com ex-trabalhadores da erva-mate, nacionais e estrangeiros. Outro material que pode ser tomado como uma interessante fonte audiovisual é o documentário "*Caá: a força da erva*", de 2005, dirigido e produzido, respectivamente, por Lú Bigatão e Ubirajara Guimarães. O documentário apresenta também entrevistas com pesquisadores, ex-trabalhadores e outros personagens da Cia. Mate Laranjeira, memórias e performances do passo-a-passo do trabalho, lembranças boas e trágicas daquilo que foi vivido. A dissertação de José Antônio Fernandes (2012) é um exemplo de pesquisa acadêmica recente em que a pesquisa sobre a exploração da erva-mate no espaço da CAND foi complementada com a utilização de fontes orais.

"em meados da década de 1960, quando o principal mercado comprador, a Argentina, encerrou a importação" (JESUS, 2004, p. 126).

Quando questionado sobre onde trabalhavam os paraguaios que vieram para o Brasil no século passado, Emílio responde que "a maioria trabalhava no Campanário, na erva [...] É no tempo do Campanário. É o mai velho, né. Porque tiraro a erva e acabô. Velho, né. Morreu tudo e a erva acabou". Seu Martin lembra da geração anterior à sua e diz que não existem mais aqueles que viveram no "tempo da Campanário" e que mesmo os ervais são coisas de outra época. Quanto a ele, deixa claro: "eu nunca tirei erva. Bom, tiremo assim, pra ir no carijo[63], que fala. Põe num barbacuázinho, seca e... Agora, pra puxá 30, 40 arroba aqui na cabeça eu nunca vi. Eu vi só o raído pra amarrá, aquilo lá que... agora puxá não... nunca puxei" (ENTREVISTA, C. Nunes e E. Martinez, 30/07/2016).

Cumpre assinalarmos que o trabalho a que faremos referência, a partir de agora, diz respeito àquele desenvolvido por migrantes paraguaios que ainda jovens percorriam, andavam, deslocavam-se entre cidades e fazendas em busca de serviço, participando de um momento marcado por fortes transformações econômicas no SMT. São consideradas centrais e servem como direcionamento para as discussões, especialmente, deste *item 2.2* as entrevistas com os imigrantes Zildo Araújo (2011), Pedro Otero (2011 e 2018), Conceição Vallejo (2018), Marcos Afonso (2018), Fidel (2018) e com o descendente de paraguaios Victor Areco (2018).

Na ótica dos geógrafos Raymond Pebayle e Jean Koechlin, as transformações mencionadas correspondem, a partir da metade do século XX, à transição entre um estágio de "predominância do ecológico sobre o econômico", em que as atividades extrativas e criatórias não causavam grandes impactos ao ecossistema, para um estágio de "predominância do econômico sobre o ecológico", marcado pelo fortalecimento das frentes pioneiras oriundas do sudeste e, a partir de fins da década de 1960, do sul do país (PÉBAYLE e KOECHLIN, 1981). Sobre a questão, também Jocimar Albanez explica que "as décadas de 1940 e [19]50 [compõem] um período de transição, nele convivendo elementos de frente de expansão e de frente pioneira; quando do desfecho, os últimos ganhariam hegemonia e imprimiriam nova configuração socioeconômica à região" (ALBANEZ, 2013, p. 67).

A questão da migração de paraguaios para os países vizinhos no contexto das décadas seguintes à Guerra do Chaco está relacionada, sobretudo, a fatores de ordem política e

[63] "[...] espécie de grade, com cerca de um metro de altura onde a erva mate é disposta com a folha para cima, amarrada em pequenos ramos. Logo após, o fogo é feito todo ao redor dessa estrutura" (**Método tradicional e antigo de fazer erva mate ainda persiste na região.** 12/09/2013. In: www.radiopoata.com.br).

econômica. Direcionados à Argentina e, em menor grau, ao Brasil, aqueles que compunham o grupo com baixa formação educacional e mão de obra não qualificada enquadraram-se principalmente nas áreas rurais. Os argentinos, de acordo com Kleinpenning, davam preferência aos paraguaios, pois, "estaban mejor adaptados a las difíciles condiciones de trabajo que otros latinoamericanos". Raciocínio, como apontado anteriormente, também comum no Brasil. Embora dê pouca atenção à migração dessas pessoas para o Brasil, o autor elucida que aqueles que migraram para o antigo Mato Grosso foram empregados na exploração da erva-mate, na pecuária e na exploração florestal, atividades muito próximas às dos que se dirigiram para a Argentina (KLEINPENNING, 2014, p. 447).

Vindos de localidades rurais cujas condições de vida eram fortemente marcadas pela pobreza, paraguaios e paraguaias tiveram sua mobilidade impulsionada pela busca de trabalho, com vistas a não terem de viver continuamente no âmbito de uma economia de subsistência, tal como ocorria com muitas das famílias de origem.

O livro de Jones Dari Goettert sobre a migração gaúcha traz passagem interessante a esse respeito. Conforme escreve Goettert:

> A migração de trabalhadoras e trabalhadores é a migração do Trabalho. A migração para o trabalho. A mobilidade pelo trabalho. Sair *daqui* para trabalhar *lá*. O trabalho tende a assumir a centralidade no movimento das *gentes* de um para outro lugar. Medeia a sobrevivência nos lugares. No novo lugar a expectativa é sempre renovada. Expectativas de trabalho – e de *bom* trabalho – se apresentam como condicionantes destacáveis para deixar um lugar. E também para chegar a outro (GOETTERT, 2008, p. 207 – *grifos do autor*).

Dos paraguaios que, nestas condições, migraram para o Brasil em meados do século XX, muitos o fizeram imediatamente após a saída do exército, com o cumprimento dos dois anos de serviço militar obrigatório. Entre os entrevistados estão Pedro Otero, Zildo Araújo, Ramão Cabanha, Luiz Cardozo[64] e Leandro Balbuena[65].

O imigrante Fabrício Mieres, morador de Naviraí, em entrevista gravada em 1997, fala das condições dos homens que, ao saírem do quartel, migravam, transitavam entre Paraguai e Brasil. A seguir sua percepção sobre o assunto:

> [...] os paraguaio que vai no quartel sai... sai pobre!, pobre, ele não tem dinheiro. Tem uma cabecinha de gado, tem mandioca, milho; não planta o suficiente pra ele vender […] E a maioria

[64] Nascido no Brasil, porém levado para o Paraguai quando criança, aos sete anos, ficando lá até o cumprimento do serviço militar, na década de 1960.

[65] Entrevista gravada por Rosimeri Rech, na cidade de Naviraí, em 1997. Disponível em CDR/UFGD, coleção Memórias de Migrantes – Wilson Biasotto.

> do homem do Paraguai sai do quartel e vem no Brasil. Eu falando de Concepción para cá […]. Então ele vem pra trabalhar, vem e trabalha cinco, seis [meses]... na época da derrubada, principalmente an/ [antigamente]. Vem e ganha um dinheirinho, compra a roupa dele e volta pro Paraguai, volta vê os pais. Mas depois tem aquele costume dele: quanto tá com pouco dinhêro já vem para cá outra vez, ganha um dinherinho e volta para lá (ENTREVISTA, F. Mieres, 1997)[66].

O senhor Pedro Otero – nascido na cidade de Horqueta, em 1924 – "entrou no Brasil" no ano de 1945, após a saída do quartel, através da cidade fronteiriça de Bela Vista. Como o próprio diz: "eu trabalhava nessa frontera" (ENTREVISTA, P. Otero, 2011). Após 1945, seu Pedro passou por diversas localidades até se estabelecer em Dourados, em 1952. Elenca, ao longo dos diálogos, os lugares onde esteve e os trabalhos que realizou. Passou da fronteira de Bela Vista para cidades e fazendas do Pantanal Mato-grossense, em constantes idas e voltas, numa condição itinerante que aponta para a vulnerabilidade e a instabilidade das condições de trabalho. Acompanhemos o seguinte diálogo:

> **O senhor tava onde antes de vim pra cá?**
> Ah, eu tava aí perto. Aí veio pra Bela Vista.
> **Primeiro o senhor entrou em Bela Vista?**
> Bela Vista. Depois passei ai em Aquidauana, [Anastácio]. Pantanal, né? [...]
> **O senhor morou em Bela Vista mais ou menos quantos anos?**
> Eu não morei quase lá, passei direto. [...] Fui em Aquidauana, [depois] Miranda. Porque é Pantanal. Cê trabalha no Pantanal e sai pra cidade, cê fica dois, três dia e volta.
> **Ficava na fazenda a maior parte do tempo...**
> Na fazenda [confirma].
> **Quanto tempo o senhor ficou por lá [em Miranda]?**
> Uns seis meses, um ano. Aí cê volta da cidade, torna ir na outra fazenda. Miranda eu fiquei dois anos lá. Saí de lá de Miranda em [19]47, passei em Aquidauana, fui pra Porto Murtinho, fazê açude, fazenda Tererê. Do Tererê eu fui no [inaudível]. Lá eu trabalhei. Lá é Murtinho (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

Nas duas entrevistas (2011 e 2018) Pedro Otero descreve de forma similar a primeira parte de seu itinerário: Bela Vista – Aquidauana – Miranda – Aquidauana – Porto Murtinho. Nestas cidades, segundo mencionado, esteve nas fazendas Tupanciretã (Aquidauana) e Miranda Estância[67] (Miranda), relativamente próximas e localizadas no Pantanal, e na Fazenda Tererê (Porto Murtinho). Desta cidade, conforme narrou em 2011, retorna ao Paraguai para trabalhar

[66] Entrevista gravada por Rosimeri Rech, na cidade de Naviraí. Disponível em CDR/UFGD, coleção Memórias de Migrantes – Wilson Biasotto.

[67] Corresponde atualmente ao luxuoso Refúgio Ecológico Caiman, propriedade voltada à agropecuária e às atividades de turismo na região do Pantanal.

na localidade de Vallemi[68], onde ficou por pouco tempo e, lograda esta volta, ocorre uma nova "entrada" no Brasil, passando por Porto Murtinho, Maracaju e Dourados.

Este último percurso, após sua passagem por Vallemi, é descrito na entrevista de 2018 da seguinte forma: Porto Murtinho – Miranda – Aquidauana – Campo Grande – Maracaju – Itaum (através da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil) – Dourados.

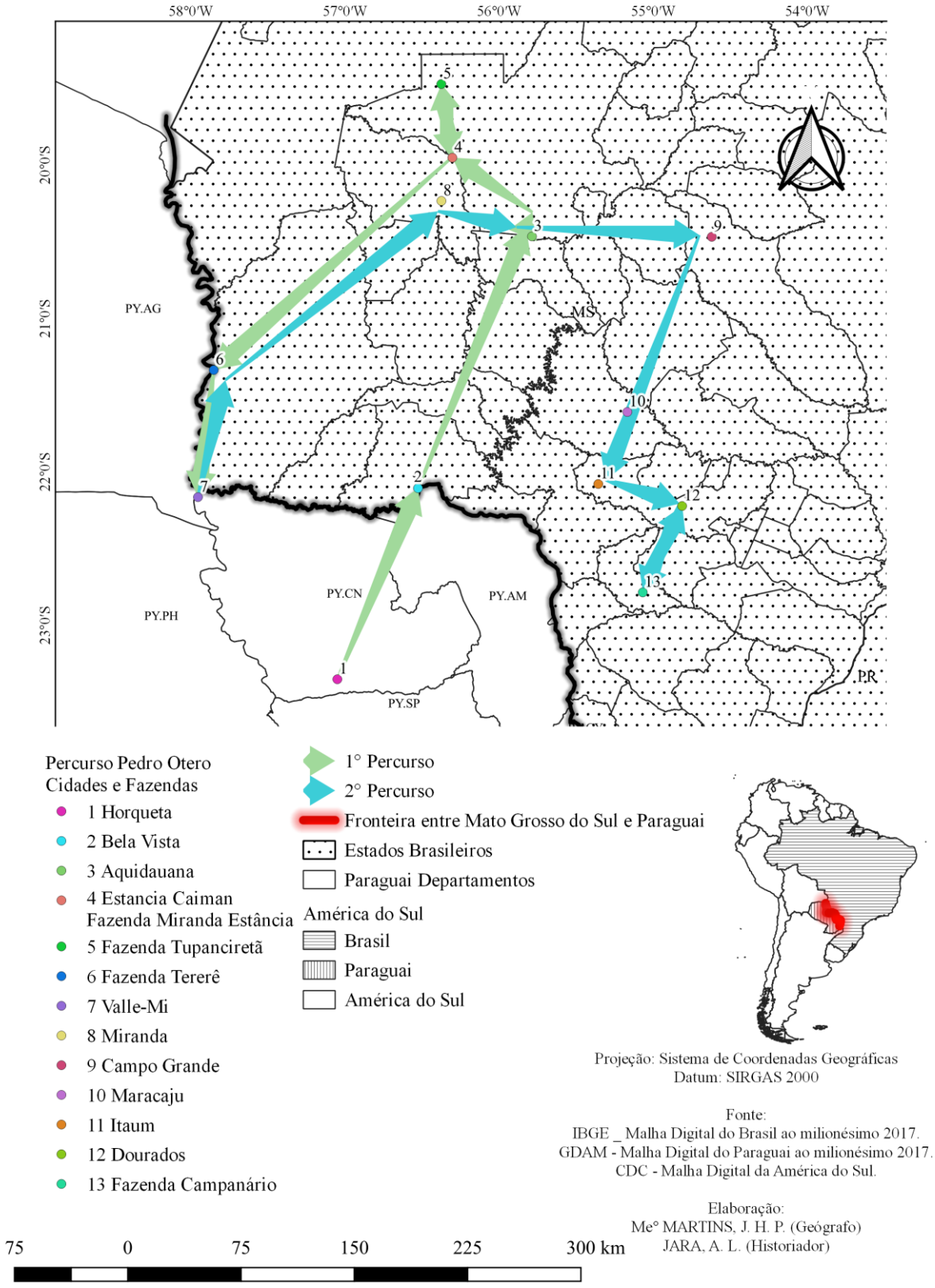
As lembranças são marcadas sequencialmente pelas localidades específicas por onde esteve o entrevistado. "A memória", nos lembra Célia Lucena, "se desloca de um espaço a outro" (1999, p. 81). Ao ser perguntado, na primeira entrevista, sobre as datas e lugares, reavalia e tenta retomar a maneira como ele mesmo, à época, encarava suas andanças:

> *Em Dourados aqui [eu cheguei] em 1952*. Porque andava e *eu nem pensava em que ano que era aquilo* [risos]. Era rapaz solteiro, falava pra mim "ó, tal parte" eu vou indo. Com a trouxinha na costa, vai embora, num tá ligando pra vida não. Num tem pai, num tem mãe, num tem irmão, num tem ninguém. É só você, sozinho e Jesus seguindo [na] frente (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

O seguinte mapa busca apresentar, a partir do que foi dito nas entrevistas mencionadas, o percurso de seu Pedro entre os anos de 1945 e 1952:

[68] Localidade onde em 1949 foi instalada a Industria Nacional del Cemento. Foi assim referenciada pelo entrevistado: "esse Francia-Cué passou pra ser Vallemi. Eu conheço, eu andei por lá. Eu trabalhei lá!, onde você tá falando, Francia-Cué. Alí formô uma fábrica de... cola, de cimento [...]" (ENTREVISTA, P. Otero, 21/01/2018).

Figura 2: Percurso de Pedro Otero entre o Paraguai e o SMT (1945 - 1952).



Nas narrativas são comuns as imprecisões, os lapsos, os esquecimentos, as confusões em relação ao período e ao local aos quais o entrevistado está se referindo. Raphael Samuel lembra-nos que "Os fios da consciência são particularmente difíceis de desembaraçar porque as atitudes do passado e do presente facilmente se emaranham" (SAMUEL, 1990, p. 239). Assim, é usual que nem sempre haja preocupação em seguir uma ordem cronológica, o que faz com que ocorra uma mescla de tempos e espaços distintos, marcados pelos acontecimentos dos quais se deseja falar, sejam eles as derrubadas, os trabalhos realizados ou os bailes, as festas.

Zildo Araújo, nascido em 1938, na cidade de Encarnación, fronteira com a Argentina, migrou para o Brasil em 1958. Como Pedro Otero, veio jovem e sozinho. Reforça isso como motivo de orgulho: "eu veio sozinho memo, ninguém me conhece no país lá. Sozinho memo, só minha família é meu parente lá". De família liberal e diante da exigência de filiação colorada para permanecer no serviço militar paraguaio, Zildo, ao contrário de parentes que decidiram pela Argentina, optou pela migração para Mato Grosso[69].

Não diz muito a respeito do primeiro ano em que esteve no Brasil, do pouco que menciona, no entanto, fala com desgosto. Vindo pelo rio Paraguai até Concepción, e desta, até Pedro Juan Caballero, chega ao Brasil e, com pouco conhecimento, tem pouca sorte ao trabalhar junto de um grupo de paraguaios (que definiu como "muito malandro"). Depois do primeiro ano, começaram os trabalhos como peão na derrubada de matas: "fui encaixar lá no Curupaí pra derrubá mato, é, pegô de empreita pra derrubá […] fico dez ano lá, derrubando mato". Seu Zildo também conta ter trabalhado como derriçador nos cafezais, participado dos desmatamentos e, em seguida, contratado peões como empreiteiro, quando "pegô um caminhão e foi pra contratá peão em Pedro Juan" (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

Paraguaios como Pedro Otero, Zildo Araújo e inúmeros outros encontravam-se, nesse momento – meados do século XX –, ao lado de indígenas e nordestinos como peões, mão de obra tipicamente empregada no contexto das frentes pioneiras (BORGES, 2002). As derrubadas e a produção dos cercamentos são duas significativas formas de trabalho mencionadas pelas fontes orais da pesquisa, e fundamentais para a estruturação das fazendas no Estado. Não raro o peão imbricava um conjunto de habilidades manuais e braçais que envolviam especialmente essas duas atividades: derrubar a mata, abrindo áreas para a plantação de pastagens ou para o cultivo de agricultura, e lascar e preparar a madeira para a feitura de cercas.

No Extremo Sul de Mato Grosso, a partir da década de 1950, segundo a pesquisa de Albanez, a concentração fundiária nas mãos de particulares foi acentuada com a venda de terras

[69] Cf. "Apêndice: entrevistas realizadas com Paraguaios – Cildo Araújo (sic.)" (OLIVEIRA, 2015, p. 105).

devolutas – uma grande fonte de receitas para o Estado – consideradas de alta qualidade e vendidas a preços muito baixos (ALBANEZ, 2013, p. 97). Dessa forma, o incremento das propriedades agrícolas particulares se configurou, em especial, com a abertura das matas para a formação de fazendas "sem dispêndio significativo de capitais" (2013, p. 98) e com o fortalecimento da agricultura e da pecuária de larga escala.

Sobre o emprego da peonagem nesse processo de expansão das frentes pioneiras, o sociólogo José de Souza Martins observa:

> O que a peonagem tem promovido na frente pioneira desde pelo menos a expansão dos cafezais brasileiros para o oeste de São Paulo, no século 19, é a produção das fazendas [...] a peonagem tem produzido, sobretudo nos casos recentes, os meios de produção a serem utilizados pelo capitalista na produção de mercadorias e não principalmente nem diretamente as próprias mercadorias (*apud* BORGES, 2002, p. 84).

Há que citarmos também o surgimento das colônias agrícolas, que atraiu a vinda de migrantes nacionais de origem mais humilde, em especial, de nordestinos. No contexto da CAND, por exemplo, afirma-nos Ana Paula Menezes que "o paraguaio passa, neste momento, com a chegada das frentes pioneiras, a participar das atividades de abertura de lotes, tendo constante participação nas atividades dos colonos" (MENEZES, 2012, p. 68). Nesse caso, muitos dos paraguaios já conheciam a região. Decorrem daí encontros e trocas entre eles e os novos sujeitos recém-chegados. Por um lado, os paraguaios são incorporados nas atividades de desmatamento dos lotes; por outro, os colonos passam a ter conhecimento sobre a extração e preparo da erva-mate, chegando a produzir por si mesmos. Essa relação é demonstrada na dissertação em História de José Antônio Fernandes (2012).

A vinda de colonos de diversas localidades para a região de Dourados, nas décadas de 1940 e 1950, é narrada da seguinte maneira por Pedro Otero, que vivenciou o momento:

> Ai começou essa história pra correr aqui, quando ele veio aqui [Getúlio Vargas] e deixou o pessoal pra cortar essa terra, a Colônia Federal [falando da CAND]. Aí veio o brasilero, veio o rio-grandense, Minas Gerais, São Paulo, entrou aqui. Veio de ônibus, de carreta, de... trens! Trens já saíram, pra chegar... até Campo Grande.
> Eu vim com um rio-grandense, eu falei pra ele:
> – Aonde que você vai?
> – Eu vou pra Dourados.
> – O que que você vai...?
> – Eu quero a terra, barato...
> E entrou... Mineiro, paulista, comprô essa terra aqui, mandô derrubá a mata e comprar capim, e nessa época que o paraguai [paraguaio]... descobriu, porque a fronteira aqui é perto! (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

O mesmo senhor fala também sobre a quantidade de paraguaios que "descobriram" oportunidades de trabalho e, aproveitando a difícil conjuntura em que se encontrava o Paraguai, passaram a migrar para o Brasil. Explica-nos o porquê e o para quê desses percursos movidos às vezes a cavalo ou mesmo a pé, por si e por seus demais compatriotas: "*nós viemo pra fazer serviço braçal.* Cerca, poste de aramado e serrar madeira pra fazer algum barracão... mas serrar com serra de mão, assim" (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

Para Conceição Vallejo, a vinda de paraguaios para o Brasil foi incentivada também por uma espécie de "propaganda boca a boca". Tendo em vista que as contratações poderiam ser sazonais, aqueles que retornavam ao Paraguai alimentavam nos demais a ideia de que em Mato Grosso havia muita oferta de trabalho, trazendo consigo outros companheiros (a fonte menciona ainda a contratação de peões através de empreiteiros):

> Vamos supor, arrumei um patrão, dois, três mês depois eu ganho um troquinho e vou lá e já falo pro povo:
> – Vamo lá fulano, lá tem serviço bom, eu trabalhei e ganhei lá, lá tem bastante serviço.
> E ele já vem comigo. Aí daqui a pouco você volta lá, ele volta, traz mais um, traz mais outro e assim vai. E aquele tempo o empreitêro ia muito lá em Ponta Porã, por aí, né?, e... contratava gente pra entrá pra cá [...] Eu acho que é meio assim, veio um e aí gostou e vai lá visitar o parente, aí já vem o irmão, já vem o tio, já vem o primo:
> – Vamo lá, vamo lá!
> E de repente fica tudo pra cá (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

A migração do senhor Marcos Afonso, aos 25 anos, de Pedro Juan Caballero para o município de Caarapó, teve também como motivador a busca por trabalho e ocorreu de forma bastante próxima às condições descritas por Conceição Vallejo. Afonso, como era chamado, sem formação escolar – "eu num tenho estudo não [Não frequentou nem um pouco a escola?] Não, não... nunca estudei mêmo" –, já tinha experiência com o trabalho braçal:

> **E antes de vim pro Brasil... cêis trabalhavam com o que em Pedro Juan?**
> Ah, roçava mato, derrubava, faz cerca. Roçava invernada, serviço braçal mêmo. Num tem estudo, né?, então tem que sê braçal mêmo [...].
> **E o que motivou o senhor sair do Paraguai e vim morar aqui no Brasil?**
> Eu vim aqui prá... procurá o serviço, né? Aqui em Caarapó. Achemo, trabalhemo e gostei. Gostei daqui, Caarapó. Tem... emprego, né?
> **Quem falou que tinha trabalho aqui? Ou foram te buscar lá?**
> Não, não... só eu mêmo vim. [...] Eu encontrô um amigo aí que falou:
> – Vamo lá trabalhá pra lá.
> Aí eu falei:
> – Não, uma hora eu vou lá, uma hora eu vôu lá.
> Aí uma hora pensei:
> – Nnão, vou lá agora, vou trabalhá pra lá...
> E aí eu vem aqui. Chegô aqui e no outro dia já fui trabalhá... já fui trabalhá.

O que contavam do Brasil pro senhor?
Falavam:
– Aqui tem emprego, serviço – falou – vamo trabalhá... Caarapó tem bastaaante.
E depois que pensei, "vou lá", e veio [vim] mêmo (ENTREVISTA, M. Afonso, 27/01/2018).

Conforme mencionado, no início do século XX, além da atividade com erva-mate, os paraguaios desenvolviam funções relacionadas ao exercício da força física, ao desempenho braçal e ao manejo da madeira. Nas fazendas de gado, nos lembra Wilcox, eram empregados em serviços temporários na pecuária, "na construção de casas, currais [frequentemente chamados de mangueiros] e celeiros, na construção e reparo de cercas e no zelo das carretas e seus respectivos bois" (2008, p. 31). Há, certamente, durante todo o século passado uma continuidade na execução dessas habilidades manuais fortemente ligadas com a carpintaria, que atravessam muitas trajetórias de vida e muitas trajetórias familiares.

No Pantanal e nas regiões ao sul do Estado, foram empregados, no ramo, trabalhadores como Cassiano Ojeda, Leandro Balbuena, Gumercindo Rojas, Pedro Otero e Zildo Araújo: "tinha um dinhero, fazendero já tava com [...] muito dinheiro, fui trabalhando, fazendo casa e barracão pra ele. Ele num tinha casa, era rancho, taperão. Mai nói serrava a madera e fazia. Ganhava dinhero, fui fazê manguêro..." (ENTREVISTA, Pedro Otero, 2011). O que seu João conta sobre aquilo que seria "formar a fazenda" estava, segundo ele, diretamente ligado ao serviço de carpintaria. Auxiliado por outros trabalhadores, a maioria também paraguaios, entregava a propriedade pronta, ou seja, com cercas, currais, mangueiros, galpões e casas de madeira devidamente construídos.

O pai de Gumercindo Rojas, Emílio Rojas, foi responsável pela construção de casas de madeira em substituição às casas de pau-a-pique na região de Caarapó, na década de 1940. Gumercindo afirma que participou, junto com o pai, desse tipo de trabalho quando ainda era muito novo, entre os anos 1940 e 1950: "eu entrei com 12 ano e saí com 20 ano de... dessa profissão... serrá madera". Emílio Rojas viveu por aproximadamente 20 anos nas fazendas de Corumbá, "tocando boi, tocando tropa, marcando, capando [...] carpintero, trabalhava na roça também", até se mudar para Caarapó. Sobre o pai, Gumercindo diz:

> [...] o meu pai era um desses que também remendava [trabalhava] nessa parte de carpintêro. Ele fazia... carreta, roda de carreta de boi. E fazia carreta completa, pra sair rodando, né? Ponhava duas-três junta de boi e saía. Em Caarapó, a primeira casa... ele serrou de serrotão. Você não conhece, né?, nem meu filho acho que chegou a conhecer – já tenho filho com 60 ano e não chegou a conhece ainda – serrotão, de serrar... eu trabalhei muito com aquilo (ENTREVISTA, Gumercindo Rojas, 17/12/2016).

A informação é corroborada no livro *Conhecendo Caarapó: Geo-história do Município*, de Ramão Vargas de Oliveira. O livro nos foi apresentado por seu Gumercindo após a entrevista. O livro traz no item *Outros velhos fundadores* a foto de seu pai e de sua mãe, com os seguintes dizeres: "Emílio Rojas (na foto, ao lado de sua esposa Florisbela, com quem se casou em 18 de outubro de 1930) foi o primeiro carpinteiro e sarrador de Caarapó. Foi ele quem construiu a primeira casa de tábuas na cidade" (OLIVEIRA, 1988, p. 185). Seu Gumercindo se detém um longo tempo tentando encontrar uma das fotos que apresenta um "mineiro ou arrieiro conduzindo um raído que pesa, em média, 12 arrobas de 10 kg" (1988, p. 131). Também ao final da entrevista assistimos ao documentário *Caá: a força da erva*.

A partir desses materiais, seu Gumercindo, "criado no meio de 20 paraguai", ia trazendo à tona as lembranças do trabalho ervateiro e da carpintaria, que muito marcaram sua família. Na continuidade da narrativa detém-se em longa e detalhada descrição gestual, que compõe uma imagem e re-apresenta o processo de feitura das tábuas que seriam usadas para a construção das casas na cidade de Caarapó. Em sua vida adulta exerceu a profissão de radialista. O mesmo livro afirma que Gumercindo foi responsável "pelos primeiros transmissores da Rádio Difusora de Caarapó" (OLIVEIRA, 1988, p. 185).

A descrição acerca da utilização do *serrotão* – também conhecido como *traçador*[70], uma ferramenta bastante utilizada à época pelos trabalhadores das empreitadas – foi feita em seguida e, em detalhes, por seu Gumercindo e muito se aproxima do que é apresentado por Ramão Vargas de Oliveira ao mencionar a primeira casa construída por Emílio Rojas, em 1940: "A madeira nela utilizada foi serrada a braço numa serraria de chão, ou seja, um buraco onde uma pessoa ficava dentro enquanto a outra em cima da tora puxava o serrotão" (1988, p. 185).

Ao longo da pesquisa de campo tivemos acesso, na casa de alguns entrevistados, às ferramentas e aos instrumentos utilizados nesses períodos e que ainda estavam guardados, muitos já bastante desgastados e enferrujados devido às intempéries e às décadas de uso.

O senhor Sebastião Benitez, descendente de paraguaios, trabalhou durante muito tempo com a derrubada de madeira e com a construção de cercas nas fazendas da região de Itaporã. Guarda muitas dessas ferramentas no corredor lateral de sua casa e numa despensa feita de madeira e telha Eternit logo ao fundo.

No manuseio do *traçador* se disse *maestro*. Na serraria de chão, aquele que ficava em cima orientava o corte da madeira – papel que Sebastião diz ter desempenhado.

[70] É também comum a pronúncia "*trançador"*.

O trabalho que o senhor desenvolveu depois com a madeira... o pai do senhor já trabalhava com isso?
Eh, trabalhô, arrumô com outros paraguai e serrou corte de casa por aqui. Mas ele num era maestro de serrotão, mas aprendeu puxá a serra, né? [...] O que trabalha em cima da tora tem que ser maestro. O que puxa [em baixo] não precisa, assim, só dá uma esticada. Se [a serra] quer saí da linha pra cá cê tem que... tirá o corpo pro lado que a serra quer sai prá... jogá, assim...
Quem controla a serra é quem tá em cima?
É... quem arruma... tudo...
E o senhor trabalhava em cima ou em baixo?
Eeem cima, eu aprendi ficar maestro! Maestro... Já serrei muita madeira, hem... (ENTREVISTA, S. Benitez, 28/01/2018).

Fidel, paraguaio de San Pedro del Ycuamandiyú, com quem conversamos em Caarapó também guardava em casa o *traçador* e outras ferramentas; do mesmo modo, seu João. Para eles as ferramentas são ainda importantes, estabelecem um elo afetivo, são estímulos para evocar o passado, objetos que alimentam suas narrativas e que fortalecem as memórias ligadas ao trabalho. Enquanto enfileirávamos as ferramentas no chão, seu Sebastião dava-nos informações sobre a utilidade de cada uma delas: manuseava o lampinador (**cf. Figura 6**) e explicava-nos que a ferramenta havia sido criada por seu próprio engenho para melhor fazer o acabamento dos postes de madeira onde eram fixadas as cercas; falava sobre a adaptação do arco de pua às suas necessidades de trabalho, sobre o posicionamento e encaixe da madeira no *traçador*, o uso dos ponteiros e cunhas para o fabrico das lascas que formavam os postes.

Nesse sentido, duas considerações de Raphael Samuel se aplicam ao conjunto das entrevistas recém-citadas: a primeira que, no fundo, expõe nossa ignorância, afinal "um homem ou uma mulher, falando de seu trabalho, sabe mais sobre ele do que o pesquisador mais diligente tem condições de descobrir"; e, a segunda, que podemos entender especialmente a partir dos encontros com seu Sebastião: "a evidência oral pode também ajudar a trazer os resíduos da cultura material", ou seja, os objetos deixam de ser inanimados quando ouvimos aqueles que os usaram (SAMUEL, 1990, p. 231).

Figura 3: *Traçador:* instrumento de trabalho utilizado no corte de madeira. Propriedade do senhor Sebastião Benitez.

Fonte: Acervo pessoal. Alan Luiz Jara. Itaporã – 26/01/2018

Figura 4: *Traçador:* instrumento de trabalho de propriedade do senhor Fidel.

Fonte: Acervo pessoal. Alan Luiz Jara. Caarapó, 27/01/2018.

Figura 5: Motosserra modelo "Husqvarna 61" de propriedade do senhor Sebastião Benitez.

Fonte: Acervo pessoal. Alan Luiz Jara. Itaporã – 26/01/2018

Figura 6: Instrumentos de trabalho de propriedade do senhor Sebastião Benitez. De baixo para cima: 1) ponteiro ou cunha[71]; 2) machado; 3) trado ou pua[72]; 4) torquês ou turquesa; 5) machete; 6) machado 7) arco de pua; 8) enxó[73]; 9) marreta; 10) lampinador[74].

Fonte: Acervo pessoal. Alan Luiz Jara. Itaporã – 26/01/2018

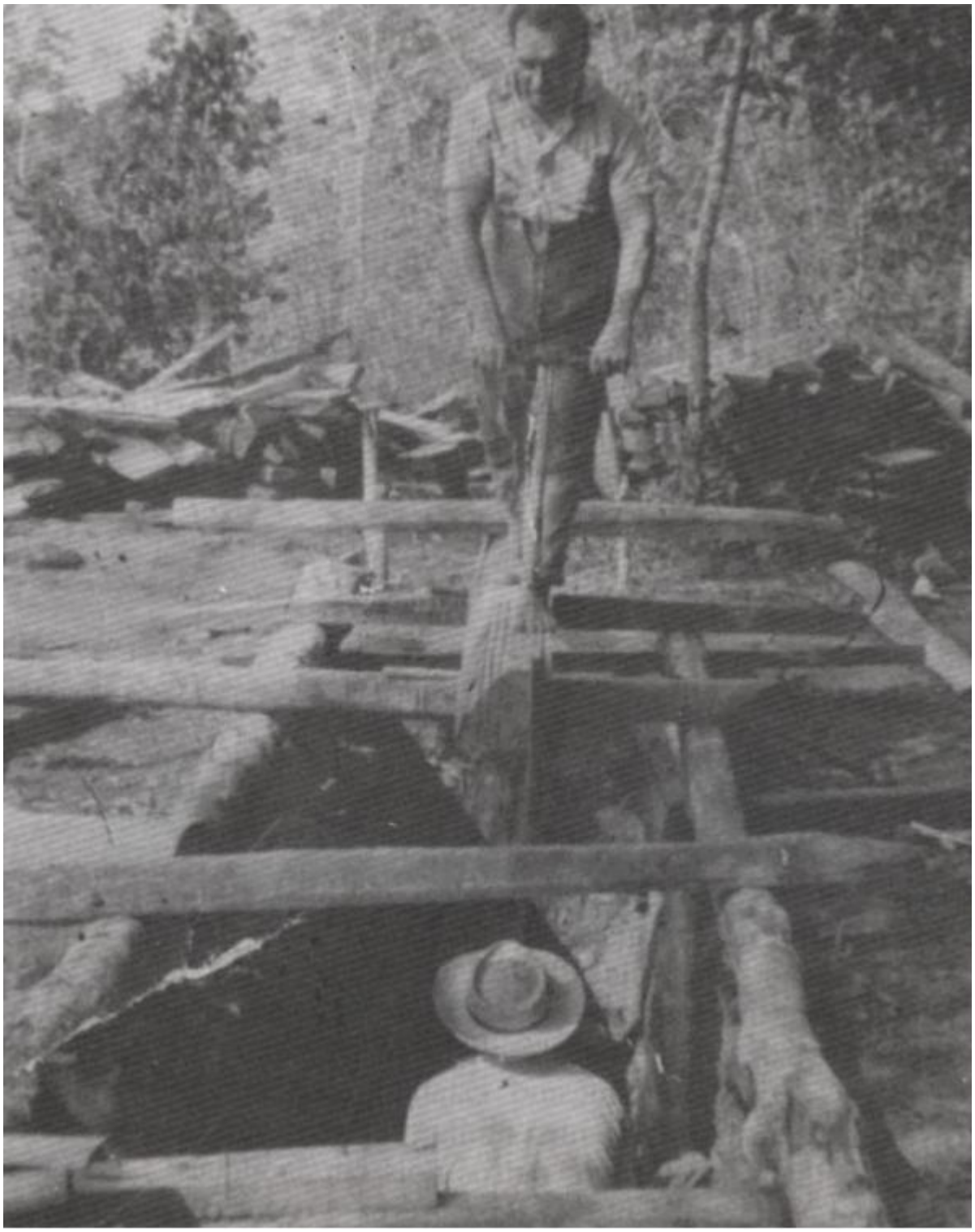
[71] Instrumentos utilizados para rachar madeira – especialmente aroeiras – para a produção de lascas (postes) para cercas.

[72] Instrumento manual para perfurar a madeira.

[73]Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: "subs. fem.: instrumento que consiste em uma chapa de metal cortante e um cabo curvo, us. esp. em carpintaria e tanoaria para desbastar peças grossas de madeira".

[74] Instrumento de fabricação própria utilizado pelo entrevistado para lapidar ou "lampinar" lascas de madeira.

Figura 7: Exemplo de trabalhadores paraguaios na lida com a madeira utilizando o *traçador*[75].



Fonte: Revista ARCA, Campo Grande, 1993, p. 41.

[75] Na legenda original: "Ao lado, o serrador Amâncio Rodrigues, na fazenda do Sr. Óta, 1962".

É arriscado, ao facultar aos paraguaios as habilidades necessárias à faina com a madeira, o couro, a carne charqueada ou a erva-mate, considerá-las atributos intrínsecos a estes. Não deixa de estar correto colocar que há muito os paraguaios estavam fixados na região sul do antigo Mato Grosso e, em relação às atividades madeireiras, "possuíam familiaridade com certas técnicas que se tornaram comuns" (MENEZES, 2012, p. 68), ou então já atuavam em sítios e fazendas no Paraguai. Contudo, é preciso lembrar que sujeitos como Pedro Otero e outros recém-imigrados eram ainda bastante jovens, alguns saídos diretamente dos quartéis e, mesmo oriundos de um ambiente pobre e rural, guardavam pouca experiência de trabalho.

Não obstante apresentarem disponibilidade para as atividades braçais, alguns migrantes, ao chegar ao Mato Grosso, tinham pouco conhecimento e domínio das técnicas necessárias ao tipo de trabalho que lhes seria cobrado – conhecimento que adquiririam apenas na prática, em contato com trabalhadores indígenas[76], com paraguaios e brasileiros que já se encontravam na região. Somado a isso, tinham o guarani como primeira língua e guardavam pouca ou nenhuma proximidade com o idioma português. Tinham, porém, a seu favor, o fato de o guarani ser bastante difundido no SMT.

Nesse sentido, vale lembrar a preponderância do idioma guarani, especialmente nas cidades fronteiriças com o Paraguai, como Ponta Porã, Bela Vista e Porto Murtinho. Duas fontes citadas por Queiroz reforçam a questão: Armando de Arruda Pereira, sobre a presença dos paraguaios, afirmava que "quase todo camarada das fazendas, campeiros, carreiros etc., são paraguaios" e Nélson Werneck Sodré que dizia ser a língua guarani "aquela que é empregada pela maior parte da população que ali vive. Não será exagero afirmar que o desconhecimento dela pode trazer embaraços ao viajante" (PEREIRA [1928] *apud* QUEIROZ, 2003, p. 30; SODRÉ [1941] *apud* QUEIROZ, 2003, p. 31; WILCOX, 2008, p. 38).

Os imigrantes consultados afirmam, de modo quase unânime, o predomínio do idioma guarani nas localidades em que viviam. Victor Areco e Lourenço Estigarríbia nascidos, respectivamente, em Porto Murtinho e Paranhos, exemplificam bem, pelo contexto social de suas cidades de origem, a influência da cultura e do idioma paraguaio.

Sobre isso, verificamos também em suas narrativas a função da escola como instrumento de nacionalização da fronteira:

[76] Os indígenas eram também empregados nos desmatamentos e na abertura de estradas. Antônio Brand apresenta em sua tese algumas narrativas de indígenas que vivenciaram este processo. Na ótica dos Guarani/Kaiowá, a formação das fazendas – identificada por estes em fins da década de 1950 – está relacionada ao *esparramo* (entre 1950 e 1970) que, "mais do que a perda da terra, significa a dispersão das aldeias e o desmantelamento das famílias extensas. Ou seja, a perda da terra traduziu-se na dispersão de seus moradores e não simplesmente em sua transferência para dentro das Reservas" (BRAND, 1997, p. 89).

> Ali [Murtinho] era uma mistura. Tanto é que a nossa escola ali era... praticamente os paraguai ali dominava, família paraguaia. Na escola mesmo, nós tínhamos lá um professor que mal falava em português. [...] E na sala tinha – eu lembro até hoje – era proibido falá em guarani ali, porque... o guarani comia dento da sala! [risos] Naquela época. O que eu sempre disse: lá tinha 80... 70 por cento de... de origem, assim, família paraguaia. Porque entrava por ali e... tudo ia pra Campo Grande. Naquela época a gente num falava em Dourados (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

> Na verdade eu morava só do lado do Brasil, né? Eu nunca fui pro lado de lá. [...] Na verdade naquela época lá onde eu morava, lá em Paranhos, o dominante mesmo é os paraguai. A gente não tinha quase contato com os brasileiro. Eu fui aprende falá em português depois que eu fui pra escola; não sabia falá nada!, em português, sendo que eu vivia do lado do Brasil. Não sabia falar nada! Nasci no Brasil, em Paranhos, e não sabia falar uma palavra em português! [...]Por causa dos pais e porque não tinha escola; enquanto não frequentei escola não aprendi falar em português. Vim falá depois de grande já. (ENTREVISTA, V. Ledesma, J. Ledesma e L. Estigarríbia, 10/07/2017).

Sobre isso, citemos a fala inicial da entrevista com Conceição Vallejo. Enquanto era preparado o equipamento necessário para a entrevista, montávamos o tripé, ligávamos o gravador, enquadrávamos o ângulo da filmadora, seu Vallejo aguardava no sofá comentando, de forma descontraída, sobre seus problemas com o idioma português:

> Cê sabe que até hoje eu... num sei falá em português ainda? Mas naquele tempo... eu num sabia nem pedir água quase. Cheguei aqui e encontrei essa paraguaiada, aqui tem muito paraguai. E naquele tempo era puro guarani aqui, onde você vai é guarani, guarani, tudo... paraguai [risos] (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

Verificamos que transparecem nas entrevistas os diversos percalços enfrentados diante do desconhecimento do idioma, assim como as poucas alternativas de trabalho diante da falta de qualificação profissional; em alguns casos ainda, a falta de parentes, de conhecidos ou amigos para o acolhimento. Esse conjunto de circunstâncias demonstra, até certo ponto, o quase salto no escuro que foi dado por muitos imigrantes ao "tentar a vida" no sul de Mato Grosso.

O diálogo a seguir – com Pedro Otero – e a citação seguinte – de Leandro Balbuena – apresentam a situação do migrante ainda na condição de aprendiz, muitas vezes submetido a pagamentos de baixo valor:

> **Eudes: Aqui que o senhor aprendeu [a lidar com madeira]?**
> É, *aprendi aqui.*
> **Eudes: Quando o senhor veio pra cá o senhor sabia trabalhar com o que?**
> Naada. [faz sinal negativo com a cabeça] Campeiro. […] Ai chegava aqui tem serviço. Você entra e com quinze, vinte dias tem que aprender. Então isso é depois da guerra. Inclusive eu entrei […] pra trabalhar. Ai o cara falo pra mim:

> – Você vai trabalhar um mês ganhando uma diariazinha, num pode pegar empreita [...]
> *E eu num sei fazer, num sei ocupar ferramenta* (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

> [a maior dificuldade] é, falta de serviço e falta de profissão, porque eu não tinha profissão; é difícil pra mim por causa disso ai, eu num sei fazê nada (risos) a num ser ferramenta, *que eu... nem, nem isso eu num sabia!* De usá a foice, machado, a pá, essas coisa, *num sabia fazê nada.* Mas eu aprendi aqui, porque a necessidade me obrigou. Ai primeiramente eu só andei memo trabalhando pelo mato, derrubando... fazê derrubada, roçá pasto, plantá capim, essas coisa tudo (ENTREVISTA, L. Balbuena, 1997)[77].

Em outra ocasião, Pedro Otero se detém sobre as formas de contratação dos peões: "vai o empreiteiro lá pegá o paraguai pra trazer pra cortar o mato, no machado. Assim que nói viemo, que aqui tem serviço, tem dinhero". A motivação: "o Paraguai lá num tem serviço e a fronteira é perto". Adiante, continua sua fala sobreo fluxo de trabalhadores trazidos do Paraguai: "Enche o caminhão! 100, 120, 150 [paraguaios]". Conta-nos que muitos desses se alocavam em pensões até que, em seguida e aos poucos, eram direcionados às fazendas ou aos trabalhos braçais urbanos, como os de construção civil.

> Aonde é o Banco do Brasil agora, era um hotel véio e na frente outro, mais pra cima um pouquinho. Por aí descia o povo. Tomá cachaça, pegá coisa e aí vai entrando no mato. Num tem casa, num tem nada, vai se achando no campo, no mato. Vai derrubá, vai trabalhá (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

> **Seu Pedro, quando o senhor veio do Paraguai pro Brasil vinha só homem ou vinha mulher junto?**
> Não, só eu.
> **Mas eu falo assim, os outros paraguaios, eles vinham com a mulher?**
> Vinha... vinha com família. Aqui quando abriu essa Colônia Federal [CAND][78] que eu tô falando eu e... meu mano [irmão], nói fizêmo uma casa aí na avenida Marcelino Pires, e nói ficava lá e aí chegava caminhãozada de paraguai... 100, 120 família no caminhão, em pé com a família. Vai entrá no mato. Vai lá pra fazenda do Coelho [Laucídio Coelho], pra fazenda Tapoco, Curupaí... [...] Do Coelho e... Fazenda Curupaí. Muito famoso, pegô muito Paraguai (ENTREVISTA, P. Otero, 21/01/2018).

Embora nas entrevistas não seja comum a diferenciação, observamos que o responsável por contratar e trazer os peões paraguaios – que poderiam ser contratados na fronteira ou no

[77] Entrevista gravada por Rosimeri Rech, na cidade de Naviraí. Disponível em CDR/UFGD, coleção Memórias de Migrantes – Wilson Biasotto.

[78] Lembrando que o entrevistado diz ter se fixado em Dourados em 1952. Em 28 de outubro de 1943 foi oficializado o Decreto-Lei que criou a CAND. A colônia foi instalada em janeiro de 1944, porém, a demarcação das terras e a estipulação de seus limites só veio a ocorrer em julho de 1948 (OLIVEIRA, 1999, p. 151). Apesar de ter começado a receber muitos colonos desde sua criação, a vinda destes só veio a se intensificar, realmente, a partir da década de 1950, com o retorno de Getúlio Vargas à presidência.

interior do país, especialmente no departamento de Concepción – era conhecido como "*gato*" ou "*habilitado*" e era, de certa forma, um intermediário entre os peões das derrubadas e o empreiteiro. Exercia um tipo de serviço correlato ao daqueles que durante o ciclo da erva-mate eram responsáveis por atrair os trabalhadores para os ervais por meio dos aliciamentos e dos conchavos (ALBANEZ, 2013). O *empreiteiro*, por sua vez, era o responsável por assumir e executar os serviços demandados pelo *patrão* – o *fazendeiro* – e lidar diretamente com os trabalhadores.

Nos dizeres de Victor Areco, "o gato é um, o empreitêro é [outro]... O gato é submisso ao empreitêro. Entendeu? Eu empreito, né?, eu pego o serviço e tem os gato pra pegá os cara. Contrata, vai e tal. Aí ele [gato] ganha do empreitêro, que tem o serviço do patrão". Areco afirma ter trabalhado em Amambai: "ali nós chegou a trabalhar com 600 funcionários, tudo paraguai... derrubada... tudo!". Diz ter trabalhado também, entre 1967 e 1969, para a Sociedade de Melhoramentos e Colonização (SOMECO S/A), empresa particular de colonização instalada na região de Ivinhema na década de 1960 (Cf. ANTONIO, 2015).

Ao lado do irmão – Bernardo Areco – que já tinha experiência com as derrubadas, passaram a empreitar o desmatamento de áreas que, em grande parte, seriam utilizadas para a plantação de capim do tipo colonião. Como força de trabalho utilizavam, sobretudo, peões de origem paraguaia: "Aí [em Ivinhema] nós chegamos a trabalhar com 600 funcionário, tudo paraguai, tudo, 90% paraguai. E cearense que aguenta... Porque naquele tempo não tinha motosserra, era machado" (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018). Areco, segundo disse, não chegou a atuar diretamente nas derrubadas, pois ficava responsável pela administração de um armazém que fornecia víveres, ferramentas, remédios e outros itens necessários aos trabalhadores.

O entrevistado exemplifica como era feita, naquele contexto em específico, uma vez empreitada a área para a derrubada e queimada, a distribuição dos serviços aos peões que estavam organizados em equipes ou "times" – Conceição Vallejo chama de "trinca".

> Tinha o... falava "time", que ali era o seguinte: você vai e você chega lá e fala pra mim ou pro meu irmão, fala:
> – Nós tamo com um time aí, tem serviço pra nós?
> – Tem. Quantas pessoas cêis são?
> – São doze, quinze pessoa", era um time, né?, ou nove, dez ou seis.
> – Nós temo um time.
> Aí falava:
> – Quantos hectare você quer?
> – Ah, dá uns 150, 200 hectare", né?, pra retira... e em 90 dia tem que retirá isso aí. Tem que fazê a roçada e derrubá (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02//2018).

A contratação dos trabalhadores e o distanciamento dos proprietários (patrões) é retratada da seguinte forma por Conceição Vallejo:

> [...] nóis fomo sempre contratado por empreitêro, porque o patrão memo é difícil, então nói sempre fomo ajuizado por empreitêro [...] O patrão pagava o empreitêro e o empreitêro pagava a gente. Porque o patrão é difícil, né?, é difícil corrê atrás dessa coisa. Já pensou, naquele tempo que eu cheguei aqui em Caarapó, chegamo em Dourados... é um mato que você fazia, assim, era 300, 400, 500 alqueire que derrubava, né?, então vai ter que mexer com 100, 200 pessoa, né? E é o empreitêro que tem que corrê... arruma 5 aqui, 10 lá, 20 aqui e assim vai pra juntá 100, 200 pessoa. [...] Tem que corrê atrás e o patrão não faz essa coisa, ele empreita (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

Zildo Araújo e Victor Areco confirmam que os pagamentos, em geral, eram feitos antecipadamente. De acordo com o primeiro, que fazia a contratação de peões na fronteira "em Pedro Juan, na Bella Vista", e também em Dourados, "o peão gosta de diñero adiantado". Assim, para aceitar a empreita muitos preferiam receber o pagamento dessa maneira: "dá dinhêro adiantado pra ele [para o peão], no pensão, pagô pensão; [...] tem que dá pra ele; tem dia de diñero, tem que dá". Os peões, dessa forma, circulavam, mantinham-se em marcha entre um e outro lugar, entre idas e vindas: "e aí leva lá [para a fazenda]... depois de terminá, acerta e... vem tudo de novo; sai, algum fica continuando e algum vem e depoi leva de novo... algum peão bom, eh..." (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

Mantendo-se, sobretudo, em pensões e hotéis de Dourados (Hotel Mato Grosso, Pensão Mineira, Pensão Paulista), antes de se fixar definitivamente na cidade de Caarapó, Conceição Vallejo e seus "companheiros" faziam parte de um grupo de peões que eram contratados nas pensões e dali partiam para fazendas no entorno de Dourados ou para fazendas mais distantes. Após os serviços, retornavam às pensões, e ficavam disponíveis para novas contratações.

Assim, Vallejo narra o seguinte episódio:

> Nói chegamo, foi um dia de sábado até... nói saiu, tinha um trocadinho, assim, e o hotel que a gente sempre ficava, nói ficava e *depois marcava aí quanto dia que nói ficava e o patrão pagava*, *né? Se nói num pagá o patrão pagava.* Então nói chegava aí em Dourados e falava pro dono da pensão Mineira:
> – Nói num tem dinhêro não seu [inaudível] [nome do proprietário].
> – Não, fica aí, depois nói vamo vê... fala prá um patrão vim acertá pra você.
> Falei:
> – Tá bom.
> Aí nói achêmo um empreitêro que tava precisando [de] gente pra trazê aqui em Caarapó [pra] derrubá mato. Zezinho. E a fazenda ali aonde tá a Fazenda Santa Fé. Aquele tempo falava que é Engenho Velho, né?, mai depois entrô Santa Fé, né?, compraro tudo, aí virô Fazenda Santa Fé (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

Chama nossa atenção os primeiros anos vividos por Vallejo no SMT e na forma como sua narrativa é apresentada, o seu caráter itinerante, como parte de uma "população flutuante[79]", ou seja, seu "desprendimento" em relação aos lugares onde ficava; estes dependiam, na realidade, da disponibilidade ou da oferta de emprego em uma determinada região.

As entrevistas nos apresentam e exemplificam como, de fato, "por ser ofício sazonal, o peão teria que seguir em marcha após a realização do serviço", segundo lembra uma passagem do texto de Jocimar Albanez (2013, p. 148). O pagamento das dívidas daqueles que seriam arregimentados para o trabalho era prática recorrente desde a época da exploração da erva-mate. Em certo momento, Pedro Otero sugere que ainda persistia, em alguns casos, o endividamento dos peões que recebiam o pagamento adiantado ou tinham suas contas pagas:

> **E o senhor recebia pelo serviço que fazia ou...**
> Claro, é pela empreita.
> **O senhor lembra quanto era o primeiro valor que o senhor recebeu?**
> Não, eu não sei. Aquele tempo [...] às vez você pega o dinheiro lá na frontera, até chegar aqui deve mais, vai devendo, hora que terminar o serviço recém você tá pagando a conta. E afinal de contas, paga o que ele [fazendeiro] quer também.
> **Não combina antes?**
> Combina, mas... quem que vai dominá o brasilero na terra [dele] e o paraguai de lá? [...] lá na frente tá te esperando a turma pra toma teu dinheiro... (ENTREVISTA, P. Otero, 2011).

Esse trecho é relacionado por Pedro Otero com a violência perpetrada por jagunços a mando de delegados e com a violência ocorrida nos ervais, especialmente em Campanário, cidade onde o entrevistado afirma ter conhecido por ter ali trabalhado como carpinteiro. A utilização da peonagem, tema da tese[80] de Maria Stela Lemos Borges, está diretamente atrelada à violência. Para Borges, desde os primórdios, o antigo estado de Mato Grosso foi fortemente marcado pela violência "percebida ora como violência política, ora como violência econômica, ora como violência social" (BORGES, 2002, p. 83).

Podem ser relacionadas aqui algumas observações de Nadir Domingues Mendonça, referenciada por Borges, para quem a condição de peão é denominada de "*pobreza laboriosa rural"*, formada por migrantes, "a quem cabe apenas trabalhar, abrindo fazendas, derrubando matas, preparando a terra, plantando e colhendo, nunca a terra sua, mas a de outros donos, os donos da ordem, uma outra classe, detentora do poder" (BORGES, 2002, p. 94).

---

[79] Termo usado na tese de Alvanir de Figueiredo [A presença geo-econômica da atividade ervateira], de 1968 (*apud* ALBANEZ, 2013, p. 147).

[80] A tese trata especificamente da peonagem na região de Três Lagoas/MS.

Com relação à pergunta de Pedro Otero, "quem vai dominá o brasilero?" e as incertezas quanto aos ganhos, indicam a precarização do trabalho ao qual eram sumetidos e à correlação desigual de forças entre os peões (trabalhadores rurais mobilizados pelo sistema de empreitada) e os fazendeiros (patrões, proprietários de terras, detentores do capital e contratantes da força de trabalho). Conceição Vallejo, embora deixe claro nunca ter sido enganado por algum patrão ou empreiteiro, lembra: "tinha empreitêro que gastava tudo o dinhêro, você terminava o serviço, aí falava que não tem dinhêro e vai enrolando, vai enrolando você até que você abandona" (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

A violência presente nessa condição de trabalho aparece explícita, por exemplo, num trecho da narrativa de Zildo Araújo que nos conta que nunca teve problemas com os peões que contratava, mas sim com os fazendeiros. Cita como exemplo um serviço de roçagem malfeito pelo peão, na época em que já trabalhava no Pantanal – entre 1973 e 1977 –, e que precisou ser refeito a mando do patrão. Nessas condições o peão que foi dispensado por fazer "serviço de porco", serviço malfeito, não voltava mais a ser contratado, "num adianta pedi pra mim dinhêro lá na cidade que já num dá mais. Procura outro, eh!" (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011). Acompanhemos, adiante, o diálogo descrito:

> Passô o avião e [o fazendeiro] falô:
> – Eu num vô pagá pra você aquele pedaço, não. Aquele talhão eu num vô pagá... lá em cima. Ele num derrubô muito, num derrubo nada. Já roçô alto e num derrubô a madera fina.
> O fazendero falo pra gente:
> – Cê manda repassá e põe toda a diária na conta dele [do peão], num paga do seu bolso, [...] ele que tem que pagá!
> *E... e qualquer coisa o negoço é... hã, mete bala na cara dele, num tem problema; deixa pra lá.*
> [...] Aí eu falô pra ele:
> – Tá certo, é serviço de porco, num vô pagá pra ele.
> Então ele pegô [falou] assim, que:
> – Se quer tira sua vida cê já tem.
> Bala pra ele [nele], *mata um atrás do outro num tem problema...* deixa pra lá! (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

Ainda assim, segundo nosso entrevistado, embora houvesse brasileiros em meio aos paraguaios, aqueles que se adaptavam ao ritmo imposto – "siempre tem uns 5, 6, até 7 brasilero, tem tamém! Aquele que já trabalhô com paraguai, já entendeu o sistema do paraguai" –, a preferência (sua e de um dos fazendeiros para quem trabalhou) era pelo paraguaio. Este "*é terrível pra trabalhá* em mata; agüenta muito, eh, *trabalha muito.* E tem fazendero tamém que num quer o brasilero na fazenda não, quer é só paraguai" (ENTREVISTA, Z. Araújo,

07/12/2011)[81]. Ressaltamos que Wilcox, em sua análise, traz informações semelhantes no que se refere à "satisfação" dos empregadores locais para com os trabalhadores paraguaios. Segundo o autor, "eles eram valorizados por sua natureza vigorosa e diligente, bem como por uma disposição supostamente jovial face às adversidades" (WILCOX, 2008, p. 40).

A rotina como peão, descrita por Conceição Vallejo, entre tantas coisas, era marcada pelo levantar cedo, pela preparação do desjejum, pelas caminhadas a pé, pela falta do relógio, pelo trabalho pesado e pelo acompanhamento do violão nas horas de descanso (principalmente ao final do dia). Assim, ele nos conta:

> Então nói levantava cedo, fazia a comida, aí nói... já comia, né? Nói num usava café, era comida mesmo! Então fazia aí um carretêro se tiver carne, se não tiver carne faz um arroz, joga feijão do lado e... come quem vai comê e o resto... já faz bastante pra comê e o que sobrava nói levava pro serviço. Aí lá pra 11 hora nói parava, comia aquele lá e a tarde nói vinha aí na barraca, chegava aí, mesma coisa, fazia janta outra vez.
> **O cedo que o senhor fala que levantava era que horas?**
> Era 3 hora, 4 hora, assim... Porque nóis... nóis trabalhava memo! [...]
> **Era só trabalho ou tinha alguém que tocava, tinha sanfona, tinha algum baile na fazenda?**
> Não, naquele tempo que nóis trabalhava não tinha baile... *mai sempre nóis tinha violão... pra fazê barulho.* Pro cê vê aquele tempo, nóis trabalhando, trabalhando, nói vivia no mato trabalhando e tinha gente... – igual nóis também, né? – que num ligava muito... Num tinha nem relógio, cara. Aquele tempo não tinha rádio pra você comprá... rádio portátil não tinha, tinha rádio grande. *Então a maioria era violão... pra fazê barulho, a turma, né?, no barraco, assim... Tinha algum que cantava, outro tocava e a diversão era isso aí.*[...]
> Eu trabalhava seis dia por semana, cara. Só se amanhecê chovendo mesmo, aí nói num ia... Mai se nói chegá lá no serviço e começá caí água pode chovê dia intêro e nói lá no serviço, trabalhando, gritando e... não tinha miséria não, cara...

O violão, provavelmente, era um instrumento bastante difundido entre os trabalhadores da época. É bastante conhecida a passagem de *Fronteiras Guaranis* em que José de Melo e Silva faz críticas à região fronteiriça por conta da presença de violões e de outros instrumentos, símbolos de indolência, preguiça, inaptidão ao trabalho, e apresentados pelo autor – tal qual a língua guarani – como um estigma depreciativo das populações locais. Para o estudioso, "seriam outras as condições da fronteira e de modo especial da baixada sulina, se machados, foices e enxadas tivessem a aceitação na razão de um décimo das sanfonas, violões, violinos e bandolins que lá se vendem[82]" (MELO e SILVA, 1989, p. 74).

Segundo Victor Areco, outra forma de diversão e socialização eram as partidas e os pequenos campeonatos de futebol. Os domingos eram guardados: uma oportunidade para ir à

[81] Iguamente, Victor Areco afirma: "só esses cara [paraguaios] pra fazê esse serviço... outros cara num guenta. E cearence aguenta! Cearense..." (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

[82] Trecho de *Fronteiras Guaranis* republicado pelo autor em Canaã do Oeste (1989).

cidade, frequentar os bailes e festas, tomar conhecimento com homens e mulheres, brasileiros e brasileiras, mas principalmente, com conterrâneos – com a *paraguaiada* – que também haviam migrado para o Mato Grosso. Seu Conceição saiu de Dourados, onde vivia entre pensões e fazendas, e se estabeleceu na cidade de Caarapó. Sua inserção na sociedade de Caarapó se deu por meio de bailes que frequentou ao lado do senhor Fidel, companheiro de empreitadas, conforme podemos visualizar no trecho a seguir:

> Aí nói vei... de Dourados, e aí no outro dia nói peguemo o patrão e nói veio aqui, trabalhemo aqui, nóis três. [...] Não era longe daqui à fazenda, só que naquele tempo não tinha condição, num tinha nada, é de a pé memo.
> – Vamo vê esse Caarapó, falou.
> Que nói num conhecia, né? Cheguêmo de Dourados, parêmo um dia, parece, no pensão e no outro dia fomo pra fazenda. Aí nóis trabalhemo muito tempo, um mês, dois mês trabalhando, aí um colega falou pra mim:
> – Vamo no Caarapó, Vallejo?
> Falei:
> – O que que nóis vai fazê lá, nóis num conhece ninguém.
> Falou:
> – Não, mas vamo lá, ué.
> Aí falei:
> – Então tá.
> Aí nóis veio. O cara, o outro companhêro num queria vim:
> – O que que nós vamo faze, nós num conhece ninguém.
> Aí nóis fiquêmo... parêmo no pensão. Aí a noite já apareceu um paraguai e aí falou:
> – Vai ter baile aqui em baixo, aí... é bom Vallejo, tem bastante paraguai, eu conheço aqui, eu moro aqui.
> *Aí a noite nóis fomo lá... Achêmo a festa, é mesma coisa lá, uma paraguaiada aí rapaz, um baile gostoso, bonito. Aí nói já tomemo conhecimento com a turma.* Porque... eu nunca fui de bebida, então... pra mim nunca... todo dia pra mim é um dia só. E... nóis brincamos aí, meus companhêro também num bebia... é, nóis brincamo aí bastante, já tomemo conhecimento, todo mundo gostou de nóis e aí, "vem outra vez, vem outra vez, sábado vai ter outro baile ali em tal lugar, vem outra vez", e assim foi. De repente... nói virêmo caarapóense (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018).

Cumpre ressaltarmos que a chegada das frentes pioneiras literalmente se configura pela acentuação do desmatamento seja para a abertura de lotes – como é o caso da CAND – seja para a formação dos campos de agricultura e pastagem em grandes fazendas, acarretando brusca mudança nas condições físicas ambientais do Estado e na estrutura de organização das populações locais. Desse modo, o contexto das derrubadas, das serrarias que despontam explorando a madeira para fins comerciais, dos trabalhos braçais que exigiam o manuseio da madeira, das vivências nas fazendas do Pantanal, ao que nos indicam as entrevistas, teve muita relevância na trajetória de vida dos imigrantes. Nesta está sempre presente o contraste, muito comum, entre a lembrança das matas fechadas, do trabalho com machados, foices e motosserras

e a percepção do desmate, da não existência mais da mata, outrora abundante, e, em alguns casos, da constatação do predomínio do meio urbano[83].

Especialmente as memórias de Zildo Araújo remetem à sua participação nas derrubadas como empreiteiro, no feitio de obras de madeira, no trabalho como derriçador de café durante o ciclo da economia cafeeira. Elementos que levam à construção de sua identidade, muito vinculada às suas qualidades de trabalhador. No excerto que segue, Zildo rememora com gosto, e de forma descontraída, a época das derrubadas. A imagem das madeiras que, pela ação do peão, caem umas após as outras, carrega e transmite não sofrimento, penúria, mas nostalgia. O narrador nos apresenta a troca do machado, ferramenta que aparece sempre associada ao desbravamento, à força física, pela motosserra, que acelera o processo de desmatamento.

Enquanto fala, abre os braços demonstrando a largura das toras de madeira que caíam com a ação das motosserras. O gesto feito representa a imagem da queda das árvores em efeito dominó.

> **Eudes: Como que era pra derrubá a mata? Como é que funcionava?**
> Eh, põe peão… [profissional], põe peão com foice, né?
> **Eudes: Foice?**
> É, com foice [sinal positivo com a cabeça]... é. E depoi vai com o machado, depoi de roçá tudo por baixo o mato fino, vai com machado. Mai depoi eu comprô 4 motosserra e põe mais ou meno 80 metro de distância cada um [cada peão] e... vai levando. *Aí você conta as madera que cai e não para mais [risos]*. *Madera que começa caí, coitado, num para mais, rapaz.* Aquele torão, leva o outro na frente, lá, rapaz, quebra lá e vai indo, uns quatro motor [moto-serra] assim. *É gostoso rapaz.* [risos]
> **Eudes: E depois, aí... tem que cortá a madeira?**
> Aí mede... julho tem que terminá, até dia viiinte de julho, por aí; ai dia 15, dia 16, esse é meu dia de ponha fogo. (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

"O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança" (BOSI, 1994, p. 53). A memória dos "primeiros tempos", depois que "encaixou lá no Curupaí", fazenda onde esteve nos primeiros anos de sua chegada, longe de ser narrada como uma época exclusivamente de sofrimentos, é apresentada a partir de lembranças positivas, como um período de fama, destaque, vantagens e, até mesmo, de retorno financeiro. Não necessariamente, como sabemos, as coisas ocorreram assim. As fontes orais não nos apresentam dados exatos, mas narrativas que envolvem emoções e subjetividades que atuam no momento em que a fala é elaborada.

[83] As entrevistas gravadas por Milton Ponciano (2006) em Fátima do Sul com ex-colonos da CAND trazem também essa característica e a temática do enfrentamento do mundo natural em sua forma bruta.

Dessa forma, não podemos acessar pelas memórias – assim como, na realidade, por qualquer outra fonte – o passado tal como ocorreu e reproduzir de forma "objetiva" os sentimentos cotidianos dos indivíduos em suas lides diárias. A memória, consenso entre sociólogos e historiadores, é sempre presença, escolha e elaboração do passado a partir do presente, "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado" (BOSI, 1994, p. 55). Também é consenso que a memória está no cerne do processo de construção das identidades, pela qual "o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido" (CANDAU, 2011, p. 61). Quanto a isso, outros exemplos são apresentados em momentos adiante.

Antes mesmo da empreita nas matas, é na lida com o café, na derriçagem dos grãos, durante cerca de dois anos, que Zildo Araújo demonstra ter se destacado. Ao lembrar-se de sua presença neste contexto, comenta sobre o desgaste físico das mãos, a perícia necessária ao trabalho e sobre a quantidade de pés de café derriçados em um único dia, o que nos indica sua habilidade nesse tipo de tarefa. Ao longo da narrativa, Zildo segue reforçando sua destreza e disciplina no cumprimento de seus afazeres nos cafezais. Faz questão de nos contar, também, um episódio marcante em sua trajetória de trabalho pelo qual teria confirmado a fama de "rei do café", o que culminou no reconhecimento de seu trabalho pelos demais companheiros e pelos próprios administradores da fazenda. Na ocasião, afirma ter ganhado dinheiro e comprado seu cavalo, graças a uma aposta vencida contra o "maior derriçador de café do Paraná".

> Lá o meu nome ninguém conhecia, conhecia só como "Rei do Café"; eu derriçá [derriçava] muito café. É difícil menino, pra derriçá café. Num sei se você sabe? [...]Um pé de café pra derriçá estraga tudo a mão da gente, e num pode quebra um gaio de café. Eu derriçô até quinhentos pé num dia (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

> Eu apostei 10 cruzero – aquele tempo é muito dinheiro – apostô com ele e foi [chamar] o fiscal pra... [acompanhar a aposta]. Aí eu ganhô pra ele oito pé na frente [ganhou dele]. Aí o fiscal falava:
> – Como que o Paraguai lá não tem nem café e esse moleque vai vim fazer esse ai.
> Os doi irmão paulista [...] derriçador de café... falou pro administrador[84]:
> – Num pode, como ele vai ganhar tanto dinheiro desse jeito dentro de um mês?
> *E já comprô cavalo boa... é bem ajeitado, já cresceu... primeiro tempo* (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

[84] Administrador era a figura, geralmente um capataz, responsável por gerir os estabelecimentos rurais durante ausência do proprietário. Segundo Tompes da Silva "A maior parte desses proprietários eram *absenteístas* que, devido à precariedade das condições infraestruturais existentes nesse período no Mato Grosso do Sul, optaram por continuar residindo nos seus lugares de origem" (*apud* ALBANEZ, 2013, p. 103).

> Aí o administrador foi olhar meu serviço lá nove hora da manhã. Ficô olhaaando, foi embora. Volto de novo, ai foi falá pra ele assim:
> – *Ó, deixa o paraguai ganhá dinheiro porque ele é trabalhador*.
> Como o fiscal falô:
> – *Se ele não vai terminar a tarefa dele ele não come meio dia, ó... vai direto, até chegar aquele... é, – como que fala – aquela quantidade todo dia*(ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

O café era uma planta de longa data cultivada no estado de Mato Grosso. Baseando-se em Fausto Vieira Campos, Joana Prado Medeiros afirma que o estado "dispunha de três zonas para a produção cafeeira: ao Sul, Dourados, Caarapó, Itaporã e Maracajú; ao Leste, Rondonópolis e Cassilândia e ao Norte Barra dos Bugres, Diamantino e Cáceres" (MEDEIROS, 2001, p. 33). Segundo Carneiro e Menecózi, as décadas que correspondem de fato ao "surto cafeeiro", principalmente na região Sul, foram as de 1950, 1960 e 1970 (CARNEIRO e MENECÓZI, 1986, p. 24). Assim, foi o "produto de exportação e que mais representou o sentido da expansão da fronteira pioneira paulista". De acordo com dados da pesquisa de Jocimar Albanez, "o censo de 1960 foi o que registrou a maior produção de café em todo ESMT", declinando na década de 1970 em função do baixo preço e das fortes e constantes geadas (ALBANEZ, 2013, p. 114-5). A seguir exemplos que ilustram o apontado.

> Rapaz, ninguém num quer trabalhar se eu num fui lá. É, cai *geada friiia*, aquele monte de lenha [gesticula com as mãos], queima lá... e a turma, *bastante* gente quenta [esquentando] a mão lá. Aí eu chego lá, dava um grito:
> – Aeee!
> *Pegava um galho de café e já vai embora; num tem nada de quentá [esquentar] minha mão, já vai embora!* [gesticula com as mãos]. E se eu falhar [faltar] um dia o fiscal já vai lá me mandar:
> – *Ninguém num quer ir se ocê num vai [sinal negativo com a cabeça]... ninguém quer.*
> – *Vamo trabalhaa!*
> *Dá vontade assim, né.* Então gosta a turma, disso ai (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

Vale lembrarmos aqui uma passagem do livro de Ecléa Bosi: ao analisar as memórias do trabalho entre seus entrevistados paulistanos, encontra em Dona Alice muitas memórias de sacrifício, de labuta, das quais, conforme Ecléa, difícil seria esperar dessas memórias alguma expectativa de revolta. Situação como essa aproxima-se da que encontramos nas narrativas de seu Zildo, em que o trabalho também aparece como uma "atividade natural, como beber e dormir" (BOSI, 2010, p. 472); e, no caso de nosso entrevistado, como algo a partir do qual este pode se apresentar como alguém que se destacava pela competência, pela qualidade e pela resistência ao trabalho pesado. Novamente relacionando com Bosi, "não tomou corpo a distinção entre o peso sacrificial das tarefas e o seu aspecto lúdico, libertador de energias"

(2010, p. 472). A identidade desponta, aqui, reformulada nas narrativas de afirmação individual que nos apresentam tais lembranças dos momentos do trabalho diário nas fazendas.

Quanto ao "autoelogio", podemos encontrar exemplos correlatos como os de seu João, mencionado na abertura do capítulo, que enfatiza: "sou lavrador, sou derrubador de mato, sou formador de fazenda"; e de seu Fidel, ao dizer, convicto: "eu sou feroz no serviço!" (ENTREVISTA, Fidel, 27/01/2018). Outros exemplos podem verificados na fala de Conceição Vallejo que, após narrar seus percursos pelas fazendas da região, reflete: "nesse tempo que andava aí na fazenda *eu era solteiro*, né?, então nói levantava cedo... Porque eu... graças a Deus – *não é que tô querendo elogiar pra você – eu acho que nasci pra trabalhá"*, e prossegue, "eu nunca enrolei ninguém, nunca fiz o serviço pela metade, largado, meu compromisso... Toda vida me criei e fui certo, porque não é só uma vez que a gente precisa, né?"; em outro trecho, critica os mais jovens "aquele tempo tinha trabalhador, hoje num tem mais. (ENTREVISTA, C. Vallejo, 27/01/2018). Pedro Otero, encerrando a entrevista, resume a própria trajetória a partir também desse ponto de vista. Tais sujeitos se narram como agentes de transformação e re-construção do espaço que os cercava:

> Eu cheguei aqui sem nenhum recurso. Sorte minha que eu tinha um irmão e nós ficamo muito acreditado com esse serviço braçal que nói apresentemo aqui. Esse é a nossa vida, pegava um serviço grande, fazia e... entregava. Eu tem muito serviço, entreguei lá do Campanário, aqui pra todo lado, Maracaju, é casa, é fazenda, manguêro! Sô desse tipo de profissão (ENTREVISTA, P. Otero, 2018).

É muito comum entre os imigrantes – considerando também outras pesquisas realizadas – ou a negação ou a omissão da ocorrência de preconceito e discriminação pelo fato de serem paraguaios ou paraguaias[85]. Contudo, desde o conflito da Tríplice Aliança, tais imigrantes por diversas vezes tornaram-se alvo de desconfiança, foram associados ao banditismo, à prostituição, à violência, mais recentemente, à pirataria e ao contrabando. Como lembra Wilcox, nas fazendas "eram considerados trabalhadores dedicados, embora propensos ao jogo e à bebida" (WILCOX, 2008, p. 31). Fabrício Mieres, em entrevista, fala de forma mais aberta sobre

[85] Das 17 entrevistas com imigrantes paraguaios feitas por Ailson Oliveira, três afirmam ter enfrentado alguma situação de preconceito (2015, p. 105-140 – *anexos*). Situação parecida encontramos nas 20 transcrições de questionários da dissertação de José Carlos de Souza (2001), em que duas pessoas confirmam preconceitos (disponível em CDR/UFGD – Coleção José Carlos de Souza). Zildo Araújo, por exemplo, nega que tenha passado por algum tipo, mas faz a ressalva quanto à desconfiança "do fazendeiro" em relação aos demais peões que trabalhavam junto: "só o fazendeiro comentava que num quer que deixa o peão lá, sai passear, vai no [bar] […] aí bebe pinga fim de semana, quer brigar com outro. Sempre falava pra mim: 'acerta aí, e manda embora'" (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

o preconceito, sobre a desconfiança – o contraste entre o "eu" e o "outro", o paraguaio imigrante – e o significado pejorativo que o gentílico "paraguaio" como adjetivo poderia carregar.

> A maior dificuldade pra um imigrante, qualquer imigrante, mas pior o paraguaio, é... a desconfiança do... do povo, a desconfiança do brasileiro, o preconceito e a desconfiança. *Então você não é nada, virou "o paraguai". "*O paraguai, o Paraguai" e pronto. "O paraguai" falando, é desconfiança, é tudo. "Paraguai" quer decir desconfiança, traidor, bêbado. Naquela época! Hoje não, hoje já melhorou bastante. […] Muitas vezes me senti rejeitado. Eu ficava quieto, eu sentia aquela dor dentro de mim e *via que não era nada, era um paraguai, pronto!* Paraguai você vê que... é nada (ENTREVISTA, F. Mieres, 1997).

Tais noções, atualmente, podem ser percebidas de forma mais clara por aquilo que é propagado pelos veículos de mídia em matérias, reportagens, comentários.[86] Conforme Mauro César Silveira, em relação aos estereótipos propagados pela mídia brasileira, "as alusões pejorativas avançam com frequência tão regular e ostensiva que, no Brasil, a palavra Paraguai torna-se, cada vez mais, sinônimo de falsificação ou fraude" (SILVEIRA, 2007, p. 49; Cf. SOUCHAUD, 2011).

Ao se deterem longamente na lembrança de detalhes, minúcias, episódios específicos de sua vida, e elaborarem uma trajetória reconhecida *no* e *a partir do* mundo do trabalho, os entrevistados inserem seus familiares e a si mesmos no processo histórico, não de forma periférica, coadjuvante, mas de modo central, como sujeitos históricos, negando-se como *mais um paraguaio* ou *mais um peão paraguaio* – assim como fazem outros imigrantes ao dizerem "*eu andei*", "*eu ajudei*", "*eu fiz*".

Podemos entender nessas proposições formas de negação e contraposição mais ou menos diretas, mais ou menos sutis relativamente aos estereótipos e à personificação que são feitas acerca do indivíduo migrante. Afirmações que estão fortemente relacionadas à identidade que é reivindicada para si. Um exemplo pode ser visualizado nas seguintes palavras:

> Entrou no Banco do Brasil tinha 8 menor ainda. Come! Come! É difícil! É difícil [inc.] pra vence, só que, é... como fala: "não, vamo aguenta" e vai indo, até vence, menino! Nunca abandono minha família nenhuma vez! nenhuma vez! Porque eu num toma pinga, eu num fuma, eu num quero briga, só tranquilo. Esse... toma tereré... chimarrão, só esse aí (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

[86] O portal online *Paraguay Teete* possui na seção "Discriminação no Brasil" um levantamento de "equívocos cotidianos cometidos pelos brasileiros contra o povo paraguaio e sua cultura, e que são difundidos pela mídia do Brasil" (cf. **Discriminação no Brasil.** *In.:* https://paraguaiteete.wordpress.com/discriminacao-no-brasil/ – Acesso em junho de 2017).

Apesar disso, conforme apontamos, muitas fazendas se formaram no SMT com o emprego – não exclusivo, é claro –, mobilização e deslocamento da força de trabalho paraguaia, principalmente após a segunda metade do século XX, quando migrantes de outras regiões brasileiras passaram a adquirir terras no estado. A presença paraguaia no SMT nesse período, enquanto força de trabalho, em vários sentidos deu continuidade à exploração e à precariedade das formas de trabalho do período ervateiro, contando, inclusive, com o *conchavo* e com situações de trabalho análogas à escravidão. Se viu, da mesma forma, marcada fortemente, por baixos pagamentos, coações e pela instabilidade das relações de trabalho - pela itinerância que, como vimos, exigia o constante deslocamento de muitos desses trabalhadores entre fazendas, vilas e cidades na procura por empreitas.

Alguns recortes de narrativas com histórias de vida possibilitam-nos demonstrar, apreender as "andanças" e os trajetos detais imigrantes entre vários municípios e, sobretudo, as formas como eles fazem remissão ao passado e o narram. Com isso dão significações às experiências vividas. As falas comuns, com expressividades próprias, trazem, detalhadas e "entalhadas", na memória o passo-a-passo, as peculiaridades, as percepções de um momento histórico do qual saíram – quase – anônimos.

Encontramos, assim, na elaboração de identidades particulares, a partir da retomada do próprio passado, indivíduos que se colocam não necessariamente na condição de explorados – embora isso possa também transparecer – mas na de partícipes fundamentais e indispensáveis para a construção econômica, cultural e social do espaço para onde vieram e no qual construíram grande parte de suas trajetórias pessoais e familiares.

CAPÍTULO III

PARAGUAIOS, PARAGUAIAS E DESCENDENTES: TRABALHO, LUGARES DE MEMÓRIA E IDENTIDADES EM CONTEXTOS URBANOS DE MATO GROSSO DO SUL

> *"Transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo"* (CANDAU, 2011, p. 118).

"*Um Outro* da natureza": expressão utilizada por Sandra Jatahy Pesavento para qualificar as cidades e pensá-las como "obra e artefato" humano, como *materialidade* erigida pela ação direta do homem sobre o mundo natural, moldada pela cultura e palco de sociabilidades, sensibilidades e viveres (PESAVENTO, 2007, p.13-4). No interior desse *outro*, dessa materialidade, indivíduos com trajetórias distintas transitam – se estabelecem ou mantém relações temporárias que dão dinâmica ao urbano. Convivem, convergem, formam grupos e ocupam efetivamente e afetivamente os espaços, definindo itinerários, territorialidades e identidades específicas. Nessas condições, as cidades, como organismos complexos e plurais, constituem, na concepção de Déa Ribeiro Fenelon, "muito mais que o simples espaço da manipulação do poder" (FENELON, 2000, p. 7).

O estudo das cidades e de suas transformações tem caráter interdisciplinar e é de interesse crescente entre os historiadores, que buscam nas lembranças, na oralidade e nos *lugares* as possibilidades de visualização dos espaços em sua dimensão temporal. As lembranças, mediadas por meios diversos – monumentos, objetos, tradições – podem trazer à superfície as cidades do passado. Em outras e melhores palavras, "a cidade sempre se dá a ver pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente" (FENELON, 2007, p. 16). Olhar interessante que percebe na cidade uma materialização do tempo e uma historicidade do espaço.

Segundo Célia Rocha Calvo (2004), as narrativas orais podem mostrar ao historiador a forma com que os processos de transformação das cidades são vividos e percebidos e como os lugares passam a servir de referência na constituição das memórias. É perceptível, assim, por meio da memória, a coexistência entre a cidade presente e as do passado, bem como a disputa entre memórias individuais e memórias hegemônicas.

Não buscamos, portanto, opor ou sobrepor categorias como espaço e tempo. A geógrafa, Doreen Massey, nessa direção, contrapõe a ideia, que vem de longa data e considerada por ela negativa, que tende a considerar o espaço como algo estático, fechado, consequentemente, uma "categoria subordinada", "menos importante do que o tempo", este sim sempre associado, portanto, a movimento, devir, "realidade e vida (MASSEY, 2008, p. 56). Sobre a frequente contraposição e dissociação entre espaço e tempo, a autora afirma:

> [...] pensar tempo e espaço conjuntamente não significa que eles sejam idênticos [...] pelo contrário, significa que a imaginação de um terá repercussões [...] para a imaginação do outro e que espaço e tempo estão implicados um no outro, que isto revela alguns problemas que, até então, pareciam (logicamente, intratavelmente) insolúveis, e que isso tem consequências para o pensamento sobre a política e o espacial. (MASSEY, 2008, p. 40).

Elemento central na discussão dessa dissertação, a memória é parte estruturante das relações entre as pessoas e as cidades, quer por intermédio das lembranças particulares, quer por intermédio dos conhecimentos sistematizados pela narrativa histórica, acadêmica ou "memorialista", que, socializados, transformam-se diversas vezes numa *memória da cidade*, não raro rígida e pretensamente compartilhada por todos. Mas é também por meio da memória que os espaços urbanos que compõem os itinerários e passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, na vida diária ou em ritualizações periódicas, são particularizados e revestidos de sentidos e significados.

As memórias de homens e mulheres imigrantes a respeito do país de origem, dos contextos e eventos históricos marcantes e do mundo do trabalho – especificamente o do trabalho braçal nas áreas rurais – foram discutidas ao longo dos capítulos antecedentes. Conforme foi dito e pôde ser percebido, as trajetórias diversas e plurais dificultam ou impossibilitam afirmar que os indivíduos de origem paraguaia estabelecidos no atual Estado de Mato Grosso do Sul constituam um conjunto com características homogêneas e compartilhem de uma "identidade paraguaia" *suis generis*.

Ademais, considerando a teoria da memória de Maurice Halbwachs, assim como as narrativas apresentadas nos *capítulos I e II* e aquelas que servirão às questões que serão debatidas ao longo deste capítulo, podemos dizer que tais sujeitos formam um *grupo*, no sentido sociológico empregado por esse autor, uma vez que se verificam "conteúdos representacionais comuns relacionados ao passado", bem como, em determinados momentos, "uma corrente de pensamento coletivo", isto é, "opiniões, interesses e preocupações, que em conjunto se

tornariam coletivas" (CORDEIRO, 2015, p. 62). Segundo Veridiana Domingos Cordeiro[87], um *grupo* para Halbwachs não se delimita por uma realidade temporal e espacial específica e sim pelos "conteúdos mnemônicos" que podem ser acessados e que são compartilhados. Por este motivo, segundo Cordeiro:

> [é] possível que um indivíduo participe, portanto, de dois ou mais *grupos* concomitantemente [...]. Embora a justaposição de indivíduos no espaço seja uma maneira bastante evidente de se identificar um possível *grupo*, ela não é sua condição necessária e definidora. Antes de tudo, o *grupo* existe na mente dos indivíduos (CORDEIRO, 2015, p. 63 – *grifos da autora*).

Grosso modo, este último capítulo terá como objetivo debater a presença paraguaia e a de seus descendentes em contextos urbanos, tendo como ponto de referência a cidade de Dourados; a partir dela, procuramos verificar possibilidades de articular a problemática com fenômenos similares presentes em outras cidades do Estado.

Uma parte dessas questões surgem, é certo, em decorrência do próprio trabalho de campo no que se relaciona à produção das fontes orais: é no contexto urbano que vivem e se mobilizam os sujeitos da pesquisa. De forma mais ou menos direta, em algum momento suas trajetórias de migração convergiram no sentido de buscarem fixação e na procura por certa estabilidade no âmbito das cidades – em especial, Dourados, Itaporã e Caarapó, além de Campo Grande, a capital, e as cidades da linha de fronteira.

3.1. O TRABALHO PARAGUAIO EM CONTEXTOS URBANOS DE MATO GROSSO/MATO GROSSO DO SUL

É provável que o olhar de alguém que conviva e viva de forma atenta o cotidiano das cidades de Mato Grosso do Sul consiga identificar exemplos diversos da presença diária desses migrantes e de seus filhos e netos no exercício de atividades de trabalho em setores vários que vão dos serviços e do comércio a áreas que exijam um nível maior de formação escolar – saúde, engenharia civil, comunicação, magistério. Se, por um lado, é difícil, hoje, apontar profissões específicas relacionadas aos paraguaios que vivem nas cidades; por outro, é fácil encontrarmos referências a profissões que décadas atrás eram associadas a eles – geralmente trabalhos artesanais, manuais e braçais que, não raro, estavam ligados à própria trajetória da família (casos em que os/as filhos/as "herdavam" tais conhecimentos dos pais e dos avós).

[87] O estudo de Veridiana Domingos Cordeiro (2015) é utilizado nesta dissertação por corresponder a um esforço específico de compreensão, interpretação e explanação da teoria sociológica da memória de Maurice Halbwach e dos conceitos de *grupo*, *memória individual* e *memória coletiva*, conforme pensados pelo autor.

Vale, nesse sentido, citarmos as inserções nos trabalhos de construção civil, em um primeiro momento, como carpinteiros, marceneiros, serralheiros (as serrarias, aliás, foram de importância salutar para a estruturação da CAND nos anos de 1940 e 1950), e, posteriormente, como serventes, pedreiros e engenheiros. A família Saldivar, frequentemente mencionada em entrevistas, se destaca por sua atuação por meio de construtoras próprias, bem como no futebol da cidade (destacando-se no Operário Esporte Clube de Dourados), com diversas citações nos jornais das décadas de 1960 e 1970. Os nomes de alguns de seus integrantes batizam certos espaços públicos, como algumas ruas, uma creche e o Estádio de futebol Fredis Saldivar – conhecido popularmente como Douradão. Júlio Saldivar, um dos descendentes, no texto *A saga da Família Saldivar*, descreve-a como "uma das pioneiras e maiores famílias de descendentes de paraguaios", cujos membros "fizeram história[88]".

Já citamos nesta dissertação o senhor Emílio Rojas, carpinteiro e construtor de casas de madeira na Caarapó dos anos 1940. Assim como esse, Cassiano Raimundo Ojeda exerceu a profissão em Dourados entre as décadas de 1940 e 1980. Em texto publicado no jornal Diário do Povo (17/09/1996), seu filho, Ricardo Ojeda – ex-presidente da *Casa Paraguaia de Dourados* –, escreve sobre a trajetória do pai, à época recém-falecido com 90 anos. Colocando-o entre os pioneiros do município, ressalta sua presença na cidade como carpinteiro e construtor. Segundo o artigo, Cassiano, nascido em 1907,

> [...] veio para o Brasil (Maracaju) ainda solteiro, com 24 anos [...]. Chegou em Dourados em 1945 onde começou a trabalhar na construção de pontes, desde a derrubada até a labra da madeira, com mais de 20 homens. *Como carpinteiro, ajudou a construir muitas obras que hoje fazem parte da história da arquitetura local, tais como: Colégio Castro Alves, Erasmo Braga, Igreja Matriz, Cine Ouro Verde, Salão de Festas do Clube Indaiá e muitos outros.* [...] [Em 1947] montou a primeira serraria da cidade, em frente ao terminal de transbordo, em terreno cedido pelo também pioneiro Armando Campos Belo. [...] Trabalhou no madeiramento da Igreja Matriz, do Cine Ouro Verde, do Seminário do Padres (em Rio Brilhante) sempre como carpinteiro, profissão que exerceu até 1982, quando então resolveu se aposentar[89].

Uma narrativa do senhor Luiz Cardozo é interessante, nesse sentido, ao retomar tais temas e destacar, segundo suas lembranças, a presença dos paraguaios na mão de obra local. Conta-nos que, nascido no Brasil, viveu no Paraguai a infância e a juventude e, como muitos

[88] SALDIVAR, Júlio. A saga da Família Saldivar. *In.:* **www.douranews.com.br**, 28 de janeiro de 2012. Disponível em: http://www.douranews.com.br/index.php/economia/item/39050-a-saga-da-fam%C3%ADlia-saldivar-em-dourados. Acesso em: junho de 2018.

[89] OJEDA, Ricardo. Cassiano Raimundo Ojeda. *In.:* **Diário do Povo**, 17/09/1996, p. 5. Disponível em: Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarílha.

outros, retornou ao Brasil após a saída do exército – "Saí do quartel e vim embora pra cá. Fiquei lá só cinco dia e vim embora pra cá". Aqui, vivendo em pensão, se "encaixou" como trabalhador nas obras da Igreja Matriz e do Colégio Imaculada Conceição.

A profissão – pedreiro – afirma ter aprendido desde "cedo", em Horqueta. Acompanhemos sua fala:

> **Eudes: Na época que o senhor tava construindo, na igreja, tinha outros paraguaios além do senhor?**
> Ih, *Era só paraguai! É carpintero, pedrero, era só paraguai! Aqui num tinha pedrero, trazia de Pedro Juan.*
> **Eudes: E lá no Paraguai o senhor aprendeu aonde a mexer com construção?**
> Aprendi lá em Horqueta mesmo, com meu tio. *Quando era... doze ano, quando eu tinha e já era... oficial, já. Trabalhei cedo*.
> **Eudes: Então lá o senhor já sabia que vindo pra cá tinha...**
> ... É, que tinha serviço, né?, mai era poco tamém [n]aquele tempo, é mai era serraria..., carro num tinha, só charrete, em Dourado... condução era charrete.
> **Eudes: ...e que vinha ou pra trabalhar como pedreiro ou serraria...**
> É, serraria tinha muito serviço.
> **Eudes: E o senhor chegou aqui e foi morar onde?**
> Morei aqui perto da Igreja São José, no pensão, parei aí, né?, e num.... quatro ou cinco ano (ENTREVISTA, L. Cardozo, 08/07/2012).

Pedro Otero, que entre 1945 e 1952 fez parte da peonagem em várias fazendas, fixou-se, a partir de 1952, em Dourados, quando, segundo diz, passou a trabalhar no ramo de construção e carpintaria. Em suas palavras: "nóis pegava 5, 10 homem e saía... pra tocá serviço. Eu mesmo... comprei um jipe, pegava um aqui, outro lá, pra fazê... manguêro, casa, barracão, [...] serrá madêra. Eu trabalhei... de empreitêro". Lembra-se, especificamente, de outro de seus serviços, um galpão do tipo hangar, construído em Campanário, antiga sede da Cia. Matte Laranjeira: "[lá] eu fiz uma casa prá um... [abre os braços, gesto de grandeza] pra entrá avião dentro, tá lá, firme! [...] até eu quero [ir lá] vê agora. [...] Hangar, hangar de avião. É grande e é alto...". Parou com tais atividades na década de 1970 devido a problemas de saúde – o que o levou, em seguida, a se aposentar – assim como às mudanças na legislação trabalhista[90] que, na perspectiva de Pedro, colocaram entraves ao trabalho informal e favoreceram as empresas maiores de engenharia (tal como a NOSDE, citada por ele): "A lei brasilêra foi isso, acabô com

[90] É provável que o entrevistado esteja se referindo à implantação da Carteira de Trabalho e Previdência Social, em 1969, por meio do Decreto-lei n. 926, de 10 de outubro do mesmo ano. O Decreto, que também altera o caput do Cap. 13 da CLT, afirma que a Carteira torna-se "obrigatória para o exercício de qualquer emprêgo, inclusive de natureza rural, ainda que em caráter temporário, e para o exercício por conta própria de atividade profissional remunerada" (DECRETO-LEI Nº 926, DE 10 DE OUTUBRO DE 1969) Disponível em: www2.camara.leg.br.

nóis pra num podê trabalhá mais autônomo. Você tem que sê registrado" (ENTREVISTAS, P. Otero, 2011e 2018).

No ano de 1968, outro migrante – Zildo Araújo – conseguiu, junto de sua família, comprar a própria casa em Dourados (voltaria a trabalhar, por um tempo, no Pantanal). A busca pela cidade deu-se em decorrência da queda nos ganhos que obtinha nas fazendas. Viu o dinheiro dos "primeiros tempos" desperdiçado e os pagamentos com promessas de alguma estabilidade tornaram-se cada vez menores. Anos à frente, em 1977, tornou-se segurança – "vigilante" – do Banco do Brasil, onde ficou por 22 anos, até se aposentar.

> [...] no primeiro tempo eu falava assim... que eu ganhô [ganhei] muito dinhêro... […] pra você vê como que acontece essa coisa, porque eu num... eu num bebe, num fuma, num briga, e ganha dinhêro mais gasta atoa, gasta atoa!, gasta dinhero atoa. Se fosse aproveita aquele tempo... […] Parece que toda vida vai ganhá [d]esse jeito, que nada rapai!, *de repente... caiu memo. De repente, rapaz, o fazendero já quer manda faze serviço de cerca por aí quase a troco de comida, rapaz.* Num tem mais financiamento pra fazendeiro. Fazendero pequeno já vende trator, já caiu memo […] *no fim de 67 começo cair, menino.* […] Depois tudo o peão foi embora tudo pro norte[91], só aquele lado já tem... mais, paga mais e tem serviço (ENTREVISTA, Z. Araújo, 07/12/2011).

A Revista ARCA na edição número 4, de 1993, entre os vários textos dedicados ao tema do *dossiê – Paraguaios: a imigração para Campo Grande* –, traz artigo sobre a "produção paraguaia" naquela cidade citando bairros, indivíduos e atividades em que os paraguaios teriam se destacado. Também elenca como importantes os trabalhos em serrarias (que atendiam ao campo e à cidade), assim como em barbearias, frigoríficos, açougues, selarias e sapatarias (no manuseio do couro), construção civil (como operários) e em clubes de futebol (Esporte Clube Comercial, Operário Futebol Clube e 1° de Maio)[92].

Páginas adiante – logo após um texto de Gilmar Arruda em que o autor discorre sobre o "saber-fazer" ervateiro e os trabalhadores que dominavam como ninguém as "artes do mate[93]" – a revista segue com um artigo específico sobre a Selaria Cantero, apresentando em específico o manuseio do couro para a confecção de arreios, selas, malas e botas. O texto também aponta para a associação entre essas habilidades e as ideias de "arte" e de "saber-fazer" intrínsecas aos

[91] O norte pode aqui referir-se tanto às regiões do Pantanal quanto ao atual estado de Mato Grosso. Foi após começar a morar em Dourados que Zildo recebeu, na década de 1970, o convite para trabalhar no Pantanal.

[92] A produção paraguaia na cidade de Campo Grande. *In.:* **Revista ARCA**, n.4, Campo Grande, 1993. p.40-43.

[93] O trabalho paraguaio na Matte Laranjeira. *In.:* **Revista ARCA**, n.4, Campo Grande, 1993. p.44-47.

paraguaios. No caso da família Cantero, as habilidades com o couro seriam oriundas de uma "tradição" aprendida nas "'talabartarias[94]' de Asunción[95]".

Fundada por Maurício Cantero na década de 1930, a selaria "se tornaria a maior fabricante de artefatos de couro do Mato Grosso". Segundo a ARCA, desde sua fundação a família pasou a empregar quase que exclusivamente mão de obra de paraguaios que se alocavam em Campo Grande. Em uma lista em que são apresentadas pequenas biografias dos funcionários da selaria, os paraguaios são nomeados como os "artesãos do couro". Os produtos desse tipo de estabelecimento eram, em sua maioria, usados em áreas rurais por serem próprios ao trabalho nas fazendas com a criação de gado, com o transporte de boiadas e/ou com o desmatamento.

A família Areco, oriunda de Horqueta e de Porto Murtinho, tem seu histórico na cidade de Dourados também ligada ao ofício em sapatarias. Segundo os entrevistados Victor e Aniano Areco, essa era uma forma de trabalho que o pai já desenvolvia no Paraguai. Em Porto Murtinho, cidade que até meados da década de 1970 era marcada pelo desenvolvimento da indústria de tanino, que era extraído do quebracho (KMITTA, 2010, p. 88), este, o pai, esteve empregado em curtumes, ao lado de muitos outros paraguaios. Migrados de Porto Murtinho para Campo Grande no final dos anos 1950, a família Areco se colocou nos ofícios com couros e em sapatarias.

Quando se decidiram por Dourados – aproximadamente em 1961 –, Victor e a maioria de seus irmãos, assim como alguns descendentes da família Areco se dedicaram (alguns ainda se dedicam) às sapatarias que formaram na cidade. A exemplo citamos a Sapataria Três Poderes (de Basilisa Areco), a Sapataria Areco (de Mauro Areco[96]) e a Sapataria Dourados (do próprio Victor). O pai, ao contrário, tornou-se servente e, segundo informações de Aniano[97], participou da construção do antigo Fórum de Dourados – que anos depois foi substituído pelo prédio atual, de nova e maior estrutura (ENTREVISTA, A. Areco, 08/08/18).

---

[94] Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: Subs. fem. Regionalismo: Rio Grande do Sul – **"**estabelecimento comercial ou oficina de talabarteiro"; "relativo a/ou aquele que fabrica e/ou vende correias, selas e artefatos de couro em geral; correeiro, seleiro".

[95] Selaria Canteiro: 50 anos fabricando arreios e selas. *In.:* **Revista ARCA**, n.4, Campo Grande, 1993. p. 45-8.

[96] Falecido à época da escrita deste trabalho.

[97] Aniano foi o único dos 7 irmãos que seguiu os estudos até a conclusão do Ensino Superior. Tornou-se, assim, Contador da Prefeitura de Glória de Dourados, Contador e Secretário de Finanças da Prefeitura de Deodápolis (1979, aproximadamente) e Auditor Fiscal da Secretaria de Estado de Fazenda – cargo pelo qual se aposentou. No início dos anos 1960, ao lado dos irmãos, trabalhou por pouco tempo como auxiliar nos serviços de sapataria.

Victor nos conta sobre o processo de vinda, sobre o trabalho em Dourados, bem como sobre a perda de espaço da indústria artesanal. Ao final, ressalta igualmente a preponderância dos paraguaios nesse ofício:

> Chegamo lá e entramo numa firma de calçado – toda vida trabalhávamos com couro – entrei numa firma de calçado em Campo Grande [...] quando eu fui com 11, 12 anos eu já era bem adiantado na profissão
> **Aqui em Dourados o senhor trabalhou com o que?**
> Eu... aqui em Dourados nunca fui funcionário, por causa da profissão, né?, porque nós tínhamos aqui nossas indústrias, nossas fábricas. Eu tive uma loja muito boa aqui, cheguei trabalhar com 17, 20 funcionário, fabricava calçado na época.
> **Qual que era o nome?**
> É a Sapataria Dourados, eu tinha. Eu cheguei a ter... 18 funcionários. E... com o tempo foi acabando, porque... as indústrias tomaram conta, não tem como. E foi acabando também *o tipo de calçado que a gente fazia que era pra fazenda, derrubada e tal, você tinha que fazê calçado forte em fazenda. Hoje acabou, hoje fazendeiro é tênis* [balança a cabeça em sinal negativo].
> **O senhor trabalhou com sapato?**
> Confecção de sapato... Eu mexo tudo com essa área de couro, eu mexo com tudo. Com roupa... É, já vem do meu pai, né?, faço jaqueta, faço qualquer coisa, em matéria de couro eu faço. Monto calçado, desenho, sou desenhista, na área eu faço tudo. [...]
> **Que outros paraguaios o senhor conheceu que trabalharam no mesmo tipo de serviço seu, com selaria, etc.?**
> Não... eu conheci muito aqui... *Aqui antigamente quando a gente começou a maioria era, só quem não era do ramo, assim, era português, a Sapataria Português, que mexia com calçado e que era português, fabricava também. O resto tudo que gente sabia aqui era de família paraguaia, tudo... era tudo, todos eles era* (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

Vitor também atuou no mesmo ramo do senhor Elizeu Nunes Sanábria, que aprendeu a profissão de sapateiro com o pai, em Bella Vista Norte. Ao chegar a Dourados, contudo, Elizeu contava com pouca estrutura: alguns equipamentos comprados, ainda no Paraguai, pelo pai. Para conseguir serviços, percorria a cidade de bicicleta em busca de concertos e, algum tempo depois, recebeu convite e passou a trabalhar em uma sapataria, onde também se fabricavam outros itens, como bolsas. No Paraguai, Elizeu trabalhava com fretes, "carregando gente", pessoas que iam fazer compras, peões, pela estrada permeada de atoleiros entre Bella Vista Norte e a antiga colônia de Puentesiño (atualmente Sargento José Felix Lopes). Foi o último dos irmãos a se estabelecer em Dourados, já nos anos 1980:

> [...] me decepcionei quando a caminhonete quebrou tudo e não tinha mais o que fazer. Aí procurei ajuda [dos irmãos] pra vim. No começo foi sacrificado, tinha que procurar serviço... e num tinha uma renda fixa. Me afirmei quando comecei trabalhá com carteira assinada (ENTREVISTA, E. N. Sanábria, 14/12/2016).

Em casos como esse, podem ser observadas as redes de relações sociais e familiares e as redes de solidariedade (cf. MONDARDO, 2009) onde os familiares migram uns após os outros e se auxiliam mutuamente ao longo do processo. Como Simona Ramirez bem expõe ao falar da vinda de sua família, forçada por motivos de ordem política no final dos anos 1960, "é assim, nossa migração é isso aí... quando um saiu, muitos saíram" (ENTREVISTA, S. Ramirez, 07/12/2016). Anatália Nunes Sanábria e Elizeu Nunes Sanábria nos contam que, aos poucos, todos os onze irmãos migraram para o Brasil, apoiando uns aos outros e principalmente àqueles que estavam em dificuldades. Dourados também foi o destino para onde vieram, anos depois, os pais já idosos.

> Primeiro veio uma irmã minha que casou-se lá [em Bela Vista/PY] em 1968 e veio pra cá trabalhar na Cometa. O meu cunhado, né? E com eles a gente começou a vim de um por um. Eu vim com ela aqui, fiquei ali, porque o peão da Cometa ganhava casa pra morar. [...] logo ai eu trouxe meus irmão pra fica com elas ali, né. E assim foi que a gente veio devagar. E logo depois [...] que meu pai veio e compro uma casa aqui pra nós [...] aonde ele veio a falecer e a minha mãe também (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

Elizeu trabalhou por 16 anos na empresa de transportes EUCATUR; quando gravamos a entrevista estava trabalhando durante meio período como frentista. No caso de Anatália, morando na cidade desde 1968, conta-nos que trabalhou por um curto tempo como funcionária de serviços gerais na Prefeitura de Dourados:

> Eu trabalhava no centro de homeopatia. Até seis hora tinha que tá pronto lá a sala pro médico chegá cedo. Aí eu saí, e nunca mais trabalhei de funcionária, não. Trabalho... faço as coisas, doces caseiros, salgado, enfim*, e é com isso aí que eu vou levando a vida e tomando mel* [risos]. Faço meus crochê. Isso aqui [mostra o crochê que fazia durante a entrevista] aprendi lá em [São Paulo] (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

Dentre as profissões desempenhadas por aqueles/as com quem conversamos, cabe também citarmos a alfaiataria, ofício gentilmente pausado pelo senhor De Los Santos Mereles Lópes para nos conceder uma conversa, em seu estabelecimento, em 2012. À maneira do artesão e do aprendiz, o entrevistado informa que conheceu a profissão ainda jovem, em Pirayú e Asunción: "você tem que fazer o tereré e companhia pros patrón [patrões] e no meio disso aí você vai aprendendo. Comecei com treze ano [...] e... nunca deixa de aprender porque é uma profissão muito difícil, você sempre tá aprendendo com os clientes" (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012).

O artesanato, por outro lado, é atividade desenvolvida por Anatália, bem como pela professora de Geografia, hoje aposentada, Silvéria Cristaldo Romero. Na loja da Rede de

Economia Solidária, estabelecimento voltado para a venda de artesanato local, no shopping de Dourados, tivemos a oportunidade de conhecer, conversar e agendar entrevista com Silvéria.

Sua irmã, Eliza Cristaldo Romero, nascida em Pedro Juan Caballero, é também professora (de História). Atualmente exerce a função de Coordenadora Pedagógica em uma das escolas municipais de Dourados. É atuante nos movimentos políticos e sindicais dos Trabalhadores em Educação da REME, compõe a atual diretoria do Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação (SIMTED-Dourados). Esteve à frente da presidência do Sindicato durante o triênio de 2006 a 2009.

Na década de 1970, quando a família de Silvéria migrou para Dourados visando a escapar dos riscos da ditadura – "meu pai era revolucionário, febrerista, partido contrário do governo que era Stroessner" –, ela, que tinha formação em Contabilidade, passou a trabalhar no setor de Recursos Humanos da empresa NOSDE Engenharia (responsável na época por diversas obras de construção e pavimentação). Seu pai seguiu a profissão de alfaiate que já desempenhava em Pedro Juan **(cf. item 1.2.1.)**, chegando, aliás, a ser companheiro de trabalho do senhor De Los Santos Mereles Lopes (ENTREVISTA, S. Romero, 10/07/2017).

Dois informativos[98] da *Casa Paraguaia de Dourados* veiculados em 1991 aos quais tivemos acesso, além de apresentarem notícias das atividades promovidas pela recém fundada associação, também traziam anúncios publicitários **(cf. Figura 8)** de estabelecimentos comerciais, empresas e serviços que eram prestados por seus membros (aqueles que financiaram o folheto). Encontramos ali as seguintes publicidades que, em certa medida, estão relacionadas às profissões debatidas ao longo deste tópico:

> *Auto Mecânica e Acessórios Fleitas* – Funilaria e Pintura com Estufa Mecânica em Geral
> *Merele* – Alta Costura Feminina e Masculina.
> *EMEBÊ* Engenharia – Construção Civil.
> *Lajes Saldivar* – Engenharia e Construção Civil.
> *Sapataria Três Poderes* – Calçados finos, botas, tênis, artigos para montaria e esportivos, artefatos de couros em geral.
> *CIEME Engenharia LTDA*. Elízio Brites – Diretor Administrativo.
> *Erva Mate Pantanal*.

[98] **INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados**, ano 1, núm. 1, agosto de 1991. 4p; **INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados**, ano 1, núm. 2, dezembro de 1991. 4p. Disponíveis em Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

Figura 8: Anúncios publicitários em informativos da *Casa Paraguaia de Dourados*.

Fonte: INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados, ano 1, número 1, agosto de 1991. p. 2 e 4.

É comum, segundo o que o conjunto das fontes orais nos apresenta, que paraguaios e descendentes afirmem com veemência sua preponderância como indivíduos e como grupo nesses vários âmbitos do trabalho urbano (um entendimento que muitas vezes se estende à cultura, à política, às estatísticas demográficas). Assim, há que notarmos que, embora haja exceções, poucos foram aqueles que conseguiram ascender social e economicamente. Contudo, de maneira muito próxima ao que observamos quanto aos contextos e processos históricos estudados no capítulo segundo, tais indivíduos se colocam como centrais e fundamentais para o desenvolvimento econômico dos municípios e do Estado de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul, uma vez que teriam sido a "mão de obra majoritária".

Nesse sentido, por exemplo, Victor Ledesma entende como uma forma de reconhecimento, "uma decisão justa", a instituição do 14 de Maio como "Dia do Povo Paraguaio" em Mato Grosso do Sul (Lei Estadual n. 2.235, de 29 de maio de 2001, criada durante a gestão do então governador Zeca do PT e sancionada pelo vice-governador em exercício Moacir Kohl). Para o entrevistado, a data é criada "porque eles perceberam ao longo dos anos, é... essa contribuição econômica e cultural... que Mato Grosso do Sul se não fosse

essa contribuição... hoje... não sabemos a que pé se encontraria, talvez [fosse] bem diferente a realidade" (ENTREVISTA, V. Ledesma, J. Ledesma e L. Estigarríbia, 10/07/2017).

Podemos entender, dessa forma, que, de "ervateiros" a "serventes", passando também por outras profissões até aqui apresentadas, tais trajetórias de vida e trabalho desenvolvidas e vividas ao longo do século passado estruturaram um pilar importante daquilo que poderíamos entender como parte de uma memória coletiva do grupo paraguaio e de descendentes (de primeira e segunda gerações, pelo menos) que vivem no Estado.

3.2. CIDADE, HISTÓRIA E OS LUGARES DE MEMÓRIA DA COMUNIDADE PARAGUAIA EM DOURADOS

Criado pelo historiador francês Pierre Nora e amplamente difundido a partir da publicação da obra coletiva *Les Lieux de Mémoire* (que teve seu primeiro volume publicado em 1984), o conceito de *lugares de memória* foi inicialmente definido pelo autor como instâncias que agregariam elementos materiais, simbólicos e funcionais e proporcionariam uma interação recíproca entre história e memória, estando marcados por uma forte intenção de memória (NORA, 1993, p. 22[99]). No tomo III de *Les Lieux... – Les France, 1: Conflits et partages* – Pierre Nora afirma ser *lugar de memória* "toda unidade significativa, de ordem *material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio memorial* de uma comunidade qualquer" (NORA [1992] *apud* CANDAU, 2011, p. 157 – *grifo nosso*). São, assim, *lugares* que servem de suporte às memórias que se querem preservadas e que possibilitam "uma continuidade temporal com o passado a partir de valores do presente" (MOTTA, 2012, p. 27).

No texto que inaugura a obra, Pierre Nora faz as primeiras constatações sobre a "situação" contemporânea que impulsionou a sua percepção sobre o fortalecimento dos *lugares de memória*: a contínua aceleração do processo histórico e a "inexistência da memória", esta última, em decorrência das bruscas "rupturas com o passado", da falta de "meios de memória", do "arrancar da memória sob o impulso conquistador e erradicador da história".

Em seu texto, Nora alerta quanto ao

> Fim das sociedades-memória, como todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou Estado. Fim das ideologias-memória, como

[99] A referência corresponde à tradução feita para a revista *Projeto História* da Introdução ao Tomo I, *La République*, de 1984.

> todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro (NORA, 1993, p. 8).

O autor chama a atenção, portanto, para a perda das relações orgânicas entre os indivíduos e o respectivo passado de seus grupos sociais de origem[100], uma vez que não há mais a "memória espontânea". Esses fatores todos ocasionaram a necessidade quase obsessiva de "encarnação" da memória sobre determinadas bases, no caso, os *lugares*.

Segundo Janice Gonçalves, o conceito proposto inicialmente por Nora sofreu diversas críticas, devido à sua maleabilidade e imprecisão, e foi sendo reformulado e revisado pelo autor ao longo da publicação da obra, assim como extrapolou seus limites iniciais e teve tamanha popularidade que ganhou usos jurídicos, técnicos, turísticos e patrimoniais, sendo, por vezes, distorcido (GONÇALVES, 2012). Para François Hartog, que associa "*Les Lieux...*" a certo momento vivido pela historiografia em que o presente emerge como categoria chave de compreensão da sociedade, a contribuição principal de Pierre Nora está na ideia de *"entre"* destacada no texto inicial, em "posicionar-se *entre* história e memória, não opô-las, nem confundi-las, mas servir-se de uma e de outra. Apelar à memória para renovar e ampliar o campo da historia contemporânea" (HARTOG, 2014, p. 161).

Essa ampliação de que fala Hartog, de fato, ocorre: conforme ressalta Jay Winter, a publicação da coletânea em questão desencadeou algo que marcou a produção contemporânea em história e que ele denomina como um "*boom*" ou uma "obsessão" – também em nível social, indo além da academia – pela memória. "A memória, definida de várias maneiras", se tornou "o conceito central organizador dos estudos em história, uma posição antes ocupada por noções de classe, raça e gênero", que estariam "em certos aspectos obscurecidos" (WINTER, 2006, p. 68). No contexto dos anos de 1980 e de 1990, fatores de ordem diversa viabilizaram o interesse público pela memória, que é também, nessa dinâmica, transformada em mercadoria. Contribuíram para isso o aumento da renda e da condição financeira da população, que passou a investir mais em educação e em bens culturais; o acesso crescente à educação superior, a quantidade maior de capital cultural em circulação e os investimentos do próprio Estado e de particulares na esfera da cultura e do patrimônio.

[100] No clássico "*A Era dos Extremos*" Eric Hobsbawn chamou a atenção para o mesmo fenômeno quando afirmou: "A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal ao das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem" (HOBSBAWN, 1995, p.13).

Winter resume esses elementos constatando que "o *boom* da memória" ocorreu "em parte porque tanto o público quanto o Estado tem condição financeira para pagar por ele" (2006, p. 78). O autor, obviamente, pensa o contexto europeu, mas seria talvez o caso de refletirmos até que ponto a própria identidade – e lembremos que a memória é um de seus sustentáculos –, inclusive aquela vinculada a grupos específicos, insere-se na lógica de consumo dos indivíduos, de tal modo que passa a depender, também, de condições financeiras, de acesso a determinados bens e locais, e de tempo livre.

Cabe também acrescentarmos que o termo *lugar* recebe conceituações próprias e importantes oriundas da Geografia que ora se aproximam, ora se distanciam do sentido de *lugar de memória* explicitado acima, mas que, até certo ponto, ajudam a entender muitas das questões deste trabalho. De acordo com Marcelo Lopes de Souza, para uma "primeira aproximação conceitual", um *lugar* se define menos por sua dimensão política – que não é de toda inexistente – e mais por sua "dimensão cultural-simbólica" e pelas "questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas". G*rosso modo*, "um lugar é um espaço dotado de significado, um espaço vivido", assim, uma determinada porção do espaço geográfico ou de um território só se torna um *lugar* se for investida de sentimentos e imagens "que se produzem e reproduzem na comunicação e nos discursos". Ainda nessa concepção, um lugar não existe "sem um referente 'material'" (SOUZA, 2016, p. 118).

Embora contenha as características assinaladas, aquilo que devemos e iremos considerar como *lugar de memória* escapa à rigidez de ater-se ao substrato material e/ou ao recorte espacial, existindo também como *lugar* no sentido figurado e/ou imaterial. Pensando, portanto, as cidades e a memória coletiva entre paraguaios/as e seus descendentes, que *lugares* podemos identificar como *lugares de memória,* portadores de uma *intenção de memória* ou, ao menos, como meios onde "*o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade*", conforme é sugerido por Pierre Nora?

A ideia de existência de uma *cultura paraguaia*, referenciada em origens, modos, costumes e tradições específicas que definiriam a identidade do o que é ser paraguaio/a, ocasionou no surgimento (por iniciativa dos próprios imigrantes, de seus descendentes e/ou de simpatizantes ligados, por vezes, às atividades políticas) de diversos espaços urbanos que passaram a servir como *lugares* de referência para a memória dos grupos que se formaram. Muitos desses *lugares* foram criados intencionalmente – como é o caso das *casas*, *associações* ou *colônias paraguaias* –, outros foram instituídos a partir de negociações e de apropriações – como o ocorrido com o monumento em conhecido como "Ervateiro".

Partindo, inicialmente, do contexto de Dourados, podemos enquadrar no referido conceito os espaços públicos como o do bairro Jardim Itália; no interior do bairro, a Praça da República do Paraguai (ou Praça Paraguaia) e, no interior desta, os diversos símbolos locais e monumentos cívicos, históricos e religiosos (a capela, a imagem de Nossa Senhora de Caacupé, as cores da bandeira paraguaia e os monumentos ao tereré e ao chimarrão); a própria *Associação Colônia Paraguaia de Dourados* (antiga *Casa Paraguaia*), por meio de suas propostas e atividades periódicas; os monumentos e as datas, os costumes e as tradições culturais.

Ou seja, um amálgama de elementos relevantes que estão imbricados, que se alimentam e se movem em direção uns aos outros e que, estando ligados aos sujeitos aqui estudados, identificam e são identificados por grande parte deles como representativos de sua(s) identidade(s) e de sua(s) memória(s). Por meio deles, essas pessoas, à sua maneira, se posicionam, pensam e ocupam a cidade, marcando seus traços num ambiente historicamente marcado por disputas territoriais, culturais e memoriais.

José Carlos de Souza, em seu trabalho sobre a identidade dos imigrantes paraguaios em Dourados, afirma que culturas e etnias, somente "após um longo crepúsculo, perceberam o vazio em que se encontravam e despertaram para a necessidade de afirmação do que era intrínseco a elas" (SOUZA, 2001, p. 102). Na realidade, entendemos, com base nas concepções de Pierre Nora, que esse "despertar" corresponde a uma manifestação em nível local que faz parte de um processo mais amplo de instituição de *lugares de memória* que tomou corpo nas últimas décadas do século XX. São *lugares* que surgem diante da percepção de crises, instabilidades e de ameaças de desaparecimento da memória.

De forma bastante elucidativa, Nora expõe que "se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis" (NORA, 1993, p. 13).

3.2.1. "Fundar para manter a tradição...": as Casas e Colônias Paraguaias como lugares de memória

Em Campo Grande, no início do ano de 1973, foi fundada a *Casa Paraguaia*, uma das primeiras entidades do tipo no Estado; no mesmo ano é criada a sede da associação no espaço de um terreno doado pela prefeitura no bairro Vila Santa Branca (atualmente, bairro Pioneiros). Segundo informações da Revista ARCA (1993), seu primeiro presidente – Horácio Casartelle – permaneceu à frente da associação por 17 anos e foi destituído do cargo por liminar judicial em

1989, momento em que seus membros aprovaram um novo estatuto e alteraram o nome para *Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande*[101]. De forma muito parecida, por exemplo, é criado em Corumbá, em 1979, o *2° Centro Social Paraguayo Brasileiro*[102] (SIQUEIRA, 2009, p. 72), assim como, adiante, surgem outras associações em cidades como Aquidauana (ARPA), Laguna Carapã (COPALC) e Amambai[103].

É comum que muitas dessas agremiações busquem estreitar relações com o poder público em prol da conquista, da estruturação e da consolidação, por exemplo, de espaços físicos próprios, como sedes construídas em terrenos cedidos ou doados. Por meio dessas relações buscam ainda a instituição de datas oficiais, assim como de leis de "declaração de utilidade pública" em nível municipal e estadual, homenagens públicas e títulos de "reconhecimento de cidadania" (àqueles considerados pioneiros do processo de imigração), outorgados pelas Câmaras Municipais.

O exemplo, talvez, mais recente desse tipo de aproximação está no convênio assinado pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul que direciona 1,4 milhão de reais para a reforma da atual sede da *Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande*. Nas notícias veiculadas em periódicos do Estado e pelo *site* da Secretaria Estadual de Cultura e Cidadania (SECC), a presença cultural, histórica e quantitativa dos paraguaios aparece mobilizada pelos discursos políticos oficiais e pelos membros à frente da associação como mote e justificativa para o investimento público que visa a "valorizar e preservar a cultura paraguaia[104_105]".

---

[101] Da Casa Paraguaia ao Polkódromo**.** *In.:* **Revista ARCA**, n.4, Campo Grande, 1993. p. 69-71. Horácio Casartelle foi substituído pelo advogado Albino Romero. Após trocas ao longo dos últimos anos, Romero é o atual presidente da *Associação*.

[102] O 1° Centro Social Paraguayo Brasileiro foi criado em Corumbá entre as décadas de 1940 e 1950 e tinha como objetivo "ajudar a todos os imigrantes paraguaios que aportavam na cidade", tal qual um lugar de passagem, até que estes conseguissem emprego, dando lugar aos novos imigrantes que estivessem chegando. Além disso, promovia festas e eventos para o compartilhamento das "tradições paraguaias" (SIQUEIRA, 2009, p. 72).

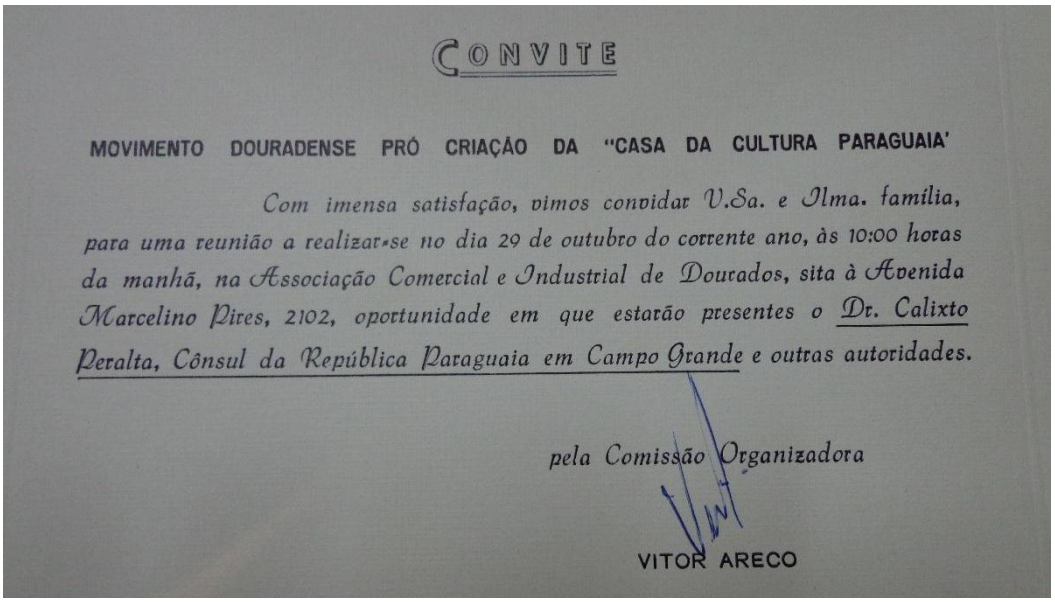
[103] A ARPA (Associação Recreativa Paraguaia de Aquidauana), apresenta Maria Aparecida Navarro, foi fundada em 1989 por iniciativa de trabalhadores civis do município (NAVARRO, 1999, p. 52). Em Amambai entrevistamos o advogado descendente de paraguaios Odil Toledo Puques. De acordo com o Estatuto da entidade apresentado pelo mesmo, a Colônia nessa cidade foi fundada no ano de 2007 (ENTREVISTA, 03/12/2012). Já em Laguna Carapã, em meados de 2016, tivemos contato com a presidência da COPALC durante a organização das festividades (missa folclórica, churrasco e show) em comemoração aos 5 anos da associação, fundada em 2011. Além dessas, encontramos referências online e cadastro de CNPJ para associações paraguaias nas cidades de Nova Andradina, Naviraí, Maracajú e Iguatemi.

[104] RAES, Airton. **Colônia Paraguaia vai receber do Governo do Estado R$ 1,4 milhão para reforma da sede.** 28 de junho de 2018. *Disponível em:* http://www.secc.ms.gov.br/?p=12090. *Acesso em*: julho de 2018;

[105] CLAJUS, Kleber. **Governo libera R$ 1,4 milhão para revitalizar sede da Colônia Paraguaia.** 27 de junho de 2018. *Disponível em:* https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/governo-libera-rs-1-4-milhao-para-revitalizar-sede-da-colonia-paraguaia. *Acesso em:* julho de 2018.

Em Dourados, o movimento pela criação da *Casa Paraguaia*[106] – que atualmente chama-se *Associação Colônia Paraguaia de Dourados*[107] – formalmente se identificou como "*Movimento Douradense Pró Criação da 'Casa da Cultura Paraguaia'*"[108] e começou em fins da década de 1980, com jantares e encontros informais de paraguaios e descendentes, trabalhadores/as urbanos e ex-trabalhadores/as rurais, pessoal não pertencente aos grupos mais abastados da cidade e que se organizava para a consolidação de uma associação própria.

Figura 9: Convite do *Movimento Douradense Pró Criação da 'Casa da Cultura Paraguaia'* para reunião de 29/10/1989.



CONVITE

MOVIMENTO DOURADENSE PRÓ CRIAÇÃO DA "CASA DA CULTURA PARAGUAIA'

Com imensa satisfação, vimos convidar V.Sa. e Ilma. família, para uma reunião a realizar-se no dia 29 de outubro do corrente ano, às 10:00 horas da manhã, na Associação Comercial e Industrial de Dourados, sita à Avenida Marcelino Pires, 2102, oportunidade em que estarão presentes o Dr. Calixto Peralta, Cônsul da República Paraguaia em Campo Grande e outras autoridades.

pela Comissão Organizadora

VITOR ARECO

Fonte: Coleção Adriano Pontes Amarilha, disponível no Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD).

[106] A associação tem sede na Avenida Indaiá, n. 630. Na década de 1990 a sede era localizada na Avenida Hayel Bon Faker em prédio cedido e de propriedade do ex-presidente, Aniano Areco (ENTREVISTA, A. Areco, 08/08/18; ENTREVISTA, Ricardo Ojeda. In.: Amarilha, 1997, p. 32).

[107] A entidade trocou o nome para *Associação Colônia Paraguaia* em 2008 (**Integração – Informativo da Associação Colônia Paraguaia de Dourados**, 14 de maio de 2009. In.: OLIVEIRA, 2015, p. 201, anexos). José Carlos de Souza explica que essa expressão – colônia – não está relacionada a um projeto intencional de colonização, nos moldes, por exemplo, daquilo que ocorreu na CAND. "Colônia", nesse caso, "pode ser compreendida [...] simplesmente como a fixação de grupos de paraguaios na cidade, que vislumbraram a possibilidade de melhores condições de vida no Brasil" (SOUZA, 2001, p. 101). É possível encontrar a expressão "colônia paraguaia" para se referir aos paraguaios residentes em Dourados, desde o início da década de 1990.

[108] **Convite do Movimento Douradense Pró Criação da 'Casa da Cultura Paraguaia'**, 1989. Disponível em: Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

A primeira reunião formal foi realizada em 29 de outubro de 1989 e, de acordo com a Ata do dia e com algumas entrevistas, contou com aproximadamente 87 participantes[109] (entre eles, 7 foram entrevistados ao longo desta pesquisa). Espelhada, em parte, na fundação de outras *casas paraguaias* – em Corumbá e Aquidauana, mas, principalmente, na *Casa Paraguaia de Campo Grande* – esta primeira reunião contou também com a presença de Calixto Peralta, *Cônsul da República do Paraguai em Campo Grande*, e de diversas pessoas vindas dessa cidade; entre elas estavam Albino Romero e Alcides Bernal, envolvidos, à época, no processo de transição para uma nova diretoria e na elaboração de um novo estatuto para a *Casa* campo-grandense.

Lembremo-nos que o final da década de 1980 correspondeu a um importante momento de alterações políticas, tanto no Brasil quanto no Paraguai: enquanto o primeiro, saído de 21 anos de Ditadura Militar, pleiteava a elaboração de uma nova Constituição e as eleições civis diretas (que ocorreram, respectivamente, em 1988 e 1989), o segundo também passava por processo parecido, uma vez que em 1989 é deposto o ditador Alfredo Stroessner, que havia assumido o poder em 1954.

Autores como José Carlos de Souza (2001) e Marcos Leandro Mondardo (2012, 2013), que pesquisaram sobre a comunidade paraguaia em Dourados, destacam as aproximações políticas entre os dois países durante as respectivas ditaduras e falam do consequente medo entre os paraguaios em manifestar sua identidade étnica e cultural.

Para Mondardo, a atmosfera ditatorial do Paraguai "ultrapassava as fronteiras nacionais e chegava até o Brasil" e, devido a isso, "por um longo tempo, muitos paraguaios negavam sua identidade [...] se passando, por vezes, estrategicamente como indígenas" (MONDARDO, 2013, p. 81). Caminha no mesmo sentido o entendimento do ex-presidente da atual *Associação Colônia Paraguaia de Dourados*, Elizeu Rodrigues Cristaldo, que assevera: "por conta do medo a pessoa nega sua identidade. Uma porque... medo de ser expulso do país, do Brasil [...] a situação que a pessoa se encontra, vive na clandestinidade, impede muito essa manifestação" (ENTREVISTA, E. R. Cristaldo, 04/11/11).

Assim, "em razão da proximidade entre as fronteiras e as consequentes dificuldades de superação do medo de manifestações" (SOUZA, 2001, p. 103), empecilhos dessa ordem dificultaram as primeiras tentativas de organização para a criação da *Casa Paraguaia de*

[109] **Ata da 1° Reunião de Criação da Casa Paraguaia de Dourados e Livro de Presença.** Dourados, 29/10/1989. Disponíveis em: Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha. Também pode ser consultada em sua versão integral e datilografada em AMARILHA (1997).

Dourados. Segundo nos contaram os senhores De Los Santos Mereles Lópes e Victor Areco, ao longo das tentativas de reunir paraguaios e paraguaias para a participação no movimento de criação da *Casa*, em que foram feitos convites (**cf. Figura 9**), cartas e visitas particulares, vieram à tona uma série de negações, desconfianças e, principalmente, o medo de serem perseguidos e extraditados (sobretudo aqueles que estavam no Brasil em situação irregular). Ricardo Ojeda, em entrevista a Carlos Magno Mieres Amarilha, conta sobre esse momento:

> Me lembro que em uma dessas visitas, no bairro cachoeirinha, uma senhora correu ao nos ver chegar e indagamos se o marido dela, dono de um mercadinho, era paraguaio.
> – Não vão deportar meu marido pelo amor de Deus, gritava.
> Ela nos confundiu com policiais paraguaios que os levariam de volta ao Paraguai, de onde saíram fugidos" (AMARILHA, 1997, p. 32).

A seguir, apresentamos a fala de De Los Santos sobre esse momento – o entrevistado que, antes de morar em Dourados, viveu em Curitiba, diz também ter participado da criação da *Casa Paraguaia* daquela cidade. Na sequência, segue a fala de Victor Areco:

> Foi muito sacrificado [fundar a associação] porque *a nossa raça é muito desconfiado; muito desconfiado, né?,* qualquer coisa... acha que a gente tá fazendo pra outro fim. Saímos aqui no [bairro] Jardim Itália, tentando convidá, [pra] participá nas reuniões, "nossa ideia é isso e isso, aquilo e tal, né?", mas alguém nos recebia? Pensava que era polícia. *E... depois lançaram uma fofoca ali, falaram prá turma que nós tamo fazendo essa lista pra manda tudo de volta pro Paraguai (risos). Então essa nossa raça é desconfiada. Então, foi difícil de... mai agora, tá ai.* [...] ninguém quer voltá, por quê? Já construiro aqui a família, já tem seus propriedade, casa e tal, ninguém quer ir. Porque lá a vida é bem diferente, eu já me acostumei; a vida, o modo de vida lá é bem diferente daqui (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012).

> Veja só como que é o problema da Casa Paraguaia: eu saía atrás dos cara pra convidá pra participar de reunião e os cara... falava pra você que vinha mas num vinha. Sabe? [...] *Aí depois eu fiquei sabendo que eles tinham medo, que eles achavam que era um esquema pra...* [risos] *mandarem eles de volta pro Paraguai, sabe?* Então eles ficavam... com receio... que esse trabalho que eu tava fazendo era pra pegá o nome da família deles pra... né? Porque a maioria deles entraram de forma ilegal, a maioria, 99% entra de forma ilegal. Então eles acharam – falaram isso pra mim depois – que seria isso. Rapaz os cara num vinha, você implorava, rapaz, implorava pro cara: *"pô, vamo lutá, tem o nipônico, tem o libanês, tem todo mundo aí e nós somos bastante aí, vamo montá!"* [...] aí nós fomos trabalhando, insistindo, trabalhando, trabalhando. (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

Hoje, pelo que as entrevistas indicam, essa negação ou não identificação ainda ocorre; em parte, devido aos estigmas negativos atribuídos historicamente aos paraguaios. Não são raras em entrevistas feitas por nós ou por outros pesquisadores as reclamações e a indignação diante da recusa de muitos em identificar-se ou como paraguaios ou como descendentes. Os entrevistados, frequentemente, identificam essa recusa, sobretudo, pela tentativa de

ocultamento do idioma ou do sotaque guarani. Esse idioma, assim, aparece como central tanto para a afirmação quanto para a negação de uma identidade paraguaia.

Segundo Isabel Malinowski, o ethos cultural paraguaio deriva dessa forma de hibridização, "muitos dos costumes dos Guaranis formam parte do modo de ser paraguaio, constituindo sua identidade nacional". Dentro disso, a língua aparece como elemento central. "Esse sentimento é confirmado por vários estudos estatísticos, com base nos quais é possível concluir que o valor do idioma como elemento fundamental da identidade nacional é compartilhado por grande parte do povo paraguaio" (MALINOWSKI, s/d, p. 28). Sobre essa relação, temos, a seguir, algumas narrativas de descendentes de paraguaios:

> O pessoal já fala mesmo, vai direto pra mim:
> – Você é paraguaio?
> – Eu sou paraguaio!
> Eu nunca neguei, nunca "nãão, num sou", não, eu sou paraguaio, eu gosto disso, de falar em guarani.
> – Cê fala guarani? Então vamo conversar em guarani.
> Se eu encontrar alguém que fala, huum, eu só falo guarani, num procuro misturar não (ENTREVISTA, R. Gonzalez, 04/12/2016).

> Tem um primo meu que chegou aqui depois de velho já [risos], rapaaaz, ele fala [diz imitando]:
> – Não, num sô paraguai não!
> – Como que cê num é paraguai, rapaz, cê num sabe nem fala!
> E ele nega. Eu falo:
> – Você é um nega raça!, cê num é nada! (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

> Tem muita gente que hoje você pergunta pra pessoa, que a família já vem agora bem depois, esses descendentes, eles não quer ser [de] família paraguaia; portanto, às vez o pessoal que vem de lá, agora mesmo, daqui uns dia ele num quer falar mais com a gente em guarani. Eu que não sou de lá eu cultivo até hoje, falo, toco e canto também. [...] Mas é desse jeito, eu já percebi muito, porque às vezes eu conheço as pessoas que veio de lá pra cá, cê vai falar no meio das pessoas com ele em guarani e eles não te dão atenção, eles num quer falar com você, num quer falar que são de lá; tem, tem muito isso! (ENTREVISTA, L. Estigarríbia, 10/07/2017).

Em maio de 1991, ocorreu uma segunda reunião para a fundação e legalização da entidade, o que resultou no nome de Ricardo Ojeda para a Presidência da Diretoria Provisória e no de Victor Areco para a Vice-presidência. A reunião de fundação foi realizada em 30 de maio de 1991, na Associação Comercial e Industrial de Dourados (ACID), onde estavam presentes, de acordo com a documentação, 23 pessoas consideradas sócios-fundadores.

A Diretoria Efetiva, encabeçada por Aniano Areco e Pastor Fleitas Franco, tomou posse no início de 1992 para um mandato de dois anos e foi reeleita para o biênio 1993/1994 (AMARILHA, 1997). Segundo Aniano Areco, o estatuto da *Casa* de Campo Grande serviu como

base para a elaboração do estatuto social da *Casa Paraguaia de Dourados* (ENTREVISTA, A. Areco, 08/08/18).

Essa fase de criação é lembrada com muita ênfase pelos entrevistados que dela participaram e que "ostentam" ou acentuam orgulhosamente o fato de serem "sócios-fundadores". Ao tocar no assunto a respeito da *Casa Paraguaia*, Victor Areco, de imediato, acrescenta: "Fundada por mim... *[Isso que eu queria perguntar, se o senhor teve alguma participação na fundação...]* Fundada por mim. Sabe como que surgiu essa... disso eu tô bem a par [...]" (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018); e segue, então, com sua narrativa, que busca demarcar o protagonismo de sua família, os Areco, nesse processo, tanto no sentido da mobilização, quanto no das finanças[110]. De Los Santos, no mesmo caminho, enfatiza: "Agora já tá em outras mãos e tal, mas tem que trocar, porque num pode viver eternamente aí numa mão só. *Mas o que marca são os sócio fundador*" (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012). Contudo, é possível perceber que, ao longo desses quase trinta anos de existência, há divergências e algumas rupturas entre aqueles que estiveram entre os fundadores e os grupos que passaram a compor a diretoria a partir da década de 2000[111]. Isso não significa, obviamente, que deixaram de existir diálogos, porém, em nossas entrevistas encontramos defesas e reclamações sobre ambas as fases de existência da *Casa Paraguaia*.

Outra questão salutar diz respeito à percepção dos fundadores da *Casa Paraguaia* quanto ao contexto dessa época, em que diversos grupos de migrantes nacionais e estrangeiros (nordestinos, gaúchos, japoneses, sírio-libaneses) também estavam atuando em busca de garantir seus próprios espaços de convívio e de promoção de suas práticas culturais. Isso se apresenta no recorte anterior, de Victor Areco – *tem o nipônico, tem o libanês, tem todo mundo aí* – e, da mesma forma, na narração de Ramão Cabanha de uma das conversas de onde teria partido o propósito de uma futura associação:

> Nós tivemo num bar, tava Victor [Areco], [Ricardo] Ojeda e eu... e Isaac [de Barros]. Ai vai bebendo uma cerveja daqui, nós tava jogando dado assim, ai num seu o que falaro:
> – Hoje tem jogo, hoje tem churrasco, nipônico...
> Ai virô e falo assim:

[110] Em artigo publicado no periódico online, *Dourados Agora*, o advogado douradense, Isaac de Barros, atuante também no movimento de criação da associação, faz um tipo de homenagem à família Areco pelo projeto de criação da Casa Paraguaia. (Cf. BARROS JÚNIOR, Isaac Duarte de. **A Casa Paraguaia.** Sem data. *Disponível em:* https://www.douradosagora.com.br/noticias/entretenimento/a-casa-paraguaia-isaac-duarte-de-barros-junior. *Acesso em:* agosto de 2018).

[111] Cf. **Elizio Brites diz que administração precisa mudar.** 10 de setembro de 2009. *Disponível em*: <<http://www.douradosnews.com.br/noticias/elizio-brites-diz-que-administracao-precisa-mudar-8c5dda70fc4c1e95e6ce/368258>>. *Acesso em*: agosto de 2018.

– Pô, todo mundo tem seus clubes... casa japonesa aqui, por que nós num funda a Casa Paraguaia pra nós?
– Mas vocês são novo...
Ai o Ojeda falô:
– É memo, vamo funda.
Ai começo, eu num lembro que dia, num lembro que data
Tinha uma união entre os paraguaios antes dessa fundação?
Antigamente? Não, tinha nada. Só tinha amigo de jogar, de truco, tudo separado. Agora não, agora nós temo grupo. (ENTREVISTA, R. B. Cabanha, 01/02/2013).

Tal qual foi exposto acima pelo senhor Ramão Cabanha, as fontes das quais dispomos demarcam entre os principais fundamentos defendidos para o surgimento da *Casa Paraguaia*, os propósitos de integração e união entre Paraguai e Brasil, e entre os paraguaios, seus descendentes e simpatizantes – tendo em vista que os laços entre estes estariam se dissolvendo ou se enfraquecendo – e o ideal de "manutenção" e "transmissão" da identidade, da cultura e das tradições paraguaias. O propósito de integração é hoje representado oficialmente no emblema que mostra a união das bandeiras de ambos os países, sobrepostas pela harpa paraguaia e as iniciais "CP".

Figura 10: Emblema da atual Associação Colônia Paraguaia de Dourados (muro da sede).

Fonte: Acervo pessoal. Alan Luiz Jara.

Sobre isso, Ricardo Ojeda explica: "estávamos perdendo nossas características [...] Não havia união entre os paraguaios. Eu vejo aqui o CTG (Centro de Tradições Gaúchas), que é o exemplo da união bonita, verdadeira, fraterna" (AMARILHA, 1997, p. 29). Igualmente, a resposta do senhor De Los Santos para o nosso questionamento sobre o que os levou a decidir fundar uma associação paraguaia em Dourados foi a seguinte: "[...] fundar para *manter a tradição.* [A] tradição culinária, cultural, musical. [...] E prá se juntá, falar em guarani" (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lópes, 06/06/2012).

Além disso, a ideia de uma *Casa Paraguaia* atendia também ao intuito de apresentar à sociedade uma imagem sobre o Paraguai e os paraguaios que rompesse com os estigmas e os preconceitos historicamente construídos[112] e que – igualmente comuns em relação aos povos indígenas –, não raro, de formas sutis ou explicitamente agressivas, são frequentes no cotidiano e nas relações sociais em Mato Grosso do Sul.

Os bailes e churrascos promovidos pela *Casa Paraguaia* na década de 1990, por exemplo, enfrentaram como primeiro desafio, na interpretação de Victor Areco, a superação dessas imagens para que a aproximação e a aceitação do grande público fossem possíveis. Ainda sobre essa questão, em outros momentos da entrevista são mencionadas brigas e provocações que eram comuns de serem feitas aos paraguaios em ambientes como os jogos de futebol dos quais o entrevistado participava. Assim: "provocação você tinha: 'que paraguai é f..., que paraguai é aquilo, que paraguai num presta!', na época era isso, né? Então você tinha que quebrá esse negócio". Um "ranço" que, no seu entender, guarda alguma relação com a Guerra da Tríplice Aliança: "Acho que era muito recente essa guerra, muitos... falam muito dessa guerra [...] Quando você via, rapaz, um companhero seu vinha contra você no seu time: 'esse paraguai, vô pegá esse paraguai!'e aí... começava!" (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

De fato, muitos estereótipos sobre o Paraguai estão relacionados àquele momento em que, sob o impulso da Guerra, jornalistas e parte da imprensa brasileira esforçaram-se em construir tais representações negativas, em especial, sobre seu governante, Francisco Solano Lópes, um "*abutre, louco, canibal, monstro, doente, tirano cruel, [...]"* (SILVEIRA, 2007, p. 58). Na análise de Mauro César Silveira, a continuidade de muitas dessas representações na mídia contemporânea é uma "herança viva do conflito bélico" (2007, p. 57).

---

[112] Jorge Eremites de Oliveira, em artigo publicado no caderno de opinião do *O Progresso*, de 1 de outubro de 1999, escreve sobre o preconceito em relação aos paraguaios. Conforme anota, "[...] é surpreendente verificar que entre muitos de nós predomina uma imagem pejorativamente caricaturada dos paraguaios: bárbaros, bugres, desleais, falsos, ignorantes, incivilizados, preguiçosos, traiçoeiros, vingativos, violentos, etc. Há até quem pense que eles são inimigos dos brasileiros e que não dão valor à família" (OLIVEIRA, Jorge Eremites. Sobre nós e os paraguaios. In.: **O PROGRESSO**. Sexta-feira, 1 de outubro de 1999, p. 2).

Retornando à questão dos eventos da *Casa Paraguaia*, Areco narra o seguinte:

> Nós fazíamos jantares ali... enchia de político e tal e... rapaz, cada jantar! E ali é o seguinte, os cara tirava sarro, né?
> – Paraguai não sabe cozinhar, paraguai num sei o quê, paraguai só come locro, só puchero...
> E, rapaz, e pra você quebrar isso aí? É difícil... você vendê um convite. [...] a gente conseguiu fazê... e quebrá esse negócio de "paraguai é isso, paraguai é aquilo" (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

Para Ricardo Ojeda, o propósito de criação de um informativo para a *Casa Paraguaia*, além da divulgação das atividades que eram feitas por ela, também cumpria a função de "desmistificar a idéia de que o Paraguaio só toma tereré", pois, ao contrário, ele lembra que "foram os braços e o suor dos paraguaios que ajudaram na construção de Dourados. Não só de Dourados, mas de todo Mato Grosso do Sul" (AMARILHA, 1997, p. 30).

As notas e os textos contidos nos informativos utilizam verbos, expressões e frases que denotam o sentido da busca por integração, representação e visibilidade por meio da ocupação de espaços sociais e culturais – e do espaço geográfico urbano, dos lugares – por meio da associação. Por outro lado, se destaca também o sentido de preservação de características próprias à cultura paraguaia ligadas à música, à dança, à culinária, à religiosidade, aos hábitos, em resposta às transformações que estariam levando à perda ou à desvalorização das mesmas. Isso ocorria, na visão de Ojeda, em favor da cultura de outros grupos migrantes, afinal, "[...] italianos, alemães, gaúchos, tem mais tradição e são mais valorizados culturalmente que os paraguaios, até mesmo socialmente" (AMARILHA, 1997, p. 30). Destacamos a seguir alguns recortes que extraímos dos informativos:

> A Casa Paraguaia de Dourados [...] associa-se a todos seus irmãos: sejam paraguaios ou mesmo simpatizantes, para, *juntos resgatarem o seu espaço perante a sociedade* [...] com o passar do tempo, nota-se que os descendentes dos paraguaios aqui radicados, vão assimilando a aculturação local, e vão perdendo as suas características iniciais. Isso não é bom, *porque todo o povo deve preservar sua história e tradições e adaptá-las sem perderem sua identidade,* às condições presentes e futuras. Não estamos dizendo que a cultura local deve ser desprestigiada, mas sim *formarmos um intercâmbio* cultural, social e esportivo, onde todos sejam iguais, independentes de suas origens[113].

> [a Casa Paraguaia de Dourados é] sem dúvida uma entidade *que preenche uma lacuna* existente há muito tempo, haja vista a importância da comunidade paraguaia no Município [...] *É fundamental que se preserve essa identidade cultural do vizinho País*, não só lá, como também

[113] OJEDA, Ricardo. Editorial – Por quê Casa Paraguaia. In.: **INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados**, ano 1, núm. 1, agosto de 1991. p. 1. *Grifos nossos.* Um texto similar também foi publicado em: Casa Paraguaia elege diretoria em Dourados. In.: O Progresso. Dourados, 01e 02 de junho de 1991, p.2.

> aqui [...]. No estatuto [...] está explícito o objetivo de *promover esse avivamento cultural*. Além disso, há o interesse em e*ntrelaçar os paraguaios aqui radicados e seus descendentes* [...][114].

> Por muito tempo '*outras culturas*' impuseram-se e vivenciaram suas tradições. *A cultura paraguaia antes adormecida, acorda lúcida, com o intuito de estabelecer-se enquanto origem sul-mato-grossense* ocupa o espaço merecido e como templo[115].

> [...] *estamos resgatando nosso espaço cultural,* seja através da dança, da música, da comida típica, etc. [...] É fundamental a sua participação, porque quanto maior for, maior será a nossa representatividade no município [...][116].

Podemos, portanto, destacar, a partir dos discursos trazidos pelas entrevistas, pelos informativos e por outros trabalhos acadêmicos que se debruçaram sobre a questão, palavras-chave como "valorização", "preservação", "manutenção", "transmissão" e "resgate".

Sob essa ótica, citemos o estudo a respeito da identidade dos sujeitos ligados à Colônia Paraguaia de Campo Grande, de Maiara Cano Romero Pereira[117], que procurou identificar os discursos sobre a cultura paraguaia e investigou, sobremaneira, aqueles que estavam ligados ao uso e à manutenção da língua guarani por imigrantes, descendentes e simpatizantes (situa-se, assim, no campo da Análise do Discurso). Sobre a Colônia campo-grandense, a autora afirma que "os discursos legitimadores se pautam pela razão de ser ou finalidade da instituição, ou seja, sua função social como agente transmissor da cultura paraguaia, principalmente aos descendentes de paraguaios" (PEREIRA, 2016, p. 56). Destarte, os recortes de entrevistas apresentados por ela mostram que, para esses, a Colônia é considerada espaço de preservação e fomento das tradições e de representação do próprio país vizinho no Brasil.

Porém, devemos considerar que, na realidade, a utilização de tais termos não se restringe ao grupo social dos paraguaios e descendentes, sendo comum à gênese e ao ideário de diversas outras associações culturais e desportivas que surgem da organização de grupos de migrantes nacionais e estrangeiros. O trabalho recente de Clecita Maria Moises[118] sobre a Casa Nordestina

---

[114] MINELLA, Ricardo Campos. Opinião – A semente da organização. In.: **INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados**, ano 1, núm. 1, agosto de 1991. p. 2. *Grifos nossos.*

[115] GLADIS, Dami. A cultura paraguaia. In.: **INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados**, ano 1, núm. 1, agosto de 1991. p. 2. *Grifos nossos.*

[116] OJEDA, Ricardo. Editorial – Por quê viemos? In.: In.: **INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados**, ano 1, núm. 2, dezembro de 1991. p. 1. *Grifos nossos.*

[117] Pereira fez uso de entrevistas com sócios, diretores e frequentadores (especialmente aqueles que participavam das aulas de guarani) da instituição Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande. Consideramos a relevância deste trabalho por ser um dos poucos que lida de forma direta com o tema da memória entre paraguaios e descendentes no Mato Grosso do Sul.

[118] A dissertação de MOISES (2018) também defendida pelo PPGH/UFGD.

e o Centro de Tradições Nordestinas[119] de Dourados (CTN) traz bom exemplo com o qual podemos dialogar, tendo em vista que essas instituições guardam uma forte proximidade com o contexto histórico, com as justificativas e as intenções que levaram à criação da *Casa Paraguaia*. Os migrantes nordestinos estão presentes na região de Dourados, em maior quantidade, desde a criação da CAND, na década de 1940, que impulsionou esse movimento devido à oferta de terras devolutas voltadas à pequena propriedade agrícola[120]. A Casa Nordestina teve início no ano de 1989 e o CTN foi fundado em 1994.

A autora nos mostra que os fundadores da Casa Nordestina e do CTN também percebiam na cidade as mobilizações culturais de outros grupos e, da mesma forma, pensavam nas "palavras-chave" que destacamos anteriormente. Em especial, tinham como preocupação primeira "o pretenso 'resgate' da cultura nordestina", diante do medo de sua "extinção" (MOISES, 2018, p. 12-16), sendo essa expressão muito frequente nas entrevistas, jornais e informativos ligados aos nordestinos. Eles, analisa Clecita Moises:

> [...] acreditam que já houve a presença da cultura nordestina em manifestações como festas e programação das rádios, antes que tal característica local supostamente se perdesse face à migração sulista da década de 1960. Isso justifica também a necessidade de "resgatar" esses elementos culturais do migrante nordestino na sociedade douradense, via criação do CTN, pois eles já teriam existido no passado (MOISES, 2018, p. 111).

No nosso entendimento, porém, há diferenças importantes quanto aos sentidos que nordestinos e paraguaios dão à ideia de "resgate" no momento de formação de suas respectivas agremiações. O "resgate" para aqueles envolvidos na criação do CTN se dava em relação a uma cultura nordestina que existiu, mas que, no entendimento deles, havia desaparecido ou sido substituída. A autora contrapõe essa visão ao apontar que durante o tempo posterior à década de 1960, "muitos elementos culturais permaneceram presentes no plano da vida cotidiana e privada e na Casa Nordestina, embora tenham pouca visibilidade pública, nas festas realizadas pelas comunidades integrantes do município" (MOISES, 2018, p. 113).

No tocante aos paraguaios, no entanto, nos parece que, embora apareça algumas vezes nos primeiros informativos da *Casa Paraguaia*, conforme vimos nos textos mencionados, a

[119] Os nordestinos estão presentes na região de Dourados, em maior quantidade, a partir da criação da CAND, na década de 1940, considerando que ela foi uma importante propulsora dessa migração. A Casa Nordestina, no caso, teve início no ano de 1989; já o Centro de Tradições Nordestinas (CTN) foi fundado em 1989.

[120] Estudamos esse tema no âmbito do PIVIC/UFGD entre os anos de 2010 e 2011. O objetivo do trabalho de Iniciação Científica foi o de "compreender a relação entre homem e natureza, tendo como norte a exploração ambiental no interior da CAND" (JARA, 2011).

noção de "resgate" não é preponderante se comparada a noções como "preservar" e "difundir". Ela, por exemplo, não surge em nenhuma das entrevistas gravadas por nós e é pouco mencionada nas de Amarília (1997) com Aniano Areco e Ricardo Ojeda, assim como nos recortes e questionários anexados por Souza (2001), Oliveira (2015) e Pereira (2016).

Isso ocorre, pois, devido às diferenças no tocante à presença histórica dessas populações no Estado, sendo os paraguaios, conforme já apresentamos, presentes, no mínimo, desde o último quartel do século XIX, não há ou, ao menos, não é evidente, a noção de uma cultura paraguaia que tenha desaparecido, mas sim a de que, devido a seu peso histórico, não estava sendo devidamente valorizada. Os *lugares* sustentam, dessa maneira, que sua cultura é parte da origem e das bases sobre as quais o Estado de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul se construiu, compondo as raízes dessa sociedade. Por isso, dizeres como "*resgatarem o seu espaço" ou "estabelecer-se enquanto origem sul-mato-grossense*" dão-se no sentido de valorização da memória e da cultura, enquanto que as palavras de ordem são "preservação", "difusão" e "integração", que se darão por meio de narrativas comuns que passarão a ser fomentadas por meio das memórias "encarnadas" nos *lugares de memória*.

A intenção memorativa – e (co)memorativa – que perpassa a criação da *Casa Paraguaia de Dourados* está presente em seu primeiro Estatuto Social, onde, em seu Capítulo II (Do objetivo social), Artigo 4°, se lê: "d) *cuidar para que as tradições, cultura, história e costumes mantenham-se vivos nas memórias de seus descendentes*[121]". Nesse sentido, esse conjunto de elementos nos mostra como os discursos que *criam*, *partem* e *mantêm lugares de memória* como a *Casa Paraguaia de Dourados* encontram legitimidade e força nas memórias individuais e na memória do processo histórico do qual os paraguaios e as paraguaias participaram. Eles, em oposição às narrativas de preconceito giram em torno da necessidade de lembrar-se e lembrar à sociedade que, mesmo vindos de um país vizinho, não são plenamente *outsiders*, haja vista essa identificação com a história e com a cultura da cidade e do Estado como um todo.

Vejamos, para citar um exemplo, o recorte a seguir extraído de um novo informativo que foi veiculado pela *Associação* em 14 de maio de 2009, no Dia do Povo Paraguaio:

> [manchete] **Paraguaios foram os primeiros imigrantes de Dourados.**
> [...] Eles chegaram logo no início da ocupação da região para trabalhar na extração de erva-mate. Chegaram nas últimas décadas do século XIX e não pararam mais de vir para Dourados. Hoje, a imigração ainda é constante. Os primeiros paraguaios chegaram após o fim da Guerra do Paraguai, em 1876, segundo os estudos do professor [Carlos] Magno Mieres [Amarilha].

[121] **Casa Paraguaia de Dourados – Estatuto Social.** Dourados, 02 de julho de 1991. 14f. Disponível em: Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

> Com o término guerra, Thomáz Laranjeiras, dona da Companhia Mate Laranjeiras, obteve concessão do governo brasileiro para explorar a erva-mate na região. A empresa já atuava no Paraguai e trouxe para Dourados os primeiros imigrantes.
> Era a mão-de-obra simples, utilizada no corte e preparo da erva. Este foi o período em que houve grande imigração, segundo pesquisas. Com o fim do ciclo da erva-mate, eles ficaram em Dourados. Foram trabalhar na derrubada de matas, na lavoura, na construção civil e no comércio.
> Hoje, segundo estimativas, pelo menos 30% da população do município é formada por paraguaios ou descendentes. Os moradores mais antigos ainda continuam como sapateiros, pintores e na construção civil. Os mais jovens estão integrados em todas as atividades econômicas do município e convivem harmoniosamente[122].

Maiara Cano Romero Pereira percebeu no hibridismo cultural marcante na Colônia Paraguaia de Campo Grande, ou seja, na presença de manifestações culturais e de atividades voltadas para outros grupos que não o dos paraguaios e seus descendentes fatores que poderiam colocar à prova a "genuinidade" da cultura paraguaia existente ali dentro. Porém, para seus participantes, não haveria nisso nenhuma contradição por ser a cultura sul-mato-grossense "aquela que traz em si a própria cultura paraguaia, assimilada num claro processo de hibridismo". Assim, para esses, o sul-mato-grossense, por ter sua identidade ligada/misturada à paraguaia, frequenta com legitimidade a Colônia Paraguaia. Abordando o tema da memória, Pereira dá pistas importantes de como ela é utilizada na reivindicação, pelos descendentes, de uma identidade paraguaia: "ser filho de paraguaios" possibilita que, pela memória, o enunciador retome a trajetória de seus familiares e fale de si, dos e para os descendentes de paraguaios como um "sujeito autorizado" (PEREIRA, 2016, p. 62-4, 78).

No segundo número do informativo da *Casa Paraguaia*, uma pequena coluna é dedicada a contar a história de Ranulfo Saldívar. Ao lado de sua foto, a coluna resume a trajetória do imigrante como combatente na Guerra do Chaco, ex-trabalhador da Cia. Matte Laranjeira em Campanário, um dos criadores do Operário Esporte Clube e ex-trabalhador da construção civil. O rodapé explica que, a partir daquele número, a coluna visaria "destacar personalidades paraguaias" que teriam contribuído "para com o desenvolvimento e progresso deste município [...] procurando assim, *avivar nossas lembranças*[123]".

Na capa da mesma edição, uma mensagem de Natal é divulgada reivindicando o quinhão dos paraguaios na memória da cidade:

---

[122] Paraguaios foram os primeiros imigrantes de Dourados. *In.:* **Integração – Informativo da Associação Colônia Paraguaia de Dourados**, 14 de maio de 2009. Retirado de OLIVEIRA, 2015, p. 202, anexos.

[123] Ranulfo Saldívar. In.: **INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados**, ano 1, núm. 2, dezembro de 1991. p. 2. Não tivemos acesso à terceira edição do informativo e, portanto, não sabemos se deram continuidade à preposta e se foi escrito algum outro texto no mesmo sentido.

> Dourados nasceu graças ao trabalho de homens valentes, que lutaram incansavelmente para transformar este sertão bravio num lugar onde todos poderiam aqui se radicar e crescer. [...] Nós, paraguaios e descendentes, também fizemos parte deste processo evolutivo, contribuímos para com o desenvolvimento e progresso deste município[124].

Um último exemplo: em 2012 o portal brasileiro *Paraguay Teete* apresentou matéria sobre uma sessão solene ocorrida na Câmara de Vereadores de Dourados em razão do Dia do Povo Paraguaio – oportunidade em que foram homenageados homens e mulheres integrantes da "colônia paraguaia" do município. Um dos homenageados, José Aguileo Sanabria, agradeceu em nome dos demais, afirmando: "Isso aqui demonstra o quanto é importante o nosso povo para o desenvolvimento de nosso Estado e país. [...] Hoje, essas tradições estão enraizadas em nossa cultura fronteiriça. É muito importante essa miscigenação de cultura, porque a gente se sente em casa". Na ocasião, o presidente da *Associação Colônia Paraguaia*, Elizeu Rodrigues Cristado, trouxe à baila a memória do trabalho ervateiro: "Temos que homenagear todos os paraguaios que se sacrificaram nos ervais e valorizá-los pelo trabalho e pelo sofrimento que tanto contribuíram para o desenvolvimento desta terra[125]".

Nesse processo, certamente *quem*, *o quê*, *como* e *onde*, será lembrado ou *quais* características da cultura e da tradição receberão maior atenção e serão mais cultuadas, entre tantas possíveis, passa por definições e seleções que serão feitas pelo grupo; ou melhor, por um conjunto de indivíduos nem sempre muito amplo que se tornará "porta-voz" e buscará representar o grupo. Podemos indagar até que ponto formas "menos honradas" de participação dos paraguaios na dinâmica social do antigo Mato Grosso – até onde se pode observar, inclusive nas entrevistas, muito pouco mencionadas – compõem ou são suprimidas nas memórias mobilizadas por imigrantes, descendentes, entre aqueles que formaram as associações culturais paraguaias ou em outros meios, como a mídia.

"As memórias são maleáveis", é o que afirma Peter Burke (BURKE, 2006, p. 73). Nesse caso, encontra-se provavelmente ensejado o princípio de seletividade da memória individual e da memória social, isto é, uma "ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações" (BOSI, 1994, p. 67). De tal forma, indivíduos e grupos acabam salientando certos processos, abafando outros, decidindo e escolhendo, por vias mais ou menos

---

[124] Mensagem. In.: **INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados**, ano 1, núm. 2, dezembro de 1991. p. 1.

[125] **Dia do Povo Paraguaio é celebrado em Dourados MS.** 15 de maio de 2012. *Disponível em:* <<https://paraguaiteete.wordpress.com/2012/05/15/dia-do-povo-paraguaio-e-celebrado-na-camara-de-dourados-ms/>>. *Acesso em:* agosto de 2018.

conscientes, aquilo que deve ou não deve ser lembrado. Essas escolhas entre o que lembrar e o que esquecer, em um contexto de "expansão da memória", como é o caso contemporâneo, são importantes para que se evite uma "dispersão de recursos identitários necessários para a reprodução e manutenção da tradição" (CANDAU, 2011, p. 110).

No presente caso, basta percebermos que as associações paraguaias tornaram-se, nas cidades em que existem – e a despeito de serem formadas, ainda, por um conjunto pequeno de paraguaios/as e descendentes, se comparados ao quantitativo total –, referências em termos de cultura e memória; recebem, ao longo do ano, a atenção dos veículos de mídia locais, que cobrem boa parte das festividades das colônias, os eventos principais de suas agendas, fazendo com que voltem sempre à tona, mesmo que de forma repetida, as questões ligadas à história e à cultura ou à quantidade de paraguaios e descendentes que vivem nos municípios do Estado.

É nesse sentido que encaminha a crítica de Joel Candau quanto às perspectivas coletivistas de memória e identidade – que ele chama de *retóricas holistas* –, pois o que existiriam, na maioria dos casos, seriam narrativas ou enunciados "que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo" (CANDAU, 2011, p. 24). Ao considerar isso não podemos, todavia, perder de vista que pensar a memória coletiva como o fez Halbwachs significa pensar "como um fenômeno clássica e estritamente tratado como subjetivo pode ser coletivamente moldado e compartilhado por outros indivíduos" (CORDEIRO, 2015, p.15).

Muitos imigrantes e descendentes deliberadamente optam por não fazer parte desses circuitos de relações. A dissertação de Ailson Oliveira aponta, a partir de pesquisa de campo, motivos diversos pelos quais alguns paraguaios preferiam não participar das atividades da *Colônia Paraguaia em Dourados*. Motivos que vão desde a distância do local onde está situada até uma visão desta como sendo "elitizada", "para quem tem dinheiro" (2015, p. 78). Muitos desses indivíduos acabam sagrando outros âmbitos (como o espaço privado e familiar) como *lugar* por excelência de suas memórias e suas práticas culturais. Nessas condições, se fôssemos adotar um olhar mais amplo, envolvendo a casa, determinados objetos pessoais[126], a língua falada – o guarani – e elementos da tradição, todos poderiam ser considerados *lugares de memória*, afinal, dão suporte e alimentam um passado, são referenciais identitários.

[126] Dona Ursina Penha Delgado, por exemplo, citada no capítulo primeiro, manteve intacto o escritório do falecido marido, Antônio Delgado Martinez, com todos os seus livros, as fotos pessoais, os quadros pintados por ele e os muitos diplomas alcançados, ainda dispostos nas paredes e estantes do cômodo.

3.2.2. "Lá tem esse pequeno monumento, uma pequena lembrança...": outros lugares entre a memória e a identidade

A partir do debate desenvolvido no tópico anterior sobre a formação das colônias paraguaias – mais especificamente, sobre a *Casa/Colônia Paraguaia de Dourados* –, podemos associar o conceito de *lugar de memória* a outros espaços dotados de intencionalidades, ressignificações, história própria e... memórias. Eles foram instituídos e/ou ocupados pela comunidade paraguaia em Dourados – incluindo seus descendentes e simpatizantes – e torna-se salutar reconhecer que, embora não sejam os únicos agentes, a *Casa/Colônia* foi e é fundamental para a dinâmica que os anima e os põe em evidência.

Para Marcos Leandro Mondardo, entidades como as *Casas* ou *Colônias Paraguaias* – o autor escreve, em específico, sobre o caso douradense – são espaços em que

> [...] as atividades desenvolvidas contribuem para que a comunidade paraguaia possa ter um lugar de encontro, de fortalecimento e representatividade da sua identidade coletiva, além de servir de base material e simbólica para as manifestações culturais tradicionais a exemplo das músicas, danças, comidas, bebidas, celebrações religiosas, dentre outros (MONDARDO, 2013, p. 84).

São também "*lugares de saudade*" – parafraseando, aqui, a expressão utilizada por Clecita Moises (2018) a respeito do CTN – uma vez que, especialmente no tocante às tradições, possuem a capacidade de remeter os indivíduos às lembranças do país de origem, da infância, do núcleo familiar, das felicidades e dos momentos penosos de luta[127]. "Aqui a gente escuta essas coisas aí e sente saudade daquela época, então na *Casa Paraguaia* aparece tudo, você mata a saudade lá" (ENTREVISTA, D. L. S. Mereles Lopes, 07/06/12); "Quando escuta você parece que tá lá; revive tudo, infância... família porque minha mãe era paraguaia e a gente se criou com ela, dançando desde criança, cantando" (ENTREVISTA, M. L. Rivarola, 15/01/2013). As narrativas sobre as tradições nos mostram que ouvir músicas, preparar os alimentos, organizar as festas religiosas e participar dos eventos organizados pelas associações não são atos desprendidos, intencionalmente ou não, de uma função mnemônica.

As lembranças também emergem devido à sociabilidade que os espaços proporcionam, permitindo a troca de experiências, de narrativas e o compartilhamento das histórias de vida. Não é difícil o fato de muitos se deixarem levar por idealizações que podem ocorrer tanto por parte dos imigrantes, quanto por parte dos descendentes. Sobre isso, Graciela Chamorro reflete: "Na imigração é comum que a pessoa melhore muito o lugar de origem, ele se torna como um

[127] Adentramos nesse tema, em específico, em JARA (2012).

lugar de saudade, um lugar onde tudo parece melhor. [...] Eu acho que a distância, a saudade trabalham na gente um sentimento que... que melhora essa imagem" (ENTREVISTA, G. Chamorro, 2018).

Além da *Colônia*, espaços diversos podem ser apontados como referências do território[128] – emprestamos aqui um conceito da Geografia – e da identidade entre paraguaios e descendentes. São espaços em que elementos culturais variados, que compõem uma rede imaterial produzida pela memória (MONDARDO e SAQUET, 2008, p. 120), são reproduzidos e representados de forma periódica. Assim, o bairro Jardim Itália é mencionado frequentemente como um espaço urbano historicamente característico da migração paraguaia. Ele se torna, então, para muitos, um *lugar de memória* do processo migratório e da presença do grupo na cidade. Essa imagem sobre o Jardim Itália é veiculada por meios que envolvem as pesquisas acadêmicas (AMARILHA, 1997, MONDARDO, 2013; OLIVEIRA, 2015), a mídia periódica local e os próprios paraguaios, principalmente aqueles que estão à frente dos projetos de divulgação da cultura paraguaia.

Uma edição do jornal *O Progresso*, de 19 de junho de 1991, traz breve nota acerca do encontro entre o então prefeito de Dourados, Antônio Braz Genelhu de Melo (1989-1992; 1997-2000), e a diretoria recém-eleita para a *Casa Paraguaia de Dourados*. O propósito do encontro foi o de buscar apoio junto à prefeitura com vistas à implantação de uma sede para a associação. A nota fala da proposta inicial de construção de uma praça no referido bairro em homenagem ao Paraguai e aos imigrantes (o que viria a ser a Praça Paraguaia). São mencionadas ainda as intenções alegadas pelos dirigentes em relação à *Casa Paraguaia* e as referências – da parte do prefeito – ao Jardim Itália como um reduto de paraguaios:

> Os representantes disseram que o objetivo principal [da Casa Paraguaia] é resguardar a cultura e também unir a colônia. Vitor Areco disse que o trabalho será apolítico. Adriano Amarilha comentou que chegou em Dourados em 12 de dezembro de 1935 e que a colônia é, na sua maioria, pobre. *O prefeito [Braz Melo] comentou que o Jardim Itália não deveria ter esse nome,*

[128] A noção de território está, na maioria das vezes, vinculada às relações de poder, manifestas na forma de dominação ou apropriação do espaço, considerado, então, produto de um processo, uma construção. O território, na conceituação de Haesbaert, "em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação (HAESBAERT, 2005, 6774-5). O território pode, assim, ser produzido em uma dinâmica de dominação do espaço por agentes econômicos, sejam eles estatais ou privados, num sentido propriamente material, (uni)funcional e mercantil (HAESBAERT, 2005, p. 6774-7). Porém, adotamos o sentido em que grupos variados, como os migrantes (mas não apenas), podem se apropriar do espaço e constituir um território próprio a partir de uma dinâmica não apenas material, em função de suas demandas por sobrevivência, mas também "cultural-simbólica".

> *tendo em vista o grande número de paraguaios que residem neste bairro. "Deveria ser Jardim Guarani"*, observou[129].

A Praça Paraguaia começou a ser construída em 1992[130], porém, foi entregue apenas em 1998[131]. Na entrevista que concedeu em 1995, Aniano Areco fala sobre o bairro e as obras da praça que "teve sua construção iniciada e foi paralisada. Fica no Jardim Itália, onde há na cidade a maior concentração de Paraguaios e precisa de apoio e articulação para ser concluída, concretizando assim um sonho dos paraguaios douradenses" (AMARILHA, 1997, p. 32). Elizeu Rodrigues Cristaldo, quando questionado por nós sobre o local de concentração da população paraguaia na cidade de Dourados, responde que, embora ela tenha se espalhado por diversos bairros, "a grande concentração até então tinha ficado ali no Jardim Itália".

Assim, Elizeu prossegue:

> [O nome] *Jardim Itália que num tem nada a ver com os italianos ali, mas... [risos], ali tem mais paraguai que italianos,* só tinha um italiano e pôs lá Jardim Itália. Muita gente já quis mudar o nome do bairro:
> *– Põe aqui, Jardim dos Paraguaios ou Bairro dos Paraguaios, [é melhor] do que italiano* [risos]. (ENTREVISTA Elizeu Rodrigues Cristaldo, 04/11/2011).

Essa relação entre grupos migrantes e determinados bairros, é claro, não acontece apenas em Dourados, e é comum que os migrantes busquem transferir e reproduzir neles os "usos e costumes" do lugar de origem. Na cidade de São Paulo, por exemplo, o Jardim Barbacena formou-se em decorrência da vinda de migrantes oriundos do interior rural de Minas Gerais, no final da década de 1950 e que imprimiram ao bairro um "'jeito de viver' mineiro" (LUCENA, 1999, p. 17-23). Na mesma cidade, no bairro Barra Funda, os paraguaios ocuparam com seus costumes e identidades a Praça Nicolau de Moraes Barros, chamada por eles de "*Ybycu'i*" (areial) ou praça dos paraguaios. Em texto dedicado à presença paraguaia em São Paulo, em específico sobre a praça "*Ybycu'i*", Porfirio Ramirez anota que a "língua guarani e as rodas de tereré predominam nesse espaço. Alguns dos migrantes buscam transformar a praça em um ponto de referência para a comunidade" (RAMIREZ, 2014, p. 103).

---

[129] **Braz ajuda a criar a Casa Paraguaia.** *In.:* O PROGRESSO, 19/06/1991. Disponível em Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

[130] Jardim Itália faz festa com a praça paraguaia. In.: **O Progresso.** Dourados-MS. Sexta-feira, 05 de junho de 1992. p. 3. *Grifo nosso.*

[131] A inauguração da Praça foi marcada pela presença do presidente do Paraguai, à época, Juan Carlos Wasmosy; na oportunidade também foi trazida e colocada na praça, pela primeira vez, a imagem de Nossa Senhora de Caacupé.

O autor Lindomar José Bois, ao estudar a população paraguaia em Campo Grande, o faz a partir do bairro Nova Campo Grande II, conhecido como Vila Popular, que tem "a maioria composta por paraguaios ou descendentes, fatos que eles mesmos [os moradores] reconhecem" (BOIS, 2005, p. 50). Assim, esses bairros são identificados a partir da presença de um tipo de população historicamente vinculada a eles e se aproximam, em certa medida, daquilo que é estipulado por Candau, para quem "existem 'regiões-memória' (Vendeia, Alsacia, Cevenol) ou 'cidades-memória' (Jerusalém, Roma, etc.), e mesmo bairros onde se afirmam com força as identidades regionais ou locais" (CANDAU, 2011, p. 157).

Localizada, então, no bairro Jardim Itália, em uma região periférica da cidade (MONDARDO, 2012, p. 298), a Praça Paraguaia é composta por diversos "locais de apoio da memória" (POLLAK, 1992, p. 202), por elementos materiais e simbólicos relacionados à cultura paraguaia. A criação da praça possibilitou a articulação e prática – ou invenção[132] – das tradições identificadas como paraguaias, principalmente as religiosas, pautadas na fé cristã católica, que é professada pela maior parte das famílias paraguaias[133]; isto é, "destaca-se pela marca da religiosidade como elemento de afirmação da identidade" (MONDARDO, 2013, p. 84).

Repleta de árvores, como quase toda praça, tem bancos de concreto, parque, banheiros e, em seu centro, a Capela de Nossa Senhora de Caacupê, construída em formato de cruz. No interior da capela encontramos, permanentemente exposta e protegida por uma estrutura de vidro blindado, a imagem da Santa padroeira do Paraguai; no mural de recados, um texto com a lenda que traz a história da Santa e, nas paredes ao lado das portas de madeira, dois murais: um com fotografias das festividades religiosas realizadas na praça e outro com fotografias do período de construção da capela. Em uma das fotografias, em uma faixa fixada em andaimes de madeira na capela em construção, lê-se: "*A conclusão da capela da Virgem depende do seu*

[132] A noção de "invenção das tradições" foi popularizada pela obra de Eric Hobsbawn e Terence Ranger. Segundo eles: "tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas". Somando-se a isso, os autores acrescentam que "o objetivo e a característica das 'tradições', inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas" (HOBSBAWN e RANGER, 1984: p. 9-10). Essa ideia, hoje, demasiado "tradicional", pode ser contestada se considerarmos que a própria dinâmica das tradições guarda um espírito de renovação, de adaptação consciente ou inconsciente às novas circunstâncias. Para Peter Burke, de forma paradoxal, "aparentes inovações podem mascarar a persistência de tradições e, [...] inversamente, os signos externos da tradição podem mascarar a inovação" (BURKE, 2008: p.40-41). Ao consideramos as tradições como algo mutável, percebemos que existem pontos de tensão, especialmente entre imigrantes e as gerações descendentes, que são gerados justamente pelas prováveis transformações no interior das tradições, principalmente quando elas se tornam um dos pilares na construção e legitimação de uma identidade cultural ou de uma cultura nacional.

[133] A pertença ao catolicismo é afirmada com convicção pela maioria das pessoas entrevistadas. Dentre elas, duas não eram católicas: Ursina Penha de Delgado e Graciela Chamorro. Embora tenham nascido e se criado em família com tradição católica, ao longo da vida adulta converteram-se ao protestantismo.

apoio. Ajude a Casa Paraguaia. A comissão agradece". À frente da faixa, aparece um conjunto de pessoas da comunidade paraguaia (uma mulher veste roupas típicas na cor vermelha) e o sapateiro Mauro Areco, na época presidente da *Casa Paraguaia*, ao centro ajudando a segurar a imagem de Nossa Senhora de Caacupé.

Figura 11: Integrantes da comunidade paraguaia de Dourados na Praça Paraguaia, em frente à Capela de N. S. de Caacupé na época de sua construção (foto em mural no interior da capela).

Fonte: Acervo pessoal: Alan Luiz Jara, agosto de 2018.

Figura 12: Capela de Nossa Senhora de Caacupé - Praça Paraguaia.

Fonte: Acervo pessoal: Alan Luiz Jara, agosto de 2018.

Figura 13: Praça Paraguaia, localizada no Bairro Jardim Itália, em Dourados (arcos e, ao fundo, a Capela de Nossa Senhora de Caacupé).

Fonte: Acervo pessoal: Alan Luiz Jara, agosto de 2018.

Do lado de fora da capela, nas paredes, duas placas oficiais de inauguração marcam a data "25 de abril de 1998"; um memorial da diretoria à frente da *Casa Paraguaia* quando da construção da capela; e, metros adiante, outro memorial com mensagem do ex-prefeito, Braz Melo, exaltando os "laços de amizade que nos unem como verdadeiros irmãos". A cor azul predomina na praça, que é composta também por três conjuntos de arcos que ostentam círculos nas cores vermelha, branca e azul da bandeira paraguaia. Próximo dalí encontram-se os monumentos da guampa e da cuia com o chimarrão e o tereré, inaugurados por iniciativa da *Associação Colônia Paraguaia de Dourados*.

Nesse sentido, seguindo reflexões de Maurice Halbwachs, percebemos o como as imagens espaciais construídas por um grupo desempenham papel fundamental na elaboração da memória coletiva e, considerando a relação entre ambas, da identidade. Para Halbwachs,

> O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro sobre o qual se escreve e depois se apaga números e figuras. [...] o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. *Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade*, pelo menos o que nela havia de mais estável (HALBWACHS, 2006, p. 159-160 – *grifo nosso*).

Sobre a Praça Paraguaia, Silvio Peres, em entrevista a Marcos Mondardo, afirma que ela possui "*algo místico que relembra uma realidade que eu vivi e que foi muito marcante" (apud* MONDARDO, 2012, p. 298 – *grifos do autor*). Igualmente, para Elizeu Cristaldo, esses elementos rodeados de simbologia estão lá colocados como *lembranças*:

> [...] a capela à Nossa Senhora de Caacupê ta lá. E lá também tem alguns símbolos que lembram um pouco a tradição. [...] a gente colocou lá um monumento da cuia do tereré e do mate, que são tradicionais, que isso é um costume tradicional dos paraguaios, o tereré. Então *lá tem esse pequeno monumento, uma pequena lembrança* também, lembrando os nossos ervateiros, os que trabalharam no ciclo da erva-mate, não é? Tem... Então a praça pra nós é um símbolo do fortalecimento da nossa cultura (ENTREVISTA Elizeu Rodrigues Cristaldo, 04/11/2011).

Assim, o bairro, a praça, os monumentos, os símbolos, as tradições e os costumes formam ali uma teia de relações entre *lugares de memória* materiais e imateriais que coexistem e se reproduzem periodicamente – estão contidos uns nos outros, na forma de "círculos concêntricos". Há que pontuarmos que a expansão do perímetro urbano de Dourados, nos últimos anos, sob o impulso de interesses econômicos do setor imobiliário, fez com que surgissem condomínios fechados de alto padrão situados "nas bordas" da cidade e novos bairros

populares e de classe média em regiões cada vez mais distantes do centro. Esses *lugares* dão ao bairro Jardim Itália uma peculiaridade e um "conteúdo simbólico" importantes e distintivos. De acordo com Marcelo Lópes de Souza,

> [...] o "conteúdo simbólico" diz respeito à imagem de um dado subespaço intraurbano como um espaço vivido, como um bairro, e não meramente como um recorte ao qual se chega (uma instância de planejamento estatal, por exemplo) com base em algum critério "objetivo" definido em gabinete (SOUZA, 2016, p. 153).

Figura 14: Monumentos ao chimarrão e ao tereré – Praça Paraguaia.

Fonte: Acervo pessoal: Alan Luiz Jara, agosto de 2018.

A praça, que teve sua construção postergada, foi se estruturando aos poucos a partir da iniciativa dos moradores do bairro, dos frequentadores e dirigentes da *Casa Paraguaia* e de grupos independentes, como o conjunto de dançarinas *Las Calandrias*. Com recursos levantados pela comunidade, a construção da atual capela foi feita entre os anos de 1999 e 2000, e motivada por um incidente em que a imagem da Santa foi destruída. Quanto às celebrações, além das missas que são realizadas todos os meses, tornaram-se tradicionais, ao longo de quase duas décadas, aquelas em homenagem à Independência do Paraguai e ao Dia do Povo Paraguaio (em maio); há também a celebração da serenata e da missa em homenagem à Nossa Senhora de

Caacupê, realizadas sempre nos dias 7 e 8 de dezembro – a missa é celebrada pelo padre paraguaio Teodoro Benitez (essas festividades acontecem em várias outras cidades do Estado).

No informativo *Integração*, veiculado pela *Colônia Paraguaia de Dourados* em 14 de maio de 2009, Dia do Povo Paraguaio, há o seguinte convite à comunidade para a participação da missa em homenagem a esta data:

> [manchete] ATIVIDADES MARCAM O DIA DO POVO PARAGUAIO EM DOURADOS
> [...]
> LEMBRETE – Na quinta-feira às 19h, tem uma celebração religiosa folclórica na Praça Paraguaia, que fica no Jardim Itália, maior reduto de paraguaios em Dourados. A missa, já tradicional e muito prestigiada, é celebrada pelo padre Teodoro, de Caarapó[134].

O lembrete faz referência a um ritual considerado *já tradicional* que é vinculado a um espaço consolidado por meio das ações do grupo, um *lugar de memória*, numa data comemorativa estadual, vinculada a uma data histórica do nacionalismo paraguaio – o dia da Independência. Seguindo um modo de ser próprio que se choca com o estilo conservador Católico Romano (SOUZA, 2001), as celebrações religiosas da comunidade paraguaia são efetuadas a partir da interação dos idiomas guarani, espanhol e português, dos símbolos cívicos, das músicas (nem sempre religiosas), das danças paraguaias tradicionais e dos alimentos típicos, como a chipa, a sopa paraguaia e o tereré (GARDIN, 2010). Vale lembrarmos que a devoção dos paraguaios à Virgem de Caacupé – que significa, literalmente, "atrás da erva" ou "detrás del monte" –, compartilha de uma narrativa "mítico/literária" originada ainda no período colonial paraguaio (**Cf. Anexo 6**) e elaborada por indígenas guaranis, com ajuda de missionários franciscanos (BREMER, 2005, p. 364).

Dito isso, os elementos que se tornaram tradicionais, como o costume de distribuir alimentos após as festividades e a serenata realizada no dia 7 de dezembro durante a noite e a madrugada, e a própria missa, tratam-se, a saber, de tradições trazidas do Paraguai e "re-inventadas" no espaço público da Praça Paraguaia.

Marilda Arevalo, filha de Hermenegilda Espíndola e integrante de diretorias passadas da *Casa/Colônia Paraguaia*, fala sobre a relação dessas tradições com os lugares de origem:

> [...] a minha mãe fala que antigamente fazia sim pra Virgem de Caacupê, eles faziam uma... era uma semana. Tinha uma semana que eles vão, reza, é uma novena, uma novena e aí eles vão todos os dias e daí no encerramento da novena, que creio que é nove dias, eles terminam fazendo

[134] **Integração – Informativo da Associação Colônia Paraguaia de Dourados**, 14 de maio de 2009. Retirado de OLIVEIRA, 2015, p. 201, anexos.

> essa serenata, aí no outro dia é a missa. [...] eles foram criados assim, que nem esse senhorzinho, o seu Abelardo, ele se criou nesse ambiente do Paraguai e como nós temos aqui a nossa Virgem de Caacupê então eles também quiseram fazer. [...] Já vieram de lá com isso, né? Eles sabiam que lá fazia assim, então aqui eles continuaram fazendo (ENTREVISTA, M. A. E. Arevalo, 21/05/2012).

Na fala a seguir, do senhor Euzébio Lópes, podemos perceber novamente a dimensão temporal na construção do *lugar de memória* "Praça Paraguaia" quando ele aponta para momentos importantes da história daquele espaço e para a instituição, no local, dessas tradições e que fazem delas um "sistema organizado de pensamentos e gestos" (CANDAU, 2011, p. 121):

> [...] eu sou um dos patronos da serenata para a Virgem de Caacupê, aqui da Praça Paraguaia. Eu comecei com a serenata! [...] A serenata [é] nosso símbolo da Colônia Paraguaia... *todos os anos [é] isso ai! Desde o tempo que veio...* Quem foi receber o presidente, Juan Carlos Wasmosy, presidente do Paraguai, que trouxe a Virgem de Caacupê pra *essa capelinha*, foi nós que fomos receber ele no campo de aviação. Eu, Adriano Amarilha, Norto Saldiva e muitos outros, muitos. [...] Mas depois passando uns tempo veio um doido lá [e] quebrou, arrombou a igrejazinha nossa ai, quebrou a Virgem de Caacupê nossa.
> **E como é essa serenata?**
> [...] começa 8 horas da noite [...] todo mundo já tá preparando uma galinhada, um arroz carreteiro pra os serenateiros. Mas vem muita gente, de tudo quanto é canto. [...] Primeiro, o Palomita é o patrono da serenata, é comigo! Eu vou lá, convido um convido outro [...] Vem harpista, vem sanfoneiro [...] E ai vamos lá, quando chega 10, 11 horas é a hora da serenata. Ai, tá aquele... meus músicos que começou comigo a serenata [...] ta cheio de instrumento lá: é violão, é sanfona, é aqueles cavaquinhos, de tudo quanto é tipo.
> Então aquela turma que tá lá vai, entra dentro da igreja, na frente da Nossa Senhora Virgem de Caacupê, toca três moda, cada um! Ai entra primeiro a nossa turma, que é o meu, que nós que começemo a serenata, toca três moda e depois, se retira! E entra outros conjuntos, toca mais três moda, canta pra Virgem e depois sai! Em guarani e espanhol, exatamente!
> **Daí vocês passam a noite toda?**
> *Toda a noite, todo ano!* (ENTREVISTA, E. Lopes, 15/12/2011)

Cabe, por fim, um adendo em relação aos monumentos. Citaremos como exemplo, o "Peão dos Ervais" ou "Ervateiro", erguido em novembro de 2004, em Dourados, como homenagem aos trabalhadores da erva-mate – obra do artesão Cilso Aparecido Tibúrcio (Mestre Cilso)[135]. Colocado no cruzamento de duas das principais avenidas da cidade, ao lado de uma escultura de uma seriema, o monumento foi retirado, em maio de 2009, durante a administração de Ari Artuzi (2009-2010), e deixado danificado e abandonado em oficina da prefeitura e em

[135] **Monumento em Dourados reflete a importância do tereré para a cultura de MS** (reportagem do telejornal MSTV). *Disponível em:* http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/mstv-1edicao/videos/v/monumento-em-dourados-reflete-a-importancia-do-terere-para-a-cultura-de-ms/6370452. Acesso em: agosto de 2018.

http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/mstv-1edicao/videos/v/monumento-em-dourados-reflete-a-importancia-do-terere-para-a-cultura-de-ms/6370452/ *Acesso em:* Agosto de 2018.

um parque – Arnulpho Fioravante – de pouca visitação, "jogado praticamente ao *esquecimento*" (ENTREVISTA, E. Cristaldo, 04/11/2011).

Em nota publicada em seu site, a prefeitura "justificou" a retirada do monumento afirmando que "a maioria dos visitantes que vem a Dourados, e mesmo grande parte dos moradores, *não tem noção do significado* do monumento, por *estar descontextualizado* com o panorama central da cidade"; comprometeu-se em instalar o monumento no parque Antenor Martins, o "Parque do Lago", onde iriam ser plantados "vários pés de erva-mate" com a intenção de "criar um parque temático" – o que, na prática, nunca aconteceu[136]. Com a administração municipal enredada nos anos seguintes em escândalos de corrupção, de repercussão nacional, houve mesmo quem falasse em "maldição do ervateiro[137]".

Após inúmeras discussões envolvendo o legislativo, o executivo municipal, a mídia local, o Ministério Público Estadual e mobilizações da própria *Associação Colônia Paraguaia de Dourados*, o monumento foi finalmente instalado a alguns metros da sede da associação[138], em 2012, em uma pequena praça triangular batizada de "Praça do Ervateiro". A pequenina praça, de fato, embora conte com a vizinhança da *Associação*, carece ainda de estrutura necessária para que se torne um espaço de lazer e favoreça a visitação e permanência dos moradores do bairro e da cidade como um todo. A criação do monumento, segundo Elizeu Cristaldo, não partiu de iniciativa da *Colônia Paraguaia*, porém, quando da entrevista, em 2011, já havia o projeto dessa transferência. Embora não represente esteticamente as reais condições do trabalho desenvolvido pelos ervateiros, o monumento, segundo o ex-presidente da entidade (na entrevista), é primordial por seu caráter simbólico:

> [...] muitos falam que é desproporcional, que o ervateiro não é daquele jeito, é muito grande, é uma discussão nessa questão. E que a pessoa que carrega o raído nas costas num usa chapéu, num tem como usar o chapéu, porque aquela carga no lombo, num tem como usar um chapéu, ela usa outro tipo que amarra na cabeça. E o próprio tamanho do monumento é desproporcional, a uma pessoa que... Tudo bem são discussões que vem fazendo. Mas o que é importante nessa questão é o símbolo que representa aquilo, então, que a gente acha que deveria tá num lugar muito bem mais apropriado (ENTREVISTA, E. Cristaldo, 04/11/2011).

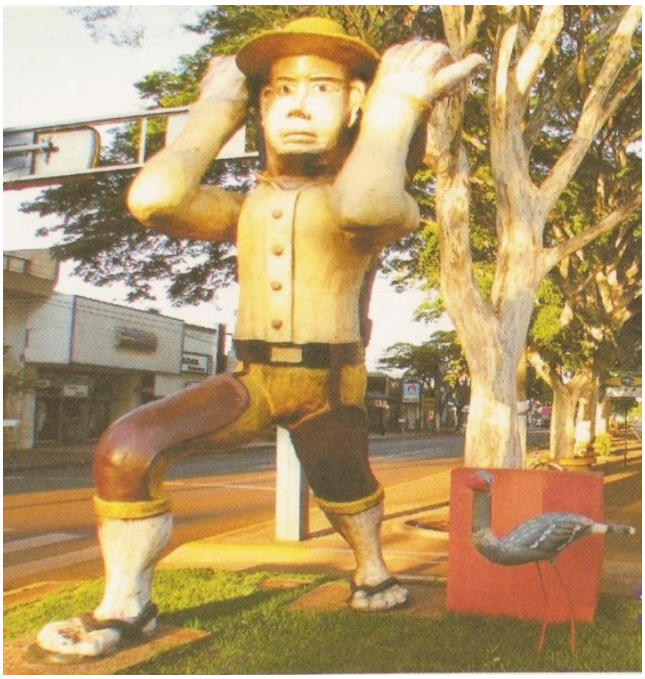
---

[136] **Ervateiro muda para Parque do Lago**, 08 de maio de 2009. Disponível em: www.dourados.ms.gov.br/index.php/ervateiromudaparaparquedolago/. Acesso em: setembro de 2016.

[137] COELHO, Nicanor. **Dourados: Corrupção pode ser maldição do ervateiro**, 17 de outubro de 2010. *Disponível em:* http://camapuanews.com.br/noticia.php?cod=4606&title=Dourados:Corrup%E7%E3opodesermaldi%E7%E3odoervateiro. *Acesso em:* setembro de 2016.

[138] CORDEIRO, César. **Ervateiro encontra seu lugar ao sol**, 28 de maio de 2012. *Disponível em:* http://www.progresso.com.br/caderno-a/ervateiro-encontra-o-seu-lugar-ao-sol/. *Acesso em:* setembro de 2016.

Figura 15: Monumento "Ervateiro" no centro de Dourados, no cruzamento das avenidas Marcelino Pires e Presidente Vargas (2004-2009).



Fonte: **O Ervateiro, vítima de violência** (foto: Ulisses Romero), 22 de novembro de 2010**.** *Disponível em:* http://eniodourados.blogspot.com/2010/11/o-ervateiro-vitima-de-violencia.html. *Acesso em:* agosto de 2018.

Figura 16: Monumento "Ervateiro" em frente à sede da Associação Colônia Paraguaia de Dourados.

Fonte: Acervo pessoal. Alan Luiz Jara

Para Anatália Núnes Sanábria, ao contrário, o monumento desagradou a algumas pessoas ligadas à comunidade paraguaia, afinal, deveria corresponder de maneira mais fidedigna às representações mais conhecidas e estabelecidas em narrativas, encenações, fotografias, sobre quem foram, realmente, os trabalhadores da erva-mate – geralmente representados como trabalhadores robustos que, sob uma atividade escravista, carregavam até os barbacuás dezenas de quilos de erva em raídos que eram amarrados à fronte.

> [...] nós ia mandar fazer outra... estatueta de ervateiro, mas mais parecido pelo menos.
> **Então vocês já estavam pensando em fazer uma estátua do ervateiro?**
> Sim, mas um ervateiro perfeito, igual [...]. a gente tem um senhorzinho lá, que ele sempre apresenta [como era o trabalho ervateiro] e... até a gente tem foto, eu não tenho aqui mas minha irmã deve ter lá. Qualquer atividade, ele apresenta, né, então é... Só que não é assim, isso ai foi muito mal engenhado. Até então o prefeito pediu também pra mandar fazer as bailarinas, e no fim ficou, saiu nesse processo de... e desagradou a gente também, né? Ai tiveram que restaurar aquilo lá e colocar lá (ENTREVISTA, A. N. Sanábria, 01/12/2012).

> Ela contou algumas vezes história relacionada a isso, como se trabalha, como que arranca as folhas da erva, como que carrega na cabeça. [...] Num tem uma estátua? É daquele jeito mesmo: se coloca um... na cabeça um sacão grandão, assim, e aquilo cheinho vai carregando nas costas [...]. Esse aí é o símbolo deles mesmo. Quando vi isso aí lembrei da minha mãe que ela contava essa história pra nós (ENTREVISTA, R. Gonzalez, 04/12/2016).

De acordo com a narrativa de Rosalino Gonzalez, descendente nascido na fronteira, em Bela Vista, a figura do ervateiro – que ainda se localizava no centro da cidade de Dourados – remeteu sua memória às histórias contadas pela mãe que, diz ele, foi trabalhadora dos ervais, provavelmente na fazenda Campanário.

3.3. "A GENTE VIVE MUITO PRÓXIMO DA ORIGEM": CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

As disputas que envolvem o passado e a memória em determinado território levaram Luiz Carlos Flávio (2013) a pensar tais questões a partir das relações de poder, propondo o uso do conceito de "territórios de memória". De fato, a situação fronteiriça e multicultural de Dourados faz desta cidade um centro de conflitos entre identidades e territorialidades, que são ambivalentes, ora distanciadas, ora aproximadas (MONDARDO, 2013, p. 76). Com isso, são comuns as disputas entre memórias que tendem a se destacar e memórias que tendem a ser esquecidas – hegemônicas ou hegemonizadas.

Este último capítulo buscou demonstrar até aqui que a comunidade paraguaia em Dourados embora tenha à frente, sobretudo, pautas de ordem cultural, de apologia aos

elementos da tradição e da identidade, encontra significados e sustentação para seus discursos na memória e na história da população paraguaia e descendente. Elas, História e Memória, encontram-se, assim, investidas nos *lugares de memória* e nos símbolos que passaram, então, a ser erigidos, tendo em vista que, sem essas formas de "objetivação dos conteúdos mnemônicos", as recordações são abandonadas a si mesmas e tendem ao esquecimento, a serem apagadas (CORDEIRO, 2015, p. 62). Em virtude da proximidade e da historicidade da condição de fronteira, diante de outros grupos, essa memória ganha vantagem na sustentação de uma identidade paraguaia ambígua, "transfronteiriça" - parafraseando Mondardo (2013) - e que não é pautada apenas pelo lugar nascimento.

Victor Areco nos fornece uma metáfora que permite ilustrar essa relação entre a memória e a fronteira, essa proximidade por onde os traços culturais do país vizinho transbordam para o lado de cá. Entre mulheres e homens imigrantes, as lembranças e a memória coletiva são alimentadas através das falas, dos sons, das cores e dos cheiros.

O entrevistado, assim, reflete:

> [...] *se eu num sou paraguaio, brasileiro também um num sou, então num sou nada!* Eu tenho... o meu sangue é isso, o que consta, né? Meu sangue é paraguaio. O cara chama eu de paraguaio e eu vô negá? Vou negá o que eu sou, a minha origem? [...] Esse negócio é complicado, principalmente porque a gente vive muito próximo da origem. Às vezes se você fosse num lugar... né? [mais distante]. *Mas aqui prolifera, aqui tem cheiros do que você é*. Num tem como você vivê diferente. Você vai aqui tantos quilômetros e tá aí [o Paraguai], tá aqui os companheiros, o teu colega, tudo, fala em guarani, e... [...] (ENTREVISTA, V. Areco, 03/02/2018).

Os *lugares de memória*, de fato, compõem uma dada territorialidade do grupo paraguaio, não apenas em Dourados, mas em diversas outras cidades do Estado. Eles destacam, igualmente, a procura por certo protagonismo frente às identidades que são apreciadas socialmente de forma hierarquizada, bem como, frente às disputas memorativas que tendem a valorizar uns, os "fundadores" ou "pioneiros", principalmente os migrantes nacionais sulistas, paulistas e mineiros, em detrimento de outros, dos nordestinos, dos indígenas e dos paraguaios.

O conceito proposto por Luiz Flávio é interessante na medida em que analisa a memória pela perspectiva territorial. No entanto, questionamos a afirmação do autor no sentido de que os *lugares de memória* sugerem "uma visão mais estática do passado" (2013, p. 133), uma vez que eles têm seu caráter funcional, não estão atomizados no presente, apenas como palco de fenômenos atuais, pois são formados numa dinâmica histórica, num processo de construção que dá sentido e significado ao que neles é reproduzido.

Lembrando novamente Déa Fenelon, os "moradores deixam registradas ou vão imprimindo suas marcas no decorrer do tempo histórico, marcas que traduzem a maneira como se relacionaram ou construíram seus modos de vida neste cotidiano urbano" (FENELON, 2000, p. 6). Assim, a cidade, seus lugares e as tradições neles manifestas ganham importância cada vez maior posto que se elaboram cotidianamente e são reconhecidos a partir de uma historicidade e uma temporalidade. Nessa condição, para Pesavento, a cidade é "objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representa" (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Ou seja, os sujeitos fazem da cidade uma cidade pensada e imaginada, não somente vivem ali, eles planejam e criam expectativas em relação a ela.

.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "*Se eu te contar minha história você fica bobo, perdi muito cedo minha mãe, comecei a rodar...*"

O material levantado para o estudo que foi apresentado tornou evidente que a migração de homens e mulheres do Paraguai rumo ao Brasil resultou em trajetórias de vida que, quando verbalizadas e captadas numa relação de interlocução, tornam-se fontes potenciais e de muita importância para o enriquecimento do conhecimento histórico sobre Mato Grosso/Mato Grosso do Sul e sobre a dinâmica social na região de fronteira. É oportuna, deste modo, a colocação de Wilton Carlos Silva nos lembrando que "a historiografia recente tem demonstrado como indivíduos comuns podem ser dotados de uma significativa densidade narrativa sobre suas épocas" (SILVA, 2009, p. 154). Arriscamos, aqui, a dizer que as fontes orais, por meio da memória, das narrativas e de uma poética própria à oralidade, em diversos momentos, avançam sobre os limites das fontes escritas e documentais. Elas assumem um papel primordial ao permitir que nos aproximemos de experiências, percepções e subjetividades peculiares às experiências de vida, de trabalho e, em muitos casos, de organização sociocultural.

A dissertação como um todo – e, em específico, os capítulos primeiro e terceiro -, no nosso entender, deu continuidade e visou aprofundar os estudos que iniciamos durante a graduação em História na UFGD. Interessaram-nos, no capítulo primeiro, as representações trazidas pelos imigrantes sobre as relações sociais e políticas no Paraguai. Avançamos, assim, por meio das lembranças, na discussão de alguns aspectos acerca dos modos e das condições de vida no Paraguai do século XX, em pequenos distritos, interioranos e fronteiriços, e em pequenas propriedades rurais. Passamos por lembranças que envolviam as relações familiares, de estudo e de trabalho, assim como o ambiente ideológico da época. Entendemos, assim, que o conhecimento sobre aqueles que contribuíram com processo de constituição socioeconômica e cultural do atual Estado de Mato Grosso do Sul, deveria passar, no caso deste trabalho, pelo conhecimento sobre o lugar de onde vieram e sobre como continuam a imaginar esse lugar.

Outro dos objetivos do primeiro capítulo foi o de se contrapor ao entendimento de que as possibilidades de uso das fontes orais encontram seus limites cronológicos no tempo de vida dos entrevistados, ou seja, que elas estão circunscritas aos acontecimentos que os indivíduos, de fato, viveram. Por essa lógica, somente sobre esses eventos eles estariam aptos a rememorar e a falar. Porém, a produção de fontes orais mais abertas e que se buscavam mais ricas do ponto de vista do conteúdo, acabou nos mostrando que as narrativas não se restringiam,

necessariamente, às memórias relacionadas às experiências diretamente vividas. A identificação dos entrevistados com acontecimentos grande relevância na história paraguaia, levou-nos à escuta de interessantes narrações, notadamente, sobre os conflitos internos e externos que permearam a trajetória país. São memórias contraditórias, divergentes e, por vezes, confusas de acontecimentos, segundo expressão de Pollak (1992, p. 201), "vividos por tabela", e às quais tiveram acesso, na maioria dos casos, por meio da tradição oral. Estão ligadas, assim, a um imaginário social específico. As imagens de um país marcado por crises, em frequentes confrontos fratricidas e em confrontos com seus vizinhos, opõem, na memória, barbárie e civilização, sentimentos desencontrados de nostalgia, saudade, saudosismo e estranhamento.

Percebemos de interessante nesses temas, especialmente em relação à política partidária que colocava em oposição Liberais e Colorados, os momentos em que as divergências entre essas ideologias – nem sempre tão nítidas em suas diferenças - são apresentados de um ponto de vista mais particular, uma vez que elas interferiam nas relações de família, no contato com a vizinhança, nas relações afetivas, nas amizades, nos namoros. Essa proximidade ocorre, da mesma forma, com relação à Guerra do Chaco, da qual muitos falam, se não a partir da própria vivência – como o caso raro de Pedro Otero -, a partir de um referencial familiar que nela tenha lutado, sido lesionado – "los lisiados de guerra" -, perseguido ou mesmo morto.

Com o capítulo segundo e o início do capítulo terceiro atravessados pelo tema dos trabalhos rural e urbano, pudemos questionar também a ideia de que os paraguaios teriam formado, no Sul do Antigo Mato Grosso, uma "população provisória" que teria sido substituída e perdido sua relevância diante das migrações nacionais rumo ao oeste do país. No decorrer do século XX, a derrocada de certas atividades econômicas – a erva-mate, sobretudo - e a acentuação de outras – a pecuária e a agricultura -, os novos migrantes, o crescimento das cidades e a formação de novos municípios, fez com que muitos paraguaios/as fossem mudando de ocupação e encaixando-se nas atividades de trabalho que passavam a tornar-se necessárias. Homens e mulheres que, por meio do trabalho, vindos de regiões muito pobres no interior do Paraguai, conseguiram, em país estrangeiro, sustentar e fornecer aos descendentes, condições de estudo e perspectivas de ascensão social.

Vimos também sobre o caráter itinerante dos paraguaios que trabalhavam na formação de pastos e de fazendas e que, a depender da oferta e da procura por trabalho, deslocavam-se entre Estados, cidades, fazendas e pantanais. O paraguaio, nesse contexto, não era o mero desmatador ou o mero responsável pela destruição das matas virgens, e sim um agente mobilizado como força de trabalho insalubre pelo processo de domesticação do mundo natural

para os novos fins de exploração econômica que se estabeleceram no Estado na segunda metade do século passado. Selecionando as lembranças; suprimindo, é provável, as situações de precariedade das condições de trabalho, de sacrifício, de exploração e de preconceito, a memória desse período tende a instrumentalizar esse passado laboral para contrapor estigmas e estereótipos que, a despeito de tudo aquilo que foi apresentado no capítulo segundo, continuaram (e continuam) associados à população paraguaia. A afirmação das identidades é, assim, pelo indivíduo, também calcada no orgulho pela vitória contra as adversidades, na afirmação de si e de suas qualidades como trabalhador.

A estrutura da dissertação além de buscar as lembranças relacionadas a momentos distintos das vidas dessas pessoas, vividos tanto no Paraguai quanto no Brasil, caminha no sentido de destacar a transição – marcante na maioria das histórias de vida aqui apresentadas - entre o campo e a cidade. Dessa forma, essas *memórias e trajetórias de vida e trabalho*, conforme foi nossa intenção discorrer no capítulo terceiro, forneceram lastro importante às organizações e às formações das *associações, colônias* ou *casas paraguaias* dos municípios de Mato Grosso do Sul – em especial, no caso analisado, da *Casa Paraguaia de Dourados*. Esta associação, fundada no início dos anos 1990, foi pensada como um espaço de "resgate", "manutenção" e "divulgação" da cultura e tradição paraguaia, assim como de "integração" entre paraguaios, descendentes e o restante da comunidade douradense. Nesta dissertação, a interpretamos, juntamente da Praça Paraguaia, de alguns monumentos e tradições, com base no conceito de *lugar de memória*, desenvolvido por Pierre Nora nos anos 1980.

Tivemos como objetivo, dar um passo válido no entendimento de questões que formulamos no início da pesquisa, como: quais *lugares* servem de apoio às memórias coletivas, individuais e às identidades? Qual o papel das associações culturais, dos espaços públicos de comemoração, dos monumentos, das tradições, entre outros fatores, para a organização de uma memória social? Quais discursos e enunciados partem dos *lugares de memória* e como podem ser identificados nas narrativas? Conforme anota François Hartog, apoiado em Pierre Nora, cabe ao historiador encontrar os lugares ativos e partir desses lugares para "reencontrar os 'discursos' dos quais foram suportes" (2014, p. 165).

Uma das pessoas entrevistadas encerrou a entrevista com o dizer apresentado na epígrafe destas considerações. A oração é dita no último minuto da gravação. Nesse momento, ele ou ela, deixa evidente que naquela situação de diálogo, os minutos com os quais nos ocupamos acerca de seu passado, na realidade, mal deram conta de tocar a superfície de sua história de vida; ou melhor, que sua história nem sequer fora contada. O mesmo vale, certamente, para

todas as demais narrativas. A bem da verdade, os esquecimentos e as lembranças de uma trajetória de vida são muito mais densas, profundas e íntimas do que aquilo que uma pesquisa ou uma gravação pode almejar alcançar. As entrevistas, embora fundamentais para as investigações, possuem suas limitações.

Olhando para elas, concluímos este trabalho com a consciência de que muitos assuntos não foram desenvolvidos e, da mesma forma, que muita coisa ficou para trás. De que fizemos escolhas e, assim como a Memória, a História, como ciência, seleciona, estabelece recortes, faz seu próprio enquadramento do passado. Assim o fizemos e assim não o poderia deixar de ser.

Sujeitos fundamentais para a constituição histórica e geográfica desse espaço, o trabalho que aqui se encerra, buscou dar sua contribuição no interior da historiografia e das pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas a respeito do fenômeno da migração e da presença paraguaia no antigo Estado de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul.

BIBLIOGRAFIA CITADA E FONTES UTILIZADAS

ABENTE, Diego Brun. Un Sistema de Partidos en Transición. El Caso del Paraguay. *In.:* MAIWARING, Scott; SCULLY, Timothy (Coord.). **La construcción de instituciones democráticas.** Sistema de partidos en América Latina. – Santiago: CIEPLAN, 1996. p. 245-262.

ALBANEZ, Jocimar Lomba. **Ervais em queda:** transformações no campo no extremo-sul de Mato Grosso (1940-1970). – Dourados: UFGD, 2013.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

_____. Manual de História Oral. – 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALCAINE, Azucena Palacios. Políticas educativas en Paraguay: revisión y balance. *In.:* VIDAL-FOLCH, Ariadna Lluís i; ALCAINE, Azucena Palacios (Coord.). **Lenguas vivas en América Latina.** – Barcelona-Madrid: ICCI-UAM, 2004. p. 213-222.

AMARILLA, Carlos Magno Mieres. **A Casa Paraguaia de Dourados (1991-1994).** Monografia (Bacharelado em História) – Dourados: UFMS, 1997. 37f.

ANDRADE, Silvia Salomão Ishikawa; PEREIRA, Jacira Helena do Valle. **Fontes Documentais e Históricas na Interpretação da Migração Paraguaia em Mato Grosso do Sul**: Elementos para Compor o Desenho das Trajetórias Escolares e da Constituição de Sujeitos Migrantes. Relatório (Iniciação Científica) – Campo Grande: UFMS, 2009. 21f.

ANTONIO, Rogério Ribeiro. **Um plano privado de colonização dirigida:** a SOMECO S/A em terras do Ivinhema (1961-1974). Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFGD, 2015. 126f.

ARRUDA, Gilmar. **Frutos da terra:** os trabalhadores da Mate Laranjeira. – Londrina: Ed. da UEL, 1997.

BALLER, Leandro. **Cultura, Identidade e Fronteira:** Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005). Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFGD, 2008. 186f.

_____; LEITE, Eudes Fernando. Fronteira e Fronteiriços(as). *In.:* COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero.** – Dourados: Ed. UFGD, 2015. p. 289-296.

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In.:* **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. – São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BETHELL, Leslie. O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai. *In.:* **Estudos Avançados**. – São Paulo, v. 9, n. 24, 1995. p. 269-285.

BÓIS, Lindomar José. **A presença paraguaia em Campo Grande:** o bairro "Vila Popular" (1966 – 2004). Monografia (Especialização em História Regional) – Aquidauana: UFMS, 2005. 120f.

BORGES, Maria Stela Lemos. **A consignação da violência:** a peonagem na região de Três Lagoas, MS. Tese (Doutorado em Sociologia) – Campinas: UNICAMP, 2002. 256f.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. – 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAND, Antônio. **O Impacto da Perda da Terra sobre a Tradição Kaiowá/Guaraní:** Os Difíceis Caminhos da Palavra. Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre: PUC/RS, 1997. 382f.

_____; FERREIRA, Eva Maria Luiz. Os Guarani e a erva-mate. *In.:* **FRONTEIRAS –** Revista de História. – Dourados, v. 11, n. 19, jan.-jun., 2009. p. 107-126.

BRAZIL, Maria do Carmo. Terra e trabalho no sul do antigo Mato Grosso. *In.:* **História –** Debates e Tendências. – Passo Fundo, v. 7, 2008.p. 82-100.

BREZZO, Liliana. "Reparar la nación" discursos históricos y responsabilidades nacionalistas en Paraguay. *In.:* **História Mexicana**. – v. 60, n. 1, júl.-sept., 2010b. p. 197–242.

_____. El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay. *In.:* **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2014. s/p. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/67479>

_____. La Guerra de La Triple Alianza en los límites de la ortodoxia: mitos y tabúes. *In.:* **Revista Universum**. – Universidade de Talca, v. 1, n. 19, 2004. p. 11-27.

_____. La historiografia paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad. *In.:* **Diálogos**. – DHI/UEM, v. 7, 2003. p. 157-175.

_____. Reconstrucción, poder político y revoluciones (1870-1920). *In.:* TELESCA, Ignacio. (Coord.). **Historia del Paraguay**. – Asunción: Taurus, 2010a. p. 199-224.

BURKE, Peter. História como memória social. *In.:* **Variedades de história cultural.** – 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 67–89.

_____. **O que é História Cultural?** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CADOGAN, León. Algunos datos para la antropología social paraguaya. *In.:* **Separata del Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo**. – Asunción, v. 2, n. 2, sept. 1967. p. 430-479.

CAETANO, Gilmar Lima. **A música regional urbana e identidades culturais de mato grosso do sul**: questões a partir da musicologia histórica. Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFGD, 2012. 168f.

_____. **A música nos domínios do poder:** uma análise sócio-histórica a respeito da ideia de música regional sul-mato-grossense (1977-1990). Tese (Doutorado em História). – Dourados: UFGD, 2017. 260f.

CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias, outras histórias de uma cidade: Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d"Água, 2004. p. 155-172.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. – São Paulo: Contexto, 2011.

CARDIN, Eric Gustavo; LIMA Cíntia Fiorotti. Migração paraguaia na faixa de fronteira do Brasil: identidades, circularidades e redes transnacionais. *In.:* **SÉCULO XXI**. – Porto Alegre, v. 7, n. 2, jul.-dez., 2016. p. 53-71.

CARVALHO, Márcio Palácios de; BUENO, Elza Sabino da Silva. As línguas em contato numa escola pública de Bela Vista-MS: fronteria Brasil-Paraguai. *In.:* **Web-revista sociodialeto**. – Campo Grande, v. 3, n. 9, mar., 2013. p. 127-142.

CENTENO, Carla Villamaina. **A educação do trabalhador nos ervais de Mato Grosso (1870-1930):** crítica da historiografia regional, de suas concepções de trabalho, história e cultura. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande: UFMS, 2000. 171f.

CÉSPEDES, Roberto. **Familias y pobreza en Paraguay.** *In.:* I Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, ALAP, 2004. 12f.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *In.:* **Fronteiras**. – Dourados, v. 13, n. 24, jul.-dez., 2011. p. 15-29.

CHEDID, Daniele Reiter; MORAES, Ceres. **Memória de paraguaios:** a presença de exilados de Stroessner em Dourados. Relatório (Iniciação Científica – PIBIC) – Dourados: UFGD, 2006. 16f.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. A dinâmica territorialização-desterritorialização-reterritorialização em áreas de reforma agrária na campanha gaúcha. In.: **CAMPO-TERRITÓRIO:** revista de geografia agrária, v. 8, n. 15, fev., 2013, pp. 1-25.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. **Por uma sociologia da memória:** análise e interpretação da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – São Paulo: USP, 2015. 167f.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **Corumbá**: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920). Dissertação (Mestrado em História). - São Paulo: FFLCH-USP, 1980.

CÔRTES, Thiago Rangel. **Os migrantes da costura em São Paulo**: retalhos de trabalho, cidade e Estado. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – São Paulo: USP, 2013. 277f.

_____. Paraguaios em São Paulo: uma história e um retrato. *In.:* **Travessia**. – São Paulo, v. 74, 2014. p. 13-36.

CORVALÁN, Grazziella; CABALLERO, Dora; FOGEL, Ramón; GALEANO, Luís; NORDIO, Raúl; RIVAROLA, Domingo. **La población del Paraguay.** – Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES), 1974. 198p.

DÁVALOS, Myriam. Paraguay: escenario demográfico del siglo XX. *In.:* **Revista Cientifica Población y Desarrollo.** – Asunción: UNA, n. 17, 1999. p. 18-27.

DEMELENNE, Dominique. Estudio sobre la educación para la población rural en Paraguay. *In.:* **Educación para la población rural em Brasil, Chile, Colombia, Honduras, México, Paraguay y Perú. –** Proyecto FAO-UNESCO-DGCS/ITALIA-CIDE-REDUC, 2004. p. 391-442.

DIAZ, Nelson Martínez. Nacionalismo y petróleo: la guerra del Chaco. *In.:* **Tiempo de história**. – año 3, n. 86, jan., 1982. p. 88-97.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra**: Nova História da Guerra do Paraguai. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. **Cidades:** Pesquisa em História. São Paulo: Olho D"água, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões, novos desafios. In: In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Campus, 2011. pp. 169-186.

FERNANDES, Eurico da Silva. **A "invenção" do Paraguai:** história, projetos e intelectuais na construção da nação paraguaia (1870-1935). Dissertação (Mestrado em História) – Maringá: UEM, 2006. 218f.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés:** o ouvir da literatura pantaneira. – São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

FERNANDES, José Antônio. **Erva-mate e frentes pioneiras:** dois mundos em um só espaço. Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFGD, 2012. 163f.

FERREIRA, Eva Maria Luiz. **A participação dos índios Kaiowá e Guarani como trabalhadores nos ervais da Companhia Matte Larangeira (1902-1952).** Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFGD, 2007. 111f.

FLORENTIN, Carlos Gómez. **La Guerra Civil de 1947.** – Asunción: El Lector, 2013. 113p. *Disponível em*: www.portalguarani.com/1266_carlos_gomez_florentin/20340_la_guerra_civil_de_1947_2013__por_carlos_gomez_florentin.html Acesso em: 01/04/2018

FOGEL, Ramón. Contribuciones campesinas a la construcción del Estado Nación. *In.:* Itaipú Binacional – Comisión Bicentenario (Org.). **Paraguay:** en la visión de dos siglos. – Asunción: Itaipú Binacional, 2011.

GARDIN, Cleonice. Religiosidade e simbologia de um povo: uma discussão sobre as festividades religiosas da Comunidade Paraguaia em Dourados. In: **Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH.**s/d. 10p. Disponível em:

http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/st7.html

GERALDO, Endrica. O combate contra os "quistos étnicos": identidade, assimilação e política imigratória no Estado Novo. *In.:* **Locus:** Revista de História. – Juiz de fora, v. 15, n. 1, 2009. p. 171-187.

GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento:** olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. – Dourados: Ed. UFGD, 2008.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In.: **Historiæ,** Rio Grande, 3, 2012, pp. 27-46.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **O imaginário do sertão:** lutas e resistências ao domínio da Companhia Mate Larangeira (Mato Grosso: 1890-1945). Dissertação (Mestrado em História) – Campinas: UNICAMP, 1991. 392f.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HARKEN KRAUER, Juan Carlos. Los relatórios e informes de 1874, 1894, 1907 y 1912. Algunos interrogantes claves del proceso economico y social de la época. *In.:* **El Paraguay Rural entre 1869 y 1913:** contribuiciones a la historia económica regional del Plata. – Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1984.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade.** Presentismo e experiência do tempo. – Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos:** o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JARA, Alan Luiz. **Sociedade e ambientes:** aspectos gerais sobre a exploração ambiental no interior da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). Relatório Final (Iniciação Científica - PIVIC). – Dourados: UFGD, 2011. 21 f.

_____. **As tradições paraguaias em Mato Grosso do Sul:** uma abordagem a partir das memórias de imigrantes e descendentes. Relatório Final (Iniciação Científica - PIBIC). – Dourados: UFGD, 2012. 20 f.

_____. Representações da cultura paraguaia: tradições e memórias na construção identitária de imigrantes e descendentes. *In.:* **Revista Eletrônica História em Reflexão.** Dourados, v. 6, n. 12, jul.-dez., 2012.

_____. **Fronteiras da memória:** um estudo da memória social de imigrantes paraguaios em Mato Grosso do Sul. Relatório Final (Iniciação Científica - PIBIC). – Dourados: UFGD, 2013. 21 f.

JESUS, Laércio Cardoso de. **Erva-mate – o outro lado:** a presença dos produtores independentes no antigo Sul de Mato Grosso (1870-1970). Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFMS, 2004. 134f.

KLEINPENNING, Jan. **Paraguay rural (1870-1963):** una geografia del progresso, el pillaje y la pobreza. – Asunción: Tiempo de Historia, 2014. 630p.

KMITTA, Ilsyane do Rocio. **Experiências vividas, naturezas construídas:** enchentes no Pantanal (Porto Murtinho 1970-1990). Dissertação (Mestrado em História). – Dourados: UFGD, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.** – Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** – Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEWIS, Paul. Paraguay, 1930-c. 1990. *In.:* BETHELL, Leslie. (Cood.). **História de América Latina.** Vol. 15. El cono sur desde 1930. – Barcelona: Editorial Crítica-S. L., 2002. p. 187-215.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e inventar:** (re) lembranças de migrantes. – São Paulo: Arte & Ciência, 2009.

MACHADO, Lia Osorio. Cidades na Fronteira Internacional: conceitos e tipologia. *In.:* NUÑES, Angel; PANDOIN, Maria Medianeira; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. (Orgs.). **Dilemas e diálogos platinos.** – Dourados: Ed. UFGD, 2010. p. 59–72.

MAESTRI, Mário. Quem matou o mariscal? Cerro Corá, 1º de março de 1870: entre a história e o mito. *In.:* **Tempos Históricos**. – v. 18, 1º sem. de 2014. p. 354–387.

MALINOWSKI, Isabel. Identidade, etnicidade e nacionalidade: para uma reflexão sobre a identidade nacional. *In.:* **Antropologia Paraguaia.** – Assunción: Biblioteca Paraguaya de Antropologia, CEADUC, s/d.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio Augusto(Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MEDEIROS, Joana Prado. **O Eldorado de Dourados:** a Colônia dos Baianos e a Colônia Café Porã – 1950 a 1960. Dissertação (Mestrado em História) –Dourados: UFMS, 2001. 131f.

MELO E SILVA, José de. **Canaã do Oeste:** sul de Mato Grosso. – Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1989.

MENECÓZI, Arnaldo, CARNEIRO, Honório. **O ciclo do café no Mato Grosso do Sul.** Relatório de pesquisa apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. – Três Lagoas: UFMS, 1986. 24p. + anexos.

MENEZES, Ana Paula. **Atividades econômicas na Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND):** a agricultura e a exploração da madeira (1950 – 1970). Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFGD, 2012. 137f.

MOISES, Clecita Maria. **Um favo de cultura(s):** territórios identitários e lugares de memórias de migrantes nordestinos em Dourados-MS – (1989-2017). – Dissertação (Mestrado em História). Dourados: UFGD, 2018. 207f.

MONDARDO, Marcos Leandro; GOETTERT, Jones Dari. Frente de expansão e frente pioneira no Brasil: espaços e tempos da migração, do conflito e da alteridade. *In.:* **Okara:** Geografia em Debate (UFPB). – v. 1, 2007. p. 38-6.

_____; SAQUET, Marcos Aurelio. A construção de territórios na migração por meio de redes de reações sociais. In.: **Revista NERA.** – Presidente Prudente, ano 11, n° 13, jul-dez/2008, pp. 118-127.

_____. **Da fronteira a "fronteriça":** observações do eu e do outro na (di)visão entre Brasil e Paraguai. – BOCC-Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, 2009. p. 1-23.

_____. **Territórios Migrantes:** transterritorialização e identidades em Francisco Beltrão/PR. – Dourados: Ed. UFGD, 2012.

_____. Ser paraguaio no Mato Grosso do Sul: da migração à construção de uma identidade transfronteiriça. *In.:* **Revista Faz Ciência. –** v. 15, n. 21, jan.-jun., 2013. p. 69-91.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A Guerra do Chaco. *In.:* **Revista Brasileira de Relações Internacionais IBRI**. – Brasília, n. 1, ano 41, 1998. p. 161-200.

MOTTA, Marcia Maria Menendes. História, Memória e Tempo Presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Campus, 2011. pp. 21-36.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. **Yo soy paraguayo, chamigo:** breve estudo sobre a identidade no Paraguai. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Dourados: UFGD, 2012. 177f.

NAVARRO, Maria Aparecida Sanches. **Paraguaios em Aquidauana**: história, cultura e resistência. Monografia (Especialização em História Regional) – Aquidauana: UFMS, 1999. 79f.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *In:* **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Ailson Barbosa de. **Território urbano e identidade:** os paraguaios de/em Dourados-MS. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Dourados: UFGD, 2015. 205f.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. **A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1937 – 1945).** Dissertação (Mestrado em História) – Assis: UNESP, 1999. 330f.

OLIVEIRA, Marco Antônio Almeida. **Memória e imaginário paraguaios em tempos de ditadura militar (1954-1989):** entre o Lopizmo e o Stronismo. Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFGD, 2013.

OLIVEIRA, Ramão Vargas de. **Conhecendo Caarapó:** geo-história do município. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul; Caarapó: Prefeitura Municipal, 1988. 204p.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de. **Estradas móveis, fronteiras incertas:** os trabalhadores do Rio Paraguai (1917-1926). – Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.

PASQUINO, Gianfranco. Revolução. *In.:* BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política I.** – Brasília: Ed. UNB, 1998. p. 1121-1130.

PEREIRA, Maiara Cano Romero. **Colônia Paraguaia de Campo Grande:** cultura, linguagem e identidade em fronteira. Dissertação (Mestrado em Letras). Campo Grande: UEMS, 2016. 130f.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In.: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, ANPUH, v. 27, n. 53, junho de 2007, pp. 11-23.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *In.:* **Estudos históricos.** – Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-215.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *In.:* **Estudos históricos.** – Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p.3-15.

PONCIANO, Nilton Paulo. **Fronteira, religião, cidade:** o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial de Fátima do Sul, MS (1943–1965). Tese (Doutorado em História) – Assis: UNESP, 2006. 223f.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas fontes orais. *In.:* **Tempo**. – Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996. p. 59–72.

POTTHAST, Bárbara. El "País de las Mujeres": Paraguay después de la Guerra. *In.:* "**Paraíso de Mahoma" o "País de las Mujeres"?**:El rol de la familia em la sociedad paraguaya del Siglo XIX. – Asunción: Instituto Cultural Paraguayo-Alemán Editor, Editora Litocolor SRL, 1996.

_____. Mujeres cabeza de hogar y relaciones de género en Paraguay, siglo XIX y XX. *In.:* GHIRARDI, Mónica; SCOT, Ana Silvia Volpi (Coord.). **Familias históricas:** interpelaciones desde perspectivas Iberoamericanas a través de los casos de Argentina, Brasil, Costa Rica, España, Paraguay y Uruguay. – São Leopoldo: Oikos, Ed. Unisinos, 2015. p. 157-192.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Temores e esperanças: o antigo sul de Mato Grosso e o Estado Nacional brasileiro. *In.:* MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (orgs.). **História, região e identidades.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2003. p. 19-48.

_____. Articulações econômicas e vias de comunicação do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX). In LAMOSO, Lisandra. (Org.). ***Transportes e políticas públicas em Mato Grosso do Sul.*** **–** Dourados: Ed. UFGD, 2008.

QUINTEROS, Marcela Cristina. **Juan Natalicio González (1897-1966):** um intelectual plural. Tese (Doutorado em História Social) – São Paulo: USP, 2017. 274f.

RAMIREZ, Porfirio Leonor. Caacupé: trajetórias de organizações de paraguaios em São Paulo. In.: **Travessia**. São Paulo, v. 74, 2014. p. 93-106.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico.** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REYES, Fernando Siliano. As perdas territoriais do Estado Boliviano (1825-1935). *In.:***GEOUSP (USP),** v. esp., 2009. p. 161-181.

RIBEIRO, Leonardo Cavallini. **Migrações internacionais e direitos humanos em tempos de globalização:** a migração paraguaia ao Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Direito). – Campo Grande: UFMS, 2018.

RIVAROLA, Domingo. **Educacion y desarrollo em el Paraguay:** la enseñanza básica. – Buenos Aires: CEPAL, 1977. 111p.

SALA, Gabriela Adriana. **Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil.** Tese (Doutorado em Demografia). Belo Horizonte: UFMG, 2005. 261p.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**. – São Paulo, ANPUH, v. 9, n. 19, set. 1989-fev. 1990. p. 219-243.

SENA, Divino Marcos de. O cotidiano de estrangeiros num lugar cosmopolita: Corumbá, 1970-1888. *In.:* **Saeculum – Revista de História.** – João Pessoa, jul.-dez., 2012. p. 77-93.

SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. **A Noite das Kygua Vera:** A mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904). Tese (Doutorado em História) – Rio de Janeiro: UFF, 1998. 215f.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Biografias: construção e reconstrução da memória. *In.:* **Fronteiras. –** Dourados, v. 11, n. 20, jul.-dez., 2009. p. 151-166.

SILVEIRA, Mauro César. As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do Paraguay Illustrado. *In.:* **InterCom:** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. – v. 30, 2007. p. 41-66.

SIQUEIRA, Kiase Sebastiana Moraes. **A inserção de estrangeiros nas sociedades fronteiriças:** o caso dos paraguaios em Corumbá, MS. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Corumbá: UFMS, 2009. 93f.

SOARES, Weber; LOBO, Carlos; MATOS, Ralfo. Mobilidade espacial dos imigrantes estrangeiros no brasil – 1991/2010. *In.:* **REMHU**: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. – v. 23, 2015. p. 191-205.

SOUCHAUD, Sylvain. A visão do Paraguai no Brasil. *In.:* **Contexto Internacional.** – v. 33, n. 1, jan.-jun., 2011. p. 131-153.

SOUZA, José Carlos de. **A identidade do migrante paraguaio e de seus descendentes radicados em Dourados (1989-1999).** Dissertação (Mestrado em História) – Dourados: UFMS, 2001. 127f.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** – 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 320p.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. *In.:* **Revista Brasileira de História.** – São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. p. 341-364.

WILCOX, Robert W. Os paraguaios na construção do extremo oeste do Brasil, 1870-1935. *In.:* **Fronteiras** – Revista de História**.** – Dourados, n. 17, v. 10, 2008. p.11-54.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o "boom da memória" nos estudos contemporâneos de história. In: SELIGMAN-SILVA, Márcio (Org.). **Palavra e imagem:** memória e escritura. – Chapecó: Argos, 2006.

YEGROS, Ricardo Scavone. Guerra internacional y confrontaciones políticas (1920-1954). *In.:* TELESCA, Ignacio. (Coord.). **Historia del Paraguay.** – Asunción: Taurus, 2010. p. 225-264.

Consultas

www2.camara.leg.br.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão monousuário 3.0. Junho de 2009.

Fontes orais (entrevistas)

Adair Rojas – 43 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 25 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 14 de junho de 2013.

Ana Holsback de Almeida – 63 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 22 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Itaporã no dia 08 de julho de 2017.

Anatália Nunes Sanábria – 67 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 80 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 01 de dezembro de 2012.

Aniano Areco – 68 anos – descendente. Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 60 min. aprox. Entrevista não gravada. Realizada em Dourados no dia 08/08/2018.

Balbuino Agueiro e Tamí Martins – 79 anos e 81 anos, respec. – descendentes. Produção: Alan Luiz Jara, Eudes Fernando Leite e José Antônio Fernandes. Dourados: UFGD. 60 min. aprox., em áudio-MP3 e vídeo-MP4. Realizada em Jateí no dia 16 de dezembro de 2011.

Conceição Vallejo – 78 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 77 min. aprox., em áudio-MP3 e vídeo-MP4. Realizada em Caarapó no dia 27 de janeiro de 2018.

De Los Santos Mereles Lopez – 74 anos **–** imigrante. Produção: Alan Luiz Jara e Eudes Fernando Leite. Dourados: UFGD. 59 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 06 de junho de 2012.

Elizeu Nunes Sanábria – 73 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 60 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 14 de dezembro de 2016.

Elizeu Rodrigues Cristaldo – 51 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara e Eudes Fernando Leite. Dourados: UFGD. 70 min. aprox., em áudio-MP3 e vídeo-MP4. Realizada em Dourados no dia 04 de novembro de 2011.

Emílio Martinez e Clotilde Nunes – 73 anos e 72 anos, respec. – imigrantes. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 40 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Laguna Carapã no dia 30 de julho de 2016.

Euzébio Lópes "Palomita" – 77 anos – descendente**.** Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 76 min. aprox., em vídeo-MP4. Realizada em Dourados no dia 15 de dezembro de 2011.

Felipa Salinas – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 20 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Itaporã no dia 17 de dezembro de 2016.

Fidel – 82 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 90 min. aprox.. Entrevista não gravada realizada em Caarapó no dia 27 de janeiro de 2018.

Graciela Chamorro – 59 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 104 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 13 de janeiro de 2018.

Gumercindo Rojas – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 50 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Itaporã no dia 17 de dezembro de 2016.

Hermenegilda Espíndola Arevalo – 72 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara e Eudes Fernando Leite. Dourados: UFGD. 73 min. aprox., em vídeo-MP4. Realizada em Dourados no dia 06 de dezembro de 2011.

João Batista Ledesma, Victor Miguel Ledesma e Lourenço Gonçales Estigarribia – 70 anos, 48 anos e 50 anos, respec. – imigrante, imigrante e descendente, respec. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 80 min. aprox., em vídeo-MP4. Realizada em Dourados no dia 11 de julho de 2017.

Luiz Cardozo – 64 anos **–** descendente. Produção: Alan Luiz Jara e Eudes Fernando Leite. Dourados: UFGD. 40 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 08 de julho de 2012.

Marcos Afonso – 62 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 17 min. aprox., em áudio-MP3 e vídeo-MP4. Realizada em Caarapó no dia 27 de janeiro de 2018.

Maria Lúcia Rivarrola – 65 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 55 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 15 de janeiro de 2013.

Maria (anônimo) – 78 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara e Clecita Mosés. Dourados: UFGD. 40 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 01 de junho de 2013.

Marilda Aparecida Espíndola Arevalo – 47 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 51 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 21 de maio de 2012.

Odil Toledo Puques – 42 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 50 min. aprox., em áudio-MP3. Realizada em Amambai no dia 03 de dezembro de 2012.

Olímpia Agüero – 81 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 54 min aprox., em áudio-MP3 son. Realizada em Dourados no dia 08 de abril de 2017.

Pedrosa Campozano Sanábria – 70 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 45 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 17 de setembro de 2017.

Ramão Bobadilha Cabanha – 81 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 37 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 01 de fevereiro de 2013.

Rosalino Gonzalez – 54 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 70 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 04 de dezembro de 2016.

Sebastião Benitez – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 105 min em áudio-MP3 e vídeo-MP4. Realizada em Itaporã no dia 28 de janeiro de 2018.

Silvéria Cristaldo Romero – 64 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 60 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados no dia 10 de julho de 2017.

Simona Ramirez – 73 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 26 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em Itaporã no dia 17 de dezembro de 2016.

Ursina Penha Delgado – 83 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 75 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em Amambai no dia 03 de dezembro de 2012.

Victor Areco – 70 anos – descendente. Produção: Alan Luiz Jara. Dourados: UFGD. 87 min aprox., em vídeo-MP4. Realizada em Dourados no dia 03 de fevereiro de 2018.

Zildo Araújo – 73 anos – imigrante. Produção: Alan Luiz Jara e Eudes Fernando Leite. Dourados: UFGD. 75 min aprox., em áudio-MP3 e vídeo-MP4. Realizada em Dourados no dia 07 de dezembro de 2011.

Outras entrevistas selecionadas e consultadas

Bonifácio Borges – imigrante**.** Produção: José Carlos de Souza. Dourados: UFMS. 32 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em 1999/2000. Disponível em CDR/UFGD.

Pedro Otero – 88 anos – imigrante. Produção: Eudes Fernando Leite e Gilmar Lima Caetano. Dourados: UFGD. 80 min aprox., em vídeo-MP4. Realizada em Dourados em 2011 (s/d).

Alexandre Fernandes Bairro – imigrante.Produção: José Antônio Fernandes e Carlos Barros Gonçalves. Dourados: UFGD. 140 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em Dourados em 2008 (s/d). Cedida gentilmente por José Antônio Fernandes.

Leandro Balbuena – imigrante. Produção: Rosimeri Rech. Dourados: UFMS. 19 min aprox.., em áudio-MP3. Realizada em Naviraí em 1997. Disponível em CDR/UFGD, coleção Memórias de Migrantes – Wilson Biasotto.

Fabrício Mieres – imigrante. Produção: Rosimeri Rech. Dourados: UFMS. 26 min aprox., em áudio-MP3. Realizada em Naviraí em 1997. Disponível em CDR/UFGD, coleção Memórias de Migrantes – Wilson Biasotto.

Documentos consultados

Ata da 1° Reunião de Criação da Casa Paraguaia de Dourados e Livro de Presença. Dourados, 29/10/1989. Disponíveis em: Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

Convite do Movimento Douradense Pró Criação da 'Casa da Cultura Paraguaia', 1989. Disponível em: Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados, ano 1, número 1, 1991. 4p.Disponível em Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

INFORMATIVO Casa Paraguaia de Dourados, ano 1, número 2, 1991. 4p. Disponível em Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

Casa Paraguaia de Dourados – Estatuto Social. Dourados, 02 de julho de 1991. 14f. Disponível em: Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

Integração – Informativo da Associação Colônia Paraguaia de Dourados, 14 de maio de 2009. In.: OLIVEIRA, 2015, p. 201, anexos

Periódicos impressos e virtuais

BARROS JÚNIOR, Isaac Duarte de. **A Casa Paraguaia.** Sem data. *Disponível em:* https://www.douradosagora.com.br/noticias/entretenimento/a-casa-paraguaia-isaac-duarte-de-barros-junior. *Acesso em:* agosto de 2018.

Braz ajuda a criar a Casa Paraguaia. *In.:* **O PROGRESSO**, 19/06/1991. *Disponível em:* Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarilha.

CLAJUS, Kleber. **Governo libera R$ 1,4 milhão para revitalizar sede da Colônia Paraguaia.** Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/governo-libera-rs-1-4-milhao-para-revitalizar-sede-da-colonia-paraguaia. Acesso em: julho de 2018.

COELHO, Nicanor. **Dourados: Corrupção pode ser maldição do ervateiro**, 17 de outubro de 2010. *Disponível em:* http://camapuanews.com.br/noticia.php?cod=4606&title=Dourados: Corrup%E7%E3opodesermaldi%E7%E3odoervateiro. *Acesso em:* setembro de 2016.

CORDEIRO, César. **Ervateiro encontra seu lugar ao sol**, 28 de maio de 2012. *Disponível em:* http://www.progresso.com.br/caderno-a/ervateiro-encontra-o-seu-lugar-ao-sol/. *Acesso em:* setembro de 2016.

CRISTALDO, Elizeu Rodrigues. Música Paraguaia: fusão de duas culturas. In: **O PROGRESSO**, 10 e 11 de Dezembro de 2011. Dourados/MS.

Dia do Povo Paraguaio é celebrado em Dourados MS. 15 de maio de 2012. *Disponível em:* https://paraguaiteete.wordpress.com/2012/05/15/dia-do-povo-paraguaio-e-celebrado-na-camara-de-dourados-ms. *Acesso em:* agosto de 2018.

Elizio Brites diz que administração precisa mudar. 10 de setembro de 2009. *Disponível em*: <<http://www.douradosnews.com.br/noticias/elizio-brites-diz-que-administracao-precisa-mudar-8c5dda70fc4c1e95e6ce/368258>>. *Acesso em*: agosto de 2018.

Ervateiro muda para Parque do Lago, 08 de maio de 2009. *Disponível em:* www.dourados.ms.gov.br/index.php/ervateiromudaparaparquedolago/. *Acesso em:* setembro de 2016.

Jardim Itália faz festa com a praça paraguaia. In.: **O PROGRESSO.** Dourados-MS. Sexta-feira, 05 de junho de 1992. p. 3. *Grifo nosso.*

La crianza en soledad, una realidad paraguaya. *In.:***ABC Color**, 16 de março de 2010. Disponível em: www.abc.com.py. Acesso em 23/02/2018.

Método tradicional e antigo de fazer erva mate ainda persiste na região. 12/09/2013. Disponível em: www.radiopoata.com.br.

Monumento em Dourados reflete a importância do tereré para a cultura de MS (reportagem do telejornal MSTV). *Disponível em:* http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/mstv-1edicao/videos/v/monumento-em-dourados-reflete-a-importancia-do-terere-para-a-cultura-de-ms/6370452. Acesso em: agosto de 2018.

OJEDA, Ricardo. Cassiano Raimundo Ojeda. *In.:* **Diário do Povo**, 17.09.1996, página 5. Disponível em: Centro de Documentação Regional (CDR/UFGD), Coleção Adriano Pontes Amarílha.

Paraguaios vivem na ilegalidade em Dourados. In: www.douradosagora.com.br. Acesso em: 30/01/12.

RAES, Airton. **Colônia Paraguaia vai receber do Governo do Estado R$ 1,4 milhão para reforma da sede.** Disponível em: http://www.secc.ms.gov.br/?p=12090. Acesso em: julho de 2018;

REVISTA ARCA, n°4, Campo Grande, 1993.

SALDIVAR, Júlio. A saga da Família Saldivar". In.: www.douranews.com.br, 28 de janeiro de 2012. *Disponível em:*http://www.douranews.com.br/index.php/economia/item/39050-a-saga-da-fam%C3%ADlia-saldivar-em-dourados. *Acesso em:* junho de 2018.

Un rostro dramático del Paraguay, el país de las madres solteras. *In.:***Clarin**, 25 de maio de 2009. Disponíve em: www.clarin.com. Acesso em 23/02/2018.

ANEXOS

ANEXO 1

RECORTE DE ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL

Narrativa de De Los Santos sobre a Guerra da Tríplice Aliança

Entrevistado: De Los Santos Mereles Lopez.
Idade na época: 74 anos.
Data da entrevista: 06/06/2012.
Local: Dourados-MS, na alfaiataria do entrevistado.
Duração aproximada: 59 minutos.
Formato: Áudio em MP3.
Produção e elaboração: Eudes Fernando Leite e Alan Luiz Jara.
Transcrição: Alan Luiz Jara

Eudes: A gente tem na nossa história um histórico de conflitos que foi a Guerra, que no Brasil, pra alguns, é chamada como a Guerra do Paraguai [e] no Paraguai é chamado de a Grande Guerra.

Triple Aliança.

Eudes: É, a Tríplice Aliança. O que o senhor lembra? Como é que o senhor aprendeu isso?

Olha... porque a história escrita aqui no Brasil num tem nada do que foi e o porquê. Então tudo conta que... a favor dele, do país, né? Mas na verdade, eu vi a história, escrito por brasileiro, que é a verdadeira história, é bem diferente do que ensina na escola... essas coisa ai, né?

Porque isso ai, o Paraguai, quando aconteceu essa guerra, foi por poder, por poder que o Paraguai tinha naquela época. Foi o primeiro país a ter telefonia, ferrocarril, o trem e tal. E... a moeda dele era ouro, puro, maciço. Tinha fundição de ferro. Tudo isso ai. Enton, porque.. foi crescendo, ele importo térmico da Europa e tal, pra, pra faze isso ai. E a Inglaterra... armou essa guerra, com medo de perde o mercado. O mercado para o Paraguai, que ele cresceu, tava crescendo na América do Sul, com... por isso que armou a guerra.

E... com o Paraguai o doutor Francia decretô Estado de Sítio. Fecho tudo essa fronteira, pra exportação, importação, deslocação, fechô. Fechô as escola, faculdade, fechô tudo. É só trabalhá, trabalhá, trabalhá. Se encontrava gente na rua os outros pegava: "que que tá fazendo ai?" e prendia. E mandava trabalhá. E depoi veio e ele caiu, e entrou o Carlos Antônio López, né?, que é o pai do *Mariscal* López. E ele reabriu tudo a fronteira, faculdade, escola e tal, e deixou numa situação muito...

O doutor Francia deixou o país rico, mas ignorante, sem educação, e o doutor Carlos abriu tudo aquilo e... quando ia deixá pro filho, falô assim pra ele:

– Olha, nunca resolva com força... você resolva sempre com diplomacia. Usa a caneta.

Mas ele... Veio as provocações de todo lado... e na verdade ele abriu guerra contra o Uruguai, ele queria passar pelo Brasil, pra atacá lá o Uruguai, ai o Brasil não queria ceder e ele declarô guerra também pro Brasil. E foi Argentina também: então Triple Aliança.

E ai foi... lá [no Paraguai], ele... tem como herói máximo o Francisco López, né?, é o marechal Francisco López. Mai pra mim não. Eu penso diferente... ele morreu pela pátria, o soldado que tinha lá morreu tudo, ele matou tudo o povo paraguaio e vai se entregá, e vai ficá vivo? Porque ele destruiu o país, ele foi autoritário, foi querendo brigar com todo mundo. E ai pra mim num... lutô, lutô, mandô mata muito soldado, então...

Então morreram... na batalha de Acosta Ñu, lá morreu criança de dez ano com a arma. O que fizeram? Quando chegô em Assunção a tropa tomô toda a... [...] E tinha um capitão francês que o Brasil tinha contratado, e... o comandante da tropa brasileira [...]. Rio Branco, disse:

– Olha, num temos nada mai pra fazê, vamo embora.

Ai esse capitão disse:

– Não, vamo exterminá.

E foram encurralando essas criança, o resto da tropa que sobrô, e incendiando. Morreram tudo carbonizado. Então, daí foi, é... num sobrô um no Paraguai. Sobraram aqueles que caíram prisioneiro e depoi voltaram, mas a maioria num... Então naquela época faltô homem lá pra... né?, passaram muita fome, muito morreram por fome porque ninguém produzia mais nada, né? A minha bisavó, que chama lá quando as tropa pegam tudo e ai as mulheres foram atrás tamém, que aqui num tinha nada, fazenda, num tinha comida num tinha nada, então tinha [que ir] atrás da tropa, né? Chamava "residenta" essas mulheres que foram.

Eudes: Residentas?

É... e essa minha bisavó tinha dez anos quando isso; que foram com a mãe... e ela contava, muitas coisas, do que que acontecia na tropa que... isso, pouca coisa que é divulgado.

Eudes: E o senhor lembra o que que ela contava?

Porque tinha essa mulher, uma francesa, madame Lynch e falava que... [...] faltô respeito mandava formá a tropa e fuzilá tudo. E assim por diante. Porque essas coisas num documenta, né? Mas a gente sabia por intermédio da residenta, que, quando liberava, contava.

Eudes: Como foi que o senhor aprendeu sobre tudo isso?

É lendo. E essas história da bisavó e tal, né? Aí você vai concluindo as coisas que aconteceu.

Eudes: O senhor lembra de nome de livro, de autor que o senhor lia?

Olha, não me lembro. Tem um brasileiro de Ribeirão Preto, ele escreveu um livro. É... é de arrepiar.

Eudes: Seria o Júlio Chiavenato?

Não me lembro o nome. Mas, conta a história verdadeira. Nom coincide com o que escreve lá no Paraguai e nem aqui. É... contô a verdadera coisa que aconteceu.

Eudes: Mesmo no Paraguai é uma história diferente?

Diferente. Tudo herói, tudo herói. Como aqui também tudo herói, tudo herói. Mai num conta o porquê, nem pra quê.

Eudes: Então pelo que eu pude acompanhar do que o senhor tá contando, a ideia do marechal Solano López como herói não tem muito sentido?

Pra mim não, pra mim não. Porque... tem certas coisa ai que... devia de resolver de outra forma, né? Mas ele foi muito autoritário, ditador. Deixou o país na mi-séria, essa é a verdade. Muitos... lá com moeda era ouro, puro. Em Jaguarão onde eu nasci tinha um sino de igreja que tinha ouro; quando tocava escuta 10 quilômetros de... o som é outro. Mas aquilo foi... com o começo da guerra, ai começô a enterrá tesouro, e esse... esse sino tiraram de lá e foram enterrá na beira dum rio, mai ninguém sabe onde por que, levava e tal, enterrava, e matava ali o que ajudava a enterra. Então ninguém sabe em que lugar que tá.

E muito... ouro tá enterrado ainda no Paraguai. Quando ia fugir de casa, então eles enterrava e se voltasse pra depois pega de novo, né? Mas a maioria morreu. Atracaram lá no Rio Paraguai, lá no Assunção saquearam o banco. Argentino, brasileiro, uruguaio. Levava ouro com barra. [...] E o costume do paraguaio até hoje continua por causa disso ai. Ele compra, pra comer no meio dia. Para tarde compra novamente. Num é como a gente aqui que faz um estoque pra um mês; lá é tudo comprado pr'aquela hora.

Eudes: Por que isso?

É porque... de tanto que passaram fome, necessidade, então se acostumaram nessa vida. É estranho, mas é verdade. Num é que você chega em casa e tenha na prateleira; lá não, lá compra na hora pra comê e no dia seguinte tem que comprá tudo de volta. Porque... E depois teve a guerra da Bolívia. A Bolívia e o Paraguai. Num sei se sabe da história desse?

ANEXO 2

RECORTE DE ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL

Narrativa de Zildo Araújo sobre a Guerra da Tríplice Aliança

Entrevistado: Zildo Araújo.
Idade na época: 73 anos.
Data da entrevista: 07/12/2011
Local: Dourados, MS (residência do entrevistado)
Duração aproximada: 75 min. aprox.
Formato: Vídeo/colorido/HD/Avi.
Produção e elaboração: Eudes Fernando Leite e Alan Luiz Jara
Transcrição: Alan Luiz Jara

Eudes: O senhor lembra alguma coisa, de ter ouvido falar da guerra, da época da guerra? Do Brasil, com Argentina, e...

Eh... meu pai que contava, né... que, pessoa velha, ele sabe. Ele que contava pra noi...

Eudes: E o senhor lembra o que ele contava?

Ele falo assim que o *Mariscal* Lopez, ele tava... – o Francisco Solano Lopez [Carlos Antônio López] -, ele tava na cama doente, ele chamo o filho, que tava na França de ajudante lá... Falou pra ele assim:

– Cê vai ficá no meu lugar, só que eu vou recomendá pra você, você num briga com país vizinho de jeito nenhum. Cê num procura briga com ninguém.

É... ele já tava perto de morre mesmo, tava doente. Então ele [Solano] falou:

– Tá.

Ele [era] cadete lá na Europa [...] esse, López. Ai ele veio pra cá e ficô no lugar do pai dele.

Mai ele falo que... num tem jeito, depoi ele falo que num tem jeito:

– Nói vai te que brigá até morre, porque se num brigá nossos terreno vão tomá tudo. Vai vir Brasil, Argentina e Uruguai.

Descobriu lá no... lá no capital do Uruguai, lá o investigador descobriu que vai... vai pegá memo a terra do Paraguai. Ele falo assim, é... que vai tomá se num brigá a mesma coisa [da mesma forma]; vai tomá mesmo. E ai... começô, né? Se num brigá vai tomá tudo. Ai começô!

Nuns trêi año [no terceiro ano], ele falô que aqui no Ponta Porã, o capitán que tava com a tropa lá falo pra ele assim:

– López, vamo pará essa briga, porque nesses trêi año nói já tomô muito prejuízo dos dois lado; vamo pará.

Ai o López falô pra ele assim:

– Não, nói tem que chegá no fim. Mais dois año.

E se fosse pará naquele tempo ficava bom, e esses doi año prejudicô muito o tal do Paraguai... Puta merda! Ai acabô memo...

Eudes: Levo mais dois anos ainda?

Levo mai doi año. Ai nessa estância o general, chama general Estigarríbia, aquele lá ele falo:

– López, nói vai tirá aquele cinco mil moleque que tá no... colégio. Tem 14, 15 año. [É o] único jeito, porque... num tem mais. Nói vai tirá aquele lá [e] vai enfrentá uma tropa que vem da Bahia. É uma tropa grande, só que aquela tropa vem a pé de longe, cansado, passa até fome até chegá, aí num... num resolve mai nada.

[...] Vixe, aquele lá matô muito baiano; o que morreu mai foi baiano, morreu na guerra. Gaúcho morreu pouco, são paulino mai poco; mai o que morreu mai é o baiano. Veio [de] muito longe rapai, num aguenta vim a pé de lá. E ai [o Paraguai] pertinho, né? Ai matô muito.

Depois desse aí o López já tava no Cerro Corá. Ele já mandô embora tudo o que tava junto com ele:

– Eh, pode, pode ir embora, eu vou ficá sozinho.

Já sabe que vão pegá ele. Ai fico lá... todo mundo dando a volta nele (gesto de círculo), pra pegá ele, mai ele com cavalo, né?, com a lança, num tem jeito de abraçá ele [pra] pegá; tudo que chega lá ele... (gesto de ataque com a lança). Ai chega lá um cavaleiro, um tal de... Chega lá um tal de Francisco... Francisco de Lacerda [Francisco Lacerda]. O sobrenome, o apelido dele é Chico Viado [Chico Diabo]. Desceu do cavalo, mando bala pra López e matô ele. O cabo Francisco de Lacerda, ele matô o López. Ai ele andô 20 passo, também, pra lá e matô ele.

O autoridade brasileiro mandô matá ele na hora. E num pode matá, tem que pegá vivo, né? E ele chegô lá, desceu do cavalo e meteu o fuzil e matô ele. O cabo andô 20 passo assim, atirô, matô ele. Siempre ia lá no... tem um cunhado meu lá pra baixo, sempre ia lá, ele tem um dele de madeira [estátua de madeira de Francisco López]. Agora não, agora já... O López é uma estatua de bronze lá.

Eudes: E isso tudo o pai do senhor que contava?

Contava, ele contava, a minha vó, a mãe dele muito velha também e ele sabe o que...

Alan:E o senhor contou pros seus filhos?

Contei, eu siempre contava lá... Ai depoi veio... em seguida veio a guerra com a Bolívia, né? Mai trêi año.

ANEXO 3

RECORTE DE ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL

Narrativa de Victor Areco sobre a Batalha de Nanawa (Guerra do Chaco)

Entrevistado/a/os: Victor Areco
Idade na época: 70 anos.
Data da entrevista: 03/02/2018
Local: Dourados-MS, residência do entrevistado.
Duração aproximada: 87 minutos.
Formato: Áudio em mp3/video.
Produção: Alan Luiz Jara.
Elaboração: Alan Luiz Jara.

O seu pai chegava a não gostar de boliviano por conta da Guerra?

Ah, não, ele num gosta. Boliviano pra ele num... ele num gosta. Nunca gostou. Nem... nem os boliviano também num gosta dos paraguai.

Sabe aquele "um guarani"? Você já viu aquela moeda do Paraguai, "um guarani"? A nota? E você não viu um soldadinho com um machete? Olha... então, tem uma figura de um soldado com um machete, assim. Essa vez que foi... quando a Bolívia tava pra entrar em Assunção, que... ela teria ganho a guerra, né? Aí... Nanawa, o lugar que... Igual aqui que tinha o Riachuelo, o nosso aqui era Riachuelo, e lá tinha o tal de [Forte] Nanawa.

O meu pai conta que esse [forte] Nanawa era famoso, porque ali que tava a estrutura do Paraguai, a força. Mai foi criado uma imaginação. É... isso era problema de guerra e eles criaram uma história em cima do Nanawa, do Forte Nanawa, como se ali tivessem os melhores soldados, os melhores isso, é... e tudo soldado de elite e tudo tava ali. Porque era pra segurá a entrada [dos bolivianos] em Assunção.

Aí o Paraguai foi perdendo, foi perdendo. Aí... Foi perdendo a guerra, foi perdendo. Aí... um sargento e um cabo do Paraguai se entregô. Foi lá e se entregô e ninguém ousava enfrentá esse Nanawa pra entrá em Assunção por causa que tinha medo do poderio, quando na verdade era só propaganda que eles fizeram.

E aí diz que lá não tinha nada, lá tinha 400, 300 soldado, mas só que tudo gordo, só vivia comendo [risos]. Meu pai falou que não fazia nada. Era... era... mantimento, sabe?, de distribuição de mantimento. É intendente, que falava, só levava as coisas aqui e ali mas não tinha... sabe? Mas fizeram propaganda que ali era a força. Então os cara tinha medo.

Então quando um desses caras se entregaram, eles se entregaram, aí... aí os caras ficaram sabendo que ali num tinha nada, que ali era... era chegá e passá.

Aí meu pai diz que... (ele era desse Nanawa, que ele era do caminhão, ele que entregava). Aí ele falou... rapaz... quando era na quinta-feira – ele que contou -, rapaz, começaram... Aquele movimento, dá tiro pra lá, dá tiro pra cá. E ali diz que tinha um [campo] limpo que dava quase um quilômetro. Aí eles já começaram vê soldado lá do outro lado.

E sumiu esse dois caras, ninguém sabia, procuraro, procuraro, depois foi num bosque lá e achou... achou a arma dos caras – era dois caras que se entregaro – entregaro, aí diz que...

Daí passaram uns 15 dia aí já começaram a gritá. Aí diz que... tinha mais de 15 mil soldado em volta, fechando Nanawa, assim... Cercaro... Nanawa. Aí... tava só esperando a hora pra entrá, porque entrava ali e passava pra Assunção já e aí ganhava a guerra. Aí diz que o... meu pai conta que... saiu um oficial, chegô e falô assim:

– Nós temos que pedir reforço, nós não temos condição de guentá isso aqui...

Aí saíram... A noite foi um oficial, um oficial com quatro, cinco cara, saíram... escondido... pra ir lá pedir reforço. Porque antigamente era assim [inc.] era... arcaico, né? Aí foi pra explicar a situação... como que tava a situação lá. Aí diz que levou uns 10 dia, aí apareceu... acho que uns 500, 800 soldado desses de... machete. Aí entraro lá...

Mas diz que os cara fazia a maior festa, meu pai conta. Rapaz, fazia festa, tocava, gritava, tocava música e tal e... e aquela festa em volta, assim. E eles tavam cercado ali. Aí quando apareceu esses soldados, apareceu 800, 700, 800 soldados (a raça paraguaia é tudo igual você, [...] vocês são do sul, essa família sua [Jara] é do sul, é... tudo igual você, assim, magricelo, barba bem fechada, branco e do cabelo preto... espanhol).

Aí diz que apareceu aqueles... carinha, magrinho, rapaz e tal, e só machete, e entraro no machete... escondido. Aí diz que... fizero um cosido, que é aquela bebida paraguaia. Deram cosido, deram comida pra eles, tal, e no outro dia a noite fizeram um projeto de... limpá.

Aí diz que saiu num sei quanto aqui, tanto ali, e a noite os cara... De noite diz que era festa, os cara esperando a hora pra invadir, né, pra passá.

Aí eles foram, esses 800 soldado: matô tudo, cara! matô quase tudo aqueles cara... dormindo. Só com machete. Aí diz que aqueles cara que matô, diz que tudo aqueles cara ficô louco. Matô, cortava o pescoço dos cara... só no machete. E por isso que aquele negócio foi... foi. Ele [o pai] conta que eles... eles limparo o cerco com esse soldado aí. Machete.

ANEXO 4

RECORTE DE ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL

Narrativa de Olímpia Agüero sobre a Guerra Civil de 1947 em Belén

Entrevistado: Olímpia Agüero
Idade na época: 73 anos.
Data da entrevista: 07/12/2011
Local: Dourados, MS (residência da entrevistada)
Duração aproximada: 54 min. aprox.
Formato: áudio-mp3
Produção e elaboração: Alan Luiz Jara
Transcrição: Alan Luiz Jara

A senhora nasceu em 1936, né? Em 1947 a senhora tava com dez, onze anos...

É, que começou aquela [guerrilha] no Paraguai e... junto, né?, de país com país.

Teve a Revolução que durou sete meses. Então eu não tive aula por causa disso aí, que a escola fechou tudo, né? Que começou a revolução, que fala, de país com país. É bem lá... Conceição, ele dá pro Rio Paraguai. Aí trancô tudo, fechô tudo, porque era briga direto.

Que o guerreiro, que era o liberal, ficô lá em Belén, entre Conceição, amontoado lá. Como que é... entre Conceição, entre Belén... e teve Horqueta, pegô em arma também, aí parô tudo, parô tudo, parô tudo, comércio, tudo parô; lá fiquemo bem... bem atrasado, quase... nói num passemo fome porque meu vô ele... plantava bastante coisa, mandioca, cana, rama, abacaxi, essas coisa, era bem trabalhador, tinha o sítio dele; aí virô e mexeu que avançaro o sítio dele também lá – lá em Belém: matava a galinha da minha vó, as vaca de leite e nóis tava... cedo... – esse de Revolução de 47, né? – minha vó levantava e tirava leite pra fazê mingau pra nói passá o dia. Porque nóis num podia saí porque naquele dia... aqueles fuzil... aquele caía... o chumbo de lá do outro lado. O dia inteiro, é...

Aí tá, aí o... acho que foi até sete meses, né?, num lembro mais se foi sete meses a luta de Revolução pra... Mesmo, sangue com sangue, né?, liberal com colorado.

A senhora falou chumbo?

Essa... bala que sai do fuzil, né.

E era perto de vocês?

Era perto! Era perto de nós. Aí veio o aviso pra sair tudo da cidade, porque fechô tudo, igreja, escola, né? Aí nói fomo assim na casa do meu tio, aí fizero uma... nói chama de toca: ele abre buraco bem fundo pra nós entrá aqui sentada, enche de terra:

– E quando vim cê se previne porque tal hora vai ter combate e nós vamo, vão se avança.

Aí nós se enfiava tudo naquele buraco – que caí muita bomba, né? – e então ele chacoalhava tudo.

Até aí [nessa ocasião] eu quase fui ferida, porque minha mãe, minha vó deixou tudo em Belém, na cidadezinha... galinha, porco, e cada dia nóis tinha que tratá – uma hora dessa [de manhã]. Aí tava, disse que já tava começando o tiroteio -aquele dia tava marcado pra se avançarem – se avançam quando toca de aqui e toca de lá, né? Aí tá, aí eu tava de em pé, assim, no esteio[139], e veio a bala de fuzil. Mai quase menino me acetô na minha cabeça! Acertô o esteio, que lá não usa casa de... só de terra, né?, naquele tempo, agora já tem casas de... de tijolo. Aquele tempo era só de terra, parede que... olha assim era a mesma coisa, era tijolo.

A bala do fuzil quase me acertou na cabeça, que eu tava desse jeito de pé e falei:

– Vamo vô, vamo vô!

Que tava... aquele... "tum, tum",

– Vô, tá muito... [incompreensível[140]] tá vindo muito, falei.

– Espera que vou fechá a porta.

E se fosse me acertá ia me matá, né, porque ia... ia me acertá aqui [na cabeça], né? Acertô um dedo, assim, pra cima da minha cabeça.

Passou perto...

Passou pertinho. Eu me segurando assim, no esteio, né, aí veio a bala. Isso era o dia inteiro. Então por isso, quando vai ter combate, já sai avisando pra num saí criança pra fora, num saí pessoa pra fora, fica tudo naquele buraco.

Tem vez que nói passava o dia intero sem comê, porque eles vão se avançando pra brigá, né, é... Desse aí eu lembro bem, é 47, né?, da guerra.

A senhora não comia?

É, ficava o dia inteiro sem comê! É perigoso, porque o [incompreensível – palavra em guaraní] vinha direto, né, aquele tiro, tiro, tiro, tiro. Até... morreu... Nesse aí morreu o irmão da minha vó – era tenente segundo – e morreu lá na trinchera. Fala trinchera, né?, que... é, depois que cabô isso nóis voltô, minha vó [levou], [pra] mostrá como é que é a briga lá.

Ele morreu na trinchera... o irmão da minha vó.

E a senhora lembra se tinha muito medo naquela época?

---

[139] **Esteio /** Significado de Esteio: substantivo masculino. Peça que, feita em madeira, ferro, metal ou outro material, serve para segurar ou escorar alguma coisa. In.: https://www.dicio.com.br/esteio/

[140] A entrevistada pronuncia um nome em guarani de difícil compreensão. De acordo com o contexto, dá a entender que se refere a algum tipo de bombardeio.

Ah, mas claro quem num vai...! Não, as criança até que não, né! Porque se tivesse medo não ficava lá de pé assim, ficava sentado, porque a bala, de lá de longe, vem assim, né [gesticula com mãos], porque aquele dia tava avisando pra criança, pra pessoa nenhuma saí na rua, saí de dentro de casa, se pudesse, ficá dentro daquele buraco... aí foi que quase aconteceu a morte comigo. [...] Porque era o dia intêro com aqueles tirinho atoa. E se algum... Porque pra lá era o Colorado e pra cá era o Liberal, porque até tinha o general... [Rafael] Franco, que era liberal, e era contra do colorado, ali. E tem mais outro, tudo mundo atacando aquela cidadezinha, porque Belém é uma cidadezinha que beira o rio Ypané.

Vocês estavam de que lado?

Nóis tava do lado do liberal, né, pra cá. Mai meu pai, meu vô era muito perseguido, ele até prendeu porque ele era um tal de [cabecilha] – que fala – que... que sai pedir voto, essas coisa, né. Então meu pai era [cabecilha] colorado, então foi muito perseguido ele. Até queria levar na cadeia mai meu vô se acidentou, né, quebro o pé, aí num foi. Ficô em casa preso ele. Ficô em casa preso.

Quem ficou preso?

É, o meu vô, pai da minha mãe.

Ele era liberal, no caso?

Colorado. Colorado e tava no território do liberal. Por isso foi muito perseguido ele... muito perseguido... é. Eu não sei o que que tá mandando hoje em dia; acho que liberal, né?, no Paraguai... Eu num sei disso aí que eu num fui mais... eu fui esses dia mai nem perguntei.

A senhora sabia a diferença entre eles na época? O que cada um queria?

É... queria tomá conta, que nem aqui, né?, uns fala que vai fazer bem pro povo e outro fala que não, que vai pegá o liberal, o colorado, pra matá tudo. Que nem agora, né?, que aqui também, não é assim? É... só que não tem partido, né? Tem o poder de... e lá não, tem o partido que manda. O Partido Colorado antigamente mandava, eu não sei quem que tá mandando hoje lá. Que o Stroessner morreu e tem outro, mais outro. Num sei lá... num tô...

E teve muita gente conhecida da senhora que morreu nessa época?

Que chegou a morrer [tem] esse tenente, esse tenente segundo que era irmão da minha vó, morreu... Muito soldado morreu lá, pertinho de nós. Que a trinchera tava berando o rio Ypané, e de lá de cima... atacava pra podê entrá como entrô. Era uma madrugada quando entrô o Colorado invadindo a cidade de Belém, aí os outros se entregaram ou... correu, né? E assim, olha... isso aí eu lembro bem.

Agora de 36 cá guerra da Bolívia com o Paraguai... acabô em 35, né?, e eu nasci em 36 [...] eu nasci um ano depois. [...] Mai meu pai como tinha bastante filho não foi pra brigá, não, ele ficô cuidando, fazendo comida, carregano comestível na trichêra... comida pros soldado.

ANEXO 5

RECORTE DE ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL

Narrativa de Conceição Vallejo sobre a Guerra Civil de 1947 na fronteira Ypehú/Paranhos

Entrevistado: Conceição Vallejo.
Idade na época: 78 anos.
Data da entrevista: 27/01/2018
Local: Caarapó (residência do entrevistado).
Duração aproximada: 77 minutos
Formato: Video/ Áudio-MP3.
Produção: Alan Luiz Jara.
Elaboração: Alan Luiz Jara.

O que o senhor sabe mais ou menos da Revolução de 1947 e como foi lá onde o senhor morava?

Lá em Paranhos, lá no Ypehú? Lá no Paraguai passaram muito... soldado, cara. [...] Ali era dois partido, né?, era o colorado e o liberal. Então... o liberal que era comandante, né? Aí o colorado também queria manda, aí virô um anzol, virô uma guerra entre eles. Então o que passava mai ali era o colorado, [...]. Que passava 200-300 soldado ali, 400 soldado...

Lá na cidadezinha que o senhor morava?

É... que vinha subindo [...] vinha meio na linha aí. Vinha em Ponta Porã, de Ponta Porã partia pra aqui pra Bella Vista, Conceição, assim... Mai pra lá era duro, cara.

Mas quando eles passavam era tranquilo ou...

Tranquilo, porque... não tinha choque um com o outro. Porque eu acho que foi meio combinado, o colorado fala:

– Olha, nói vamo subi pra lá...

Aí o liberal não ia. O próprio liberal não passava ali, passava mais o colorado. Eu já lembro, né?, que eu nasci em 39 e a revolução foi em 46, eu tinha sete ano. Eu lembro... Só que deixaro na miséria, cara, na miséria... deixava miséria. Entrava na tua casa: "Esse relógio é meu, esse daqui é meu, essa daqui é meu", o que tiver leva, cara.

Levaram da sua casa alguma coisa?

Han!? De casa levô um cavalo da minha mãe, da minha vó, coitada [risos]. Chegô aí, o cavalo tava amarrado, né?, o soldado pego ele, jogô um bachêro em cima, montou no cavalo e foi embora.

E comida?

E a comida ele matava qualquer vaca que tinha ali, ué... Matava... Se tivé uma vaca naquele tempo, né? Aquele tempo não tinha esse negócio. Lá em Paranhos, no Brasil memo, era aberto, ninguém tinha chácara, ninguém tinha fazenda. No Paraguai, no Brasil, tanto faz, você fala:
– Eu vô fazê minha casa aqui.
Cê faz aqui tua casa, não precisa pedir pra ninguém.
– Eu vô plantá minha roça ali.
você entra lá, derruba um pedaço de mato ou tem uma capoêra largado lá e planta, ninguém fala nada. O gado, a vaca... minha vó tinha vaquinha. Num é muito mai tinha um... pra tomá leite, né? Andava tudo solto, de tarde você catava ele, juntava assim; o que é do fulano você deixa pra lá, o que é seu é seu. É assim... Vaca de leitero, véio, é assim... no Brasil também era assim, num tinha... Depoi que veio esse negócio de "vamo fazê cidade".
[...] Não, num tem também essa tranquilidade... não, num tem. Como eu tô falando, naquele parte, na Revolução, aquela época... aquela época, rapaz, deixou miséria... rapaz... tanta coisa que fizero aí. Levava tudo o que ele achava... É um roubo! É um roubo o que fizero, num é... num é Revolução, é um roubo! É um roubo.
Chega naquele... naquele armazém – que fala, né, naquele tempo falava armazém; hoje nói fala loja, mercado, mai naquele tempo era armazém. Armazém tem roupa, tem sapato, o que a gente usa tem. Aí ele entra naquele armazém, rapaz, rouba o que tiver e deixa limpo. É um roubo muito grande. Se achar um... Vamo supor que você tem um anel... dá essa daí [o anel], toma e vai...
Foi assim... o Revolución foi assim. Deixou miséria, cara.

ANEXO 6

RECORTE DE ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL

Narrativa de Odil Puques sobre Nossa Senhora de Caacupé

Entrevistado: Odil Toledo Puques
Idade na época: 42 anos
Data da entrevista: 03/12/2012
Local: Amambai, MS (escritório do entrevistado)
Duração: 50 min. aprox.
Formato: Audio-MP3.
Produção: Alan Luiz Jara;
Elaboração: Alan Luiz Jara

Sua mãe era devota de Caacupê?

É devota, devota, ela...

Tem outros santos no Paraguai?

Sim, todos os santos que nós temos aqui tem lá, né. [...] Caacupê é por que é a simbologia da mãe, igual a nossa... é, mal comparando é a... mesma religiosidade que nós temos com relação à nossa padroeira, nós católicos, né? Temos assim uma devoção muito grande por Nossa Senhora Aparecida, então, na verdade, assim, dentro do... da ideologia católica é a mesma santa, é a mesma mãe, só muda o nome, e cada um carrega uma tradição, uma lenda, uma história. Estória ou história, cada um carrega. Como aqui se diz que a Nossa Senhora Aparecida foi achada por pescadores que tiraram a imagem de dentro do rio Parnaiba e levaram pra adorar a santa, é onde foi construído lá onde hoje é a cidade de Aparecida. Aqui, pra Caacupê tem uma história semelhante. [...]

É assim, tem várias... como da Aparecida, tem várias versões, mas a mais conhecida delas é que um índio, guarani, estaria fugindo dos seus contendores. Uma guerra entre tribos, ele ficou isolado e estaria fugindo sozinho. Ai numa daquela ele se escondeu atrás de um pé de erva, por isso que o nome Caacupê, né: Caa, erva. Cupê, atrás. Então seria atrás do pé de erva. Então ele se escondeu atrás desse pé de erva e fez um pedido pra Nossa Senhora, que então, até então a nossa senhora a Maria, que num tinha esse nome Caacupê, e se ele fosse salvo, se ele conseguisse que ela intercedesse por ele, se ele conseguisse ser salvo, que ele ia construir uma... ia fazer uma homenagem a ela. Ai todos os indígenas passaram... todos os adversários passaram do lado dele e não viram, mesmo ele estando atrás do pé de erva que seria bastante visível. Não viram. Então ele daquele pé de erva, daquele tronco do pé de erva ele teria esculpido a imagem da Nossa Senhora, da Maria, que é mãe de Jesus, que é essa mesma Nossa Senhora Aparecida

daqui; e teria deixado lá, é... dentro da aldeia dele o povo passou a adorar Maria. Passou a adorar ai deram o nome de Caacupê, por esse, por causa desse nome ai: caa, erva; cupê, atrás. Atrás do pé de erva. Seria uma... uma... vamos dizer assim, num seria uma... grosseiramente falando, num é literal assim. Mas ai um dia tentaram pegar – viram que o povo paraguaio tava adorando – e as autoridades tentaram leva-la prum altar, mais bonito, mais enfeitado e tal e... não conseguiram, ela voltava, inexplicavelmente a imagem voltava pra aquele mesmo local; sem ninguém buscar, sem nada, sumia de lá e tempos após apareceria naquele mesmo local. Ai as autoridades e o povo entenderam que aquele seria o lugar dela, que é onde foi construído hoje, tem a... o santuário da Caacupê e tudo mais.

Outra história se refere ao fato de terem tirado a imagem de um lago também, que o lago é... que o lago se encheu e ai dentro desse lago, quando ele... era uma época de muita seca, eles viram, tiraram a imagem do fundo desse lago e ai quiseram fazer a... o santuário dela lá, mas ela num voltaria pro mesmo lugar, entendeu?

[...]

Tem uma música inclusive: *Um dia quiseram levar-te muy lejos, pero num milagro digiste tove, desde entonces ciego, creyente e sincero, tu pueblito humilde, virgencita india, se prostro a sus pies.* É uma música bastante conhecida, é Virgem de Caacupê essa música.

[é tocada em que ritmo?]

Eu acho que é polca.

Autorizo a reprodução deste trabalho.